

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA – SEDE CIDADE DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

ANTONIA ELISÂNGELA VAZ COSTA

**O TRABALHO DOCENTE: SUA REPRESENTAÇÃO PARA O PROFESSOR DE
LÍNGUA PORTUGUESA NOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DA
UEG**

GOIÁS
2022

ANTONIA ELISÂNGELA VAZ COSTA

**O TRABALHO DOCENTE: SUA REPRESENTAÇÃO PARA O PROFESSOR DE
LÍNGUA PORTUGUESA NOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DA
UEG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Cora Coralina, como requisito para obtenção do título de mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade.

Linha de Pesquisa 1: Estudos de Língua e Interculturalidade

Orientador: Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis

GOIÁS

2022



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo: ANTONIA ELISÂNGELA VAZ COSTA

E-mail : elisangelacostasobral@hotmail.com

Dados do trabalho

Título: O TRABALHO DOCENTE: SUA REPRESENTAÇÃO PARA O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DA UEG.

Tipo:

Tese

Dissertação

Curso/Programa: Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade

Concorda com a liberação documento

SIM

NÃO

¹ Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Goiás, 26 de Agosto de 2022.

Antonia Elisângela Vaz Costa
Assinatura autor(a)

[Assinatura]
Assinatura do orientador(a)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

C837t	<p>Costa, Antonia Elisângela Vaz.</p> <p>O trabalho docente : sua representação para o professor de língua portuguesa nos cursos de ciências sociais aplicadas da UEG [manuscrito] / Antonia Elisângela Vaz Costa. – Goiás, GO, 2022. 250 f. ; il.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2022.</p> <p>1. Ensino de língua portuguesa. 1.1. Trabalho docente. 1.2. Interacionismo sociodiscursivo. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.</p> <p>CDU: 811.134.3(817.3)</p>
-------	--

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação *Stricto Sensu*

UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 19/2022

Aos dois dias do mês de agosto de dois mil e vinte e dois às quinze horas, realizou-se, por webconferência, o Exame de Defesa da dissertação da mestranda Antônia Elisângela Vaz Costa, intitulado **“O TRABALHO DOCENTE: SUA REPRESENTAÇÃO PARA O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DA UEG”**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dr. Eleone Ferraz de Assis – Presidente – (POSLLI/UEG), Dr. Wagner Alexandre dos Santos Costa (UFRRJ), Dra. Carla Conti de Freitas (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pela mestranda e seu orientador. Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder a avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, o presidente da banca examinadora, proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi aprovada. Cumpridas as formalidades de pauta, às 16h30min a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

Goiás-GO, 02 de agosto de 2022.

Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis (POSLLI/UEG)

Prof. Dr. Wagner Alexandre dos Santos Costa (UFRRJ)

Profa. Dra. Carla Conti de Freitas (POSLLI/UEG)

Página de assinaturas



Eleone Assis
846.534.931-20
Signatário

Assinado eletronicamente

Carla Freitas
564.590.761-20
Signatário



Wagner Costa
023.791.607-08
Signatário

HISTÓRICO

- | | | |
|-------------------------|---|--|
| 02 ago 2022
17:07:02 |  | Eleone Ferraz de Assis criou este documento. (E-mail: eleone.assis@ueg.br, CPF: 846.534.931-20) |
| 02 ago 2022
17:07:10 |  | Eleone Ferraz de Assis (E-mail: eleone.assis@ueg.br, CPF: 846.534.931-20) visualizou este documento por meio do IP 187.113.33.119 localizado em Goiânia - Goias - Brazil. |
| 02 ago 2022
17:07:22 |  | Eleone Ferraz de Assis (E-mail: eleone.assis@ueg.br, CPF: 846.534.931-20) assinou este documento por meio do IP 187.113.33.119 localizado em Goiânia - Goias - Brazil. |
| 03 ago 2022
06:20:00 |  | Carla Conti de Freitas (E-mail: carlacontif@gmail.com, CPF: 564.590.761-20) visualizou este documento por meio do IP 177.107.38.252 localizado em Goiânia - Goias - Brazil. |
| 03 ago 2022
06:22:20 |  | Carla Conti de Freitas (E-mail: carlacontif@gmail.com, CPF: 564.590.761-20) assinou este documento por meio do IP 177.107.38.252 localizado em Goiânia - Goias - Brazil. |
| 02 ago 2022
17:09:34 |  | Wagner Alexandre dos Santos Costa (E-mail: wagnercosta.prof@gmail.com, CPF: 023.791.607-08) visualizou este documento por meio do IP 189.48.24.192 localizado em Betim - Minas Gerais - Brazil. |
| 02 ago 2022
17:09:45 |  | Wagner Alexandre dos Santos Costa (E-mail: wagnercosta.prof@gmail.com, CPF: 023.791.607-08) assinou este documento por meio do IP 189.48.24.192 localizado em Betim - Minas Gerais - Brazil. |



AGRADECIMENTOS

A Deus, que sempre foi e é meu refúgio e fortaleza.

À minha mãe Edite, mulher guerreira que sempre sonhou que seus filhos estudassem e desde cedo me incentivou a acordar cedinho para estudar, principalmente nas semanas de provas do colégio.

Ao Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis, o melhor orientador do POSLLI! Como exemplo de orientador, apostou em mim, me fazendo acreditar que eu tinha perfil para escrita, de forma que me auxiliou e me orientou em cada fase desse processo. Por ser meu incentivador no mundo acadêmico e por me fazer crer na aprimoração da minha escrita, desenvolveu um papel fundamental nas orientações de todas as etapas deste estudo.

Ao meu esposo Helionai, que me apoiou em cada detalhe, e ao meu filho amado Eliabe, que vivenciou dias com um tanto de livros espalhados pela casa, obras integrantes da minha pesquisa.

A todos os professores do Programa de Pós- Graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade – Poslli, minha eterna gratidão, sobretudo às professoras doutoras Marília Silva Vieira, Déborah Magalhães de Barros, Carla Conti de Freitas e Cristiane Rosa Lopes que contribuíram para minha formação e claro, em especial, ao Prof. Dr. Eleone Ferraz de Assis pelo zelo, cuidado, orientações e contribuições riquíssimas na minha vida acadêmica que, além de orientador, ministrou a disciplina Gêneros Textuais, Letramento e Ensino.

Aos mestrandos do Poslli, colegas de turma: Bruno, Gabriela, Olga, Paulo, Rosânia, Simone, Stênio, Ubiraci e Vander, pelas contribuições nas discussões das disciplinas cursadas. Agradeço, especialmente, à amiga Simone, atenciosa e prestativa sempre!

À minha família, que sempre acreditou na minha capacidade.

Aos meus irmãos Edinaldo e Elaine, à minha cunhada Heloísa e à minha sogra Marivalda, que torceram por mim.

Às irmãs e irmãos em Cristo, que oram a meu favor e que torceram por esta vitória, a todos: Muito obrigada!

Aos amigos, familiares e colegas de trabalho manifesto meu respeito, pois, afinal de contas, o resultado desta pesquisa transcorre por percursos que vocês também contribuíram e foram parte integrante desta conquista.

COSTA, Antonia Elisângela Vaz. O Trabalho docente: Sua representação para o professor de Língua Portuguesa nos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas da UEG. 2022. (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2022.

RESUMO

A análise e a reflexão sobre as representações do trabalho docente encontram guarida na responsabilidade que seus profissionais sentem de problematizar questões relativas à sua prática pedagógica e de contribuir para que essas representações construídas sejam cristalizadas ou transformadas. Pensando nisso, esta pesquisa, buscou, a partir dos pressupostos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), investigar as representações que os professores de Língua Portuguesa dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Goiás (UEG) apresentam do trabalho docente. Nessa perspectiva, o estudo justifica-se por (re)construir a trama de significados sociais que os docentes universitários vêm assumindo em seu percurso profissional ao atuar em um curso distinto da sua área de formação inicial. Recorre-se aos parâmetros teórico-metodológicos do Interacionismo Sociodiscursivo (BRONCKART, 2008; 2009), da Clínica da Atividade (CLOT, 2001; 2006), da concepção do trabalho e labor do professor (MACHADO, 2004; 2008; 2011) e da abordagem qualitativa-interpretativa (BORTONI-RICARDO, 2008; DERRIDA, 1976; MOITA LOPES, 1994) para atingir o objetivo principal deste estudo. O cóp¹ é constituído de 06 (seis) entrevistas realizadas com professores de Língua Portuguesa da UEG. Os resultados apontaram que as experiências dos docentes no contexto de trabalho são reveladas no texto das entrevistas e remetem a representação de seus trabalhos, devendo, então, ser compreendidas com base na análise dos três níveis, organizacional, enunciativo e semântico. Destaca-se que a análise dos mecanismos enunciativos (voz e modalizações) possibilita verificar a expressão da atitude do actante em relação ao que é dito. Conclui-se, portanto, que a investigação desvelou diversas e complexas significações acerca do trabalho docente.

PALAVRAS-CHAVE: Interacionismo Sociodiscursivo. Representação do Trabalho Docente. Professor de Língua Portuguesa.

¹ Optou-se pelo aportuguesamento da palavra “cópus”.

COSTA, Antonia Elisângela Vaz. The teaching work: It's representation for the portuguese language teacher in applied social sciences courses at UEG. 2022. Dissertation. (Master in Language, Literature and Interculturality) – Campus Cora Coralina, State University de Goiás, 2022.

ABSTRACT

The analysis and reflection on the representations of the teaching work is supported by the responsibility that professors feel to problematize issues related to their teaching practice and to contribute to the crystallization or transformation of these representations. Considering the assumptions of Socio-discursive Interactionism (ISD), this study aims to investigate the representations expressed in teaching by the professors of Portuguese Language of the Courses of Applied Social Sciences at the State University of Goiás. In this perspective, this study is justified by social meanings (re)constructed by professors – throughout their careers – working in a different area of their training. To achieve its aim, this study is based theoretical and methodological on Socio-discursive Interactionism (BRONCKART, 2008; 2009), Activity Clinic (CLOT, 2001; 2006), the conception of teaching work and labor (MACHADO, 2004; 2008; 2011) and the qualitative-interpretative approach (BORTONI-RICARDO, 2008; DERRIDA, 1976; MOITA LOPES, 1994). The corpus consists on six (06) interviews with Portuguese Language teachers from the State University of Goiás (UEG). The results indicate that the experiences of professors in their work are revealed in the interviews' text and refer to the representation of their work. Considering this, they should be understood based on the analysis of three levels: organizational, enunciative and semantic. The analysis of enunciative mechanisms (voice and modalizations) makes it possible to verify the expression of the attitude of the subject in relation to what is said. It is concluded, therefore, that the investigation will unveil several and complex meanings about the teaching.

KEYWORDS: Socio-discursive Interactionism. Representation of the professor work. Professor of Portuguese Language.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Esquema do trabalho do professor em sala de aula	61
FIGURA 02: Organograma da UEG	71
FIGURA 03: Câmpus e Unidades Universitárias que ofertam cursos de Ciências Sociais Aplicadas	74
FIGURA 04: Sujeitos da pesquisa	75
FIGURA 05: Representação do Google Meet	84
FIGURA 06: Tela de gravação do Google Meet	85
FIGURA 07: Elementos do plano global da entrevista	100
FIGURA 08: Motivações para a realização do curso de Letras	102
FIGURA 09: Aspectos essenciais na formação do professor de Língua Portuguesa	107
FIGURA 10: Pontos de atenção da atuação de um professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas	111
FIGURA 11: Representação referente ao trabalho dos professores de Língua Portuguesa nos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas	159

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Posicionamento enunciativo dos entrevistados	136
GRÁFICO 02: Modalizações nas entrevistas	147

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Constituição dos Câmpus Universitários	72
QUADRO 02: Perfil dos sujeitos da pesquisa	76
QUADRO 03: Sinais utilizados para transcrição de dados (NURC-SP)	86
QUADRO 04: Coordenadas gerais dos mundos	93
QUADRO 05: Alguns elementos existentes nos tipos de discurso	94
QUADRO 06: Estrutura de Análise	99
QUADRO 07: Conteúdos temáticos e temas subsequentes das entrevistas	101
QUADRO 08: Motivações para realização do Curso de Letras	102
QUADRO 09: Objetivos profissionais traçados no início da graduação	103
QUADRO 10: Momento de escolha pela docência	103
QUADRO 11: Expectativas em relação ao curso de Letras	103
QUADRO 12: Expectativas de atuação profissional após a conclusão do curso	104
QUADRO 13: Aspecto marcante da formação	104
QUADRO 14: Professor da graduação marcante	105
QUADRO 15: Contribuições da formação para a prática/atuação profissional	105
QUADRO 16: Dificuldades no início da carreira como docente	106
QUADRO 17: Aspectos essenciais na formação do professor de Língua Portuguesa	107
QUADRO 18: Importância da realização de Pós-Graduação Stricto Sensu pelo professor de Língua Portuguesa	108
QUADRO 19: Posicionamento em relação à desvalorização do professor de Língua Portuguesa	109
QUADRO 20: Identidade de um professor de Língua Portuguesa	109
QUADRO 21: Decisão em ser professor de Língua Portuguesa em um Curso de Ciências Sociais Aplicadas	110
QUADRO 22: Pontos de atenção da atuação de um professor de Língua Portuguesa em um Curso de Ciências Sociais Aplicadas	111
QUADRO 23: Momento de decisão em ser professor de Língua Portuguesa de um Curso de Ciências Sociais Aplicadas	112
QUADRO 24: Dificuldades encontradas no início do trabalho em Curso de Ciências Sociais Aplicadas	112
QUADRO 25: Planejamento das aulas para os Cursos de Ciências Sociais Aplicadas	113
QUADRO 26: Motivação do professor de Língua Portuguesa de Curso de Ciências Sociais Aplicadas	114
QUADRO 27: Percepção da desvalorização da profissão docente	115
QUADRO 28: Definição do professor de Língua Portuguesa para os Cursos de Ciências Sociais Aplicadas	115

QUADRO 29: Identidade do professor de Língua Portuguesa dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas	116
QUADRO 30: Actantes postos em cena nas entrevistas	116
QUADRO 31: Alguns trechos das entrevistas que os actantes postos em cena	117
QUADRO 32: Tipos de discurso identificado nas entrevistas	119
QUADRO 33: Exemplos de discurso interativo	120
QUADRO 34: Exemplos de relato interativo	125
QUADRO 35: Exemplos de discurso teórico	127
QUADRO 36: Exemplos de narração	128
QUADRO 37: Referência aos professores	129
QUADRO 38: Referência aos alunos	131
QUADRO 39: Verbo ou locução verbal x tempo verbal	132
QUADRO 40: Posicionamento enunciativo e modalizações nas entrevistas	135
QUADRO 41: Pronomes eu e a gente/nós	144
QUADRO 42: Síntese do posicionamento enunciativo nas entrevistas	146
QUADRO 43: Síntese das modalizações nas entrevistas	152

LISTA DE TABELA

TABELA 01: Cronograma de realização das entrevistas

78

LISTA DE ABREVIações

Cf. Conforme

CLG Curso de Linguística Geral

UEG Universidade Estadual de Goiás

IES Instituição de Ensino Superior

ISD Interacionismo Sociodiscursivo

TCLE Termo de Consentimento Livre Esclarecimento

ZDP Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO E DO TRABALHO DOCENTE	20
1.1 Interacionismo Sociodiscursivo	20
1.1.1 As contribuições de Saussure	24
1.1.2 As contribuições de Vygotsky	32
1.1.3 As contribuições de Bakhtin e Volochinov	43
1.1.4 O desenvolvimento humano em uma abordagem sociodiscursiva	52
1.2 O trabalho docente	54
1.2.1 O trabalho docente sob a plêiade da clínica da atividade	57
1.2.2 O trabalho docente sob a égide da ergonomia da atividade	63
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS	68
2.1 Tipo de pesquisa	68
2.2 Contexto da pesquisa	69
2.3 Sujeitos da pesquisa	75
2.4 Procedimentos para coleta de dados	77
2.4.1 Instrumentos para coleta de dados	79
2.4.2 Coleta de dados	81
2.4.2.1 Google Meet	83
2.4.3 Procedimentos para transcrição dos dados	85
2.5 Procedimentos para análise e descrição dos dados	87
2.5.1 Pressupostos metodológicos do ISD para análise das entrevistas	88
2.5.1.1 Contexto de Produção	90
2.5.1.2 O nível organizacional das entrevistas	91
2.5.1.3 O nível enunciativo das entrevistas	95
2.5.1.4 O nível semântico das entrevistas	97
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	99
3.1 Nível organizacional das entrevistas	99
3.2 Nível enunciativo das entrevistas	135
3.3 Nível semântico das entrevistas	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
REFERÊNCIAS	166
APÊNDICES	171

INTRODUÇÃO

A complexidade do trabalho docente nos conduz à percepção de que a função do professor não se restringe ao ato de ensinar, haja vista que essa atividade laboral perpassa pela sua própria conduta e seu agir nas relações com o trabalho. Seguindo os estudos do Interacionismo Sociodiscursivo e da Clínica da Atividade, torna-se indispensável considerar a linguagem como eixo norteador das condutas humanas que, neste estudo, restringiremos às ações do professor de Língua Portuguesa.

Observa-se que as representações do trabalho docente são afetadas e têm sido impactadas por questões sociais e tecnológicas ao longo dos anos e que são objetos de estudo de muitas pesquisas relacionadas à representação do trabalho docente. Na perspectiva interacionista sociodiscursiva, podemos destacar os estudos de Bueno (2007), Gatto (2015), Guimarães (2007), Lousada, Abreu-Tardelli e Mazillo (2007) e Muders (2018).

O estudo de Bueno (2007) aborda as representações construídas sobre o trabalho do professor pelos estagiários do Curso de Letras: Português de uma universidade privada de São Paulo. Assim como Bueno (2007), Gatto (2015) discorre acerca das representações do trabalho docente (des)construídas por um aluno de licenciatura ao longo da formação. Guimarães (2007) trata sobre o agir educacional nas representações de professores de língua materna. Similarmente, Lousada, Abreu-Tardelli e Mazillo (2007) analisam o trabalho do professor a partir do agir representado nos textos sobre o trabalho educacional e em situação de trabalho. Enfocando também essa questão, Melo (2015) propôs investigar as representações que os professores do Curso de Direito apresentam sobre o trabalho docente. Enquanto isso, Muders (2018) trata das representações desse trabalho reveladas no livro didático.

Embora Melo (2015) tenha pesquisado o agir docente dos professores do Curso de Direito, os sujeitos de seu estudo foram os advogados que atuam como professores. Diante desse cenário, observa-se que não há pesquisas que tenham como objeto de estudo a representação docente do professor de Língua Portuguesa nos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

Nesse sentido, sob a plêiade dos pressupostos teórico-metodológicos do ISD, busca-se investigar, nesta pesquisa, como se dão as representações de docentes de Língua Portuguesa que atuam em cursos distintos de sua formação, mais especificamente nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

Esta investigação se torna relevante pelo fato de buscar conhecer as experiências dos docentes participantes, bem como caracterizar a atividade laboral apoiando-se nos aspectos do trabalho desses profissionais, tendo em vista que as representações se constroem nas produções textuais. Além disso, abre possibilidades para compreender as ações desenvolvidas pelos docentes nas situações de trabalho em que estes se inserem.

Em seu desenvolvimento, esta pesquisa se propõe responder os seguintes questionamentos:

1. Quais as representações que os professores de Língua Portuguesa dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas apresentam do trabalho docente?
2. Como o sujeito se coloca no seu discurso, ao investigar a predominância do papel social do professor de Língua Portuguesa em cursos de Ciências Sociais Aplicadas?
3. Quais os actantes do trabalho docente são instaurados na entrevista?
4. O que caracteriza um trabalho docente a partir dos aspectos do trabalho do professor de Língua Portuguesa dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas?

Aventa-se, nesta dissertação, a hipótese de que as representações sociais são construídas nos e sobre os textos. Sob o prisma do Interacionismo Sociodiscursivo, a análise do contexto de produção e dos níveis organizacional, enunciativo e semântico das entrevistas realizadas com os professores de Língua Portuguesa que atuam nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas pode apresentar as representações que esses profissionais constroem no trabalho docente.

Para tanto, esta pesquisa está fundamentada nos pressupostos do ISD (BRONCKART, 2006; 2008; 2009; BRONCKART & MACHADO, 2004; CRISTOVAO, 2008) da Clínica da Atividade (CLOT, 2001; 2006), da concepção do trabalho e labor do professor (MACHADO, 2007; 2009; 2011). Por ser caracterizada como qualitativa, utiliza-se como procedimento de análise as abordagens interpretativas, pois intenta compreender, a partir de várias subjetividades e interpretações dos participantes, determinadas pelo contexto social, como na/pela linguagem a imagem docente é

construída (Cf. MOITA LOPES, 1994). O estudo abarca um córpus de seis entrevistas, que foram realizadas por meio do *Google Meet*, com docentes de Língua Portuguesa dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas da UEG.

Os textos das entrevistas têm a análise centrada em três níveis. O nível organizacional, para Machado e Bronckart (2009), pode trazer informações de forma parcial sobre a figura do professor que é construída e, também, acerca de alguns aspectos do seu trabalho. Quanto ao nível enunciativo, este reflete sobre os diversos mecanismos de responsabilização enunciativa e, por último, o nível semântico incide sobre a semiologia do agir.

Ao analisar as entrevistas respondidas pelos docentes de Língua Portuguesa é possível compreender se as representações desses profissionais se constroem na linguagem, em conformidade com a concepção de linguagem baseada na perspectiva interacionista.

Esta dissertação estrutura-se em três capítulos, nos quais são discutidas questões acerca da temática em tela à luz dos autores vinculados ao tema proposto.

O primeiro capítulo, intitulado “Pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo e do trabalho docente”, apresenta os argumentos da corrente teórica do ISD e do trabalho docente. Inicialmente, discute as contribuições de Saussure, Vygotsky, Bakhtin e Volochinov para o ISD. No momento seguinte aborda o trabalho docente sob os princípios da Clínica da Atividade e da Ergonomia do Trabalho.

No segundo capítulo, intitulado “Caminhos Metodológicos”, o enfoque é para a metodologia da pesquisa, com destaque para o tipo, o contexto e os sujeitos, bem como os procedimentos adotados para a coleta, análise e descrição dos dados, e, ainda, os pressupostos metodológicos do ISD para verificação desses dados.

O terceiro capítulo, intitulado “Análise e discussão dos resultados”, expõe a análise qualitativa e interpretativa dos dados. São apresentados o contexto de produção e a análise do nível organizacional das entrevistas, detalhando o plano global, os tipos de discurso, os mecanismos de coesão nominal e coesão verbal. Logo após, são avaliados o nível enunciativo (marcas de pessoa e modalizações) e o nível semântico das entrevistas.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DO INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO E DO TRABALHO DOCENTE

Apresenta-se, neste capítulo, o aporte teórico sobre o Interacionismo Sociodiscursivo e o trabalho docente que fundamenta esta pesquisa. No primeiro momento, ao discutir os pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo, examina-se o papel da linguagem no processo de desenvolvimento psíquico e social do ser humano, bem como a percepção do desenvolvimento humano e as contribuições de Vygotsky, Saussure, Bakhtin e Volochinov para a abordagem sociodiscursiva. Em seguida, a discussão recairá sobre o trabalho docente sob a ótica da Ergonomia e da Clínica da Atividade.

1.1 Interacionismo Sociodiscursivo

O Interacionismo Sociodiscursivo é uma corrente teórica, fundada por Jean Paul-Bronckart e desenvolvida por pesquisadores da Universidade de Genebra. Para esse autor,

o que chamamos de interacionismo sociodiscursivo (ISD) é, inicialmente, uma posição epistemológica e uma tomada de posição sobre o desenvolvimento humano, sobre uma ciência do humano e sobre as condições de seu desenvolvimento. É uma posição que é, ao mesmo tempo, sócio-histórica, materialista-dialética e que considera importantes – eu diria que considera centrais - as questões da linguagem e da formação-educação (BRONCKART, 2008, p. 273).

O Interacionismo Sociodiscursivo aponta que “as práticas linguageiras situadas (ou os textos-discursos) são os instrumentos principais do desenvolvimento humano, tanto em relação aos conhecimentos e aos saberes quanto em relação às capacidades do agir e da identidade das pessoas”. (BRONCKART, 2006, p. 10). Ao conferir a linguagem como ponto central nos processos de desenvolvimento humano, esse aparato teórico focaliza o texto pelo fato de ele materializar as atividades da linguagem. Outrossim, convém enfatizar que o ser humano é resultado do apoderamento de diversas formações sociais em que se encontra inserido e essa apropriação é realizada por meio da ação do humano via produções verbais, constituindo-se em ações de linguagem.

Por ser da mesma linha do Interacionismo Social, de acordo com Bronckart (2009, p. 21), essa abordagem adere “à tese de que as propriedades específicas das condutas humanas são o resultado de um processo histórico de socialização”. Partindo da ideia de socialização e interligando-a com as condutas humanas, o contexto da linguagem entra em cena, exercendo papel essencial na trajetória do ser humano.

Para Bronckart (2006, p. 9-10), os princípios gerais adotados pelo Interacionismo Social que se alinham diretamente ao Interacionismo Sociodiscursivo são:

- 1) o problema da construção do pensamento consciente humano deve ser tratado paralelamente ao da construção do mundo dos fatos sociais e das obras culturais, sendo os processos de socialização e os processos de individuação (ou de formação das pessoas individuais) duas vertentes indissociáveis do mesmo desenvolvimento humano.
- 2) O questionamento das Ciências Humanas deve apoiar-se no admirável *córpus* da filosofia do espírito (de Aristóteles e Marx) e deve, simultaneamente, considerar os problemas de intervenção prática (e principalmente os de intervenção no campo escolar).
- 3) Convém contestar a divisão dessas Ciências em múltiplas disciplinas e subdisciplinas, que é decorrente de uma adesão à epistemologia positivista herdada de Comte, tendo em vista que os problemas centrais de uma ciência do humano, envolvem, de um lado, as relações de interdependência que se instauram e se desenvolvem entre os aspectos fisiológicos, cognitivos, sociais, culturais, linguísticos etc. Do funcionamento humano e, de outro, os processos evolutivos e históricos por meio dos quais essas diferentes dimensões se geraram e se co-construíram.

Como visto, o ISD reconhece os princípios da perspectiva interacionista social e questiona a divisão das Ciências Sociais/humanas. Na realidade, essa corrente teórica quer ter visibilidade como a ciência do humano, não se restringindo a uma corrente linguística, psicológica ou sociológica e, de forma bem específica, tem a pretensão de pressupor que a linguagem é algo crucial para a ciência do humano.

Percebe-se que o ISD, além de investigar acerca do desenvolvimento humano, bem como a própria conduta, está intrinsecamente relacionado à socialização que emerge nas afinidades do indivíduo, de um lado, por meio de ações e, de outro, pela linguagem.

Além disso, o ISD tem relação com o desenvolvimento das funções psicológicas superiores defendido por Vygotsky (1991), pois a construção do pensamento consciente não pode se centrar só no comportamento do humano ou

mesmo em suas capacidades mentais, nem meramente na capacidade do ser humano em relacionar-se mediante os aspectos voltados para o funcionamento da língua. São esses aspectos que diferenciam os seres humanos de demais organismos vivos (Cf. BRONCKART, 1996).

Bronckart (2006, p. 123) ressalta que Marx e Engels propuseram um esquema geral de antropogênese, segundo o qual

- a) as capacidades biocomportamentais específicas dos organismos humanos tornaram possível a elaboração de atividades coletivas, assim como de instrumentos para sua realização concreta (as ferramentas manufaturadas) e para sua gestão global (os signos de linguagem);
- b) essas atividades coletivas instrumentalizadas produziram o mundo econômico, o social e o semiótico, que passaram a constituir-se como uma parte específica do meio ambiente dos seres humanos;
- c) foi/é o encontro com as propriedades radicalmente novas do meio e, depois, sua apropriação e interiorização pelos organismos singulares que, progressivamente, transformaram o psiquismo herdado da evolução e que possibilitaram a emergência do pensamento consciente em seu estágio atual.

Percebe-se que as atividades coletivas alinhadas às verbalizadas emergem no desenvolvimento da espécie humana. Assim, identifica-se que, devido à complexidade do comportamento humano, este tem tudo a ver com os aspectos do interacionismo social. Porém, uma das diferenciações do social para o discursivo centra-se na relevância dada à linguagem como fator preponderante para o desenvolvimento humano, que se exterioriza na caracterização de um ser cheio de saberes, conhecimentos e capacidades.

Os apontamentos aqui tecidos corroboram com os externados por Cristóvão (2008, p. 4) acerca da linguagem, nos quais esclarece que Bronckart (2008) menciona a visão de Coseriu sobre a linguagem como atividade significante. Esse conceito está baseado em cinco argumentos, a saber:

- 1) a linguagem é dialógica (se inscreve socialmente e se dirige ao social);
- 2) a linguagem se materializa em uma língua natural reconhecida em uma determinada comunidade;
- 3) a língua não é estável;
- 4) a linguagem é significação na constituição do pensamento e na construção de conhecimento;
- 5) a dimensão comunicativo-social da linguagem implica em marcas de alteridade, de intersubjetividade.

A discussão de Cristóvão (2008) sobre os conceitos-chave do ISD vai ao encontro da dimensão comunicativa da linguagem defendida por Coseriu sobre a significação impactada na/pela linguagem, refletindo sua importância que é remetida ao social, tendo em vista que a linguagem é dialógica. Na mesma direção, Bronckart (2006) enfatiza que a perspectiva da psicologia da linguagem direcionada às funções psicológicas superiores do ser humano, somada à linguagem e ao agir, faz com que a conduta humana se ressignifique e que a linguagem seja colocada como ponto central, não sendo apenas um meio de expressão de processos que teriam o viés literalmente psicológico, como: percepção, cognição, sentimentos, emoções, mas seja um instrumento voltado para dimensões humanas.

Cristóvão (2008) reforça que o processo de interação dado pela mediação da linguagem, é, portanto, vital para a estruturação do pensamento humano. Assim, se o pensamento deriva da ação e da linguagem, os objetos de análise devem ser essas ações de linguagem combinadas às representações do agente no contexto de tal ação, em seus aspectos físicos, sociais e subjetivos (CRISTÓVÃO, 2008).

Toda e qualquer atividade social em que o ser humano se encontra inserido permeia pela linguagem, pois é entre os constructos verbais e não verbais que mensagens são comunicadas. Logo, é por meio da linguagem que se idealiza uma "memória" dos pré-constructos sociais, é também pela linguagem que o agir e as interações dos sujeitos são reorganizados (CRISTÓVÃO, 2008).

Bronckart (2009) retoma questões ligadas à linguagem e sua relação com o agir como ponto integrante do desenvolvimento humano no processo de construção das atividades coletivas e nas formações sociais. Acredita-se, portanto, que ambas se relacionam, bem como têm influência no campo do desenvolvimento humano, posto que a ação, essa sequência organizada de eventos atribuídos a um agente, se dispõe a ser interpretada em determinados contextos comunicativos (BRONCKART, 2006).

Nota-se que "todo agir se efetiva sobre o pano de fundo de atividades e de ações já feitas e geralmente já avaliadas por meio da linguagem" (BRONCKART, 2006, p. 244). Em outras palavras, "a atividade de linguagem pode ser tomada como ação de linguagem, imputável a um agente, e que se materializa na entidade empírica que é o texto singular" (BRONCKART, 2009, p. 39).

Convém notar que todas essas questões voltadas para a atividade social, ação e linguagem são situadas e posicionadas no âmbito do ISD. Outrossim, essa vertente teórica tem como principais teóricos que a sustentam Vygotsky, Saussure, Bakhtin e Volochinov.

1.1.1 As contribuições de Saussure

Ferdinand Saussure, linguista suíço, enfatizou a ideia de estudar a língua enquanto sistema, além de estabelecer a linguística como ciência autônoma. Suas produções teóricas contribuíram com a constituição da linguística no sentido de entendê-la como um campo da ciência mais geral dos signos, nomeando-a como Semiologia.

A compilação de ideias publicadas na obra póstuma “Curso de Linguística Geral” (doravante CLG), em 1916, repercutiu somente no fim da década de 1920, a partir do I Congresso Internacional de Linguística (FARACO, 2011). Sua teoria defende que a língua

não se confunde com a linguagem, é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 2006, p. 17).

Essa diferenciação entre língua e linguagem proposta por Saussure (2006) foi necessária para que a linguística pudesse ser entendida como uma ciência autônoma, ao passo que a proposta é de que a língua seja, de fato, esse produto social e a linguagem, a capacidade que viabiliza o existir desse produto social, abarcando diferentes sistemas. O pensamento saussuriano reflete no ISD questões importantes que permitem ser pensadas acerca da língua/linguagem.

Para Saussure (2006, p. 23), “a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas”. Desse modo, compreende-se a língua como um sistema homogêneo que

pode ser analisado no interior e nas relações existentes na consciência dos falantes. Para o autor, a língua nada mais é do que um sistema de valores puros, é forma e não substância e deve ser estudada em si mesma. Ela é concebida como objeto de comunicação arbitrário e cultural.

Faz-se necessário enfatizar que a linguagem, para Saussure (2006), é heterogênea, pois envolve vários aspectos, dentre os quais: físicos, fisiológicos e psíquicos, além do que, ela tem um lado individual (fala) e um lado social (língua) e ocupa um papel essencial no/para o ISD, vista como um forte instrumento que norteia a mediação das ações humanas.

Conforme Saussure (2006, p. 22), a língua é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade.

Infere-se, portanto, que, no entendimento de Saussure (2006), um sujeito individual não pode criar uma língua, isto porque ela se refere a um fenômeno social, sendo um ponto chave que fundamenta o quadro teórico do ISD e o cunho social do funcionamento psicológico. Contudo, a língua é materializada como um objeto que é coletivo e se integra com as especificidades do lado social. Nessa perspectiva, a língua, para Saussure, é o mais social possível, no sentido de que muita gente usa, pois é adquirida no contexto social.

Pontuar sobre as teses relevantes para o ISD é poder relacioná-las ao interacionismo social. Para Bronckart (2006), as teses de Saussure e essa base teórica apresentam conexões em vários aspectos, entre elas destaca-se o

caráter fundamentalmente **social** da língua, de sua profunda articulação com a atividade coletiva humana e a colocação em evidência de seu caráter histórico: a língua se transforma com o tempo, sob o efeito das forças sociais e, com isso, é detentora de significações restritivas elaboradas pelas gerações precedentes (BRONCKART, 2006, p. 107).

Fica evidente que o caráter social é fundamental quando se fala de pensamento consciente, pois permite compreender a afiliação do ISD a algumas questões que o próprio Saussure discute e resulta no fato de que a língua se transforma. Essa ideia vai ao encontro do proposto por Vygotsky quando assume que esse caráter é

fundamental para desenvolver tal pensamento, dado que o ser humano se apropria ainda em seus primeiros anos de vida de regras de ação, interação e uso; e quando interioriza essas regras, seus pensamentos são reorganizados por uma linguagem interior. (BRONCKART, 2006).

A língua existe na sociedade e é tida como um elemento utilizado pelo coletivo, além de que, forças e caráter social agem sobre ela por intermédio do tempo. No contexto do ISD, esses pontos revelam a transformação pela qual incide a língua e, para que exista aprendizado, principalmente no que se refere ao seu lado social, o poder de interação e de comunicação uns com os outros deve ser visível na coletividade.

Considera-se, nesse sentido, ser o ISD uma importante posição epistemológica que reconhece o caráter social da língua nas mais diversificadas manifestações, a qual representa um novo olhar com o envolvimento da linguagem, em especial nos trabalhos relacionados aos textos. Por certo, vale ressaltar que estes corroboram com a tese defendida pelo ISD.

Além da língua como sistema, a linguística da fala é um outro aspecto dos estudos saussurianos a ser destacado, já que no próprio CLG, Saussure (2006) evidencia como fonte primária o caráter social da língua e como fonte secundária a fala.

A concepção aqui apontada abre espaço para mencionar que os estudos da língua e da fala não seriam supressivos e sim dicotômicos (SAUSSURE, 2006). Bronckart (2007) esclarece que os registros saussurianos apontam que a fala seria individual, por meio de um ato particular, de um único indivíduo, porém, submetido a coerções sociais, e isso leva a perceber que o uso da linguagem pelos falantes tem como fator impulsionador a fala. Para tanto, ela passa a ser a mola propulsora, deixando de ser o simples manifesto da língua, e, tendo em vista não ter sido muito aprofundada por Saussure (2006), a tese da fala (ou discurso) apresenta plena compatibilidade com o ISD pelo fato de que Bronckart (2006, 2009) sustenta o estudo da linguagem em dimensões textuais e discursivas, porquanto são manifestações de ações do ser humano.

Constata-se, assim, que o aspecto da linguística da fala redireciona o entendimento que se tem da língua enquanto sistema, conforme previsto no CLG, pois por bastante tempo o que predominava era a língua como sistema.

Em tal viés, é evidente no CLG a propositura da língua como sistema, e esta refere-se às relações existentes na consciência dos falantes (Cf. SAUSSURE, 2006), que, por conseguinte,

trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo (SAUSSURE, 2016, p. 21).

Tesouro esse que advém do meio social, partilhado pelo coletivo, porém deve ser enfatizado que a língua é imprescindível para que a fala possa ser entendida. Para além desse contexto, no fito do ISD, a questão do social é ampliada, como pontua Bronckart (2009), em virtude das formações sociais que intervêm em particularidades do funcionamento da língua, quais sejam as formações sociodiscursivas que estabelecem conexão com o funcionamento da linguagem desenvolvida nos gêneros textuais.

Saussure (2006) optou por dar ênfase à língua sistêmica e sincrônica, e por causa disso os aspectos ligados à fala não tiveram destaques contundentes para o autor. Ainda assim, a língua passa a percorrer um caminho a partir da teoria de Saussure, caminho esse valioso tanto para a linguística quanto para outras correntes teóricas.

A ideia de sistema tem relevância para o ISD. Apesar de os textos/discursos serem considerados como uma forma de realização empírica das ações dos seres humanos, o ISD não nega esse sistema, tendo em conta que as ações de linguagem ocorrem em uma língua natural. Conforme afirma Bronckart, “toda língua natural apresenta-se baseada em um código ou um sistema, composto de regras fonológicas, lexicais, sintáticas, relativamente estáveis, que possibilita a intercompreensão no seio de uma comunidade verbal” (BRONCKART, 2009, p. 69).

Logo, as ações da linguagem pontuadas por Bronckart (2009) ocorrem em uma língua natural. Posto isso, é necessário destacar que o conhecimento para se produzir

um texto, por exemplo, está situado nas práticas sociais, nas regras do sistema da língua natural e no elo entre a linguagem.

O vínculo entre língua/linguagem amplia as considerações acerca da linguística da fala, uma vez que a linguagem tem o texto como cerne de seu funcionamento. Contudo, as contribuições saussurianas vinculadas aos pressupostos do próprio ISD indicam que a língua é compreendida por meio dos textos. Isso abre perspectivas em relação à proposta de estudo dos textos/discursos no sistema da língua.

Importante frisar que os estudos de Saussure (2006) marcaram a história da linguística; já no tocante ao ISD, as contribuições dos estudos linguísticos para o quadro teórico dessa corrente associam-se também com o signo linguístico.

O signo destacado por Saussure (2006) se relaciona ao aspecto social da linguagem, é um produto de forças sociais e comum a todos os sujeitos. Desta feita, considera-se ainda que a língua é extremamente necessária para que haja um entendimento na fala, e a fala, visa estabelecer uma língua. É o caso de um bebê, por exemplo, que aprende a falar com base no que ouve de sua mãe, pai e irmãos. Assim, o ser humano pode constituir esse sistema de signos capaz de representar inúmeras ideias. Nesse sentido,

o estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física. (SAUSSURE, 2006, p. 27).

Nota-se que, para Saussure (2006), a fala e a língua estão interligadas, a língua enquanto sistema não muda, o que pressupõe mudanças são os elementos que a constituem; já a fala é individual, e o sujeito modela dentro de si a língua através da fala.

Quanto à visão do ISD, Bronckart (1999) faz referência a Saussure como significativo no quadro teórico do Interacionismo Sociodiscursivo. Assim, “a abordagem interacionista não pode se apoiar senão na análise saussuriana do arbitrário radical do signo (...) na direção de alicerçar o formato teórico dessa relação de linguagem, as línguas e o pensamento humano” (BRONCKART, 1999, p. 23).

Saussure (2006) define signo linguístico como a junção entre significado e significante, que corresponde à imagem acústica e à significação que é evocada. O o

autor acrescenta que “o signo linguístico escapa à nossa vontade, sendo um produto herdado de gerações anteriores” (SAUSSURE, 2006, p. 85-86).

Esse mesmo autor esclarece que o signo linguístico possui algumas características fundamentais, como ser imotivado e arbitrário, e que a característica de ser imotivado liga-se ao fato de não haver nenhum laço natural entre o signo e seu referente. A característica da arbitrariedade está relacionada a não existir laço natural entre significante e significado. Assim, a noção saussuriana da arbitrariedade do signo “nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso: o indivíduo, voluntariamente, é incapaz de fixar um que seja” (SAUSSURE, 2006, p. 132). É importante compreender a essência social do signo linguístico e este suscita muitas questões sujeitas a mudanças, isso porque ele se consolida nas atividades de linguagem e na própria coletividade.

Destarte, o signo está presente nas atividades languageiras e em sua natureza convencional e, “portanto, o valor ou o significado de um signo é o produto de acordos sociais (relativamente) estabilizados e organizados em sistema. O seu signo e seu valor são, assim, em si mesmos ou em essência, de natureza, fundamentalmente social, interativa” (BRONCKART, 2007, p. 29-30). Como exposto, cabe enfatizar que a natureza do signo linguístico se dá por convenção social. No âmbito do ISD e dependendo da sua aplicabilidade, quando os falantes de uma determinada comunidade utilizam tal signo, este incorpora-se ao contexto social no qual está inserido.

Com relação à motivação, há de se ressaltar que não existe uma motivação clara para o constructo do signo linguístico de uma forma geral, por se tratar de um caráter imotivado, porém existem algumas exceções e, como Saussure (2006, p. 152) pontua, “apenas uma parte dos signos é absolutamente arbitrária; em outras, intervém um fenômeno que permite reconhecer graus no arbitrário sem suprimi-lo: o signo pode ser relativamente motivado”. E ainda existem exceções para a motivação relativa, embora saiba-se que a maioria do léxico de uma língua é imotivada. Ademais, dois princípios propostos por esse autor complementam e norteiam questões relevantes acerca dessa temática. O primeiro deles trata da arbitrariedade e o outro da

linearidade do significante. Está previsto no CLG que “o laço que une o significante ao significado é arbitrário ou, então, visto que entende-se por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, pode-se dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário” (SAUSSURE, 2006, p. 81). Contudo, segundo o autor, diferentes línguas possuem imagens diferentes para representar conceitos com maior proximidade em meio a uma coletividade, além de que “todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa, em princípio, num hábito coletivo” (SAUSSURE, 2006, p. 82).

Outro ponto marcante corresponde às discussões que suscitam a linearidade do significante, permitindo destacar que o significante se desenvolve no tempo, representando uma extensão mensurada em uma só dimensão: uma linha (Cf. SAUSSURE, 2006). Isso se deve ao mecanismo da língua dispor seus elementos em forma de cadeia, sendo uma mediadora inerente à ação humana e que, portanto, confere papel relevante ao signo linguístico.

Para Bronckart (2006), os signos estabelecem o desenvolvimento do pensamento consciente do homem, e isso faz parte da perspectiva saussuriana. O autor destaca que a análise da natureza do signo linguístico coadjuvária para esclarecer a questão da gênese desse pensamento.

Além disso, é pela atuação dos signos linguísticos nos fundamentos da constituição do pensamento consciente que estes mantêm relação com o ISD. Para tanto, a base dessa corrente teórica considera a língua e os signos como instrumentos de interação entre os sujeitos, de forma que se torna significativa a comunicação dialógica. No âmbito do ISD, eles refletem nas discussões da linguagem, podendo concatenar o social com a interação de um sujeito na construção do discurso.

Sem sombra de dúvidas, a noção saussuriana de signo linguístico reverbera contribuições significativas para o ISD, desde o cerne social dos signos, a própria noção de semiotização do pensamento, bem como a questão da língua como sistema, proposta por Saussure.

Considera-se que as teses de Saussure podem também contribuir para a explicação da filogênese, já que a proposta do ISD (Cf. BRONCKART, 2009) tem afinidade com a integração e melhor explicação das teses vygotskyanas a partir dos

estudos de Saussure. Para tal, Vygotsky (2001) relaciona a dimensão do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, em específico, a filogenética, posicionando-se sobre o processo de evolução do ser humano e o consequente envolvimento do pensamento consciente e da linguagem.

Desta feita, a linguagem tem papel crucial e mesmo que o desenvolvimento filogenético não seja parte primordial para o ISD, Bronckart (2006) realiza tal abordagem e a conecta com o processo de comunicação propriamente dito. Vê-se que o surgimento dos signos linguísticos é resultante desse agir comunicacional e que

A linguagem propriamente dita teria então emergido, sob o efeito de uma negociação prática (ou inconsciente) das pretensões à validade designativa das produções sonoras dos membros de um grupo envolvidos em uma mesma atividade. Portanto, seria na cooperação ativa que se estabilizariam as relações designativas, como formas comuns de correspondência entre representações sonoras e representações sobre quaisquer aspectos do meio, isto é, como signos, na acepção saussureana mais profunda do termo. Signos que, pelo seu próprio estatuto de formas oriundas de uma negociação, teriam necessariamente reestruturado as representações dos indivíduos, até então idiossincráticas, e as teriam transformado em representações pelo menos parcialmente comuns, compartilháveis, ou ainda comunicáveis (BRONCKART, 2009, p. 33).

Infere-se que é preciso considerar a emergência da atividade da linguagem, pois ela se faz presente nas relações comunicativas sociais e, não obstante, por meio do seu uso surgem os signos como parte integrante do processo de intercompreensão do ser humano. Dado que as relações comunicativas são reais nas atividades sociais, prioritariamente nas atividades languageiras, estas avançam organizando-se em discursos e textos e, por conseguinte, tem-se o surgimento dos gêneros de texto.

Uma questão que merece destaque é referente à construção de conhecimentos sobre o mundo, considerada resultante da prática dos signos ou do agir comunicativo.

E,

com a emergência dos signos, a prática de linguagem se encontra dotada de uma função secundária, com caráter de locutório ou declarativo: largas camadas dos mundos representados se encontram recodificadas nos signos e nos sistemas particulares que as organizam; o sujeito interioriza esse conhecimento verbal, que constitui, enquanto tal, um filtro de seu acesso ao mundo (BRONCKART, 2006, p. 76).

Dessa forma, os signos aliados à prática da linguagem contribuem com a construção de conhecimento sobre os mundos no contexto da atividade humana. Não

obstante, os signos estabilizam-se de forma compartilhada no âmbito das representações sonoras e representações dos mundos, fazendo parte de um constructo social e coletivo (Cf. BRONCKART, 2009). Pode-se dizer que as contribuições saussurianas vêm reforçar os estudos ancorados nas atividades discursivas, podendo ser ressignificadas a partir das interações entre os sujeitos.

Desde as contribuições advindas do pensamento saussuriano, o ISD ousa atualizar e desbravar o papel social refletido nas interações entre os sujeitos, nesse processo dinâmico de interiorizar a linguagem na busca da construção do pensamento.

Com base nesses apontamentos, fica evidente as relevantes contribuições de Saussure para essa vertente teórica.

1.1.2 As contribuições de Vygotsky

Vygotsky (1991; 2001) dedicou-se aos estudos da inter-relação entre pensamento, linguagem, desenvolvimento e aprendizado, enfocando, sobretudo, o papel das relações sociais. Suas pesquisas contribuíram para entender os processos mentais do ser humano, bem como o processo de interação.

Em sua obra *La Crise* (1982), denunciou a situação da psicologia na época, quando fez destaques acerca da afinidade de parte das escolas com o dualismo cartesiano, além de ressaltar que para os fenômenos físicos e humanos havia necessidade de abordagens diferenciadas voltadas para o viés científico. A esse respeito, escreve Bronckart et. al (1996, p. 66):

Para Vygotsky, ao contrário, os comportamentos humanos são “complexidades” comportamentais, sociais, linguísticas, mentais, e, portanto, seu estudo científico implica o dever de se indagar sobre as relações genealógicas que existem entre essas dimensões diferentes, particularmente o papel que a construção social e a produção linguística desempenham nessa interação.

Outrossim, dada à complexidade do comportamento humano, Vygotsky evidenciou a psicologia voltada aos aspectos do dualismo cartesiano, em que pontua sobre questões relativas à ordem do corpo e da alma (Cf. BRONCKART, 2006) e buscou ainda defender uma concepção monista de mundo. Urgia, então, o embate em oposição às teses dualistas influenciadas pela psicologia, contrapondo com o

alinhamento das questões filosóficas junto ao projeto vygotskyano, que está alinhado à filosofia de Spinoza, Hegel, Marx e Engels.

O pensamento vygotskyano foi influenciado por alguns elementos, entre eles a filosofia/teoria de Spinoza, que considera o ser humano como um ser pensante, possuidor de conhecimentos, de ideias, ao passo que também inclui no homem a substância extensa, determinada por corpos ou objetos (BRONCKART, 2006). Em essência, para Vygotsky, a matéria do ser humano, como dito, inclui os corpos/objetos, bem como as ideias, as vontades e os sentimentos relacionados ao registro do pensamento humano.

Os apontamentos de Vygotsky (1991; 2001) sobre o desenvolvimento humano e a linguagem têm a ver com a perspectiva sociocultural.

Sob esse prisma, Vygotsky (1998, p. 73) afirma que "a tarefa cultural, por si só, não explica o mecanismo de desenvolvimento em si". O autor explana o processo de desenvolvimento, corroborando com a formação de conceitos que é possibilitada por meio da interação de um sujeito com outro, de forma que seja compreendido o seu desenvolvimento cultural e social. Em outras palavras, o desenvolvimento é algo que está em processo de construção mediante relações do homem com o meio onde encontra-se inserido.

Refletindo sobre um manuscrito que fora publicado em inglês, sob o título "Concrete Human Psychology", em que Vygotsky aponta que o homem é um agregado de relações sociais encarnadas num indivíduo, conclui-se que o sujeito humano é um ser integrante do processo histórico-cultural. Ademais, isso em muito importa para o foco sociointeracionista, tendo em vista que o ser humano se constitui não alicerçado por mecanismos biológicos somente, mas também por mecanismos socioculturais. Na visão de Vygotsky (1998), a relação desses mecanismos origina-se dos signos, e, conseqüentemente, fomenta o desenvolvimento do pensamento consciente. Assim, concebe-se a linguagem como espaço de interação em que sujeitos a utilizam para alargar os constructos interacionais, culturais e sociais.

O ISD considera relevante as relações entre o social e a linguagem, pois com o uso da linguagem o indivíduo consegue inserir-se socialmente, além do que as ideias vygotskyanas contribuem para a linguística do texto. Não somente está focado

nessa contribuição, mas o pensamento vygotskyano insere-se na contextualização de sujeito, linguagem, cognição, cultura. Vale destacar que o ISD procura entender o funcionamento psíquico e social do ser humano a partir do desenvolvimento do sujeito, perpassando os mais diferentes constructos e, em especial, os constructos sociais, linguísticos e cognitivos.

O ISD se apoia nos trabalhos de Vygotsky e os considera importantes, principalmente no que se refere à mediação e à internalização das funções psicológicas superiores. Convém reforçar, ainda, que a linguagem é concebida pelo ISD como um mecanismo fundador dos processos psicológicos superiores e, de uma forma geral, mecanismo basilar para o funcionamento cognitivo do ser humano.

Assim, as curvas de desenvolvimento do pensamento e linguagem se entrecruzam e dão origem a um novo formato de comportamento por parte do sujeito. Posteriormente, percebe-se, por parte do ser humano, a descoberta da palavra em sua função simbólica e essa só é possível tendo em consideração que ela atinge um nível de desenvolvimento do pensamento e linguagem (VYGOTSKY, 1998). A observação e experiências realizadas por esse teórico corroboraram para a compreensão de forma ampla do processo de interação e dos aspectos cognitivos dos sujeitos.

Com o passar do tempo, o sujeito desenvolve conhecimentos, assimilando novos aprendizados e seu crescimento intelectual, conforme pontua Vygotsky (1998), passa a ser dependente do domínio dos meios sociais de pensamento, isto é, da linguagem. Para o autor, não é exclusiva o aparato biológico que é suficiente para que o ser humano realize uma determinada tarefa, sendo, portanto, a interação um fator essencial para o desenvolvimento das mais diferenciadas relações sociais entre os sujeitos. Nessa perspectiva, o ser humano é tido como um ser pensante, dotado de capacidades ligadas aos aspectos sociais/culturais e que se envolve com outros sujeitos.

Outrossim, há, segundo Oliveira (1993, p. 22-23), três parâmetros básicos, ou ideias centrais do pensamento que norteiam a abordagem vygotskyana:

- As funções psicológicas têm suporte biológico, pois são produtos da atividade cerebral;

- O funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais entre o indivíduo e o mundo exterior, as quais se desenvolvem num processo histórico;
- A relação homem/mundo é uma relação mediada por sistemas simbólicos.

A discussão dessas ideias, em específica a primeira, recai sobre o homem, enquanto biológico, dotado de limites para seu desenvolvimento. Já “o funcionamento psicológico, particularmente no que se refere “às funções psicológicas superiores tipicamente humanas, está baseado nos modos culturalmente construídos de ordenar o real” (OLIVEIRA, 1993, p. 24). É bem verdade que o ser humano se torna sócio-histórico, e nesse movimento, a linguagem mostra-se como primordial na constituição da sua natureza. E, por último, mas não menos relevante, a ideia da relação homem/mundo como uma relação mediada com a presença dos elementos simbólicos, funcionando como elementos que agem no intermédio entre o sujeito e o mundo (Cf. OLIVEIRA, 1993).

Os estudos de Vygotsky (1991) relatam que o homem nasce com funções psicológicas elementares e desde o seu contato com outro sujeito, que se dá por meio de relação interacional ou até mesmo do convívio com outras pessoas de uma cultura diferenciada, as funções psicológicas superiores passam a ser identificadas e desenvolvidas. Em outras palavras, o aspecto cognitivo perpassa por um processo de amadurecimento e com isso passa a tramitar o processo de construção de si mesmo em função de outrem.

O uso dos instrumentos psicológicos, os signos, pode parecer menos essencial, porém, tornou-se uma assertiva quando Vygotsky manifestou o interesse em entender processos mentais complexos do humano, por exemplo, o de ser capaz de planejar ou de pensar sobre alguma coisa, sem mesmo precisar visualizar tal coisa. Esse propósito também é válido para o ISD, posto que essa vertente teórica se interessa pela compreensão dos processos de pensamento que integram a consciência humana.

É exatamente na relação do ser humano com o mundo que se tem o processo de mediação proposto por Vygotsky (1991), o que será visto mais adiante nesse estudo. Para uma melhor compreensão, esse processo se dá através dos signos que, orientados pelo próprio sujeito, funcionam como mediadores das atividades psicológicas humanas, tendo em vista que são “interpretáveis como representação da

realidade e podem referir-se a elementos ausentes do espaço e do tempo presentes” (OLIVEIRA, 2000, p. 30). É como poder auxiliar o sujeito em situações que requerem atenção redobrada com a utilização da memória. Neste caso, o uso dos signos torna-se importante, funcionando com representatividade mental que ajuda o sujeito na compreensão de objetos do mundo real. Ademais,

as representações da realidade têm se articulado em sistemas simbólicos. Isto é, os signos não se mantêm como marcas externas isoladas, referentes a objetos avulsos, nem como símbolos usados por indivíduos particulares. Passam a ser signos compartilhados pelo conjunto dos membros do grupo social, permitindo a comunicação entre os indivíduos e o aprimoramento da interação social (OLIVEIRA, 2000, p. 36).

Vê-se que a linguagem, mais uma vez, é posta como cerne do ser humano, pois o sujeito quando nasce é inserido em um meio que é constituído por signos com significação social e cultural, estabelecendo então conexões entre o humano e o mundo.

As ideias de Vygotsky relacionadas à Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) refletem uma notável contribuição para o Interacionismo Sociodiscursivo, já que o sujeito em meio à interação com outrem consegue, além de interagir, assimilar novos conhecimentos, fazer uso da linguagem para seu desenvolvimento psíquico e cognitivo, bem como para a própria interação, como para com outros sujeitos. Para esse teórico (1991, p. 58), a ZDP

é definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes.

Ampliando a discussão, é mister identificar que o nível de desenvolvimento real está relacionado com aquilo que o sujeito já sabe. Enquanto o nível de desenvolvimento potencial diz respeito às tarefas que o sujeito consegue realizar com o auxílio de outrem. Para Vygotsky (1998), o nível de desenvolvimento potencial é mais indicativo que o nível de desenvolvimento real. E é necessário enfatizar o caráter autônomo do desenvolvimento, no sentido de levar em consideração o presente, o passado e o futuro.

É através das interações que o sujeito deixa de realizar tarefas com o auxílio de outrem para realizar tarefas que ele mesmo adquiriu e passou a ser sabedor desse conhecimento. Noutras palavras, é o momento em que o nível de desenvolvimento potencial passa a ser real.

Assim, as interações sociais que permeiam as situações que requeiram intervenções de outros sujeitos para colaborar, sugerir, trocar conhecimentos, seja no nível cognitivo e social, são, por consequência, muito importantes.

O autor explicita em sua obra *Formação Social da Mente* que essa distância entre os níveis é o que pode ser identificado como zona de desenvolvimento proximal. Considerando o exposto, a ZDP é definida como “aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação”, o que pode relacioná-la à uma metáfora para expressar como se dá o processo de aprendizagem.

Nessa ótica, a interação é um fator de muita importância, porque o sujeito é envolvido em diversas situações em que pode ter pontos de vista diferenciados, seja nas interações sociais com seus próprios pares, seja na interação com um interlocutor. Assim, a intervenção de outro sujeito é relevante, funcionando como referencial para novos aprendizados e novas experiências.

A ZDP é um conceito fundamentado nas relações sociais e trata de algo de extrema relevância ao se pensar no processo de ensino e aprendizagem. Nela tem-se claramente a presença de oportunidades de aprendizado em que se pode, ou não, haver o armazenamento de habilidades mentais do ser humano. Isso se dá no compartilhar de um trabalho ou atividade em grupo, e, nesse ínterim, a presença do professor é relevante até pelo papel desempenhado como um educador, com traços nem sempre ligados à criticidade, mas, com a certeza de que a linguagem estará presente no contexto do ensino aprendizagem.

Vygotsky (1991, p.58) enfatiza que “aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã”. Nesse sentido, a ZDP proposta pelo autor é um conceito arrojado, que permite trabalhar questões relacionadas ao desenvolvimento, uma vez que ela apresenta uma nova percepção acerca do desenvolvimento interacional entre sujeitos.

No caso do signo, cabe ressaltar que este constitui-se como uma forma de atividade direcionada internamente para o controle do indivíduo (VYGOTSKY,1991). Então, por ser orientado internamente, o uso dos signos, segundo Vygotsky (1991, p. 30), “conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processos psicológicos enraizados na cultura”.

Contudo, o ISD tem forte relação com a base vygotskyana com o intento de compreender o desenvolvimento das capacidades de linguagem, pois a linguagem é tida como forma de externar o pensamento. As contribuições de Vygotsky para o ISD são indiscutíveis, tendo em vista que o entendimento que se tem sobre o que é aprendido mediante a interação entre um sujeito e outro deve-se a esse autor.

Vygotsky (1991), ao discutir o desenvolvimento humano, apresenta importantes contribuições para o Interacionismo Sociodiscursivo, uma vez que a interação com o meio social e natural possibilita o desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Nota-se que

o processo de evolução das espécies dotou o homem de capacidades comportamentais particulares, permitindo-lhe criar instrumentos mediadores de sua relação com o meio, organizar uma cooperação no trabalho que dá origem às formações sociais e desenvolver formas verbais de comunicação com seus pares (BRONCKART, 2009, p. 27).

Constata-se mais uma vez que as capacidades, sejam comportamentais, sociais ou humanas, são apoiadas por meio da linguagem em que as formas verbais de comunicação sempre estão presentes, já que a linguagem envolvida no contexto sócio-histórico movimenta uma reorganização do funcionamento psicológico do ser humano. De acordo com Bronckart (2009, p. 24), Vygotsky defende que “o homem é, efetivamente, um organismo vivo, dotado de propriedades biológicas e que tem comportamentos, mas é também um organismo consciente, que se sabe possuidor de capacidades psíquicas em que as ideias, os projetos e os sentimentos se traduzem”. A capacidade psíquica torna-se relevante, pois o homem, de uma forma generalizada, deve ter habilidades que possam ir ao encontro de ideias e de projetos que ele mesmo assimila e desenvolve.

Vygotsky (1991) discorre sobre o desenvolvimento humano fundado nas relações sociais a partir de conceitos essenciais e, dentre eles, destaca a mediação e a internalização.

Quanto aos elementos mediadores, Vygotsky (1991, p. 40) acrescenta que

a função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente; deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente.

Pontua-se, aqui, que o processo de mediação ocorre entre os instrumentos ou signos, uma vez que que o signo é um dos responsáveis pela mediação da atividade humana.

O uso do signo, de acordo com Vygotsky (1991, p. 30), “conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processos psicológicos enraizados na cultura”. Ressalta-se a orientação do signo para o comportamento psicológico do ser humano, evidenciando a importância da mediação para o que Vygotsky (1991) chama de formação das capacidades superiores do ser humano. Desse modo, o signo entra em cena auxiliando-o no desenvolvimento das atividades, e nas atividades até mais complexas, porém chega em um determinado momento da vida do sujeito que ele interioriza algumas marcas e, assim, passa a desempenhar suas atividades adequadamente.

Ainda com amparo nos apontamentos de Vygotsky (1991, p. 40), entende-se que a internalização é “a reconstrução interna de uma operação externa”, pois esse processo pode ser encontrado no desenvolvimento, como o gesto de apontar. Nesse caso, antes o que era algo somente externo, passa a ser interno também. Assim, de acordo com o exemplo citado pelo autor, quando se aponta para algo, certamente o sujeito tem em mente a materialização de pegar algo e para que isso de fato aconteça devem ser considerados outros eventos que ocorrem nesse desenvolvimento. O autor ainda enfatiza que o processo de internalização consiste numa série de transformações.

Para Vygotsky (1991, p. 41),

a internalização de formas culturais de comportamento envolve a reconstrução da atividade psicológica tendo como base as operações com signos. Os processos psicológicos, tal como aparecem nos animais, realmente deixam de existir; são incorporados nesse sistema de comportamento e são culturalmente reconstituídos e desenvolvidos para formar uma nova entidade psicológica.

Com base nessas palavras, percebe-se que a internalização revela sua importância no contexto social, considerando que permite utilizar os signos internos. O autor discorre que a mudança nas operações com signos durante o desenvolvimento se assemelha com as que ocorrem na linguagem.

Nota-se que o grande sistema simbólico dos seres humanos é a linguagem, e assim os conceitos desenvolvidos por um determinado sujeito são compartilhados com a sociedade, de forma que haja, de fato, a interação entre eles. Outrossim, para que o sistema simbólico esteja presente no sujeito é necessário lembrar que os objetos possuem nome e significado, ou mais de um significado, e esses objetos são representados pelo sujeito humano na forma de signos, os quais passam a mediar o processo de relacionamento do homem com o mundo.

Conforme citado em Cristóvão (2008, p.17-18), Vygotsky evidencia que “a aprendizagem é um processo pelo qual as pessoas adquirem valores, habilidades, atitudes, informações, conceitos, por meio da interação social e de seu contato com o meio ambiente”. A percepção das relações sociais, culturais, ambientais são bem presentes e indispensáveis nesse processo de construção de aprendizagem, sempre ocorrendo no espaço da mediação.

Acerca do aprendizado, Cristóvão (2000, p. 20) vale-se dos apontamentos de Vygotsky para afirmar que:

o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas.

O processo de ensino e aprendizagem remete à uma perspectiva dialética do próprio processo de desenvolvimento, em que o conceito de desenvolvimento tem sua

diferenciação. Em uma criança, por exemplo, o desenvolvimento é diferente de um adulto e a dificuldade de aprendizagem certamente está presente no desempenho das atividades.

Cristóvão (2008, p.18) diz que “o conceito de mediação em Vygotsky implica o processo de intervenção de um elemento intermediário na relação do sujeito com o objeto” e essa mediação se dá, de alguma forma, na intervenção dominante, ou não, entre o homem (sujeito) e o mundo que o rodeia, ou seja, em um contexto sócio-histórico entre sujeito/pessoas e objeto, ressaltando, porém, a constituição e presença da linguagem. No que diz respeito à internalização, Cristóvão (2008, p. 19) frisa que “os signos, por sua vez, são articulados em estruturas complexas, sistemas simbólicos que formam processos internos de mediação, que Vygotsky chamou de processo de internalização”. É, nesse sentido, que os signos entram em cena e as representações mentais passam a influenciar as novas descobertas, pois o mundo é composto de construção semiótica e o aprendizado, embora não seja gerado imediatamente fundamentado nas interações sociais individualizadas, em seguida, com a mediação da relação entre sujeito e sociedade, tende a ocorrer a mutualidade entre o meio de inserção, o ser humano e as condições sócio-históricas.

Nesse aspecto, e relacionando de forma mais restrita a questão da representação e do signo, é possível citar, por exemplo, o céu azul. Pensando no céu azul carioca, remete-se à praia, porém, quando se pensa em céu azul no nordeste, remete-se à seca, à pobreza. Assim, tem-se que o significado é o mesmo, o que muda é o sentido, e é nessa direção que também se alinha esse exemplo com o processo de ensino e aprendizagem constituído pela linguagem através da pessoa, visto que a linguagem é parte integrante do desenvolvimento humano. As relações interpessoais não ficam de fora, pois as pessoas necessitam umas das outras para se comunicarem e por vezes a presença do “outro” se internaliza na mediação do aprendizado.

Integrante da Psicologia de Vygotsky, duas raízes do desenvolvimento são consideradas disjuntas: o estágio pré-verbal da inteligência e o estágio pré-intelectual da inteligência.

Vygotsky (2001, p.133) enfatiza

1. No seu desenvolvimento ontogenético, o pensamento e a fala têm raízes diferentes.
2. Podemos, com certeza, constatar no desenvolvimento da fala da criança um “estágio pré-intelectual” e, no desenvolvimento de seu pensamento, um “estágio pré-verbal”.
3. Até certa altura, as duas modalidades de desenvolvimento seguem diferentes linhas, independentes uma da outra.
4. Em um determinado ponto, ambas as linhas se cruzam, após o que o pensamento se torna verbal e a fala se torna intelectual.

A importância da linguagem no desenvolvimento cognitivo humano é bastante salutar e esses estágios ainda na fase infantil são de grande relevância, uma vez que são nessas fases que a evolução cognitiva acontece. É um momento de desenvolver ambos os estágios, pré-verbal e pré-intelectual, para em sequência acontecer o cruzamento entre eles.

Bronckart (2006) ressalta que, enquanto uma das raízes está ligada à capacidade das crianças de não recorrerem à linguagem e mesmo assim perceber a diferenciação entre os meios e fins, a outra raiz está conexa ao trato com parceiros sociais no contexto de ações reguladas por produções vocais, semióticas. Por exemplo tem-se a mímica e os gestos que desempenham um papel com a presença da ideia do pensamento.

Posteriormente, por meio da junção dessas duas raízes, originar-se-á a linguagem, bem como a presença dos signos, a questão das interações sociais; isso tudo na fase inicial da vida e, mais adiante, o conjunto das construções mentais comedidas por unidades languageiras.

Para Vygotsky (2001, p. 149), “o desenvolvimento do pensamento da criança depende de seu domínio dos meios sociais do pensamento, isto é, da linguagem”. Fica iminente a real presença da linguagem no constructo da personalidade humana, no desenvolvimento de aprendizagens, na presença da língua no contexto social e na ação verbal centrada no sujeito ainda na fase da infância. Vygotsky (2001, p. 146) esclarece que “a descoberta da função simbólica da linguagem, operação intelectual consciente e sumamente complexa, em linhas gerais, mal se coaduna com o nível intelectual geral de uma criança de semelhante idade”. Ampliando a discussão da temática em tela, nota-se a veemente interação do intelectual, do cognitivo, da linguagem e do social, e por mais que se pense em termos complexos, pode-se perceber o elo dessas questões bem concatenadas e situadas principalmente com a

linguagem. Mesmo que o funcionamento simbólico da linguagem possa ocorrer fora do tempo previsto, ou seja, de forma tardia, o ser humano, ainda na fase inicial da vida, primeiramente faz assimilação do signo, em seguida das palavras e mais à frente, com o envolvimento das interações sociais, é que passa a ter entendimento das funções simbólicas.

Em um dado momento, após a descoberta da função simbólica dos signos, o sujeito aprende “que cada coisa tem seu nome” (Cf. VYGOTSKY, 2001). Assim, o pensamento linguístico perpassa pelo uso dos símbolos e é predominante nas ações psíquicas do sujeito, de forma que este seja alicerçado na/pela linguagem.

O processo da linguagem torna-se imprescindível na formação do sujeito consciente, e esse processo de desenvolvimento da linguagem do interior para o desenvolvimento do pensamento, conforme atribuiu Vygotsky (2001), tem sua importância atualmente, tendo em vista que o homem está constantemente em relações interacionais com o outro e o uso da linguagem faz toda a diferença. Diante da apropriação dos sistemas simbólicos é que as práticas sociais acontecem, a inserção do humano em tais práticas ganha notoriedade e a linguagem continua se fazendo presente nesse processo de desenvolvimento humano. Assim, para o ISD, a linguagem tem papel significativo nessa relação de desenvolvimento humano, de atividade humana e de construção social.

Ademais, as contribuições de Vygotsky (1991; 2001) para o ISD se deram, principalmente, pelo estudo e discussão do processo de aprendizagem em uma amplitude que se estende até a mediação da linguagem, do pensamento e da própria ação do convívio do ser humano em sociedade.

1.1.3 As contribuições de Bakhtin e Volochinov

A contextualização do enunciado como unidade de comunicação e a importância da interação na produção dos enunciados, defendidas por Bakhtin (1997) e Volochinov (2018), trazem sólidas contribuições para o ISD. Os trabalhos desses autores refletem nas condutas humanas e verbais do indivíduo, posto que são contribuições significativas que primam a linguagem. Guimarães e Machado (2007)

esclarecem que o projeto de Volochinov, em sua obra “Marxismo e Filosofia da Linguagem” (1929/1977), era o de classificar as condições de constituição do pensamento humano consciente, no quadro de um programa de pesquisa que focalizaria:

- primeiro, as condições e os processos de interação social: em termos contemporâneos, as diversas redes e formas de atividade humana;
- depois as “formas de enunciação”, que verbalizam ou semiotizam essas interações sociais no quadro de uma língua natural;
- enfim, a organização dos signos no interior dessas formas, que, segundo o autor, seriam constituídos das ‘ideias’ e do pensamento humano consciente (GUIMARÃES; MACHADO, 2007, p. 21).

Como visto, as interações sociais se fazem presentes no processo de constituição do pensamento consciente, além de estarem inseridas nessa inter-relação nas formas de atividade humana, de enunciação e, por último, na organização dos signos.

A visão de Bakhtin (1997) é de que o texto é um elemento essencial e que o ser humano, dotado de conhecimentos, vivencia diariamente a produção textual, dado que a atividade da linguagem é situada nos gêneros textuais.

O que passa a ter importância para Bakhtin (1997) não é a língua em si mesma enquanto língua, mas sim o que tem relevância – as manifestações verbais, que são intituladas de enunciados e, em certas ocasiões, denominadas como textos, conforme destacado em sua obra “Estética da Criação Verbal”. E nos textos tem-se as manifestações da linguagem e das vozes, conquanto as vozes, na boca dos que falam, integram uma tessitura dialógica que, de fato, a língua, enquanto realidade do constructo sócio-histórico, se dinamiza, se reconstrói e se manifesta em diversos diálogos, e porque não dizer no próprio plano textual.

O texto, além de ter manifestação das vozes, está marcado por vozes e Bakhtin (1997) reitera que não se pode olhar o texto apenas como algo que existe por si mesmo, ou seja, como algo que aponta a complexidade das relações de que o texto participa.

Considerando as ponderações levantadas, é relevante complementar que o estudo do texto deve se dar em proporções do próprio plano textual e da sua forma arquitetônica. Bakhtin (1997) assegura que a existência do texto está pautada nas relações de um diálogo inacabado, conforme descrito:

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento (BAKHTIN, 1997, p. 413- 414).

Trata-se, então, de evidenciar, conforme exposto pelo autor, que as relações de diálogo são renováveis, ilimitadas e sempre renovar-se-ão em um novo contexto, situação ou expectativa. As vozes entram em cena como completividade desse novo diálogo e não somente entram em cena, mas integram o constructo entre falantes, cujo diálogo se constrói a cada nova retomada.

Em complementaridade à relação do diálogo, Bakhtin (1997, p. 279) enfatiza que “cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso o que denominamos gêneros do discurso”. Esses gêneros de discurso têm sua caracterização e especificidades de conteúdo, por exemplo, os de discurso primários e os de discurso secundários. Assim, os gêneros do discurso fazem uma ligação entre o construído sobre a língua como um todo e sobre a sociedade, em que a presença do diálogo é fundamental.

Ademais, para Bakhtin (1997, p. 15), discurso é “acima de tudo uma ponte lançada entre duas pessoas, elas próprias socialmente determinadas”. Em outras palavras, discurso é o contexto que um enunciado carrega, logo, a noção de discurso é indispensável para o entendimento do enunciado.

Pelo ponto de vista de Bakhtin (1997, p. 287), enunciado é a “unidade real da comunicação verbal”. Isso quer dizer que o processo de comunicação é, por conseguinte, a comunicação verbal decorrente de enunciado.

Convém destacar que a atividade do ser humano é diversificada, abrangendo o uso da linguagem, e que os sujeitos no contexto social em que estão inseridos fazem uso de enunciados, sejam eles escritos ou orais, o que demonstra o forte vínculo do enunciado com a atividade humana.

Para Bakhtin (1997, p. 279):

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional.

Sabe-se que o conteúdo temático, o estilo verbal e a construção composicional constituem os gêneros do discurso e suas caracterizações e especificidades têm relação com a atividade humana. Por exemplo, a carta e o e-mail têm individualidades e peculiaridades próprias, diferentes de um outro gênero, porém é interessante frisar que todos se originam da atividade humana. Os gêneros apresentam visão de mundo, em que se percebe as marcas ideológicas no discurso, portanto, regulam a interação social e estão também direcionando as práticas de linguagem e as esferas comunicativas.

Conforme mencionado, Bakhtin (1997) defende o enunciado como unidade de comunicação verbal, o que demonstra ser diferente da frase e da oração. O autor procura compreendê-lo, inclusive, numa conjuntura discursiva mais abrangente em que ele é produzido e a partir de uma perspectiva sócio-histórica. Nesse ínterim, a linguagem, em uma ótica contextualizada e atual, mantém forte atuação com as interações sociais.

O enunciado é, ainda, próprio da realização individual de cada sujeito com forte vínculo à atividade tipicamente humana. Para esse autor, o caráter interativo na produção dos enunciados deve ser articulado com o caráter de interação da própria linguagem, principalmente no que tange aos aspectos de produção de um gênero textual escrito, por exemplo.

Na visão de Bakhtin (1997), a enunciação é assumida de forma que

o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor. [...] a compreensão responsiva ativa do que foi ouvido (por exemplo, no caso de uma ordem dada) pode realizar-se diretamente como um ato (a execução da ordem compreendida e acatada), pode permanecer, por certo lapso de tempo, compreensão responsiva muda (certos gêneros do discurso

fundamentam-se apenas nesse tipo de compreensão, como, por exemplo, os gêneros líricos), mas neste caso trata-se, poderíamos dizer, de uma compreensão responsiva de ação retardada: cedo ou tarde, o que foi ouvido e compreendido de modo ativo encontrará um eco no discurso ou no comportamento subsequente do ouvinte (BAKHTIN, 1997, p. 290-291).

O ser humano fala por enunciados que suscitam a manifestação da compreensão, logo, se o ouvinte compreende a significação, ele tem a tendência de manifestar na sua fala a compreensão ouvida. Ademais, eles estimulam o processo de interação entre os interlocutores, mas isso só é possível porque a linguagem se faz presente.

Como visto, a teoria bakhtiniana em muito fortaleceu o ISD, porém, além de Bakhtin (1997), há um outro teórico que não se pode deixar de mencionar, trata-se de Volochinov (2018). Para Bronckart (2006), as ideias de Volochinov objetivavam articular as bases da filosofia da linguagem com o marxismo e essas mesmas ideias relacionavam-se com o desenvolvimento da ideologia e, não muito distante, com o ser humano em seu pensamento consciente.

Nas tratativas a respeito da constituição do pensamento humano consciente, Volochinov (2018) expõe a relação entre discurso interior, unidade semiótica e ideologia. Ao contrário da autoconfiança individualista, em que o valor próprio não vem do interior da personalidade, mas de fora, a linguagem seria utilizada para expor conteúdo de ordem interior. Assim, conforme propositura do autor, “não existe um pensamento fora da orientação para uma expressão possível e, por conseguinte, fora da orientação social dessa expressão e do próprio pensamento” (VOLOCHINOV, 2018, p. 211).

De acordo com Bronckart (2006), a teoria de Volochinov se fundamenta em três princípios maiores:

- a) toda produção ideológica é de natureza semiótica; de fato, as ideias remetem a referentes, mas esses têm uma realidade independente e são de uma outra ordem, diferente da ordem do mundo dos conhecimentos e, portanto, constituem-se necessariamente, como signos dessas atividades referidas.
- b) esses “signos-ideias” não podem ser provenientes da atividade de uma consciência individual: são produto da interação social e são condicionados por essa interação e, devido a esse estatuto, apresentam sempre um caráter dialógico, inscrevendo-se em um horizonte social e dirigindo-se a um auditório social.
- c) todo discurso interior, todo pensamento ou toda consciência apresenta, portanto, um caráter social, semiótico e dialógico (BRONCKART, 2006, p. 127)

Volochinov (2018) defende, não de forma obscura, mas claramente, que os signos sejam advindos da consciência humana, com forte relação no âmbito social e semiótico por meio do processo de interação social. O autor inteirava-se acerca do pensamento consciente em uma amplitude das formas materiais da expressão da psicologia do corpo social e ainda sobre as formas de enunciação que materializar-se-ão nas interações supracitadas. Ressalte-se que as enunciações e formas de interação deveriam ser estudadas a partir de um outro olhar e de uma outra perspectiva.

Avançando nessa discussão, Volochinov (2018, p. 109) pontua que “cada época e cada grupo social possui o seu próprio repertório de formas discursivas de comunicação ideológica cotidiana” e que cada gênero discursivo cotidiano possui seu conjunto de temas, de modo que as formas de enunciado se apoiam na classificação das formas de comunicação discursiva.

Para que um objeto, independentemente do tipo da sua realidade, entre no horizonte social de um grupo e provoque uma reação ideológica signica, é necessário que ele esteja relacionado com as premissas socioeconômicas essenciais da existência desse grupo; é necessário que, de algum modo, ele toque, mesmo que parcialmente, as bases da existência material desse grupo (VOLOCHINOV, 2018, p. 110-111).

Faz-se necessário dizer que as características signicas de um dado texto são importantes e essenciais para que haja a inter-relação entre o semiótico e o ideológico. Isso pode ser identificado em uma discussão apontada por Volochinov:

Como sabemos, todo signo surge entre indivíduos socialmente organizados no processo de sua interação. Portanto, as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas de sua interação. A mudança dessas formas acarreta uma mudança de signo (VOLOCHINOV, 2018, p.109).

Nota-se a indissociabilidade das formas de organização social e a partir do ideológico, da interação, do signo e do próprio sujeito, conseqüentemente, despontará o que o autor chama de território social.

Desse modo, a personalidade falante, tomada por assim dizer de dentro, é inteiramente produto das inter-relações sociais. Seu território social não é apenas a expressão exterior, mas também a vivência interior. Conseqüentemente, todo o caminho entre a vivência interior (aquilo que é “expresso”) e sua objetivação exterior (o “enunciado”) percorre o território

social. Já quando a vivência é atualizada em um enunciado finalizado, a sua orientação social adquire uma direção para a situação social mais próxima da fala e, acima de tudo, aos interlocutores concretos (VOLOCHINOV, 2018, p. 211).

Como visto, a constituição do sujeito é intersubjetiva, é um território social, ocorrendo a construção da exterioridade desse sujeito com as práticas sociais, ao mesmo tempo dialogando com as práticas que ele participa. A presença da linguagem na interação entre sujeitos é comum e usual nas práticas comunicativas sociais, tendo em vista que a vivência interior se inter-relaciona com a exterior.

Bronckart, em entrevista a Revel, em 2006, explica sobre o Interacionismo Sociodiscursivo e em resposta à pergunta realizada: Quais foram as áreas da Linguística que influenciaram mais as bases teóricas do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD)? Bronckart, em sua resposta, cita que a terceira influência é a das ciências dos textos-discursos. E ainda faz menção aos escritos de Volochinov (1929[1977]), que constituíram para esta pesquisa uma fonte de inspiração maior, na medida em que forneceram as bases desta abordagem do estatuto da unidade-texto, de um lado, das modalidades de interação entre as atividades de linguagem e os outros tipos de atividades humanas situadas, de outro.

Do mesmo modo que Vygotsky (1991) designou atenção às questões de interação, Volochinov (2018) o fez, de forma que levou em consideração a interação também entre os interlocutores, percebendo o reflexo da linguagem ao ser dialógica. Volochinov (2018) esclarece que

o signo, surge apenas no processo de interação entre consciências individuais. A própria consciência individual está repleta de signos. Uma consciência só passa a existir como tal na medida em que é preenchida pelo conteúdo ideológico, isto é, pelos signos, portanto apenas no processo de interação social (VOLOCHINOV, 2018, p. 95).

Observa-se que o autor remete o signo como sinônimo de ideologia, sendo manifestado pela interação social, processo este comumente vivenciado pelo sujeito. Volochinov (2018) deixa claro que os signos não só fazem parte de uma realidade, como também refletem outras realidades focadas em um ponto de vista específico. Isso abre caminho para perceber o pensamento do autor:

Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou

desagradável e assim por diante. A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana (VOLOCHINOV, 2018, p. 181).

Cabe salientar que a palavra vai despontar das relações de sujeitos e é também por via da palavra que a linguagem se faz presente nas relações sociais existentes, podendo refletir em diversas funções ideológicas. Evidencia-se ainda que o sistema da língua é expresso por intermédio dos signos e estes se vinculam com a linguagem em seus mais variados contextos. Além de tudo,

em sua essência, a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede quanto por aquele para quem se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das interrelações do falante com o ouvinte. Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação “ao outro”. Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor (VOLOCHINOV, 2018, p. 205).

Assim, a palavra (escrita ou falada) se orienta em função do outro e é produto da mutualidade. Falante e interlocutor fazem uso da palavra para o processo de comunicação, ocorrendo assim, simultaneamente, o cruzamento de vozes.

Sobre isso, é possível destacar as seguintes proposições que Volochinov (2018) pontua acerca da língua:

1. A língua como sistema estável de formas normativas e idênticas é somente uma abstração científica, produtiva apenas diante de determinados objetivos práticos e teóricos. Essa abstração não é adequada à realidade concreta da língua.
2. A língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes.
3. As leis da formação da língua não são de modo algum individuais e psicológicas, tampouco podem ser isoladas da atividade dos indivíduos falantes. As leis da formação da língua são leis sociológicas em sua essência.
4. A criação da língua não coincide com a criação artística ou com qualquer outra forma de criação especificamente ideológica. No entanto, ao mesmo tempo, a criação linguística não pode ser compreendida sem considerar os sentidos e os valores ideológicos que a constituem. A formação da língua, como qualquer formação histórica, pode ser percebida como uma necessidade mecânica cega, porém também pode ser uma “necessidade livre” ao se tornar consciente e voluntária.
5. A estrutura do enunciado é uma estrutura puramente social. O enunciado, como tal, existe entre os falantes. O ato discursivo individual (no sentido estrito do termo “individual”) é um *contradictio in adjecto* (VOLOCHINOV, 2018, p. 224-225)

Buscando esclarecer o viés interpretativo de Volochinov (2018) acerca dessas questões, infere-se que o autor valoriza o aspecto social da fala, que, por sua vez, tem ligação com a enunciação, com abordagem nas questões de subjetividade e de interação verbal. De resto, as situações de interação na esfera comunicativa apontarão o sentido da palavra.

A interação discursiva, para Volochinov (2018, p. 219), “é a realidade fundamental da língua”. No entanto, a interação verbal ou discursiva é concebida por ser esse fenômeno social que emerge tantas outras formas de interação, como pode-se citar o diálogo, presente em qualquer tipo de comunicação discursiva. Ademais, a língua tem em sua constituição a interação verbal, visto que “é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva dos falantes” (VOLOCHINOV, 2018, p. 224).

Para Volochinov (2018, p. 195-196), “o sentido da palavra é inteiramente determinado pelo seu contexto. Na verdade, existem tantas significações para uma palavra quanto contextos de seu uso”. A palavra mantém sua condição de ser única em um contexto, essa condição de singularidade é que reforça o seu sentido. Por assim dizer, a construção dos sentidos da palavra e o seu próprio papel no mundo contemporâneo têm relação com as formas de comunicação e com a própria interação discursiva.

Volochinov (2018, p. 311) retoma pontuações em que enfatiza que a palavra é, “por sua vez, é uma expressão da comunicação social, da interação de personalidades materiais e dos produtores”. Em decorrência disso e sintetizando as suas ideias, pode-se entender que a palavra é, em sua essência, importante e muito peculiar nas relações interacionais e comunicativas em que se envolvem sujeitos de diversas personalidades e com os mais diversificados pensamentos. Nota-se, então, seu envolvimento com a formação da língua e da comunicação.

A cada momento, pelas contribuições de Bakhtin (1997) e Volochinov (2018), fica claro que a linguagem, o diálogo, as interações sociais, a consciência humana são pontos indispensáveis que significativamente contribuíram para a centralidade do ISD.

1.1.4 O desenvolvimento humano em uma abordagem sociodiscursiva

O viés das capacidades cognitivas, alinhadas às questões do pensamento em uma perspectiva do desenvolvimento humano, é marcado pela linguagem. A marcação, a presença da linguagem e a questão sociocultural estão atadas, sem sombra de dúvidas, às capacidades de pensamento que refletem e, conforme Bronckart (2006), às capacidades do agir.

O ISD compactua com “a tese central do Interacionismo Sociodiscursivo de que a ação constitui o resultado da apropriação, pelo organismo humano, das propriedades da atividade social mediada pela linguagem” (BRONCKART, 2009, p. 42). Para tanto, o ISD defende as interações verbais assistidas pela linguagem, de forma que as ações do ser humano estejam inseridas nessas atividades sociais. Agir, ação e atividade são pontos discutidos no ISD e em muito se conectam com o desenvolvimento psicológico humano.

Motivado por Leontiev (1979), Bronckart (2009, p. 31) ressalta sobre **atividades** o sentido que a noção geral designa como “organizações funcionais de comportamentos dos organismos vivos, através das quais eles têm acesso ao meio ambiente e podem construir elementos de representação interna (ou de conhecimento) sobre esse mesmo ambiente”. No meio animal, um exemplo claro é o das formigas, no qual todas juntas lutam pela sobrevivência em um processo de cooperação, em que todas participam da atividade rumo à sobrevivência. Outro exemplo é a divisão dos trabalhos das abelhas, bem como sua hierarquização. Para o ser humano não é diferente. A complexidade da organização e as formas de atividade chamam atenção, porém a linguagem é fator ímpar no constructo das atividades sociais.

A questão do agir está intrinsecamente ligada ao ser humano, ou seja, o agir relaciona-se também à atividade, à ação. E essa atividade, ação, tem a orientação do ser humano. Segundo Bronckart (2008, p. 20), “o agir é considerado, na teoria ilocucionária, como produção de um ator solitário e não como uma entidade dialógica, que pressupõe um acordo e/ou um partilhamento”.

Amparado em Habermas, Bronckart (2008, p. 21) afirma que “não há de se considerar a atividade humana totalmente determinada pelas regras de racionalidade

e de eficácia, mas que essa determinação seja apenas uma das dimensões da organização do agir, que coexiste em outras dimensões.” Sob esse ponto de vista, qualquer atividade se desenvolve levando-se em consideração representações coletivas que se encontram organizadas em três sistemas, chamados de mundos formais ou representados: mundo objetivo, mundo social e mundo subjetivo (BRONCKART, 2008) e, para Habermas (1987), esses mundos estão relacionados com o agir.

Habermas, ainda citado por Bronckart (2008), coloca que a distinção entre mundo vivido e mundos formais é fundamental, e ainda complementa que

se a dialética que se instaura entre esses dois tipos de mundo, é o fator principal do desenvolvimento humano, para muitas outras correntes, é no interior do mundo vivido que se situam, exclusivamente ou principalmente, os recursos e os processos fundadores do agir humano. (BRONCKART, 2008, p. 28-29).

Acrescenta Bronckart (2008, p. 22) que qualquer agir é produzido no contexto do mundo objetivo e ele exhibe pretensões à verdade dos conhecimentos, a qual está condicionada à eficácia da intervenção no mundo. Assim, o agir humano cruza por esses tipos de sistemas e, seja qual for a atividade mobilizada por meio do agir humano, pessoas possuidoras de características psíquicas estão envolvidas nesse processo.

Com o agir comunicativo, o ser humano tende a transformar o meio em que se encontra inserido em mundos representados que, por sua vez, tendem a contribuir com as atividades e, conseqüentemente, com as avaliações sociais.

Bronckart aponta que

o agir comunicativo é o instrumento por meio do qual se manifestam concretamente as avaliações sociais das pretensões à validade das três formas de agir praxiológico e, na medida em que os mundos que organizam os critérios dessas avaliações são (mais ou menos) conhecidos pelos atores. O agir comunicativo também é o organizador das representações que esses atores constroem sobre sua situação de agir e, portanto, também é o regulador de suas intervenções efetivas (BRONCKART, 2008, p. 25).

Diante disso, é possível deduzir que o agir comunicativo alinhado ao agir praxiológico pode colocar em xeque a significação dos signos, conforme explica o

autor citado. Dessa forma, os signos se estruturam em textos e esses mesmos têm grande papel no processo de avaliação ou de interpretação do agir.

Assim, valendo-se dos mundos representados e do processo de ação, os agentes desempenham um papel decisório nessa atuação. Bronckart (2009) avalia:

Esse processo de avaliação que atribui aos outros capacidade de ação (um provável poder-fazer), intenções (um querer-fazer mais ou menos sincero) e motivos (razões de agir mais ou menos credíveis), e que os dota, mais geralmente, dessa **responsabilidade** particular na intervenção ativa, na qual se resume o estatuto do agente. A avaliação social, desse modo, erige, primeiramente, "os outros" em agentes responsáveis por suas ações. Mas, dado que praticam essas avaliações e que conhecem os critérios dessas avaliações codificadas pela linguagem, os seres humanos, de um lado, acabam inevitavelmente por saber que eles mesmos são avaliados, por esses critérios e, de outro, tornam-se capazes de aplicá-los a si mesmos (BRONCKART, 2009, p. 44).

A transformação dos outros em agentes responsáveis por suas ações torna os seres humanos conhecedores de que serão avaliados por outros e a sua representação como agente integrador da ação passa a ser visível e real no meio coletivo. Junta-se então a interação verbal e a representação, que emergem para a semiotização e, por conseguinte, a semiotização se torna muito peculiar para a atividade da linguagem que se organiza nos textos.

Bronckart (2009, p. 149) define textos como "formas comunicativas globais e 'finitas' constituindo os produtos concretos em ações de linguagem, que se distribuem em gêneros adaptados às necessidades das formações sociodiscursivas". Ademais, os textos têm sua significação e, ao passo que as atividades de linguagem são realizadas na forma de textos, para o ISD eles são essenciais e em muito contribuem com o desenvolvimento humano.

1.2 O trabalho docente

Antes de pontuar questões sobre o trabalho docente, faz-se necessário apresentar discussões acerca do trabalho, sendo importante salientar que a sociedade carrega no percurso da história seus vários sentidos.

O trabalho inicial refere-se ao que foi manifestado na Bíblia, conforme descrito por Machado (2007), "carregando uma conotação negativa, segundo a qual o trabalho

seria um agir humano sobre a natureza, visando a subsistência física da espécie, como consequência do pecado de Adão e Eva e da sua condenação” (MACHADO, 2007, p. 83). Observa-se que, em desobediência às ordens divinas, Adão e Eva foram penalizados e, como condenação, deviam cuidar de si mesmos e da natureza como forma de sobrevivência. Mais tarde, com a Reforma Protestante, Machado (2007) relata que o termo trabalho passou a ter valorização positiva e sentidos específicos.

Quanto ao sentido mais comum, Bronckart (2006, p.209) pauta o trabalho como uma forma de agir ou prática concernente à espécie humana:

o trabalho se constitui, claramente, como um tipo de atividade ou de prática. Mas, mais precisamente, é um tipo de atividade própria da espécie humana, que decorre do surgimento, desde o início da história da humanidade, de formas de organização coletiva destinadas a assegurar a sobrevivência econômica dos membros de um grupo: tarefas diversas são distribuídas entre esses membros de um grupo (o que se chama de divisão do trabalho); assim, esses membros se veem com papéis e responsabilidades específicas a ele atribuídos, e a efetivação do controle dessa organização se traduz, necessariamente, pelo estabelecimento de uma hierarquia.

É bem verdade que o trabalho está relacionado à espécie humana e, às vezes, em determinados tipos de atividades, algumas habilidades e competências devem se fazer presentes para que elas sejam bem executadas, para que tarefas diversas possam ser desempenhadas. Com isso, tem-se a divisão do trabalho franqueado por várias pessoas integrantes em um grupo.

Ainda de acordo com Bronckart (2008, p. 55), Touraine enfatiza que o trabalho é o próprio núcleo humano, ou mais precisamente “é a condição histórica do homem, isto é, a experiência significativa, nem natural, nem metassocial, a partir da qual podem ser compreendidas as obras de civilização e as formas de organização social”.

É necessário, portanto, ressaltar que o trabalho permeia a humanidade desde os primórdios, bem como as organizações sociais existentes nos dias de hoje. Em outras palavras, o trabalho está inserido na sociedade há muito tempo e seus reflexos são visivelmente percebidos.

Para Bronckart (2008, p. 55),

as sociedades, por sua vez, são os produtos do trabalho que nelas se desenvolve e das relações sociais que ele gera; mas elas têm também capacidades representativas, ou simbólicas, ou reflexivas, que lhes permitem

tomar distância em relação às práticas concretas de trabalho, avaliá-las e nelas projetarem sentido.

Certamente, as capacidades representativas da sociedade proporcionam que se tenham as práticas concretas do trabalho e tais práticas devem ter um sentido real, devendo transpor todas as manifestações do ser humano.

Todavia, ao se referir ao trabalho docente, é muito comum a visão do outro em perceber o produto desse trabalho como sendo a aula propriamente dita, ou seja, uma boa aula ministrada. E, de quando em quando, o docente se depara com indagações com vistas a saber se o trabalho do professor é só dar aula e essas perguntas partem até mesmo de pessoas que não são comuns ao meio educacional e que têm essa visão do trabalho do professor. No entanto, esse ato de dar aula é muito mais do que um trabalho, pois o ofício do docente é uma atividade que exige do profissional um planejamento minucioso do material textual e/ou expositivo a ser utilizado na aula, das atividades a serem elaboradas e, posteriormente, a serem respondidas pelos alunos, para que assim o processo de ensino-aprendizagem seja favorável para o alunado, principalmente no tocante ao aprendizado das atividades relativas à linguagem.

Sobre isso, Bronckart (2008, p. 98) explica:

A atividade dos trabalhadores é o seu fazer e o seu vivido desse fazer, que pode ser apreendida por determinados procedimentos de observação e de mensuração dos comportamentos e por determinados procedimentos que visam a que os operadores verbalizem suas próprias representações das situações de trabalho e dos múltiplos aspectos de seu agir vivido.

No trabalho docente, o agir vivenciado por esse profissional em suas diversas situações de trabalho reflete nas atividades que lhe são próprias. Machado e Bronckart (2009, p. 29, apud Medrado 2011) enfatizam que “podemos ter acesso ao agir a partir dos discursos e vozes daqueles que executam o trabalho” e as vozes podem ser expressas nos textos, da mesma forma em que a linguagem é corporizada nos textos.

Complementa Bronckart (2008, p. 101):

É necessário assinalar que a evolução das didáticas das disciplinas escolares recentemente levou à emergência de um novo campo de trabalho, que é o do trabalho do professor. Nas primeiras fases de sua constituição, essas didáticas tinham por objetivo central a atualização e racionalização dos programas e métodos de ensino, e, mais frequentemente, a redefinição do projeto de ensino das disciplinas escolares. Atingido esse objetivo, naturalmente surgiu a preocupação em verificar ou controlar a realidade de

sua implantação: em que medida os professores exploram os novos programas e meios de ensino? E, se as novas abordagens são utilizadas, em que medida são eficazes?

Nesse contexto, percebe-se que o trabalho docente tem sido um trabalho árduo, porém prazeroso. Para alguns, a luta por melhores condições de trabalho é um fator essencial, para outros a didática utilizada em suas aulas deve ser algo que realmente expresse para o público uma boa execução do trabalho.

É válido enfatizar que as produções textuais se tornam a forma pela qual se dá a construção das representações sociais que, por conseguinte, vão permitir que os sujeitos contribuam de maneira particular para o realizar das atividades sociais (MACHADO 2011).

1.2.1 O trabalho docente sob a plêiade da clínica da atividade

A Clínica da atividade trata de estudos contemporâneos acerca da análise do trabalho, que tem suas raízes na França, em 1990, no âmbito da psicologia do trabalho. As traduções dos trabalhos de Yves Clot, seu fundador, estão sendo cristalizadas, dentre os quais destacam-se: A função psicológica do trabalho, Trabalho e poder de agir; o que demonstra que o panorama da clínica da atividade está tomando corpo, pelo menos, no Brasil.

Clot (2006), em entrevista publicada em Cadernos da Psicologia Social do trabalho, ressalta que a perspectiva filosófica o ajudaria.

Eu me perguntava “como” os trabalhadores sabem e o dispositivo metodológico, o que eu denominei “clínica da atividade” que seria o meio de mudar a psicologia do trabalho junto com os trabalhadores, e vice-versa, pois esse dispositivo permite que os trabalhadores, com a psicologia do trabalho, desenvolvam sua capacidade de agir.

Nesse sentido, a clínica da atividade abrange esse escopo que está relacionado às capacidades de agir dos trabalhadores e por meio da atividade é possível examinar as múltiplas proporções apresentadas pelo trabalho e relacioná-las às características humanas. Para tanto, convém enfatizar que o termo atividade

designa a leitura do agir, implicando as dimensões motivacionais e intencionais mobilizadas no nível coletivo, isto é, designa as formas de organização de cooperação-colaboração dos humanos, em que as

dimensões motivacionais, intencionais e estruturais são regidas pelo coletivo (MACHADO, 2007, p. 146).

No que tange às discussões do trabalho docente sob a plêiade da Clínica da Atividade, é importante realçar o que Clot (2006) esclarece.

De certa forma, a diferença entre a ergonomia e a “clínica da atividade” reside no fato de que atividade e subjetividade são inseparáveis e é essa dupla – atividade e subjetividade – que me interessou na situação de trabalho. Por isso que uso o termo “clínico”: clínico do ponto de vista de meu engajamento, do lado da experiência vivida, do sentido do trabalho e do não sentido do trabalho; “clínico” do ponto de vista da restauração da capacidade diminuída. (CLOT, 2006, p. 102).

São pontuadas questões que dizem respeito ao sentido do trabalho, à atividade, à própria subjetividade e, como Clot (2006) esclarece, na Clínica da Atividade, o coletivo e o subjetivo importam.

Para Machado (2011), a psicologia do trabalho tem trazido relevantes aportes, em especial no âmbito da chamada Clínica da Atividade, desenvolvida no CNAM (Conservatoire National des Arts et Métiers, em Paris), através de Yves Clot. Assim, o termo trabalho, embora não seja definido rigorosamente por Clot (2006), é configurado como no formato de atividade, porém com função psicológica central, trazendo a ideia das atividades de trabalho no contexto do desenvolvimento das funções psíquicas humanas.

O intento de Clot (2006) é o de relacionar o psíquico humano com as atividades de trabalho, sendo, portanto, salutar fazer essa relação, pois existe a necessidade desse alinhamento. A grande sacada é que as atividades do trabalho têm ligação com o psiquismo e, logo, o sujeito humano poderá desenvolver a relação da parte psíquica versus trabalho. É sabido que os trabalhadores sempre são cobrados, ou seja, são inúmeras as responsabilidades inerentes ao trabalho e nem sempre são dadas as condições necessárias para que eles possam executar sua tarefa da melhor forma que é esperada.

Ao pensar em uma instituição de ensino, por exemplo, seja ela atuante na educação infantil, no ensino fundamental e médio ou ainda no ensino superior, o que se espera é que sejam oferecidas as condições plausíveis para que o docente possa desempenhar seu trabalho da melhor maneira e que os outros possam ter um olhar diferenciado para o trabalho executado por parte do professor, sabendo que esse

profissional deve ser valorizado independente das circunstâncias, do contexto social, da organização a qual encontra-se inserido e que essas condições de trabalho estejam, de fato, presentes no ambiente do trabalho docente.

Na percepção de Clot, a organização do trabalho priva os trabalhadores

dos meios de exercer as responsabilidades que eles assumem apesar de tudo. Em reação, existe uma perturbação com relação ao sentido, aos valores do trabalho e à definição de sua qualidade no momento em que se força a entrada destes valores no modelo excessivamente estreito da eficácia a curto prazo. O trabalho deserta da sua função psicológica para os sujeitos quando o ofício se perde – ou não é mais buscado-, quando ele se confunde com a execução de procedimentos, não importando se são úteis. (CLOT, 2001, p. 5).

Nesse sentido, convém reforçar o que Clot (2006) alerta acerca da atividade e subjetividade, no intento de buscar entender as possíveis situações conflituosas que, porventura, podem ocorrer nas situações do trabalho.

O autor enfatiza o conceito de real da atividade:

a atividade não é somente aquilo que se faz. O real da atividade é também o que não se faz, aquilo que não se pode fazer, o que se tenta fazer sem conseguir – os fracassos – aquilo que se desejaria ou poderia fazer, aquilo que não se faz mais, aquilo que se pensa ou sonha poder fazer em outro momento. [...] As atividades suspensas, contrariadas ou impedidas, e mesmo as contra-atividades, devem ser admitidas na análise assim como as atividades improvisadas ou antecipadas (CLOT, 2001, p. 6).

Dessa forma, para que seja identificado o real da atividade, é necessário lembrar que aquilo que não se faz porque não se pode fazer é também atividade. E no trabalho docente não é diferente, o real da atividade vem à tona no cotidiano do labor do professor que, constantemente, tenta fazer algo e a atividade é suspensa ou mesmo não se consegue realizar uma atividade específica.

Prosseguindo a discussão, vale salientar que é em face às representações construídas nos e pelos textos que, muitas vezes, faz sentido ouvir a voz do trabalhador por meio de textos produzidos por ele mesmo. Com base nos apontamentos de Bronckart e Machado (2004), a análise dos textos sobre a relação linguagem e trabalho pode trazer nova compreensão do trabalho do professor, tanto em relação ao seu agir concreto quanto

[...] em relação às representações que socialmente se constroem sobre ele. Segundo Bronckart (1999), essas representações se constroem nas produções textuais, o que nos permite situar e julgar a contribuição de cada indivíduo para a realização de uma determinada atividade. Apropriadas e interiorizadas por esses mesmos indivíduos, elas acabam por se constituir em representações individuais, tornando-se uma espécie de guias para suas ações futuras. Daí a importância de analisar os textos – orais e escritos – ou a rede discursiva que se constrói no e sobre uma determinada atividade para chegar a compreender a natureza e as razões verbais e não verbais desenvolvidas e o papel que a linguagem aí desempenha (BRONCKART; MACHADO, 2004, p. 136).

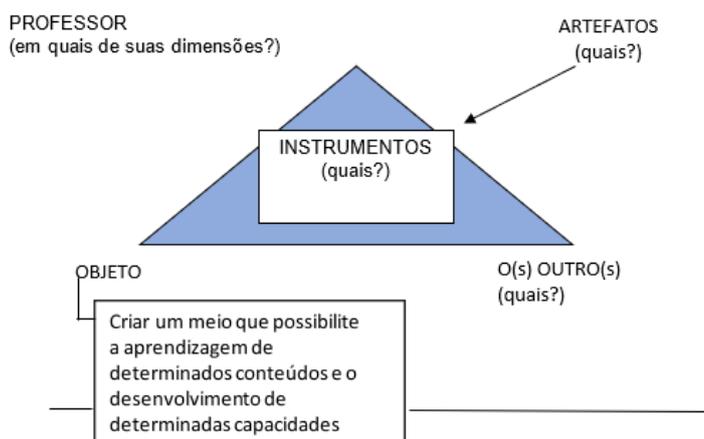
Fundamentado na visão de Bronckart (2004), de Clot (1999; 2006) e de alguns outros autores, Machado (2007) propõe pontos relevantes sobre a atividade do trabalho:

- a) situada, com influência do contexto baseado no imediato e na amplitude;
- b) pessoal, com abrangência das dimensões física, cognitiva e emocional do trabalhador;
- c) impessoal, haja vista que o trabalhador tem que atender o quadro hierárquico, bem como as prescrições relacionadas ao trabalho;
- d) prefigurada pelo trabalhador, com contribuições do próprio trabalhador em relação à reelaboração das prescrições;
- e) mediada por instrumentos, que podem ser materiais ou simbólicos;
- f) interacional, tendo em vista o agir sobre o meio, utilizando instrumentos simbólicos;
- g) interpessoal, no sentido do envolvimento da interação com vários outros indivíduos, presentes ou ausentes na situação do trabalho;
- h) transpessoal, guiada por “modelos do agir” específicos de cada ofício;
- i) conflituosa, posto que o trabalhador deve continuamente fazer escolhas para (re)direcionar seu agir em várias situações;
- j) fonte para a aprendizagem e para o desenvolvimento de novos conhecimentos ou mesmo fonte de impedimento.

Com base nesses dados, é conveniente frisar que a atividade do trabalho provoca divergência e amiúde o trabalhador deve fazer escolhas ou até mesmo enfrentar conflitos no meio em que está situado, com os outros, com as prescrições do trabalho e porque não dizer consigo mesmo. É na atividade educacional que o docente mobiliza suas dimensões, sejam elas físicas, cognitivas, linguageiras, de

modo a atingir o esperado por parte do alunado. E o esperado revela-se na aprendizagem de conteúdos, no desenvolvimento de diversas capacidades do discente nesse processo de construção do conhecimento e, para isso, tem-se os instrumentos e os artefatos a serem utilizados, conforme previsto na figura a seguir:

Figura 1: Esquema do trabalho do professor em sala de aula



Fonte: Machado (2009, p.39)

A figura 1 esquematiza como os artefatos e os instrumentos podem contribuir com o trabalho do professor em sala de aula. Sabe-se que o professor carrega consigo inúmeras tarefas inerentes ao labor educacional, dentre as quais cita-se corrigir provas, preparar exercícios, confeccionar planos de aula, planejar as aulas.

Machado (2009, p. 39) destaca que o esquema proposto na figura 1 tem sido uma primeira hipótese de trabalho de um grupo de estudos de análise de linguagem, trabalho educacional e suas relações para a detecção de representações sobre os elementos constitutivos do agir docente e das relações que eles mantêm entre si. Hipótese essa que, a partir das análises dos textos, pode ser confirmada, negada ou complementada e revista. Machado (2009) pontua sobre o elo entre constatação das representações e análise dos textos, onde poderão ser observados os aspectos de representação construídos sobre o trabalho docente, o que possibilitará revelar eventuais dificuldades relacionadas ao referido trabalho em suas múltiplas dimensões.

Concernente ao artefato e ao instrumento, é interessante destacar a diferença existente entre eles. O artefato faz menção a algo finalizado, de origem humana, podendo ser citado como material (máquina, utensílios, objeto), imaterial (programa

de computador) ou simbólico (signos, metodologias, conceitos, planos de aula, entre outros). Para Machado, 2009, p. 38: “O instrumento, por sua vez, só existe se o artefato for apropriado pelo e para o sujeito”. Entende-se, portanto, que artefato e instrumento têm relação com o trabalho educacional.

Bueno (2007, p. 43) em sua publicação de tese de doutorado, salienta que o professor recorre a vários artefatos: “o livro didático, os exercícios, o giz e o quadro-negro, as avaliações, o diário de classe, o mapa de classe (mapa feito pelo coletivo determinando onde cada aluno deve sentar), as prescrições oficiais feitas pelo governo, etc.”. Em outras palavras, a ideia de Bueno (2007) é de que o professor tenha em mãos esses subsídios que nortearão o seu trabalho, não somente nortearão, mas auxiliarão de maneira ímpar para que a concretização do trabalho no chão da sala de aula possa acontecer. No entanto, não basta apenas o professor recorrer a tais artefatos e aceitá-los de bom grado; é necessário, quando houver o envolvimento com tais artefatos, que o docente possa transformá-los, adaptá-los quando do apoderamento deles, ou até mesmo deixar de lado, se for o caso, dando importância à busca pela verdadeira efetividade no trabalho.

Ressalte-se que os artefatos, embora disponibilizados para o trabalhador, podem ou não ser adequados e que poderão ou não ser apropriados pelo trabalhador (BUENO, 2007). Por exemplo, imagine que o professor ao adentrar na sala de aula busque realizar um exercício que tenha deixado na copiadora, porém os alunos não estão com a cópia do exercício, então o professor deve pensar em outra estratégia para reorganizar seu trabalho na medida do possível. Percebe-se aí pontos conflituosos no trabalho, antes mesmo de sua realização.

Para que o professor realize em plenitude o seu trabalho, faz-se necessário, frequentemente, a readaptação de suas tarefas de acordo com a situação contextual. É ainda necessário que o profissional se aproprie de artefatos que possam também ser construídos no coletivo do trabalho, contribuindo com o agir docente de modo a encontrar soluções para possíveis conflitos.

Observa-se, portanto, que o trabalho do professor, associado às múltiplas atividades que lhe são conferidas e aos diversos fatores que compõem tais atividades,

colaboram para o exercício complexo do trabalho que lhe é atribuído, sendo esse ofício por vezes ímpar e singular.

1.2.2 O trabalho docente sob a égide da ergonomia da atividade

Retomando as questões sobre trabalho docente, porém sob a égide da ergonomia da atividade, é salutar que sejam apontadas considerações iniciais acerca da ergonomia.

A ergonomia² surgiu na Grã-Bretanha, em 1947, como resultado de pesquisa desenvolvida a serviço da Defesa Nacional Britânica durante a 2ª Guerra Mundial, por uma equipe interdisciplinar, com o intuito de atenuar os esforços humanos em situações extremas. Também a Grã-Bretanha abrigou a primeira Sociedade de Pesquisa Ergonômica, congregando pesquisadores cujo objetivo era adaptar a máquina ao homem, mais precisamente levar em consideração fatores humanos na concepção de dispositivos técnicos, equipamentos, máquinas e instrumentos, a fim de atenuar danos ao organismo humano provenientes da industrialização (SOUZA-E-SILVA, 2004, p. 86).

Enquanto na Grã-Bretanha a ergonomia era desenvolvida a partir da adaptação da máquina ao homem, na França o que interessava era a adaptação do trabalho ao homem, proposta pela ergonomia da atividade. Logo, percebe-se que a abordagem ergonômica do trabalho do professor deve ser levada em consideração, uma vez que a ergonomia se faz presente na vida do sujeito humano e é através da atividade que é concebível examinar as diferenciações do trabalho.

Para tanto, Amigues (2004, p. 41) considera atividade como

o relacionamento de diversos objetos que leva o sujeito a fazer um acordo consigo mesmo. A atividade é o reflexo e a construção de uma história: a de um sujeito ativo que arbitra entre o que se exige dele e o que isso exige dele, a história de um sujeito dividido em suas dimensões fisiológicas, psicológicas e sociais e que sempre deve construir sua unicidade regulando a relação que o liga ao real e aos outros.

² Constituída a partir de dois radicais, ergon e nomos, a palavra, do ponto de vista etimológico, designa a ciência do trabalho; segundo o senso comum, é sinônimo de maior conforto na relação homem/ objetos do cotidiano: cadeira ergonômica, teclado ergonômico; já na visão dos ergonomistas, principalmente dos que se formaram na escola francofone, a ergonomia, quer entendida como arte, ciência, método ou disciplina, tem por objeto a atividade de trabalho. (SOUZA E SILVA, 2004, p.86)

Diante disso, percebe-se que a atividade mantém relação com diversos objetos para que ela seja realizada, além do que, convém perceber a ligação entre tarefa e atividade, ambas propostas pela ergonomia da atividade.

Na perspectiva de Amigues,

a tarefa refere-se ao que deve ser feito e pode ser objetivamente descrita em termos de condições e de objetivo, de meios (materiais, técnicos...) utilizados pelo sujeito. A atividade corresponde ao que o sujeito faz mentalmente para realizar essa tarefa, não sendo, portanto, diretamente observável, mas inferida a partir da ação concretamente realizada pelo sujeito (AMIGUES, 2004, p. 39).

Como pode ser constatado, a atividade mantém conexão com a tarefa. Uma vez que se for pensado no trabalho do professor em ministrar aula de Língua Portuguesa, por exemplo, pode-se considerar a tarefa como a ministração da aula, já o processo, ou seja, os materiais que o professor se vale para a efetivação da aula em si, é o que se considera atividade. Assim, os processos cognitivos que o sujeito professor recorre em muito importa para a efetivação da aula propriamente dita.

Seguindo esses apontamentos, é interessante frisar alguns pontos relevantes sobre trabalho prescrito, trabalho realizado e real. Segundo Machado (2009, p. 80) várias pesquisas foram desenvolvidas em relação às situações de trabalho, e pode-se avaliar pelo menos dois tipos de níveis de trabalho: “O do trabalho prescrito, isto é, um conjunto de normas e regras, textos, programas e procedimentos que regulam as ações; e o do trabalho realizado, o conjunto de ações efetivamente realizadas”. Posto que todo trabalhador se encontra dependente de normativas e estas remetem a um direcionamento inicial e essencial da ação a ser desenvolvida por ele, não obstante, o caso do trabalho docente não é diferente.

Desta feita, o trabalhador tende a desenvolver o trabalho realizado de acordo com o que Machado (2009, p. 81) define como “o conjunto de condutas (verbais ou não verbais) observáveis na situação, que sempre vai apresentar algum distanciamento em relação ao que lhe foi prescrito”. Assim, nem sempre o que foi prescrito será realizado.

Na visão de Bronckart (2006), o trabalho prescrito é predefinido em documentos que instruem e prescrevem modelos a serem observados; como os projetos didáticos, manuais e sequências didáticas. Na essência, o autor deixa claro que o trabalho

prescrito é relativo à uma representação do que deve ser o trabalho. E quanto ao trabalho real, este abarca as características efetivas das tarefas realizadas pelos trabalhadores em uma situação de trabalho, por exemplo pode-se citar a atividade do professor na sala de aula (Cf. BRONCKART, 2006).

Dessa forma, percebe-se a distância entre trabalho prescrito e trabalho realizado, porém com apresentação de alguns destaques para a ergonomia. No que antecede ao início do trabalho, são transferidas ao trabalhador as tarefas a serem executadas, bem como os propósitos que se pretende alcançar. Algumas prescrições são obrigatórias, determinadas por quem de fato tem o poder de mando, e devem ser observadas pelo sujeito no sentido de acatar o ordenamento para, então, seguir com o dever do trabalho.

Destaca-se que os trabalhos produzidos pelos ergonomistas têm por objetivo depreender a diferença entre o trabalho realizado e prescrito; e é fundamental para a ergonomia da atividade que o trabalhador reexamine sua prática para que seu trabalho possa ser aprimorado. Destarte, a ergonomia considera a atividade “uma resposta às prescrições determinadas exteriormente ao trabalhador e, simultaneamente, ela é susceptível de transformá-las” (SOUZA; SILVA, 2004, p. 89). Fica evidente que, para a ergonomia, o trabalhador nem sempre conseguirá cumprir o que foi prescrito.

Amigues (2004) pondera que, reiteradas vezes, o trabalho do professor é pensado de maneira equivocada como trabalho de ensino, sendo que na verdade o trabalho do ensino é uma parte do trabalho. Percebe-se aí que a função de ser professor não está alinhada unicamente ao próprio ato de ensinar, mas também em relacionar o professor com outras atividades. Amigues (2004, p. 41) ressalta:

A atividade do professor dirige-se não apenas aos alunos, mas também à instituição que o emprega, aos pais, a outros profissionais. Ela também busca seus meios de agir nas técnicas profissionais que se constituíram no decorrer da história da escola e do ofício de professor. Em outros termos, a atividade não é a de indivíduo destituído de ferramentas, socialmente isolado e dissociado da história.

O destaque do autor é que o professor deve situar-se socialmente para que o trabalho docente possa ser direcionado, já que a atividade do professor não é restrita ao aluno, mas a tantas outras pessoas que estão envolvidas nesse processo.

Como lembra Amigues (2004, p. 49): “O projeto que o professor tenta realizar situa-se além da realização particular de uma ação, mesmo que cada ação ponha de novo em jogo esse projeto, conscientemente ou não. Esse ponto de vista permite ressituar as relações entre ensino e aprendizagem”. Conclui-se, que o trabalho do professor não se resume a tão só prescrever tarefas, e tampouco a organizar trabalho de alunos; o professor não pode se limitar ao revezamento de conceber e realizar o trabalho a partir do ângulo da atividade. O seu trabalho deve ser concebido por uma amplitude maior, que recorre a outras questões e não se limita a generalizações.

Esse autor apresenta ainda mais contribuições em relação à atividade do professor:

O objeto da atividade do professor consiste em organizar um meio de trabalho coletivo dos alunos para instaurar neles uma relação cultural com um objeto de conhecimento, a fim de modificar sua relação pessoal com esse conhecimento. Essa atividade tem como meta o objetivo de horizonte que é aprendizagem dos alunos. A exemplo da cura de um paciente pelo médico, a aprendizagem dos alunos representa para o professor um objetivo longínquo e incerto para o qual tende a sua ação (AMIGUES, 2004, p. 50).

Como se pode ver, essa relação cultural com um objeto de conhecimento mantém a relação professor/aluno, a fim de que a aprendizagem dos alunos seja efetivamente estabelecida e não se esvazie na atividade do ensino, da mesma forma que o trabalho do professor não pode ser examinado tão somente pelo desempenho dos alunos. Essa atividade não se restringe à aprendizagem do aluno e sim à organização de meios de trabalho, primeiramente para que os docentes compreendam seu trabalho, seguido da ideia de que os alunos se engajem em atividades de conceitualização (AMIGUES, 2004).

Nas palavras de Machado (2007), o trabalho docente,

(...) consiste em uma mobilização, pelo professor, de seu ser integral, em diferentes situações de planejamento, de aula, de avaliação, com o objetivo de criar um meio que possibilite aos alunos a aprendizagem de um conjunto de conteúdos de sua disciplina e o desenvolvimento de capacidades específicas relacionadas a esses conteúdos, orientando-se por um projeto de que lhe é prescrito por diferentes instâncias superiores e com a utilização de instrumentos obtidos do meio social e na interação com diferentes outros que, de forma direta ou indireta, estão envolvidos na situação (MACHADO, 2007, p. 93).

A autora defende que o trabalho docente está alinhado com o desenvolvimento da aprendizagem de conteúdos. Irmanado a Machado (2007), Amigues (2004) expõe

a questão de ressituar as relações entre ensino e aprendizagem ao dizer que o professor, no decorrer de suas atividades, é a pessoa que articula a criação e/ou desenvolvimento de meios que possibilitem a aprendizagem de conteúdos e o desenvolvimento de capacidades que, por conseguinte, mantêm essa relação viva com o seu trabalho. Em ato contínuo o professor tem que ressignificar suas ações, para que sua imagem de docente não possa ser vista exclusivamente como um executor de atividades (aquele que apenas transmite conteúdos) ou parte integrante de uma profissão com pouca importância e, muitas vezes, até pouco valorizado.

Ao fazer referência ao trabalho docente, é importante destacar que o termo trabalho advém das Ciências do Trabalho, porém, estudiosos das correntes teóricas da Clínica da Atividade e da Ergonomia, tais como Clot (2001, 2006), Amigues (2004), Souza-e-Silva (2004) entre outros, destacam o reconhecimento do trabalho com enfoque nos estudos linguísticos.

Assim, finalizou-se este capítulo com os apontamentos relacionados aos pressupostos teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo e do trabalho docente, o que permitiu ser a base para as discussões teóricas, bem como contribuirá de maneira significativa para a análise. Apresentar-se-ão no próximo capítulo os caminhos metodológicos.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Após discutir sobre os pressupostos teóricos que embasam esta dissertação, são apresentados, neste capítulo, os caminhos metodológicos utilizados para a análise e discussão dos resultados. Inicialmente, apresenta-se o tipo, contexto e sujeitos da pesquisa. Depois, explana-se acerca dos procedimentos e dos instrumentos adotados para a coleta, transcrição, descrição e análise dos dados. Por fim, discute-se as categorias do Interacionismo Sociodiscursivo adotadas para a análise dos dados.

2.1 Tipo de pesquisa

A metodologia deve ter grande afinidade com o percurso do estudo e esta pesquisa, ao optar em investigar as representações que os professores de Língua Portuguesa dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Goiás apresentam do trabalho docente, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa.

Amparada em Gerhardt e Silveira (2009), esta investigação revela-se como qualitativa por não se preocupar com representatividade numérica, mas sim em aprofundar a compreensão da representação do trabalho docente, ou seja, analisar e descrever, de forma acurada, o corpúsculo para sistematizar as percepções dos professores em relação à sua profissão. Essa análise e descrição “procura entender, interpretar fenômenos inseridos em um contexto” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34). Para tanto, utiliza-se o paradigma interpretativista, uma vez que esta pesquisa intenta compreender a representação do trabalho docente pela interpretação de seus atores (os professores) e não sua explicação. Nessa perspectiva, considera-se que o sujeito e o objeto são interdependentes e o conhecimento que será gerado é subjetivo, sendo ainda particular ao contexto dos cursos da área de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Goiás (Cf. CRUZ; PEDROZO, 2008). Isso, sob a égide de Creswell (2014), deve-se ao fato de esse contexto apresentar uma complexa visão de mundo resultante da construção social, histórica e cultural.

Alves-Mazzotti (1998), mediante as pesquisas de Patton (1996), relaciona a questão da tradição interpretativista como uma característica essencial da pesquisa

qualitativa. Esse tipo de pesquisa parte do pressuposto de que as pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e que seus comportamentos têm sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado.

Este estudo, tendo em vista seu propósito de ampliar conhecimentos “úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista” (PRODANOV, 2013, p. 51), configura-se como uma pesquisa básica, porque visa contribuir para um conhecimento já existente acerca da temática abordada.

Consoante com Paiva (2019), o gênero desta investigação caracteriza-se como uma pesquisa empírica, pois “se baseia na observação e em experiências de vida” (PAIVA, 2019, p. 11), ou seja, nas experiências vivenciadas por esses profissionais e refletidas no discurso deles. Isso justifica a adoção da fonte de informação primária para esta dissertação, em que a coleta de dados se dá a partir de entrevistas realizadas pela própria pesquisadora; além de se configurar em relação aos objetivos como uma pesquisa descritiva. Embasada em Gil (2002), essa caracterização deve-se à utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados – a entrevista com os docentes de Língua Portuguesa dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

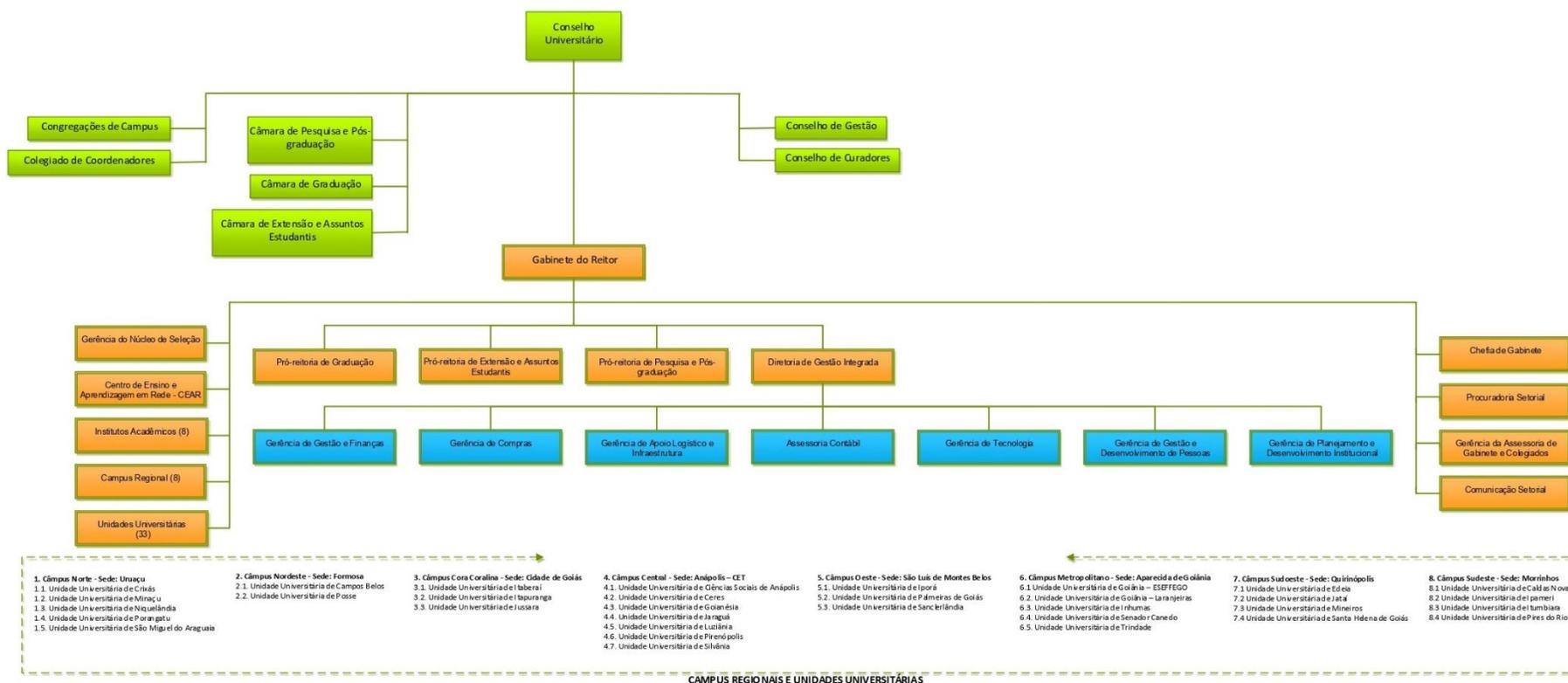
2.2 Contexto da pesquisa

Esta pesquisa é realizada na Universidade Estadual de Goiás, instituição pública, gratuita e multicampi, com sede em Anápolis-GO. Essa IES, ao longo dos anos, vem crescendo e se desenvolvendo com a missão de produzir e socializar o conhecimento científico, além de fomentar a cultura e a formação integral do sujeito, de modo a possibilitar a sua inserção na sociedade e promover a transformação da realidade socioeconômica do Estado de Goiás e do país. A UEG foi criada pela Lei nº 13.456 de 16 de abril de 1999, a partir da fusão das seguintes instituições públicas de ensino superior público: Universidade Estadual de Anápolis, Escola Superior de Educação Física de Goiás – ESEFEGO; Faculdade de Filosofia Cora Coralina da Cidade de Goiás; Faculdade de Ciências Econômicas de Anápolis; Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Porangatu; Faculdade Estadual Celso Inocêncio de Oliveira, de Pires do Rio; Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Itapuranga;

Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Santa Helena de Goiás; Faculdade de Educação, Ciências e Letras de São Luiz de Montes Belos; Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Goianésia; Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Quirinópolis; Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iporá; Faculdade de Educação, Ciências e Letras Ilmosa Saad Fayad, de Formosa; Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Morrinhos; Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Jussara; Faculdade de Zootecnia e Enfermagem de Inhumas; Faculdade Estadual Rio das Pedras, de Itaberaí; Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Uruaçu; Faculdade de Ciências Agrárias do Vale do São Patrício; Faculdade Estadual de Ciências Agrárias de Ipameri; Faculdade de Educação, Agronomia e Veterinária de São Miguel do Araguaia; Faculdade Estadual de Direito de Itapaci; Faculdade Estadual de Ciências Humanas e Exatas de Jaraguá; Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Posse; Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Crixás; Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Luziânia; Faculdade Dom Alano Maria Du Noday; Faculdade de Ciências Agrárias, Biológicas e Letras de Silvânia; Faculdade Estadual de Agronomia e Zootecnia de Sanclerlândia.

Pelos registros históricos, a UEG beneficia muitos municípios goianos. Embora, por ter apenas 23 anos, seja considerada uma Universidade jovem, a sua proposta de interiorização das atividades de ensino, pesquisa e extensão tem sido uma experiência inovadora e tem contribuído muito para reduzir as assimetrias sociais de acesso à graduação e pós-graduação no interior do Estado. Ao longo da sua história, essa instituição implementou importantes ações, como o Programa de Licenciatura Plena Parcelada, que proporcionou a formação, em nível de graduação, a milhares de professores das redes estadual, municipais e privada. Atualmente, oferece cursos de graduação e pós-graduação, tanto *lato sensu* como *stricto sensu*, em diversas áreas do conhecimento e possui a seguinte estrutura básica e complementar:

Figura 02: Organograma da UEG
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
 Estrutura Básica e Complementar
 Lei nº 20.491/2019 e Decreto nº 9.593/2020



Fonte: Site da UEG – www.ueg.br

Os Institutos Acadêmicos da UEG, conforme previsto no estatuto da instituição, “são órgãos executivos e acadêmico-pedagógicos que têm como objetivo a formação de profissionais nas diversas áreas do conhecimento e se organizam em torno dos cursos de áreas afins” (UEG, ESTATUTO, 2020, p.20).

É função desses institutos acadêmicos, conforme prevê o artigo 66, “integrar a Administração Central da universidade com os coordenadores de cursos e estes com os docentes que atuam nos câmpus e nas unidades universitárias” (UEG, ESTATUTO, 2020, p.20).

Os Institutos Acadêmicos da UEG são: I - Instituto Acadêmico de Educação e Licenciaturas; II - Instituto Acadêmico de Ciências da Saúde e Biológicas; III - Instituto Acadêmico de Ciências Tecnológicas; IV - Instituto Acadêmico de Ciências Sociais Aplicadas; e V - Instituto Acadêmico de Ciências Agrárias e Sustentabilidade.

De forma específica, os cursos de Administração, Administração Pública, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Cinema e Audiovisual, Design de Moda, Direito, Turismo e Patrimônio, Gastronomia, Gestão Pública, Hotelaria e Logística fazem parte do Instituto Acadêmico de Ciências Sociais Aplicadas. O Curso de Arquitetura e Urbanismo, embora seja parte integrante da área das Ciências Sociais Aplicadas na tabela das áreas do conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico- CNPQ, no âmbito da UEG, está enquadrado no Instituto Acadêmico de Ciências Tecnológicas.

Na condição de instituição multicampi, a UEG, a partir da reestruturação prevista pelo decreto nº 9.593/2020, passou a ter 08 (oito) câmpus universitários, distribuídos em todas as microrregiões do Estado, contribuindo para a melhoria da qualidade do ensino em um processo de formação de profissionais qualificados, aptos a atuar nas diversas áreas do saber. Cada câmpus tem jurisdicionadas a si de duas a sete unidades universitárias, conforme é apresentado no quadro abaixo:

Quadro 01: Constituição dos câmpus universitários

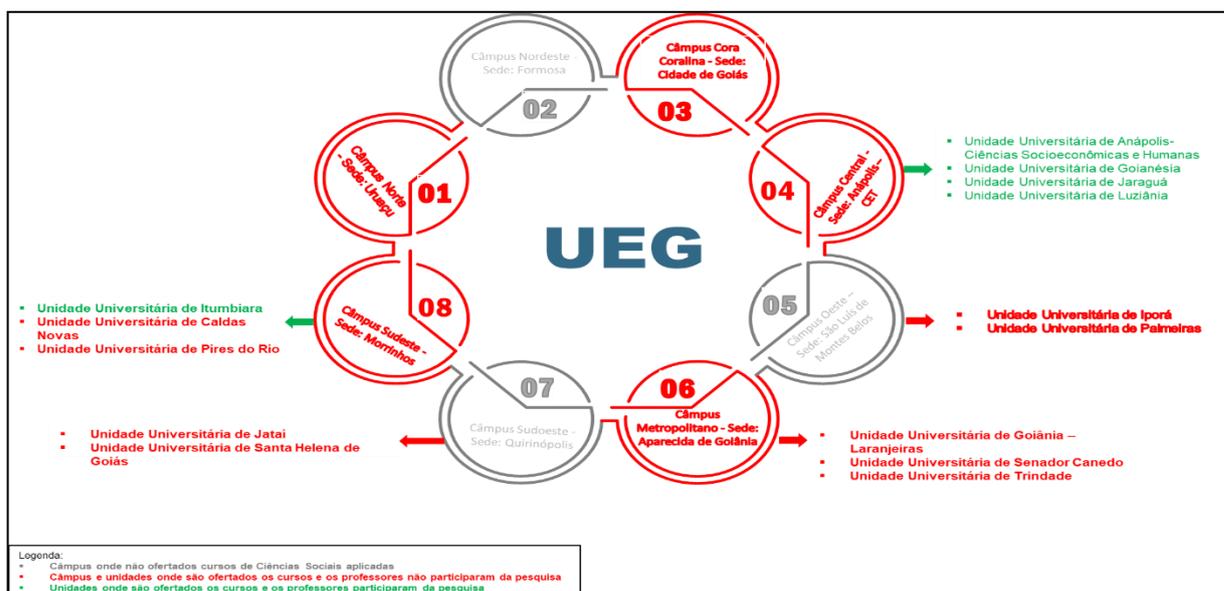
Nº.	Câmpus	Unidades
1	Câmpus Central – Sede: Anápolis -CET	Unidade Universitária de Anápolis -CSEH- Nelson de Abreu Júnior
		Unidade Universitária de Ceres
		Unidade Universitária de Goianésia
		Unidade Universitária de Jaraguá

		Unidade Universitária de Luziânia
		Unidade Universitária de Pirenópolis
		Unidade Universitária de Silvânia
2	Câmpus Metropolitano -Sede: Aparecida de Goiânia	Unidade Universitária de Goiânia -ESEFFEGO
		Unidade Universitária de Goiânia – Laranjeiras
		Unidade Universitária de Inhumas
		Unidade Universitária de Senador Canedo
		Unidade Universitária de Trindade
3	Câmpus Nordeste – Sede: Formosa	Unidade Universitária de Campos Belos
		Unidade Universitária de Posse
4	Câmpus Cora Coralina – Sede: Cidade de Goiás	Unidade Universitária de Itaberaí
		Unidade Universitária de Itapuranga
		Unidade Universitária de Jussara
5	Câmpus Sudeste – Sede: Morrinhos	Unidade Universitária de Caldas Novas
		Unidade Universitária de Ipameri
		Unidade Universitária de Itumbiara
		Unidade Universitária de Pires do Rio
6	Câmpus Sudoeste – Sede: Quirinópolis	Unidade Universitária de Edéia
		Unidade Universitária de Jataí
		Unidade Universitária de Mineiros
		Unidade Universitária de Santa Helena de Goiás
7	Câmpus Oeste – Sede: São Luís de Montes Belos	Unidade Universitária de Iporá
		Unidade Universitária de Palmeiras de Goiás
		Unidade Universitária de Sanclerlândia
8	Câmpus Norte – Sede: Uruaçu	Unidade Universitária de Crixás
		Unidade Universitária de Minaçu
		Unidade Universitária de Niquelândia
		Unidade Universitária de Porangatu
		Unidade Universitária de São Miguel do Araguaia

Fonte: Elaboração própria

Os dados desta presente pesquisa foram coletados em 05 (cinco) unidades universitárias, que são jurisdicionadas a 02 (dois) câmpus universitários, conforme é apresentado na figura seguinte. Os motivos que levaram a não seleção de todos os câmpus e suas respectivas unidades que ofertam os cursos de Ciências Sociais Aplicadas serão descritos no tópico 2.3. A figura 03 não apresenta todos os câmpus da universidade e apenas as unidades universitárias que ofertam os cursos de Ciências Sociais Aplicadas. A cor verde destaca onde os dados foram coletados; a cor vermelha onde há cursos de Ciências Sociais Aplicadas cujos professores não participaram da pesquisa e em cinza os câmpus onde não são ofertados esses cursos. Destaca-se que os cursos em processo de extinção não foram mapeados, bem como as unidades que não ofertam cursos dessa área.

Figura 03: Câmpus e Unidades Universitárias que ofertam cursos em Ciências Sociais Aplicadas



Fonte: Elaboração própria

É válido ressaltar que nem todos os câmpus e unidades universitárias constituem espaço para pesquisa, tendo em vista que existem câmpus que não ofertam cursos ligados à área de Ciências Sociais Aplicadas.

Essa universidade, para “atender as novas e contínuas demandas sociais, estabelece uma estrutura curricular que expressa a identidade e as dinâmicas necessárias de uma Instituição Pública de Ensino Superior *Multicampi*” (UEG, 2014, p.02). Nesse sentido, as matrizes curriculares dos cursos abrangem em 4 (quatro) núcleos: comum, de modalidade, específico e livre.

O primeiro é composto por disciplinas comuns a todos os cursos, o segundo pelas disciplinas obrigatórias das modalidades licenciatura, bacharelado e tecnólogo, o terceiro é constituído pelas disciplinas específicas do curso e o último voltado para disciplinas de livre escolha dos discentes, inclusive em outros cursos e outras áreas de conhecimento.

Nessa organização, a disciplina relacionada à Língua Portuguesa denomina-se “Linguagem, Tecnologia e Produção Textual” e pertence ao Núcleo Comum. Embora o nome da disciplina não seja Língua Portuguesa observa-se que sua ementa está estritamente articulada a essa área.

Linguagem, processos comunicativos, formas e tecnologias. Práticas de leitura e interpretação de textos. Tipos e gêneros textuais. Produção de textos: planejamento, estrutura (microestrutura - coesão e macroestrutura – coerência) e construção (clareza, concisão, progressão), Aspectos gramaticais da produção de textos (RESOLUÇÃO UEG n.51/2014, p. 2).

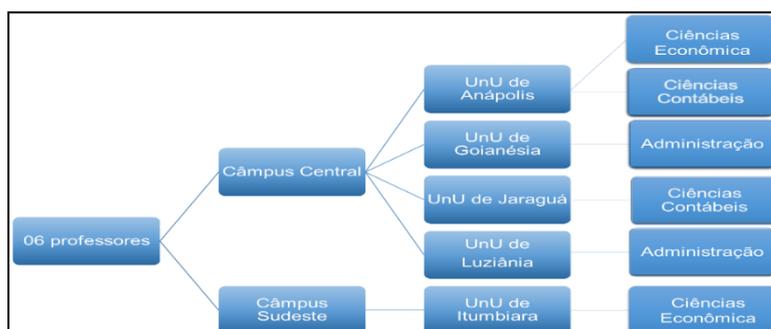
Essa disciplina é ministrada, quase que exclusivamente, por um professor de Língua Portuguesa. Ao analisar os conteúdos abordados na sua ementa, nota-se que eles contemplam os processos comunicativos, formas e tecnologias, práticas de leitura e produção de textos de diferentes tipos e gêneros textuais, bem como coesão, coerência e aspectos gramaticais da produção de textos. Esses conteúdos só confirmam que é uma disciplina de Língua Portuguesa.

2.3 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos desta pesquisa são 06 (seis) professores de Língua Portuguesa que ministram o componente curricular “Linguagem, Tecnologias e Produção Textual” nos cursos vinculados ao Instituto Acadêmico de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Goiás. A escolha desses cursos deve-se ao fato de não haver pesquisas que busquem compreender a representação desse profissional que é formado em Letras, porém atua em cursos de uma área diferente de sua formação.

A figura abaixo apresenta o curso/unidade/câmpus de lotação desses professores.

Figura 04: Sujeitos da pesquisa



Fonte: Elaboração própria

Como foi apresentado no tópico 2.2, a UEG oferece 19 cursos na área de conhecimento de Ciências Sociais Aplicadas e há 25 professores que ministram a

disciplina “Linguagem, Tecnologias e Produção Textual”. Destaca-se que essa disciplina, normalmente, é ministrada por professores com formação específica na sua ementa.

Cabe mencionar que 13 professores da disciplina “Linguagem, Tecnologias e Produção Textual” não participaram da pesquisa, pelos seguintes motivos:

- 1) um professor não aceitou o convite;
- 2) um professor não assinou o TCLE;
- 3) a pesquisadora não conseguiu contactar um professor;
- 4) um professor não conseguiu realizar a entrevista por problema de agenda;
- 5) uma professora que ministra a disciplina não é formada em Letras;
- 6) sete cursos não tiveram oferta de turma no vestibular de 2020;
- 7) o Curso de Arquitetura e Urbanismo, apesar de pertencer, de acordo com a tabela de áreas do conhecimento do CNPQ, à área de Ciências Sociais Aplicadas, não está vinculado ao Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da UEG.

O perfil dos professores participantes está descrito no quadro a seguir. Esse quadro apresenta sexo, a formação dos sujeitos em nível de graduação e pós-graduação, o local de lotação e o curso em que atuam.

Quadro 02: Perfil dos sujeitos da pesquisa

Sujeitos	Sexo	Graduação	Pós-Graduação	Atuação	Curso
Entrevistado 1	Feminino	Letras: Português/Inglês	Especialista em Linguagem e Educação Escolar	Unidade Universitária de Jaraguá, jurisdicionada ao Câmpus Central	Ciências Contábeis

Entrevistado 2	Masculino	Letras: Português/Inglês	Mestre em Linguística	Unidade Universitária de Anápolis – Ciências Socioeconômicas e Humanas, jurisdicionada ao Câmpus Central	Ciências Contábeis
Entrevistado 3	Masculino	Letras: Português/Inglês	Mestre em Letras e Linguística	Unidade Universitária de Anápolis – Ciências Socioeconômicas e Humanas jurisdicionada, ao Câmpus Central	Ciências Econômicas
Entrevistado 4	Feminino	Letras: Português	Doutora em Linguística	Unidade Universitária de Goianésia, jurisdicionada ao Câmpus Central	Administração
Entrevistado 5	Masculino	Letras: Português	Especialista em Gestão Pública	Unidade Universitária de Luziânia, jurisdicionada ao Câmpus Central	Administração
Entrevistado 6	Feminino	Letras: Português	Mestre em Linguística	Unidade Universitária de Itumbiara, jurisdicionada ao câmpus Sudeste	Ciências Econômica

Fonte: Elaboração própria

Ao analisar este quadro, observa-se que 02 (dois) participantes são especialistas, 03 (três) mestres e 01 (um) doutor; eles atuam nos cursos de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômica; e 50% são do sexo masculino e outros 50% do sexo feminino. Para evitar a exposição dos professores participantes, eles serão denominados de entrevistado 1, entrevistado 2, entrevistado 3, entrevistado 4, entrevistado 5 e entrevistado 6.

2.4 Procedimentos para coleta de dados

A coleta de dados é a “etapa da pesquisa em que se inicia a aplicação dos instrumentos elaborados e das técnicas selecionadas, a fim de se efetuar a coleta dos dados previstos” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 165).

A coleta de dados foi realizada virtualmente por meio da plataforma Google Meet, devido ao contexto pandêmico vivenciado em 2020 e 2021. Ela seguiu o

seguinte caminho:

- Elaboração do projeto de pesquisa, bem como do instrumento de coleta de dados;
- Submissão do projeto de pesquisa ao Conselho de Ética da Universidade, via Plataforma Brasil;
- Aprovação do projeto de pesquisa e dos instrumentos de coleta de dados pelo Conselho de Ética da Universidade (Parecer n. 4.287.484);
- Levantamento dos cursos de Ciências Sociais aplicadas ofertados pela Universidade;
- Levantamento dos câmpus e unidades universitárias que esses cursos são ofertados na Universidade;
- Levantamento dos professores que ministram a disciplina Linguagem, Tecnologias e Produção Textual na Universidade
- Identificação dos professores que ministram essa disciplina e são formados em Língua Portuguesa;
- Realização do convite a esses professores para participarem da pesquisa;
- Agendamento, via e-mail ou WhatsApp, das entrevistas com os professores;
- Solicitação de assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para a participação das entrevistas;
- Realização das entrevistas por meio da ferramenta Google Meet.

As entrevistas foram realizadas individualmente em diferentes dias, de acordo com a disponibilidade de agenda de cada professor participante. A tabela abaixo apresenta o cronograma de realização das entrevistas.

Tabela 01: Cronograma de realização das entrevistas

Participantes	Data	Horário
Entrevistado 1	29/09/20	09:00 h

Entrevistado 2	16/10/20	19:00 h
Entrevistado 3	15/10/20	19:00 h
Entrevistado 4	06/11/20	13:00 h
Entrevistado 5	01/12/20	15:00 h
Entrevistado 6	12/11/20	08:00 h

Fonte: Elaboração própria

Os professores elencados na tabela acima aceitaram participar da entrevista e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Desta feita, foi preparado um pequeno texto com a apresentação desta autora, explicando o tema da pesquisa e solicitando o e-mail do participante para o envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice A), a fim de colher a assinatura. O objetivo era deixar o participante ciente da seriedade da pesquisa, aprovada na plataforma Brasil via Comitê de Ética em Pesquisa da UEG, para, então, poder contar com a participação dos docentes.

A amostra da presente pesquisa é definida como probabilística, tendo em vista que “baseia-se na escolha aleatória dos pesquisados, significando o aleatório que a seleção se faz de forma que cada membro da população tinha a mesma probabilidade de ser escolhido”. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 224). Assim, qualquer um dos professores de Língua Portuguesa da Universidade que atendesse os requisitos necessários poderia ter sido sujeito da pesquisa.

A amostragem por conglomerado foi importante devido à representação da população-alvo, de forma que o grupo de professores de Língua Portuguesa dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas é o grupo essencial e participante da pesquisa.

Um outro destaque refere-se à coleta de dados, nesse caso, ter sido contínua devido as entrevistas serem realizadas e registradas à medida em que ocorriam.

2.4.1 Instrumentos para coleta de dados

Instrumentos para coleta de dados, de uma forma geral, são utilizados nas pesquisas para se compreender melhor os fenômenos investigados, além de garantirem confiabilidade à pesquisa qualitativa.

Aqui, o instrumento utilizado para a coleta de dados é a entrevista com roteiro de perguntas: i) etapa 1- perguntas alusivas à formação e ii) etapa 2- perguntas alusivas à docência.

Para Lima (2012)

A entrevista pode ser definida como um encontro entre duas ou mais pessoas, a fim de que uma ou mais delas obtenham dados, informações, opiniões, impressões, interpretações, posicionamentos, depoimentos, avaliações etc. a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza acadêmica e/ou profissional (LIMA, 2012, p.114).

Ressalta-se que a conversa entre esses sujeitos proporciona abertura de inúmeras possibilidades para a interação entre entrevistadora e entrevistado no decorrer do processo interacional.

Para Lakatos & Marconi (2003, p. 195), a entrevista “é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Esse instrumento de coleta de dados tem natureza interativa e permite que temas complexos sejam tratados, o que não seria possível por meio de outros instrumentos.

Ainda conforme Lakatos & Marconi (2003, p. 197), a entrevista pode ser classificada em padronizada ou estruturada, despadronizada ou não-estruturada, e painel. Para este estudo, foi escolhida a entrevista padronizada ou estruturada, visto a possibilidade da utilização de um roteiro previamente estabelecido a fim de obter dos entrevistados as respostas das mesmas perguntas realizadas e também poder processar as percepções que os docentes entrevistados apresentam do trabalho docente.

Conforme aponta Gil (2002, p. 117), “mesmo que as respostas possíveis não sejam fixadas anteriormente, o entrevistador guia-se por algum tipo de roteiro, que pode ser memorizado ou registrado em folhas próprias”. Desse modo, o entrevistador pode se apoiar no questionário planejado e formalizado para a realização da entrevista, o que, no caso específico desta pesquisa, foram perguntas relacionadas à primeira e segunda etapas, perante o roteiro impresso com as perguntas.

Assim como Gil (2002), Lima (2012, p.115) pontua sobre a entrevista estruturada ou padronizada, que se caracteriza “pelo fato de, no momento de sua realização, o entrevistador e o contato se orientarem por roteiro previamente

elaborado e conhecido”. Ademais, para a participação dos entrevistados na entrevista, pressupõe-se que são sabedores do assunto a ser abordado.

Nas palavras de Lima (2012, p.116), “o roteiro que caracteriza as entrevistas como estruturadas/padronizadas, em geral, reflete um detalhamento minucioso da problemática investigada”. No entanto, a importância do roteiro também pressupõe uma conexão com a problemática da pesquisa.

O roteiro das entrevistas foi pensado em questões relacionadas tanto à área de formação do docente, bem como à docência, contemplando questões específicas dos docentes de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

Os papéis comunicativos são configurados a partir da proposta da pesquisadora em coordenar a interação e realizar as indagações constantes no roteiro de perguntas das entrevistas, contendo as etapas 1 e 2, e dos entrevistados com o papel de responder as questões propostas, mantendo uma pausa no intervalo de uma pergunta para outra.

2.4.2 Coleta de dados

Destarte, a coleta dos dados desde a realização de entrevistas é um processo que abarca a interação entre pesquisador e o sujeito entrevistado, formando uma base de dados fundamentada nas compreensões do que os entrevistados quiseram expressar.

A coleta dos dados só foi realizada após a aprovação³ do projeto de pesquisa no Comitê de Ética da Universidade e, por envolver seres humanos, segue todas as diretrizes éticas que regem a pesquisa acadêmica.

Quanto ao agendamento, foram realizados contatos com os possíveis docentes participantes durante os meses de setembro a dezembro/2020. Alguns agendamentos foram remarcados por questões pessoais dos entrevistados. A remarcação se deu via aplicativo de mensagem WhatsApp, a fim de encontrar horários compatíveis com a agenda dos docentes, já que muitos também ministram aulas em outras instituições,

³ Processo n. 370 52820.1.0000.8113, parecer n. 4.287.484

e ainda com o cuidado de que não houvesse choque de horário das entrevistas com os demais participantes.

A primeira entrevista foi realizada no final do mês de setembro/2020 e a última no mês de dezembro/2020.

Para este estudo, somente as entrevistas dos professores que assinaram o TCLE foram consideradas válidas, compondo o total de seis docentes

No formato oral, por meio do Google Meet, semiestruturadas, organizadas em duas etapas (Apêndice A e B), a etapa inicial das entrevistas contou com perguntas referentes à formação do docente e a segunda constituiu-se de perguntas relacionadas à docência.

Conforme aponta Gil (2002), a entrevista apresenta maior flexibilização, podendo assumir diferentes formas e

pode caracterizar-se como informal, quando se distingue da simples conversação apenas por ter como objetivo básico a coleta de dados. Pode ser focalizada quando, embora livre, enfoca tema bem específico, cabendo ao entrevistador esforçar-se para que o entrevistado retorne ao assunto após alguma digressão. Pode ser parcialmente estruturada, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. Pode ser, enfim, totalmente estruturada quando se desenvolve a partir de relação fixa de perguntas (GIL, 2002, p.117).

Consoante destacou Gil (2002), na presente pesquisa, o desenvolvimento das entrevistas aconteceu de forma estruturada, na qual a pesquisadora se orientou a partir do roteiro de perguntas previamente definidas.

Devido ao isolamento social decorrente da pandemia do Covid-19, a coleta de dados foi realizada por meio da ferramenta *Google Meet*, que é apresentada no tópico 2.4.2.1. Essa plataforma pertencente à base do Google, ofereceu oportunidade para a gravação das entrevistas.

Para tanto, foi elaborado um roteiro prévio para a entrevista, conforme disposto no tópico 2.4.1, em dias e horários previamente agendados. Após contato com cada docente, no dia e horário especificado foi enviado o link da reunião do Google Meet para que o mesmo acessasse o link e a entrevista pudesse acontecer. Em seguida, os docentes assinaram o TCLE e encaminharam-no para a pesquisadora.

2.4.2.1 Google Meet

O Google Meet é uma ferramenta do Google que garante videochamadas de qualidade. A ferramenta dispõe de legendas instantâneas que usam a tecnologia de reconhecimento de fala de forma que as reuniões se tornem mais acessíveis. Para falantes não nativos, participantes com perda auditiva ou reuniões em ambientes barulhentos, as legendas instantâneas possibilitam que todos acompanhem com facilidade (disponível somente em inglês).⁴

Para ter acesso ao Google Meet, basta acessar o link <https://meet.google.com>, ou ainda via e-mail do Gmail; no caso de contas de e-mail institucional, tem-se a possibilidade de gravação das reuniões.

O início de uma chamada do Google Meet se dá pelos passos a seguir: ⁵

- Acesse o Google Meet.
- Clique em Nova reunião.
- Selecione uma opção:
- Criar uma reunião para depois:
 - Para compartilhar os detalhes de uma reunião futura, copie o link da reunião e compartilhe com os participantes.
 - Para iniciar uma reunião com este link, cole-o em um navegador ou digite o link no campo "Digite um código ou link", clique em Participar.
- Iniciar uma reunião instantânea: crie uma reunião para você participar agora.
- Programar no Google Agenda: se quiser agendar uma reunião, essa opção direcionará você para o Google Agenda.

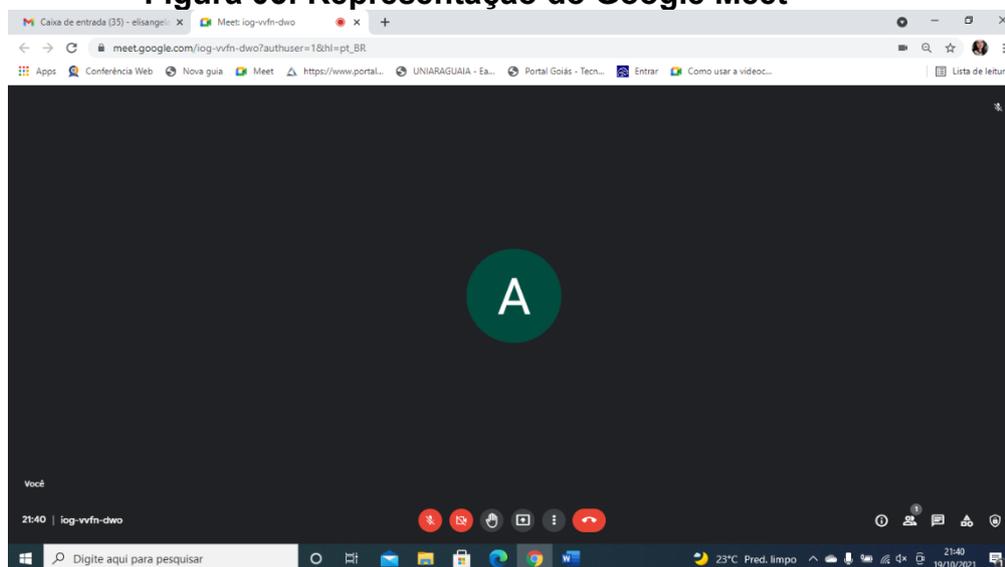
Após ser criado um link para reunião e encaminhado para os participantes, caso não tenha sido realizado o agendamento, basta clicar no link e acessar a reunião.

⁴ Informações disponíveis em: <https://apps.google.com/intl/pt-BR/meet/>

⁵ Informações disponíveis em: <https://support.google.com/meet/answer/9302870?hl=pt-BR&co=GENIE.Platform%3DDesktop>

A seguir, apresenta-se a imagem que representa a tela inicial do Google Meet de uma reunião.

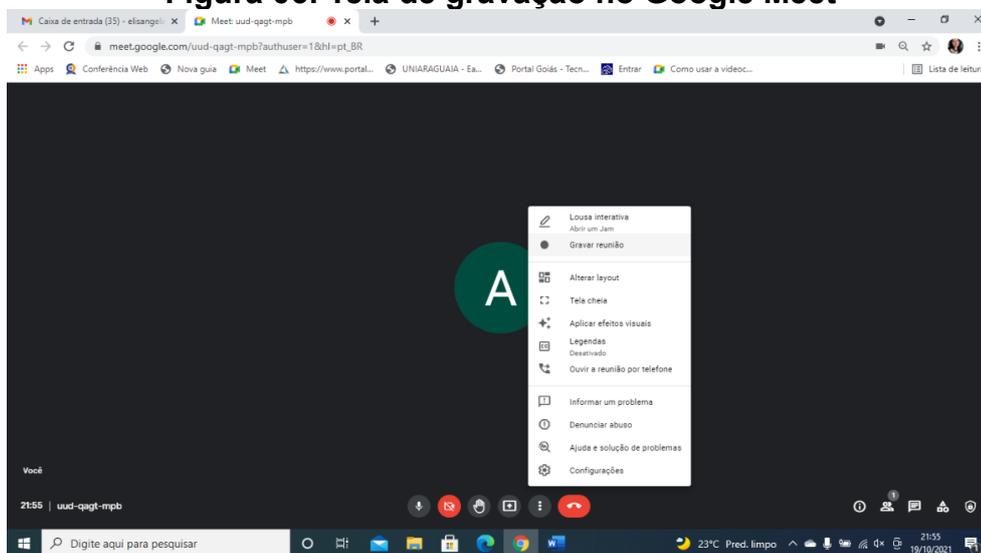
Figura 05: Representação do Google Meet



Fonte: Tela do Google Meet

Por meio do *Google Meet* e utilização do e-mail institucional da Universidade foi permitida a gravação das entrevistas, bem como o envio por parte do próprio Google para o e-mail utilizado; o arquivo de vídeo gravado após a realização de cada entrevista, posteriormente, foi utilizado para a transcrição dos dados (Apêndice C).

Pode-se observar a tela com o recurso para gravação, item de grande valia para o processo de transcrição dos dados das entrevistas. A figura abaixo demonstra como gravar utilizando o *Google Meet*.

Figura 06: Tela de gravação no Google Meet

Fonte: Tela do Google Meet

Durante a chamada de vídeo de uma reunião no Google Meet, inúmeras possibilidades são vivenciadas para interação entre os participantes, por exemplo o chat, sem deixar de mencionar a própria interação vivenciada de forma específica entre entrevistadora e entrevistados.

A possibilidade de ligar a câmera para gravação da imagem é um ponto disponível na ferramenta, com opção de ligar somente o áudio, o que possibilita o som da voz audível durante a entrevista.

2.4.3 Procedimentos para transcrição dos dados

Para Flôres e Silva (2005, p. 42), a transcrição “nada mais é do que ‘a fala passada a limpo’ através da escrita”. Assim, pensar nos procedimentos para transcrição dos dados é poder transformar as produções de textos orais em produções textuais escritas.

Para Marcuschi (2001, p.49), “Transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados”, uma vez que podem ser utilizadas normas para que a transcrição possa ser realizada da forma mais audível possível.

Conforme os apontamentos de Gago (2002, p. 91),

A atividade de transcrição não deve se confundir com a atividade de preparação de material para posterior análise. Nela, uma série de procedimentos interpretativos e seletivos são empregados, fazendo com que seja em si mesma uma atividade de análise e representação.

Para que seja realizada uma boa transcrição, precisa-se de uma audição humana bem sólida para se obter bons dados transcritos. Faz-se necessário também que os critérios de transcrição utilizados coadunem com os parâmetros teóricos selecionados para a pesquisa proposta.

Desse modo, a transcrição das entrevistas foi realizada de acordo com as normas do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta de São Paulo (NURC-SP). A tabela, a seguir, apresenta os sinais utilizados:

Quadro 03: Sinais utilizados para transcrição de dados (NURC-SP)

Ocorrências	Sinais
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/
Entonação enfática	Maiúscula
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	::podendo aumentar para :::::ou mais
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição: desvio temático	-- --
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”

Fonte: PRETI (1999)

A utilização das regras do Nurc justifica-se por possibilitar a compreensão do processo do texto gravado nas entrevistas, tendo em vista que a transcrição deve se

aproximar ao máximo possível da língua oral. Embora saiba-se que não exista perfeição nas transcrições e que algumas marcas da oralidade se tornem ausentes, os sinais utilizados nas regras do Nurc servem para um melhor entendimento e permitem uma melhor análise do que foi falado nas gravações.

No que se refere à identificação dos sujeitos, optou-se pela estratégia de codificação numérica a fim de preservar a identidade dos participantes, especificados como entrevistado 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

A transcrição foi realizada a partir das gravações das entrevistas, culminando num processo de ouvir entrevista por entrevista, digitando as falas dos entrevistados em arquivos.doc separadamente e salvas nesse formato.

Valendo-se da tamanha relevância dos dados transcritos, os arquivos contendo as transcrições na íntegra, encontram-se, nos apêndices deste estudo.

No próximo tópico, serão apresentados os procedimentos para análise e descrição dos dados.

2.5 Procedimentos para análise e descrição dos dados

Os procedimentos para análise e descrição dos dados seguiram a propositura de Bronckart (2012); Bronckart e Machado (2004) e Machado e Bronckart (2009). Diante da proposta desses autores sobre o ISD, a análise perpassa por critérios que permitem observar o plano geral do texto, os tipos de discurso, a coesão verbal e nominal, bem como as vozes e as modalizações presentes no texto das entrevistas.

Desse modo, pode-se observar quais mecanismos linguísticos os docentes entrevistados empregaram para construir as representações sobre seus trabalhos.

No primeiro momento, a análise centra-se no nível organizacional, identificando o plano global, os tipos de discurso, os mecanismos de coesão verbal e nominal. O segundo momento converge para a análise no nível enunciativo, em que são analisadas as vozes que emergem nos textos produzidos pelos docentes, bem como as marcas de pessoa. Já no último, a análise centra-se no nível semântico. Ressalte-se que não foram analisadas a totalidade das perguntas propostas no roteiro das etapas 1 e 2.

Lembrando que a análise dos dados foi realizada de acordo com os conceitos do Interacionismo Sociodiscursivo, de modo a verificar como a representação do professor de Língua Portuguesa é construída nos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

A análise dos dados foi organizada da seguinte forma: no primeiro momento, a escuta na íntegra das entrevistas para o processo de transcrição; seguido da seleção dos excertos das questões a serem utilizadas na análise, que notadamente irão responder melhor as perguntas da pesquisa.

2.5.1 Pressupostos metodológicos do ISD para análise das entrevistas

Para o ISD, o sujeito humano realiza todo o tempo atividades em lugares e contextos diferentes, com pessoas distintas e objetivos específicos. Nesse ínterim, encontram-se os textos pelos quais perpassam as atividades da linguagem.

Bronckart (2009) define o texto como toda unidade de produção de linguagem que se constitui de características comuns. O autor concebe a organização de um texto como um folhado, constituído por três camadas superpostas, a saber: a infraestrutura geral, os mecanismos enunciativos e os mecanismos de textualização.

A infraestrutura geral do texto é considerada por ele como o nível mais profundo da organização textual, constituída pelo plano mais geral do texto, relacionada também aos tipos de discurso, às articulações entre tipos de discurso e à noção de sequências.

Quanto aos mecanismos de textualização, Bronckart (2009) coloca-os em um nível intermediário, que consiste em criar séries isotópicas, ou seja, recortes temáticos indispensáveis à coerência temática de forma articulada à linearidade e à lógica textual, denominado de nível semântico.

Acerca do nível enunciativo, os mecanismos deste nível auxiliam na manutenção da coerência pragmática (ou interativa) do texto, ou seja, sua contribuição é para esclarecer os posicionamentos enunciativos (Cf. BRONCKART, 2009).

Assim, faz-se necessário compreender tais representações⁶, ou seja, qual a imagem que o trabalhador, no caso, o professor de Língua Portuguesa, constrói sobre si mesmo e/ou sobre sua situação de trabalho. Ressalte-se a relevância dos textos, sejam eles orais ou escritos, construídos em uma atividade específica, de modo particular, no exemplo desse estudo, sobre o trabalho do professor para então passar a compreender o papel desempenhado pela linguagem. Ademais, as representações sociais são materializadas nas produções textuais por meio da linguagem.

E a perspectiva com o trabalho docente não é diferente, até porque a forma de compreender esse tipo de trabalho vale-se da compreensão do labor desse profissional. Para tanto, Bronckart (1998) ressalta que essas representações são peculiares do ser humano, sendo, pois, sociais por natureza e perceptíveis nos textos. O autor define como:

[...]as capacidades de representação especificamente humanas são produtos da interiorização de formas particulares de interação que são desenvolvidas na espécie humana no decorrer da história. (BRONCKART, 1998, p.17)⁷

Como o autor mencionou, é por meio dessas representações que se desenvolve as interações e, certamente a linguagem está presente contribuindo com as transformações no meio em que se vive e contribuindo também com a própria atividade humana. Nota-se a existência de pluralidade organizacional e estrutural nos textos, tendo em vista sua relação com a atividade humana. Bronckart (2012) adota a expressão **gênero de texto**, na medida em que todo texto se inscreve em um conjunto de textos.

Na visão do ISD, são muitos os gêneros, de forma considerada até infinita. Todavia, os segmentos que entram em sua composição podem ser identificados por características linguísticas próprias, tais como o segmento de relato, de argumentação, de diálogo e de entrevistas. Conforme proposto por Bronckart (2012, p. 76), esses “segmentos que entram na composição de um gênero são produtos de

⁶ Segundo Jodelet (2001, p. 22), a representação social refere-se a “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

⁷ ...les capacités de représentation spécifiquement humaines sont le produit de l'intériorisation des formes particulières d'interaction qui se sont développées dans l'espèce au cours de l'Histoire.

um trabalho particular de semiotização ou de colocação em forma discursiva e é por essa razão que são chamados de **discursos**".

Entretanto, identificar os tipos de discurso que compõem um texto não é totalmente suficiente para caracterizar o total das suas características pelo fato de que existem as características individuais, que são únicas na constituição do objeto. Desta forma,

embora todo texto singular seja necessariamente elaborado em referência aos modelos sociais dos gêneros e dos tipos, ele também se caracteriza por modalidades particulares de aplicação desses modelos, que decorrem da representação particular que o agente tem da situação em que se encontra. Se é verdade que cada produção textual inspira-se em modelos delimitadores dos possíveis linguísticos, ela também se baseia em um conjunto de decisões relativas aos modos de aplicação desses modelos, decisões essas que conferem ao texto seu aspecto definitivo e, ao mesmo tempo, seu estilo próprio (BRONCKART, 2012, p. 76-77).

Logo, tanto as situações em que os sujeitos se encontram, bem como os próprios sujeitos que estão presentes nos textos, apontam uma organização textual definida em cada atividade e de modo singular.

As pesquisas sobre o ISD, no Brasil, revelam que a atenção dada à atividade educacional na busca de compreender de maneira específica o trabalho do professor tem o intuito de analisar textos em situações de trabalho ou pertinentes à atividade educacional.

Avançando a discussão, é possível identificar que o ISD no Brasil centra os estudos na tentativa de compreender o trabalho do professor em relação a seu agir concreto e em relação a aspectos das representações que se constroem sobre ele (BRONCKART, 2004). E as atividades estão ligadas a essas representações que, para Bronckart, se constroem nas produções textuais.

2.5.1.1 Contexto de Produção

Pontuar sobre contexto de produção das entrevistas é dar ênfase na compreensão do conjunto de fatores que podem influenciar o contexto em que o texto foi produzido. Retomando Bronckart (2012), o autor designa contexto de produção como o conjunto de parâmetros que podem influenciar como um texto é organizado.

Na presente pesquisa, discute-se o contexto de produção realizado com os

professores de Língua Portuguesa que participaram do estudo. Merece atenção o contexto sócio-histórico de produção do texto, bem como a situação de produção, a qual abarca os contextos físico e sociossubjetivo.

Acerca do contexto de produção, incluem-se as representações do produtor que exercem influência sobre a forma do texto, ou seja, como o texto é organizado. Já o contexto sociossubjetivo implica, segundo Bronckart (2009), o mundo social (normas, valores, regras) e o mundo subjetivo (imagem que o agente dá de si ao agir).

2.5.1.2 O nível organizacional das entrevistas

O nível organizacional é considerado como o nível mais profundo da organização textual e é constituído pelo plano global, relacionado também aos tipos de discurso, às articulações entre eles e à noção de sequências textuais (BRONCKART, 2009), por isso o nível organizacional corresponde ao nível da infraestrutura textual.

Para Bronckart e Machado (2004, p. 145), “o plano global deve levar-nos à clarificação do estudo dialógico do texto, obedecendo um objetivo específico, de acordo com as representações que o autor tem de seus destinatários”. Um exemplo simples e citado pelos autores é o caso de um texto organizado no formato argumentativo, em que o destinatário possa apresentar um posicionamento diferente de quem realiza o enunciado. Assim, o enunciador deve expor argumentos para que suas afirmações sejam consideradas por parte do destinatário.

Avançando nessa discussão, Machado e Bronckart (2009, p. 55) pontuam que na sequência textual global

podemos também identificar as representações do produtor sobre os objetivos de sua ação de linguagem (convencer, fazer compreender, dirigir o olhar do destinatário, manter sua atenção etc), suas representações em relação ao objeto temático (como sendo difícil de ser compreendido pelo destinatário ou como sendo controverso), sobre as capacidades de compreensão e sobre a posição do destinatário em relação ao objeto tematizado, que pode ser igual ou diferente da do produtor. Portanto, essa análise mesma, que é do nível organizacional, pode nos trazer informações, mesmo que parciais, sobre a figura do professor que é construída e sobre alguns dos aspectos de seu trabalho.

Observa-se que é no nível organizacional que se evidencia a dialogicidade das vozes sociais. Nesse sentido, pode dizer que as representações do professor de Língua Portuguesa são construídas no nível organizacional das entrevistas. Seu mapeamento torna-se possível pela identificação dos “actantes principais apontados no texto” (MACHADO; BRONCKART, 2009, p. 55).

A infraestrutura textual também abarca os tipos de discurso. Segundo Bronckart (2009), a atividade de linguagem baseia-se na criação de mundos virtuais e

esses mundos são sistemas de coordenadas formais que, de um lado, são radicalmente "outros" em relação aos sistemas de coordenadas dos mundos representados em que se desenvolvem as ações de agentes humanos, mas que, de outro, devem mostrar o tipo de relação que mantêm com esses mundos da atividade humana (BRONCKART, 2009, p. 151).

Essa citação faz menção ao que o ISD denomina de mundos discursivos e, para o autor, os mundos discursivos se constroem com base em dois subconjuntos de operações. O teórico reitera a relação das coordenadas gerais que visam organizar o conteúdo temático de um texto, bem como as coordenadas próprias do mundo ordinário, nas quais se desenvolve a ação de linguagem em que o texto se origina. Essas coordenadas podem ser disjuntas do mundo ordinário ou ainda de forma conjunta às ações da linguagem.

Bronckart (2009, p.153) afirma que a “coordenada disjunta relaciona-se quando o conteúdo do texto se refere a fatos passados e atestados, a fatos futuros e a fatos plausíveis ou puramente imaginários”. Extraída da propositura de Bronckart (2009), a coordenada conjunta se dá quando as representações mobilizadas tendem a organizar-se mais ou menos diretamente às coordenadas do mundo da ação de linguagem.

Convém ainda citar os mundos da ordem do NARRAR e os mundos da ordem do EXPOR que se apresentam com distinções, a saber: o mundo do narrar é situado em um outro lugar, ou seja, é um mundo que pode ser avaliado ou interpretado pelos sujeitos que realizam a leitura do texto. Em contrapartida, o mundo do expor propõe que os conteúdos temáticos possam ser interpretados de acordo com os critérios de validade do mundo ordinário (BRONCKART, 2009).

Um texto, ou um segmento de texto, segundo Bronckart (2012, p. 154), explicita “a relação que suas instâncias de agentividade mantêm com os parâmetros materiais da ação de linguagem (agente-produtor, interlocutor eventual e sua situação no espaço-tempo)”. Com isso, o texto implica os parâmetros da ação de linguagem e, para que haja interpretação completa desse texto, é necessária a acessibilidade às condições de produção do mesmo (BRONCKART, 2012).

Dessa forma, tem-se:

- a) Mundo do EXPOR implicado;
- b) Mundo do EXPOR autônomo;
- c) Mundo do NARRAR implicado;
- d) Mundo do NARRAR autônomo.

O mundo do expor implicado e o mundo do expor autônomo possuem características do mundo discursivo conjunto ao da interação social e diferenciam-se um do outro, tendo em vista que o primeiro traz referências explícitas aos parâmetros da situação e o mundo do expor autônomo não faz essas referências. Já o mundo do narrar implicado e o mundo do narrar autônomo caracterizam-se por constituírem um mundo discursivo disjunto ao da ação de linguagem, ressaltando-se que o mundo do narrar autônomo não estabelece referência aos parâmetros de situação e o outro estabelece essas referências.

Cabe aqui ressaltar que o reconhecimento das operações que estabelecem esses mundos é possibilitado por meio das formas linguísticas peculiares do mundo construído, e que, por conseguinte, variam em conformidade com a língua na qual está veiculada o texto (Cf. CRISTÓVÃO, 2008).

Ademais, essas formas linguísticas visam determinar o tipo de discurso, que por sua essência, tem relação com os arquétipos psicológicos.

Os tipos psicológicos que correspondem aos mundos discursivos propostos por Bronckart (2012), são apresentados no quadro abaixo:

Quadro 04- Coordenadas gerais dos mundos

		Conjunção EXPOR	Disjunção NARRAR
	Implicação	Discurso interativo	Relato interativo

Relação ao ato de produção	Autonomia	Discurso teórico	Narração
----------------------------	-----------	------------------	----------

Fonte: Bronckart (2009, p. 157)

Como exposto, há quatro os tipos de discurso: discurso interativo, discurso teórico, relato interativo e narração e para que possam ser identificados, algumas características devem ser observadas. Os elementos essenciais de cada tipo de discurso estão descritos no quadro a seguir:

Quadro 05 - Alguns elementos existentes nos tipos de discurso

Discurso interativo	Discurso teórico	Relato interativo	Narração
<p>- Presença de unidades que remetem à interação verbal;</p> <p>- O tempo verbal é o presente do indicativo e o pretérito perfeito do indicativo, com valor dêitico;</p> <p>- A interação marca-se pelos turnos de fala;</p> <p>- Presença de frases não declarativas.</p>	<p>- Dominância das formas do presente e do futuro do pretérito e ausência quase total de formas no futuro;</p> <p>- O tempo verbal é o presente do indicativo e o pretérito perfeito do indicativo, porém com valor genérico;</p> <p>- Ausência de unidades que remetem diretamente aos interactantes, ou ao espaço-tempo da produção;</p> <p>- Ausência de frases não declarativas</p>	<p>- Possui caráter disjuncto implicado no mundo discursivo;</p> <p>- Presença de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural, que remetem diretamente aos protagonistas da interação verbal;</p> <p>- Presença de organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais, coordenativos, subordinativos etc.) que decompõem o NARRAR desenvolvido a partir da origem espaço-temporal;</p> <p>- Dominam os tempos verbais pretérito perfeito e futuro do pretérito e às vezes estão associados às formas do mais-que-perfeito, do futuro simples e do futuro do pretérito.</p>	<p>- Possui caráter disjuncto do mundo discursivo;</p> <p>- Ausência de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoa do singular e do plural, que remetem diretamente ou ao agente produtor do texto ou a seus destinatários.</p> <p>- Presença de organizadores temporais (advérbios, sintagmas preposicionais) de forma a indicar a origem espaço-temporal da narração;</p> <p>- Dominam os tempos verbais pretérito perfeito e imperfeito, tendo em vista que indica isocronia entre o curso da atividade narrativa e o curso dos acontecimentos da diegese.</p>

Fonte: Bronckart (2009, p. 167-179)

Esses elementos destacados acima dizem muito sobre cada discurso, além de auxiliarem o pesquisador a identificar qual discurso está presente em um ou outro texto. Porém, é importante destacar que, além dos mencionados no quadro 05,

conforme apontado por Bronckart (2009), pode haver combinações de discursos, gerando o discurso misto, como é o exemplo do discurso misto interativo-teórico.

A seguir, será apresentado o nível enunciativo das entrevistas.

2.5.1.3 O nível enunciativo das entrevistas

Os mecanismos enunciativos contribuem para a manutenção da coerência do texto. Nesse nível é possível elencar os posicionamentos enunciativos e as vozes que se expressam no texto. Lembrando que as vozes, especificamente, dos sujeitos desta pesquisa se expressam no texto.

Para Bronckart (2009. p. 326), as vozes são entendidas como “as entidades que assumem (ou às quais são atribuídas) a responsabilidade do que é enunciado. Na maioria dos casos é a instância geral de enunciação que assume diretamente a responsabilidade do dizer”. O autor faz referência também aos tipos de categorias em que são agrupadas as vozes: vozes de personagens, vozes de instâncias sociais e voz do autor empírico.

As vozes de personagens são de algum interlocutor que se faz presente no percurso temático. As vozes de instâncias sociais levam em consideração as de outras pessoas ou instituições que se posicionam como externas aos aspectos do conteúdo textual e, por fim, a voz do autor empírico é a do autor do texto, ou seja, é a voz em que se origina a produção textual.

Há de se considerar que as vozes evidenciam a anuência daquilo que é enunciado a partir das distintas vozes que se fazem presentes no texto; por conseguinte, há possibilidade de se averiguar questões relacionadas à responsabilidade enunciativa. Na presente pesquisa, as vozes presentes na produção textual são as vozes da entrevistadora, dos entrevistados, as sociais e institucionais. Ademais, na parte da análise do nível enunciativo será possível identificar, nessas vozes, a existência de julgamentos, opiniões, expressão de sentimentos encenados nas entrevistas no sentido de melhor perceber o que falam e de que formas as instâncias enunciativas interagem.

As marcas de pessoas, por sua vez, também são integrantes desse nível. Elas permitem expressar “como o texto representa o enunciador no agir representado”

(MACHADO; BRONCKART, 2009, p. 59). Os autores afirmam que nas marcas da pessoa existe a alternância dos pronomes pessoais (eu, nós e a gente) e citam o exemplo: “Eu trabalho com livros didáticos X nós trabalhamos com livros didáticos X a gente trabalha com livros didáticos. Note-se que os pronomes nós e a gente podem revelar um agir coletivo mais amplo ou restrito.

De acordo com Machado e Bronckart (2009, p. 61), a posição de uma instância enunciativa,

explicita o grau de verdade (modalizações lógicas), ou de necessidade (modalizadores deonticos) ou de avaliação subjetiva (modalizações apreciativas), com o qual a instância enunciativa assume esse conteúdo. Entretanto, assumimos também que, mesmo sem nenhuma unidade linguística que o marque, há um “grau zero” da modalização do enunciado, que é o da simples asserção, positiva ou negativa, que se apresenta como uma constatação pura, por meio da qual a instância enunciativa apresenta a proposição enunciada como sendo uma verdade incontestável: “A Terra gira em redor do sol”.

É indispensável o estudo dos modalizadores de enunciado, haja vista a necessidade de identificação da posição das instâncias enunciativas, bem como verificar nos textos analisados a relação das instâncias enunciativas com o conteúdo de todo o enunciado.

Mediante o exposto, nesse nível deve-se atentar para a existência dos modalizadores do enunciado, pois “são consideradas todas as unidades linguísticas que exprimem a posição de uma instância enunciativa sobre o conteúdo da proposição enunciada” (MACHADO; BRONCKART, 2009, p. 61).

É válido lembrar que, no nível enunciativo, a essência é averiguar a distribuição das vozes nas instâncias enunciativas, bem como a explicitação das modalizações que emanam no texto.

Nos modalizadores pragmáticos estão presentes os verbos auxiliares, intercalados entre sujeito e verbo, concedendo aos actantes algumas finalidades, intenções, razões e capacidades (MACHADO; BRONCKART, 2009, p. 62). Em outras palavras, é nesse contexto que são compreendidos aspectos do agir, e esses modalizadores ainda permitem assimilação de enfoques da real atividade de trabalho, segundo os pressupostos da Clínica da Atividade.

Após a finalização do nível enunciativo das entrevistas, é apresentado o nível semântico.

2.5.1.4 O nível semântico das entrevistas

O nível semântico liga-se à semiologia do agir. Para esse nível, há de se considerar terminologias próprias de alguns termos, bem como é pertinente ressaltar que os resultados atribuídos nas análises dos níveis organizacional e enunciativo são reinterpretados no nível semântico.

De acordo com Bronckart e Machado (2004), a terminologia agir é utilizada para indicar as intervenções humanas no mundo, os termos atividade e ação visam as interpretações desse agir nos contextos coletivos e individuais, abarcando a mobilização de dimensões motivacionais e intencionais para os agentes.

A terminologia actante faz referência a qualquer pessoa implicada no agir. No plano interpretativo, Bronckart e Machado (2004) referem-se ao termo ator quando ao actante são incumbidos motivos, capacidades e intenções. O termo agente é utilizado quando puder ser atribuído às propriedades dos actantes.

Em suma, a terminologia actante relaciona-se aos sujeitos que são fontes do agir e em determinadas situações esse agir pode ser um trabalho que, inclusive, pode ser refletido em uma tarefa. No caso do trabalho docente, e a partir da perspectiva desta pesquisa, faz-se necessário o estudo acerca das marcas linguísticas do texto.

Bronckart e Machado (2004) ressaltam que o agir desenvolve-se em uma cadeia de processos que pode abranger atos ou gestos. Além disso, no plano motivacional é possível distinguir os determinantes externos do agir e os seus motivos. Destaca-se que esses determinantes estão ligados à ordem coletiva, à natureza material ou ainda à ordem das representações sociais; logo, os motivos estão contidos em um sujeito de forma particularizada.

Em relação ao plano da intencionalidade, ele pode ser entendido pela finalidade e, assim, originado de forma coletiva e socialmente validada. Já as intenções no curso do agir relacionam-se às finalidades intrínsecas a uma pessoa.

Por último, no plano dos recursos para o agir, Bronckart e Machado (2004) discriminam os instrumentos, os quais podem ser ferramentas concretas ou modelos para o agir, e as capacidades que são compreendidas pelos recursos mentais e comportamentais de um sujeito.

De forma geral, o nível semântico intenta observar os principais actantes que se fazem presentes no texto, de forma que, através das interpretações, se possa distinguir o agir, seja individual ou coletivo, visando compreender melhor as questões relativas ao trabalho docente, bem como suas representações.

Machado e Bronckart (2009) elencam alguns procedimentos que são úteis para responder questões e fazer uma macroanálise, conforme segue:

- levantamento das ocorrências de cada elemento do trabalho do professor que se encontram no texto;
- comparação entre as ocorrências;
- localização e seleção de segmentos de texto nos quais elas se encontram;
- desenvolvimento de análises sintático-semânticas das orações em que elas se encontram;
- e, enfim, classificação semântica dos verbos e das nominalizações ao trabalho do professor.

Esses procedimentos são úteis para a análise do nível semântico e, em especial, quando as análises se reportam a textos em que permeiam questões inerentes ao trabalho docente.

Com pontos compatíveis aos caminhos metodológicos que nortearam a pesquisa em pauta, foi encerrado este capítulo. A seguir, apresenta-se a análise e discussão dos resultados.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresenta-se a análise e discussão dos resultados do *cópus*, tendo como parâmetros os pressupostos teóricos do ISD, mais especificamente os níveis organizacional, enunciativo e semântico, conforme disposto no quadro abaixo:

Quadro 06: Estrutura da análise

Níveis de análise	Categorias analisadas	
Nível organizacional	Conteúdo temático	
	Actantes	
	Tipos de discurso	
Nível enunciativo	Marcas de pessoa	
	Modalizações	
Nível Semântico	Interpretações sobre os actantes	Agir
		Actante
	Figuras interpretativas do agir	Razões
		Intencionalidade
		Tarefas
		Recursos

Fonte: Elaboração própria

Percebe-se que essas três categorias de análise possibilitam descrever e interpretar o *cópus* de modo a responder à questão central proposta nesta pesquisa. Desse modo, primeiramente, segue a análise do nível organizacional das entrevistas.

3.1 Nível organizacional das entrevistas

A proposta de análise desse nível é revelar como os textos-*cópus* desta pesquisa são organizados. O mapeamento do plano geral foi realizado por meio da leitura de cada entrevista, o que possibilitou segmentar as diferentes informações textualizadas e mapeá-las a partir dos elementos abertura, desenvolvimento e fechamento.

A segmentação das informações revelou que as entrevistas-*cópus*, como

apresentado na figura 07, constituem-se de conteúdo temático, actantes postos em cena e tipos de discurso.

Figura 07: Elementos do plano global das entrevistas



Fonte: Elaboração própria

A sistematização global das entrevistas permitiu “a identificação dos tipos principais de agir que são organizados por esse plano, ou de fases da tarefa tematizada ou ainda dos actantes principais postos em cena pelo texto” (MACHADO; BRONCKART, 2009, p. 55). Nesse sentido, o mapeamento dos temas expressos na organização das entrevistas-*córpus*, amparados Bronckart (2012, p. 97), revelou que o conteúdo temático das entrevistas se constitui do “conjunto das informações que [...] são explicitamente apresentadas, isto é, traduzidas no texto pelas unidades declarativas da língua natural utilizada”.

As informações constitutivas do conteúdo temático são representações construídas pelos entrevistados e elas variam em decorrência das experiências dos professores de Língua Portuguesa e do nível de desenvolvimento em que estão organizadas na memória de cada um.

Ao analisar as entrevistas foram identificados 03 (três) conteúdos temáticos e 22 (vinte e dois) temas subsequentes, detalhados no quadro 7:

Quadro 07: Conteúdos temáticos e temas subsequentes das entrevistas

CONTEÚDO TEMÁTICO	TEMAS SUBSEQUENTES
Formação inicial do professor de Língua Portuguesa	Motivações para realização do curso de Letras Objetivos profissionais traçados no início da graduação Momento de escolha pela docência Expectativas em relação ao curso de Letras Expectativas de atuação profissional após a conclusão do curso Aspecto marcante da formação Professor da graduação marcante Contribuições da formação para a prática/atuação profissional
Agir do professor de Língua Portuguesa	Dificuldades no início da carreira como docente Aspectos essenciais na formação do professor de Língua Portuguesa Importância da realização de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> pelo professor de Língua Portuguesa Posicionamento em relação à desvalorização do professor de Língua Portuguesa Identidade de um professor de Língua Portuguesa
Agir do professor de Língua Portuguesa em cursos de Ciências Sociais Aplicadas	Decisão em ser professor de Língua Portuguesa de um curso de Ciências Sociais Aplicadas Pontos de atenção da atuação de um professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas Momento da decisão de ser um docente de um curso de Ciências Sociais Aplicadas Dificuldades encontradas no início do trabalho em curso de Ciências Sociais Aplicadas Planejamento das aulas para o Curso de Ciência Sociais Aplicadas Motivação do professor de Língua Portuguesa de Cursos de Ciências Sociais Aplicadas Percepção da desvalorização da profissão docente Definição do professor de Língua Portuguesa para os Cursos de Ciências Sociais Aplicadas Identidade do professor de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas

Fonte: Elaboração própria

A análise das informações textualizadas nas entrevistas com os professores de Língua Portuguesa de cursos de Ciências Sociais Aplicadas permitiu a identificação dos três temas centrais constitutivos do conteúdo tematizado que dizem respeito à formação inicial do professor de Língua portuguesa, ao agir do professor de Língua portuguesa e ao agir do professor de Língua Portuguesa em cursos de Ciências

Sociais Aplicadas. Partindo disso, a seguir, discorre-se sobre esses temas centrais e sobre os temas subsequentes.

Em relação à formação inicial do professor de Língua Portuguesa, identificou-se em um primeiro momento o tema subsequente relacionado à motivação para que esses professores realizassem o curso de Letras. As passagens, abaixo, ilustram o exposto.

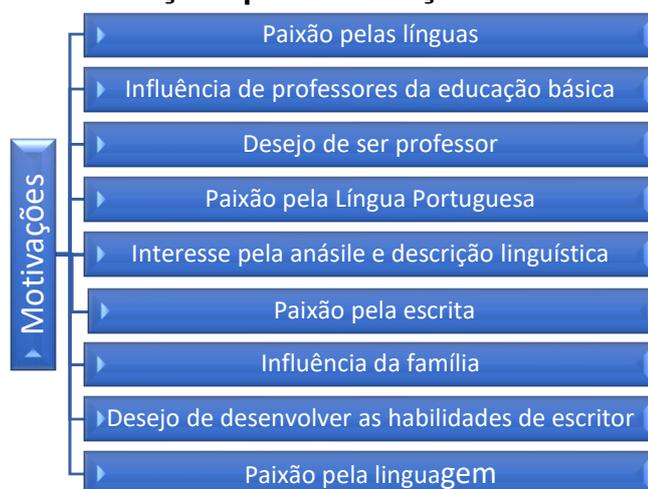
Quadro 08: Motivações para realização do Curso de Letras

E1: Eu sempre fui muito apaixonada por línguas e... é... (Excerto)
E2: Eu desde o ensino médio... eu tive vontade de ser professor... eu... (Excerto)
E3: eu gostava e gosto na época de escrever muito nesse sentido... e foi que me levou a ser da área da Letras... e consequentemente ser um professor... (Excerto)
E4: Ai (risos) complexa [...] ... e aí eu resolvi fazer o vestibular de Letras da UNB... e aí foi assim que entrei no curso de letras (risos)... aí entrei no curso de Letras... porque eu queria ser redatora publicitária... mas depois eu resolvi ser professora... foi uma opção (risos) o curso de Letras me conquistou... (Excerto)
E5: tá legal ... na verdade assim... eu sou escritor ou poeta (que bom) conhecido aí na verdade Letras era o curso que eu quis na vida, desde que eu me lembro que queria fazer uma faculdade... era Letras da minha opção ... (Excerto)
E6: Ah... meu Deus...(risos) eu sempre tive paixão por linguagem... (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

De acordo com os fragmentos mostrados, as motivações foram:

Figura 08: Motivações para realização do curso de Letras



Fonte: Elaboração própria

Observa-se que a formação inicial dos professores foi motivada, sobretudo, pelo interesse pelo mundo das letras.

Quanto aos *objetivos profissionais traçados no início da graduação*, destaca-se o interesse em ser professor. Atenção ao quadro 09:

Quadro 09: Objetivos profissionais traçados no início da graduação

E5: a ideia era lecionar mesmo né... (Excerto)

E6: Como eu te disse...na verdade eu fui me voltar para a docência muito ao final do curso...O objetivo meu pelo curso de Letras a princípio era só mesmo essa paixão com linguagem ...com a literatura mas assim eu sempre tive muito claro que essa questão também de... de revisão ... de tradução... (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Nota-se que além do interesse em ser professor, também foi destacado o desejo de realizar pós-graduação *Stricto Sensu*, a questão salarial e a possibilidade de se tornar revisor de textos.

Sobre o tema subsequente *momento de escolha pela docência*, as revelações dos docentes estão ilustradas nas passagens a seguir:

Quadro 10: Momento de escolha pela docência

E1: Desde o início do curso... (Excerto)

E6: Foi mais no finalzinho... no final ... no final do curso eu já fiz... é... no penúltimo semestre eu já fui monitora na faculdade... e... já fui vendo que aquilo era uma coisa legal. (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Percebe-se no discurso dos entrevistados que o momento de escolha pela docência variou desde o início até o final do curso,

Os professores, ao expressarem as expectativas em relação ao curso de Letras, pontuaram: (1) dar aula; (2) estudar muito; (3) contribuir com a formação de outras pessoas; (4) aprofundar o conhecimento sobre a literatura; e (6) ser um bom profissional, como exposto no quadro 11:

Quadro 11: Expectativas em relação ao curso de Letras

E1: A minha expectativa? [...] Era dar aulas mesmo né... (Excerto)

E2: [...] estudar muito por conta própria... então... minha expectativa era de que eu teria de correr atrás por conta própria... (Excerto)

E3: Em relação a formação... que eu pudesse contribuir para outras pessoas... assim como tive contribuição de bons professores da área de língua... língua portuguesa... é... e como profissional que eu pudesse fazer algo que eu gostasse... que se sentisse realizado... e isso ocorre... né ((hurum))... (Excerto)

E5: Então né... é... [...] aprofundar mais literatura porque essa é a área que eu gosto ((hurum))...(Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Já em relação ao conteúdo temático 'Formação inicial do professor de Língua Portuguesa', um outro tema subsequente identificado relaciona-se às *expectativas de atuação profissional após a conclusão do curso*. Essas expectativas estão presentes nos excertos seguintes:

Quadro 12: Expectativas de atuação profissional após a conclusão do curso

E1: A minha expectativa sempre foi dar aulas de Língua Portuguesa pra adultos né... então sempre quis terminar o curso de Letras (ruídos) pra mim continuar minha formação pra dar aulas a adultos... essa foi a minha expectativa (ruídos)... (Excerto)

E2: A minha expectativa era docência... eu não tinha muitas outras expectativas não. (Excerto)

E3: Era atuar é... como docente... né... no ensino básico é claro... né... (Excerto)

E4: É então... eu... tinha muita pretensão... de trabalhar com redação... e com... com redação como redatora e com revisão... e aí acabou que... eu... é... como falei... eu fui dando... eu fui me apaixonando... pela sala de aula durante o PIBIC... (Excerto)

E5: Então... porque eu sempre trabalhei né? desde muito jovem...então... e como eu te disse sou concursado aqui desde noventa e dois ((hurum)) então o que eu queria com o curso de Letras... Primeiro dá uma melhorada na minha própria escrita né... Não que ela fosse ruim... não era né... mas eu queria saber mais... ((hurum))...(Excerto)

E6: Olha... é... eu gostava... tinha... gostava esperava e vim fazendo isso né... Trabalhando de maneira séria com a linguagem visando essa... esse conhecimento mais aprofundado da língua... ((risos)) (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Entre as expectativas de atuação profissional após a conclusão do curso estão o interesse de dar aula de Língua Portuguesa para adultos, ser professor, trabalhar como redator e trabalhar bem com a linguagem.

Outro tema subsequente identificado nas entrevistas diz respeito ao *aspecto marcante da formação*, e pode ser verificado no quadro 13:

Quadro 13: Aspecto marcante da formação

E1: O que mais marcou a minha formação? Ah... eu acho que mais marca minha formação até hoje...porque nunca larguei de estudar... nunca deixo de estudar... é... é a cada dia me apaixono mais pela língua... a cada dia eu conheço um pouco mais da língua... um pouco mais a linguística... sou apaixonada nisso (ruídos)... o que marca é quanto mais eu conheço mais eu quero conhecer a língua... é a minha paixão pela língua (ruídos)... (Excerto)

E2: O curso em si... [...] mas a parte de inglês por incrível que pareça... foi uma das áreas... que... que me marcou muito... que... que inclusive minha melhor formação foi na área de inglês... (Excerto)

E4: [...] foi minha professora de literatura... é... (Excerto)

E5: [...] foi de ter estudado... revisto né... a parte de gramática e isso me ajudou bastante... (Excerto)

E6: Ah... eu acho que tantas coisas marcaram... professores muito bons... é... Tenho sim. Tenho muita saudade dos meus professores ... inclusive tava pensando essa semana em localizar minha professora de literatura para eu mandar para ela... (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Como visto, entre os aspectos marcantes, destacam-se os bons professores do curso de Letras, a paixão pelas línguas, a formação em inglês, entre outros. Ainda sobre o conteúdo temático 'Formação inicial do professor de Língua Portuguesa', no tema subsequente *professor da graduação marcante*, os professores entrevistados apontaram:

Quadro 14: Professor da graduação marcante

E2: Bom... Positivamente teve... na área de inglês... [...] e negativamente era uma de literatura que... assim... a gente percebia que nitidamente não preparava aulas... ela chegava com cópias aleatórias... quase aleatórias... e a formação também era péssima... então... é isso... (Excerto)

E3: Positiva... positiva... eu tive é... uma professora da... da área da literatura... [...] ... assim também como tive a professora de inglês... que depois se tornou minha amiga... muito amiga também... embora não... eu não fui parar na Língua Inglesa... voltei para Língua Portuguesa... fantástico... então... são professores que de certa forma..., e vários outros né... que tiveram comigo... mas a professora ((citou o nome da professora)) foi a que mais me destacou nessa perspectiva da literatura... (Excerto)

E4: [...] foi minha orientadora de mestrado também... ela foi minha orientadora de PIBIC... (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Em relação aos professores da graduação que foram marcantes na formação dos entrevistados destacam-se os da área de inglês e de literatura. Já nas contribuições da formação para a prática/atuação profissional foram textualizados os seguintes aspectos:

Quadro 15: Contribuições da formação para a prática/atuação profissional

E1: Então contribui assim... consegui aprender algumas metodologias... mas foi eu acho... achei a contribuição um pouco rasa... tive que buscar muito fora do curso... tive que buscar muito depois... não achei muito uma contribuição para falar assim que isso contribuiu definitivamente...NÃO... acho que o curso poderia ter oferecido muito mais... (Excerto)

E2: Ah... eu acho que é essa coisa de ser aquele professor... é... (Excerto)

E3: A Formação... formação... teórica... a formação técnica... eu acho que o curso me deu essa bagagem teórica e a bagagem instrumental de me tornar professor... (Excerto)

E4: É eu acho assim o curso de graduação ele é o pontapé inicial né...pra qualquer formação... (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Pode-se inferir que foram apontadas a formação teórica e a formação técnica como contribuições relevantes para a prática/atuação profissional dos docentes de Língua Portuguesa dos Cursos de Ciência Sociais Aplicadas.

Em relação ao tópico temático central “Agir do professor de Língua Portuguesa” identificou-se que, no início da carreira, os docentes tiveram algumas dificuldades, conforme os segmentos abaixo:

Quadro 16: Dificuldades no início da carreira como docente

E1: Houve... dificuldade no sentido de é... encontrar emprego porque... é difícil oferecer vagas quando não tem experiência e houve também é ... assim quando a gente encontrava vaga para trabalhar... pouco apoio... pouco apoio no sentido assim oh... de coordenação... direção mesmo... na maioria das vezes era os próprios professores que se apoiavam... o coordenador não tinham esse cuidado de pensar que eu era uma docente que estava chegando agora que precisava de certo... é... de certo é... de indicações... (Excerto).
E2: Ah sim... diversas né... [...] eu não tinha formação adequada... [...] a insegurança... (Excerto).
E3: Sim claro... (risos)... [...] o ritmo... estabelecer... né... uma abordagem própria... a questão do domínio de determinadas áreas... (Excerto).
E4: o salário né...era irrisório... (Excerto).
E5: pelo deslocamento... [...] Na época eu ia de ônibus ...o transporte é muito escasso nessa região então... muitas vezes fiquei lá na esperando transporte até altas horas da noite correndo risco e tal...[...] certa falta de interesse dos alunos... inclusive porque eles estavam pagando... E aí ... é... eu tive uma dificuldade com a minha diretora...
E6: Sim... no relacionamento que te falo... né... questão de ...eu atuei... atuei... essa escola como eu te falei onde eu trabalhei aqui ...ela era uma escola muito grande... então a gente pegava... professor fechava a carga horária com uma turma só... então a gente tinha lá assim ... cinco quinta séries... cinco sexta séries então você fechava aquilo e eu durante acho que três anos fiquei atuando em quinta séries e no noturno com segundo grau... então o sofrimento era isso... esse tumulto ... (Excerto).

Fonte: Elaboração própria

As entrevistas revelaram que os professores encontraram diferentes dificuldades no início da carreira como docente. Eles elencaram: (1) encontrar emprego sem experiência profissional, (2) ter apoio de coordenação e da direção da escola, (3) preencher corretamente o diário, (4) conciliar a docência com outro trabalho, (5) articular o ritmo de trabalho em sala de aula com domínio de certos conteúdos por parte dos alunos, (6) receber um salário muito baixo, (7) utilizar transporte público no deslocamento para a escola, (8) encontrar insegurança no

desenvolvimento do trabalho docente, (9) perceber as lacunas na formação profissional, (10) vivenciar diariamente o desinteresse e a indisciplina dos alunos, e (11) ser demitido.

Além das dificuldades no início da carreira, foram identificados alguns aspectos que se mostram essenciais na formação docente de Língua Portuguesa, expostos a seguir.

Quadro 17: Aspectos essenciais na formação do professor de Língua Portuguesa

E1: O que eu considero essencial? Eu considero essencial o saber... o saber do conteúdo... o domínio do conteúdo... é muito importante isso... entrar na sala e saber o que você vai falar para os seus alunos... (Excerto)
E2: Bom... a primeira coisa... é o conhecimento mesmo... a formação no sentido de... obter o conhecimento... acho que qualquer área né... porque pra mim a profissão de professor é... transpor... transpor o conhecimento de uma forma mais... palatável pra quem tá aprendendo... porque o conhecimento científico... o conhecimento propriamente dito... ele é muito seco... (Excerto)
E3: Eu... hoje... como sempre tenho... é o respeito ao meu aluno... conhecimento desse meu aluno... é conhecimento do contexto que ele vive... é conhecimento dos limites que ele tem e do tempo que ele tem... então... eu acho essencial o como professor... não apenas de Língua Portuguesa... (Excerto)
E4: Leitura...né... precisa complexificar muito não... leitura a partir da leitura... tem todo um mundo. (Excerto)
E5: Olha só ... é... Aquela velha história né ... Você pode ser o melhor profissional do mundo ... mas você tem que ser primeiro humano ao tratar com outros humanos né ... (Excerto)
E6: Eu acho que tem que conhecer a língua... tem que conhecer a língua profundamente por mais que... por mais... é uma preocupação que eu tenho ... (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Sintetizando, a figura abaixo confirma que esse tema subsequente está principalmente relacionado ao conhecimento.

Figura 09: Aspectos essenciais na formação do professor de Língua Portuguesa



Fonte: Elaboração própria

Ainda considerando a análise do conteúdo temático 'agir do professor de

Língua Portuguesa', os entrevistados, ao textualizarem sobre a importância da realização de Pós-Graduação Stricto Sensu pelo professor de Língua Portuguesa, pontuaram:

- ser muito importante para a trajetória profissional;
- ser extremamente essencial, pois o conhecimento é construído;
- importante talvez, mas não necessário;
- ser muito importante e deveria ser permanente.

As passagens descritas no quadro 18 denotam o exposto:

Quadro 18: Importância da realização de Pós-Graduação Stricto Sensu pelo professor de Língua Portuguesa

E1: Demais... Eu considero muito importante principalmente na minha trajetória... (Excerto)
E2: Essencial... é... porque... na verdade quando a gente faz a... a... a graduação mesmo a especialização... que eu fiz especialização também... embora não seja um pré-requisito para fazer pós-graduação stricto sensu... a... a pós-graduação... a graduação e... é o preâmbulo na verdade que a gente adquire conhecimentos básicos de uma determinada área... está entrando na área... na pós-graduação stricto sensu é que a gente começa a ter autonomia de pensamento... de entender... a gente começa a entender que o conhecimento é construído... (Excerto)
E3: Muito... muito... muito porque abre muitas... muitas portas... abre muita a perspectiva é... de leitura do profissional... isso não quer dizer que alguém que não tenha o stricto sensu não possa ser professor... né... mas o stricto sensu... ele possibilita uma leitura muito mais ampla... e muito mais profunda sobre várias questões...(Excerto)
E6: Acho... acho muito importante sim... eu acho que essa... essa... a formação ...estudo... para mim deve ser permanente... (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Os interlocutores desta pesquisa também manifestaram seus posicionamentos em relação à desvalorização do professor de Língua Portuguesa nas entrevistas realizadas: (1) posição de achar muito triste a desvalorização desse profissional, (2) desvalorizar o professor é desvalorizar o conhecimento, a investigação e a aprendizagem, (3) posição de tristeza, (4) muito grave o problema da desvalorização do professor de Língua Portuguesa, (5) a desvalorização do professor acaba influenciando diretamente na formação desse professor de Língua Portuguesa e (6) a desvalorização que o professor tem é a mesma de todos os outros. As passagens reveladas a seguir expõem essas opiniões.

Quadro 19: Posicionamento em relação à desvalorização do professor de Língua Portuguesa

E1: É... é uma situação muito triste... e... porque... a Língua Portuguesa está vinculada a tantas outras disciplinas... a tantas outras situações... (Excerto)
E2: O problema da desvalorização do professor de Língua Portuguesa... eu... não diria de língua... mas o professor em geral... aquele que ensina... aquele que faz... essa desvalorização do processo... de aprendizagem... de aprender... de criar conhecimento... (Excerto)
E3: Tristeza... [...] então eu acredito que a questão da... da identidade e falta de organização talvez... nesse aspecto né... é... coloca o professor como... em muita desvantagem em relação a outros profissionais... conseqüentemente... a remuneração... o reconhecimento social... (Excerto)
E4: É muito seria né... [...] de desvalorização do professor acaba influenciando ... (Excerto)
E5: Pois é né ...esse assunto((risos)) eu não acredito que seja só no referente ao professor de Língua Portuguesa ... mas do professor [...] (Excerto)
E6: É... bom... [...] acho que a desvalorização que o professor tem é mesma de todos os outros... não vejo como a gente sendo desvalorizado assim como professor de língua portuguesa não... (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

O último tema subsequente identificado no conteúdo temático 'Agir do professor de Língua Portuguesa' relaciona-se à identidade de um professor de Língua Portuguesa, o que pode ser verificado no quadro seguinte.

Quadro 20: Identidade de um professor de Língua Portuguesa

E1: [...] eu acredito ser professor de língua portuguesa é ser muito mais do que... ser um... um... um mediador de gramática... mediador de... de ensino de... é... estrutura textual... (Excerto)
E2: Bom... pra mim é trabalhar com uma das características mais marcantes do ser humano... que é a capacidade de lidar com símbolos... signos... quando a gente trabalha com a linguagem... a gente tá trabalhando com signos linguístico... com os signos... os signos é o que característica... é uma caracteristicamente humana... (Excerto)
E3: [...] é ser professor de gente... [...] a ideia é ensinar as pessoas a ler e a escrever ou a pensar sobre vários aspectos... ou sobre vários espaços... ou sobre várias maneiras... sem ter preconceitos e também sem ter aquela rigidez... é absoluto...do absoluto... é isso... eu acho que é a partir do momento que você consegue a fazer essa relação com o outro... você consegue também estabelecer essa sensibilidade de leitura... de fatos... de textos... e de possibilidades... acho que ser professor é isso... é poder fazer... ter essa... esse espaço de poder contribuir com essas possibilidades imensas... (Excerto)
E4: Bom eu vou responder com Drummond... aula de português... é um poema dele chamado da aula de português "A linguagem na ponta da língua... tão fácil de falar e de entender. A linguagem na superfície estrelada de letras" (Excerto)
E5: Pois é... né... essa pergunta achei muito difícil ...((risos)) aí... aí... olha curiosamente assim ... o que eu acredito que um professor de língua tem que fazer... melhor mesmo é se comunicar...é... (Excerto)
E6: [...] eu acho que ser um professor de português é estar aberto para linguagem ... é respeitar as...as variações linguísticas que ocorrem na interação oral ... não é ser aquele fiscal da língua... não é ridicularizar os erros ... coisa que eu acho horrível... (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Assim, observa-se, resumidamente, o que é ser professor de Língua Portuguesa para os entrevistados: (1) ser muito mais que um mediador de gramática,(2) é trabalhar a capacidade de lidar com símbolos, (3) é ser professor de tudo, é ser professor de gente, (4) é *desmatar o Amazonas da ignorância, é trazer figuras da gramática, da linguagem, do texto e levar pra outro universo, é todo dia estar estudando*, (5) é se comunicar e, (6) é estar aberto para a linguagem.

Os entrevistados, ao textualizarem o agir do professor de Língua Portuguesa em cursos de Ciências Sociais Aplicadas, apontaram questões relacionadas à decisão de serem professores de Língua Portuguesa de um curso de Ciências Sociais Aplicadas. Veja-se as passagens a seguir:

Quadro 21: Decisão em ser professor de Língua Portuguesa de um Curso de Ciências Sociais Aplicadas

E1: Eu comecei a dar aula na UEG nesse ano... [...] sempre eu quis dar aula pra adultos como disse inicialmente... (Excerto)
E2: [...] vem da questão ... carga horária (Excerto)
E3: Oportunidade... eu acho que foi no primeiro momento... segundo momento uma... perspectiva de comparação... não de comparação mas de... aprofundamento... digamos assim... na relação... porque são perfis completamente diferentes... são linguagens completamente diferentes... são objetivos completamente diferentes... e... acho que são... foi isso... oportunidade de poder... me aprofundar um pouco mais na minha formação mesmo... contínua... como eu tenho dito... e de poder... é... poder é... investigar um pouco mais essas possibilidades é... desses discursos ou (...) (Excerto)
E4: Ah... na verdade foi onde tinha lugar (risos) [...] (Excerto)
E5: Então... é... primeiro sou formado em administração...((hurum)) já sou da área... segundo ... eu tenho especialização em três áreas que são voltadas para o curso Ciências [...] E aí quando eu cheguei na UEG como eu tinha os dois diplomas... [...] não foi uma escolha minha... de forma direta não...(Excerto)
E6: Na verdade... não foi uma escolha... né... na verdade... é... o próprio mercado de trabalho nos leva isso... (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Pode-se confirmar que as decisões estão relacionadas ao desejo de ser docente do ensino superior, a querer ser professor na UEG, ao surgimento de oportunidades e à necessidade institucional.

Outro tema subsequente em destaque acerca do conteúdo temático são os pontos de atenção da atuação de um professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas, descritos abaixo

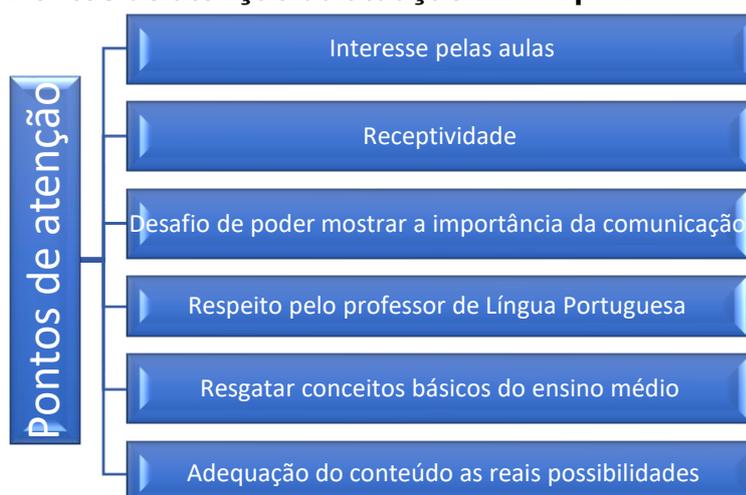
Quadro 22: Pontos de atenção da atuação de um professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas

E1: [...] situação que vão poder usar as normas padrão... a situação que vão escrever relatórios... é... officios... situações assim que trazem o cotidiano deles... eles é... se interessam muito... [...] ... eu vejo que eles se interessarem bastante... é muito produtivo... eu vejo como... eu vejo é... que eles acabam é... associando isso... os alunos conseguem associar a profissão de contabilidade... diferente do que eu pensei que ia ser quando eu comecei a dar aula lá... (Excerto)
E2: [...] é aquela coisa quando eu falo que eles vão escrever muito né... aí fala... NOSSA sou PÉSSIMA em português... (Excerto)
E3: O desafio... de poder... demonstrar de alguma forma a importância da comunicação para um profissional dessa área... seja o administrador... seja um contador... seja o economista... ou seja... tentar mostrar a importância do discurso que as pessoas podem apresentar... é... a partir da sua formação... ou a oportunidade que essa pessoa tem... de... fazer a partir é... da Língua Portuguesa... o seu elo com seu cliente... com o seu público ou com outra pessoa... esse é o desafio... (Excerto)
E4: [...] esse receio de que tá escrevendo errado... (Excerto)
E5: [...] eles saem do ensino médio sem saber escrever... (Excerto)
E6: [...] adequar o conteúdo as reais possibilidades de contribuição... Acho que essas reais possibilidades.... (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

As falas apresentadas no quadro acima, que perpassam pelo interesse por parte dos alunos pelas aulas de Língua Portuguesa até a necessidade de resgatar conceitos que os alunos deveriam ter aprendido no ensino médio, podem ser sintetizadas assim:

Figura 10: Pontos de atenção da atuação de um professor de Língua Portuguesa



Fonte: Elaboração própria

Um tema subsequente relevante tratou do momento de decisão em ser

professor de Língua Portuguesa de um curso de Ciências Sociais Aplicadas. O quadro 23 apresenta os excertos relacionados a essa questão.

Quadro 23: Momento de decisão em ser professor de Língua Portuguesa de um curso de Ciências Sociais Aplicadas

E1: [...] eu decidi ser docente do curso superior... (Excerto).
E3: Fazem uns três a quatro anos atrás... então... surgiu a oportunidade e eu estou... estou lá desde então... (Excerto).
E4: Nunca decidi foi... Foi acontecendo [...] (Excerto).
E5: [...] quis trabalhar em uma universidade [...] (Excerto).
E6: É... eu não decidi... [...] o máximo que a gente pode às vezes é... é negociar uma turma ou outra... (Excerto).

Fonte: Elaboração própria

Prosseguindo com o conteúdo temático ‘Agir do professor de Língua Portuguesa em cursos de Ciências Sociais Aplicadas’, o próximo tema subsequente relaciona-se às dificuldades encontradas no início do trabalho em cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

Os professores textualizaram os seguintes apontamentos: (1) Não encontrou dificuldades, (2) os alunos são trabalhadores e chegam cansados na aula, além da heterogeneidade de formação, (3) adaptação ao perfil do curso, (4) perspectivas diferentes de conhecimento, (5) dificuldade de não ir para a sala de aula presencial devido à pandemia, (6) não vê dificuldade, vê diferença na clientela.

Duas professoras não perceberam dificuldades, já os demais apontaram dificuldades diferenciadas. O quadro 24 demonstra, na íntegra, o que foi mencionado pelos participantes da pesquisa.

Quadro 24: Dificuldades encontradas no início do trabalho em curso de Ciências Sociais Aplicadas

E1: Esta resposta é difícil de te dar porque eu trabalhei pouco tempo presencial por causa da pandemia né... mas eu não achei tantas dificuldades... [...] (Excerto)
E2: [...] a única dificuldade que às vezes a gente acha é o fato de serem a maioria trabalhadores [...] (Excerto)
E3: Adaptação ao perfil... mesmo já conhecendo... o perfil... o projeto pedagógico do curso... mesmo conhecendo as demandas... né... de certa forma do curso... de certa forma... não de forma por dentro... mas como participante de... no grupo de docente... foi compreender a perspectiva do discente... ou seja... me colocar no lugar do discente e tentar dialogar com ele o que eles precisavam... de quais

gêneros... de quais textos... de quais orientações... pra otimizar o espaço deles naquele curso...naquela disciplina que faz parte da matriz do curso...(Excerto)
E4: É... é muita questão teórica... [...] (Excerto)
E5: Então aqui na UEG a principal dificuldade que eu encontrei foi não ir para sala de aula, mas ir quase que direto para aula remota [...] (Excerto)
E6: [...] eu não vejo dificuldade nenhuma. eu vejo diferença na clientele que por sinal eu acho bacana [...] (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

O movimento do planejamento das aulas para os Cursos de Ciências Sociais Aplicadas, na quinta pergunta da segunda etapa do rol de perguntas das entrevistas, tem os destaques a seguir: (1) relacionar com a realidade que eles vão viver, (2) pensar na atuação profissional e a realidade profissional dos alunos, (3) conceituação teórica e a parte prática, (4) relacionar a linha de pensamento com o ensino do texto, (5) planejamento com base no que sondou com os alunos, (6) estabelecer diálogo na seleção de textos que dialoguem com a área dos alunos.

O quadro abaixo comprova esse subitem.

Quadro 25: Planejamento das aulas para os Cursos de Ciências Sociais Aplicadas

E1: Eu sempre penso de relacionar com a realidade que eles vão viver como estava te dizendo eu penso como vou relacionar língua portuguesa com contabilidade [...] (Excerto)
E2: [...] quando eu vou [...] pensar as aulas para os cursos... aí eu vou pensando... imaginando... a atuação profissional e a realidade profissional de cada um deles... então eu vou pensar bom... eu tô pensando para contador... [...] (Excerto)
E3: Em dois momentos... a primeira... a conceituação teórica... ou seja... alguns tópicos que têm a ver com... alguns conceitos de linguagem... língua... código né... de instrumentalização e o segundo é... com a parte prática mesmo... então... como o aluno pode a usar alguns conceitos no seu dia a dia [...] (Excerto)
E5: [...] então eu planejei a minha aula, mas com base naquilo que eu observei da nossa conversa ... da conversa que a gente teve ... até fugi um pouco da ementa do curso que a UEG tinha me passado [...] (Excerto)
E6: Olha... é... a gente procura estabelecer um diálogo mais próximo na seleção de texto... eu sempre busco textos que sejam mais voltados para área deles [...] (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Em relação ao tópico subsequente 'Motivação do professor de Língua Portuguesa de Cursos de Ciências Sociais Aplicadas', os professores entrevistados citaram alguns pontos que os motivam a lecionar nos Cursos de Ciências Sociais

Aplicadas, como: (1) Gostar de dar aulas no ensino superior, (2), vontade de ver os profissionais escrevendo bem, (3) verificar que o aluno teve outro comportamento em relação a Língua Portuguesa, (4) saber escrever bem a Língua Portuguesa. Dois dos docentes entrevistados expuseram algo aquém do esperado; um deles disse não ter resposta para a pergunta e a outra professora afirmou ter a mesma motivação que tem para com os outros cursos. Os segmentos do Quadro 26, ilustram o exposto.

Quadro 26: Motivação do professor de Língua Portuguesa de Cursos de Ciências Sociais Aplicadas

E1: Eu gosto muito de dar aula de Língua Portuguesa né... e assim eu gosto de dar aula no ensino superior... [...] (Excerto)
E2: [...] a vontade de ver todos os profissionais escrevendo bem [...] (Excerto)
E3: O desafio de vencer e de [...] chegar ao final do semestre e verificar que o aluno teve um outro comportamento em relação à Língua Portuguesa. Mesmo dentro de um curso de ciências sociais aplicadas, ou seja, que o aluno perceba a língua portuguesa não como uma matéria a mais que tenha a trazer para o curso deles, mas que é uma matéria que é essencial para que ele possa se comunicar com o outro... (Excerto)
E5: [...] Língua Portuguesa para mim é uma coisa fundamental na vida né ... na nossa vida ... eu falante preciso conhecer bem a minha língua né... considero até como um patriotismo... você sabe escrever bem a sua língua... entender o que tá escrito né por outros autores... acho que isso é muito importante... então... para mim é esse o grande motivo né... [...] (Excerto)
E6: É a mesma motivação que eu tenho para os outros. Eu trabalho com a linguagem... eu trabalho com o ser humano... [...] (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Ainda sobre o conteúdo temático ‘Agir do professor de Língua Portuguesa em cursos de Ciências Sociais Aplicadas’, os professores textualizaram informações acerca da percepção da desvalorização da profissão docente.

Identificou-se nas entrevistas o sentimento de tristeza quanto à desvalorização do conhecimento e da reflexão. Um entrevistado pontuou que essa situação é muito ruim para as licenciaturas; em seguida, outro ressaltou que são muitas as questões que implicam na valorização/desvalorização do docente. Além de ter sido mencionado que a desvalorização vem da própria autoestima do professor e, ainda, que é uma questão de projeto implicado na falta de atenção por parte do governo, por outro lado, o professor gosta de atuar como docente. E, por último, a entrevistada 6 pontuou que os professores não devem ser considerados como vítimas e coitadinhos, mas sim continuarem na batalha por algo melhor. Os excertos no quadro a seguir refletem as

respostas dos professores entrevistados.

Quadro 27: Percepção da desvalorização da profissão docente

E2: [...] a desvalorização docente é desvalorizar a aprendizagem, desvalorizar o conhecimento, desvalorizar a reflexão sobre o mundo, sobre a realidade... desvalorizar o que a gente tem de mais humano... que... desvalorizar a própria reflexão... desvalorizar a própria... o próprio conhecimento... o conhecimento que move o mundo. (Excerto)

E3: Eu vejo que a desvalorização [...] são muito vinculadas ao que as políticas públicas estabelecem para a gente de forma mais ampla. [...] (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

A definição de professor de Língua Portuguesa para os Cursos de Ciências Sociais Aplicadas é um subtema também relacionado ao conteúdo temático ‘Agir do professor de Língua Portuguesa nos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas’. Nesse sentido, algumas colocações dos entrevistados foram relevantes:

- Professor que faz a diferença;
- Ser alguém que gosta muito do que faz;
- Professor que quer contribuir com o processo de formação do profissional dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas;
- Profissional essencial;
- Bom comunicador;
- Agente de conhecimento.

A seguir, os excertos que trazem as respostas dos docentes acerca dessas definições:

Quadro 28: Definição do professor de Língua Portuguesa para os Cursos de Ciências Sociais Aplicadas

E2: [...] ser alguém que gosta muito do que faz [...] (Excerto)

E5: [...] ser um bom comunicador... tem que saber conversar [...] (Excerto)

E6: Eu acho que é um profissional de linguagem...é... que tem a sua contribuição a dar... é um agente de conhecimento né... como os demais... eu acho que pode haver aí uma interação com os demais ... (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

A identidade do professor de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas também é textualizada pelos docentes entrevistados. O quadro a seguir revela os seus dizeres e as suas percepções a respeito disso.

Quadro 29: Identidade do professor de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas

E1: Ser professor é [...] olhar para o outro [...] é muito além de só ensinar conteúdo... ser professor é olhar para o outro e saber que tem um ser humano ali na sua frente [...] (Excerto)
E3: Ser professor é poder contribuir para o amanhã diferente, é poder com base no ontem refletir né... com base nas condições que estamos tendo atual... juntamente com o nosso aluno... apontar as possibilidades de leituras... e em prol da construção do amanhã [...] (Excerto)
E4: Bom... ser professor é todo dia você entender que [...] você tá aqui pra enfrentar um problema estrutural na nossa sociedade e que provavelmente a gente vai morrer [...] sem resolver... então é um problema de estrutura ... a maioria dos professores... eu fui pra... pra... eu sou uma [...] (Excerto)
E5: É uma missão que a gente tem pra tentar melhorar o mundo [...] (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Em resumo, para os entrevistados, ser professor é (1) muito além de ensinar conteúdo, (2) é sempre estar aprendendo, (3) poder contribuir para o amanhã, (4), todo dia entender que tem que enfrentar um problema estrutural na nossa sociedade, (5) uma missão que temos para tentar melhorar o mundo.

Fica claro que os professores de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas carregam consigo uma ideia bem ampla da responsabilidade que eles, enquanto docente, têm frente à sociedade.

A análise do plano global das entrevistas-*córpus* permitiu também mapear os actantes postos em cena nos discursos dos professores de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas. O quadro 30 apresenta esses actantes.

Quadro 30 – Actantes postos em cena nas entrevistas

Actantes em cena nos textos	E1	E2	E3	E4	E5	E6
Eu “pessoal”						
Nós “coletivo”						
Eles “alunos dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas”						
Eles “professores de Língua Portuguesa em Curso de Ciências Sociais Aplicadas”						

Fonte: Elaboração própria

No plano global, conforme Machado e Bronckart (2009) pontuam, esses

actantes fazem parte do texto. A fim de mostrar que as representações sobre o trabalho do professor são construídas nos textos, a seguir, apresenta-se excertos com a identificação de actantes presentes em algumas entrevistas:

Quadro 31: Alguns trechos das entrevistas que os actantes postos em cena

- Quando **eu pensei** em dar aula no curso... **eu pensei** que o desinteresse ia ser muito grande... porque... e **pensei** que **eles** teriam rejeição... porque **os alunos** lá... de contabilidade... a maioria são da exatas né... mas ao contrário disso **os alunos são** muito interessados na aula... eles... gostam muito... por exemplo... quando tá trabalhando variação linguística **eu coloco** pra **eles**... situação que vão poder usar as normas padrão... a situação que **vão escrever** relatórios... é... ofícios... situações assim que trazem o cotidiano deles... **eles** é... se interessam muito... a aula acaba se estendendo mais do que se fosse na aula de Pedagogia... **eu vejo** que **eles** se interessarem bastante... é muito produtivo...
[...] É... no... o... nesse tempinho que **tô** na UEG... **a gente já percebe** muitas coisas... é... **eu vejo** nas reuniões **os professores** que já estão há muito tempo falando né... **aprendo** muito também nas reuniões... **vejo** como **eles** recebem isso... ordens que... ordens que vem de superiores... que **não sabem** o que estão acontecendo... o que tá acontecendo na sala de aula... é uma situação muito ruim... muito triste também esta situação porquê... principalmente no sentido de... é de... vem ordens que ninguém sem sabe do que tá acontecendo aqui embaixo... vem ordem de cima... faça isso... faça aquilo e ninguém sabe do que tá acontecendo... uns saem mais prejudicados... porque querem prejudicar... quando pensa de cortar o salário... é do professor... é o primeiro que corta o salário...(Excerto- entrevista 1)
- Uma coisa que **me chamou** atenção... positivamente... é porque **eu não tinha** trabalhado até dois anos atrás... é a receptividade... **eu senti** muita receptividade... de... a... a... a primeira coisa, é aquela coisa quando **eu falo** que **eles** vão escrever muito né... aí fala... NOSSA sou PÉSSIMA em português... aí **eu até brinco**... olha pessoal vocês sabem português? aí todo mundo... NÃO... NÃO... ah **sinto** muito... mas nossas aulas vão ser em português... nós vamos falar em português... escrever em português... aí **vou** brincando... **vou** mostrando pra **eles** que no fundo... no fundo a gente sabe... o que a gente não sabe é determinado NÍVEL... a que vai ser alcançado...vai ser melhorado...mas... e aí assim...vão ficando a disposição que **fico** admirado em aprender (Excerto- entrevista 2)
- O que **eu percebo** é que... a maioria dos **professores** das Ciências Sociais Aplicadas... de forma geral... **são profissionais liberais** ou são... ou tem um emprego... um emprego digamos... chamado emprego base... emprego número um e acaba que o professor... acaba sendo uma segunda função... uma segunda né... uma segunda proposta... mas não é algo de carreira... e isso acaba de certa forma... é colocando também em... em certos momentos essa dificuldade de compreensão como docente na verdade né... é... e aí... é **eu vejo** que esse processo também... (Excerto- entrevista 3)
- O professor de Língua Portuguesa de maneira geral é... ou na verdade **o professor** especialista... **vou colocar** assim... que seja de Língua Portuguesa... História né... **os professores** especialistas... **eles** têm um... uma forma é... de lidar com a desvalorização... de enfrentamento... e... **eu tô dando** aula agora no curso de Pedagogia... aí **eu percebo** que... no curso de Pedagogia... há um... uma desvalorização social ainda maior no curso... do professor ... dessa... pedagogo... é...

porque ele não é especialista e... as críticas em cima desse professor é muito maior... como se a formação dele fosse menor do que a dos demais né... então... **acho que de** maneira geral... **acho** que tem um problema muito grave relacionado a questão da autoestima do professor... (Excerto- entrevista 4)

- Então... Menina ...é... por incrível que pareça...né... não sei se você considera incrível... mas **eu tô falando** assim... por incrível que pareça... os **nossos alunos** ... infelizmente **eles** saem do ensino médio sem saber escrever... muita gente sai da universidade sem saber escrever... e não **tô falando escrever** bem não... escrever o básico...né... muita gente não consegue escrever o básico... o razoável... para ficar nisso... então... essa que é a grande dificuldade... então **o professor de Língua Portuguesa** num curso desses...tem que puxar pro básico ainda... Cê acredita? **Eu não posso** chegar e passar coisas muito avançadas... **Eu tenho** que... ir resgatando o que **eles** aprenderam ou deviam ter aprendido no ensino médio... essa nossa atuação no curso de Ciências Aplicadas infelizmente ainda tem que tá voltada pra essa finalidade ... (Excerto-entrevista 5)

- Fazer um feedback permanente dentro dos textos **deles** para **a gente** perceber... Onde está... Onde estão as principais deficiências e procurar contribuir e fazer as intervenções... pontuar... o que é também uma coisa muito difícil né... porque nem sempre o professor dá conta de fazer essa... isso com uma certa permanência né ... porque se você trabalha numa turma de trinta e cinco... quarenta **alunos** e você pega uma bateria... um bloco de texto com trinta e cinco textos para você ler e fazer as intervenções ... isso te toma no mínimo três dias né ... então **a gente faz** isso... mas não com a... com a frequência como precisaria e às vezes eu uso outros recursos com várias turmas assim ... é pego... peço... peço autorização a **eles** de pegar fragmentos jogar aquilo para a sala toda... discutir...apontar ali coisas que são comuns...

[...] Ah... professor é o mais desvalorizado... não... tem muita gente junto com a gente... temos muito... temos enfermeiros... psicólogos... temos sociólogos... temos assistentes sociais... temos fisioterapeutas... estão como **nós**... né... só que... é... eles não aceitam muito essa pecha de coitadinho como **nós** e nos acomodamos nesse lugar... **nós nos acomodamos**... **eu acho** que **a gente precisa** resgatar um pouco de altivez... é... ser um pouco mais incisivo na nossa profissão...sabe? E claro... continuar lutando por dias melhores né... continuar lutando não aceitar alguns arreios... é isso ... (excerto- entrevista 6)

Fonte: Elaboração própria

Ao analisar essas interlocuções, percebe-se que há diferentes actantes postos em cena nas entrevistas: o professor que enuncia o texto, os alunos e os professores dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas. As marcas de pessoa e a inserção de vozes evidenciam o predomínio da utilização do ‘eu’ individual, seguido do ‘nós’ e algumas vezes a utilização da terceira pessoa para tratar do professor. Além disso, observa-se a utilização da terceira pessoa para referendar os alunos.

O actante ‘professor’, em alguns momentos, remete a um contexto mais amplo e retrata não só o professor de Língua Portuguesa. O “eu percebo”, por exemplo, logo

no início do excerto da entrevista 3 remete a uma representação subjetiva do entrevistado sobre o actante professor de forma geral. Já no excerto da entrevista 1, “eu vejo nas reuniões os professores que já estão há muito tempo” é retratado como actante o professor de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

Ainda sobre o quadro acima, nota-se que o agir dos professores se vincula a um rol de representações que projetam na imagem desse profissional a capacidade de participar e conduzir diversas práticas no âmbito do seu contexto profissional. O actante alunos dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas é representado pela terminologia alunos, eles, deles, conforme consta no quadro acima. É interessante analisar que esses actantes são integrantes da atividade educacional, ao passo que são sujeitos inseridos no processo ensino e aprendizagem e contribuem com o desenvolvimento do trabalho docente.

Ademais, com base nos apontamentos de Machado e Lousada (2010), entende-se que vários elementos interagem entre si no sistema educacional, no caso da presente pesquisa, os professores de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas e alunos dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas, que mantêm inter-relação com o trabalho docente.

Outro ponto relacionado ao nível organizacional das entrevistas são os tipos de discursos. Nesse caso, a variação dos tempos verbais possibilita identificar os tipos de discurso presentes nos textos das entrevistas. Conforme já explicitado neste estudo, as entrevistas dos docentes apresentam elementos linguísticos que constroem os mundos discursivos.

Inclusive, analisando o nível organizacional, mapeou-se os tipos de discurso presentes nas entrevistas-*córpus*. O quadro, a seguir, apresenta os tipos de discurso identificados.

Quadro 32: Tipos de discurso identificados nas entrevistas

TIPOS DE DISCURSO	E1	E2	E3	E4	E5	E6
Discurso interativo						
Relato Interativo						
Discurso teórico						

Narração						
----------	--	--	--	--	--	--

Fonte: Elaboração própria

A identificação dos tipos de discurso facilita a percepção da posição do enunciador, fazendo uma relação ao tema e contextualizando acerca da existência de proximidade ou distanciamento, relacionando-os com as situações de produção.

Identificou-se, no *cópus*, a predominância do discurso interativo pertencente à ordem do expor, seguido do relato interativo pertencente à ordem do narrar, conforme apresentado no quadro 32. A identificação da predominância desses tipos de discurso, caracterizados pela implicação dos professores de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas, os quais enunciam os textos, pode ser avaliada como positiva, pois evidencia a relação dos docentes com o agir pluridimensional.

No *cópus* desta pesquisa, a presença do discurso interativo é marcada pelos turnos de fala com alternância entre a pesquisadora e os entrevistados, em que a primeira realiza as perguntas e os segundos as respondem, com poucas exceções em que professores interferem e realizam alguma pergunta.

Interessante mencionar que o discurso interativo está organizado em um mundo conjunto, que faz referência à ordem do expor implicado, posto a existência de interação entre os participantes do diálogo. Em seguida, veja-se os excertos do discurso interativo:

Quadro 33: Exemplos de discurso interativo

<p>Pergunta: É... e o que considera essencial na formação do professor de Língua Portuguesa?</p> <p>Resposta: O que eu considero essencial? Eu considero essencial o saber... o saber do conteúdo... o domínio do conteúdo... é muito importante isso... entrar na sala e saber o você vai falar para os seus alunos... isso é muito importante... porque você está com a sala de vinte alunos... trinta alunos... quarenta alunos... você tem que saber o que você tá falando para eles né... não é que está inventando... ou de repente eles podem até fazer pergunta que você não saiba... mas que depois você vai pesquisar... mas que quando você entra na sala... você entra com segurança do que vai ministrar pra eles... isso tem que ser prioridade... (Excerto - Entrevista 1)</p>
<p>Pergunta: Isso... E o que considera essencial na formação do professor de Língua Portuguesa?</p>

Resposta: Bom... a primeira coisa... é o conhecimento mesmo... a formação no sentido de... obter o conhecimento... **acho** que qualquer área né... porque pra **mim** a profissão de professor é... transpor... transpor o conhecimento de uma forma mais... palatável pra quem tá aprendendo... porque o conhecimento científico... o conhecimento propriamente dito... ele **é** muito seco... é muito... obtido de maneira bastante árdua... anos e anos de pesquisa para chegar no conhecimento que às vezes... quando é tornado vulgar... é tornado senso comum... como a terra gira em torno do sol... isso para **nós hoje** é banal... qualquer criança aprende isso na escola... na quinta série... mas no século treze e quatorze isso era uma infâmia... então assim o conhecimento é obter conhecimento... obter conhecimento é a base de muito estudo... muita informação teórica... e quase ninguém gosta da teoria porque é muito difícil... então obter conhecimento teórico é muito difícil... e a formação teórica nossa... ainda mais no curso de licenciatura... aliás... qualquer um... acho que bacharelado também... não sei... qualquer área é muito ... é muito difícil e conciliar isso teoria e prática é muito difícil... a parte mais difícil é essa... conciliar o conhecimento teórico com a sua... com...casar a teoria com a prática... (Excerto - Entrevista 2)

Pergunta: E... o que considera essencial na formação do professor de Língua Portuguesa?

Resposta: **Eu... hoje...** como sempre **tenho...** é o respeito ao **meu** aluno... conhecimento desse **meu** aluno... é conhecimento do contexto que ele **vive...** é conhecimento dos limites que ele **tem** e do tempo que ele **tem...** então... **eu acho** essencial como professor...não apenas de língua portuguesa... mas professor de literatura na época... com o tempo... é...o respeito com os alunos...e **hoje...** **eu... eu trabalho** com estágio **hoje...** formando professores né... isso tem sempre tratado essas questões... por respeito... por respeito... aquilo que o... aluno ou o que... o formando espera de **nós** professores... (Excerto - Entrevista 3)

Pergunta: Hurum...E... O que considera essencial na formação do professor de Língua Portuguesa?

Resposta: Leitura...né... precisa complexificar muito não... leitura a partir da leitura... tem todo um mundo. (Excerto - Entrevista 4)

Pergunta: E a nossa próxima pergunta é ... o que você considera essencial na formação do professor de Língua Portuguesa?

Resposta: Olha só ... é... Aquela velha história né ... **Você** pode ser o melhor profissional do mundo ... mas **você** tem que ser primeiro humano ao tratar com outros humanos né ... não adianta ... a **minha** formação ela não me engrandece mais do que a ninguém... então... **eu trato** com os meus alunos ...tem até uma frasezinha né ... seja o professor que **você** gostaria de ter tido... E é isso que **eu penso** ... **eu tento** levar isso para **mim...** assim...o professor que **eu** queria... é isso que **eu** tento ser para os meus alunos... então assim **eu tento** conversar com eles... tenho que ser humano com eles né... E é isso que **eu penso...**que tem que ter... não apenas o de Língua Portuguesa... o de Língua Portuguesa é lógico ele tem que ter um conhecimento voltado né ... para o conteúdo que ele vai administrar...mas sim...ele precisa ter essa interação mais humana né... Para **a gente...** para poder saber como lidar com os alunos ((certo)) ... (Excerto - Entrevista 5)

Pergunta: Muito bom professora... e o que você considera essencial na formação do professor de Língua Portuguesa?

Resposta: Eu acho que tem que conhecer a língua... tem que conhecer a língua profundamente por mais que... por mais... é uma preocupação que eu tenho ... que os

cursos de Letras hoje se voltam muito para... para outras... abre um pouco mais... acho que o curso de Letras se equivoca de um modo geral e já se equivocava lá atrás na minha formação... menos um pouco... porque ele parte do princípio que o aluno chega no ensino superior conhecendo profundamente a língua... isso é um equívoco... isso é um equívoco... a maior parte dos alunos de Letras são incapazes de escrever um parágrafo corretamente ... é um equívoco ... quer dizer... os alunos formando... então **eu** acho assim **você** não precisa torturar o aluno com a gramática...mas **você** tem que conhecer profundamente...**você** tem que conhecer profundamente a língua ... **você** tem que conhecer profundamente... a sociolinguística é uma outra coisa que anda sendo mal vista atualmente... que as pessoas entendem... **veem** a sociolinguística só pela ótica da variação... **entendem** que **você** tem que respeitar a variação ...Ok ... tem que respeitar a variação no sentido de não fazer piada ...no sentido de não... não ridicularizar aquilo ... mas **você** como professor tem que dar ele o padrão formal... porque o padrão formal é exigido na sociedade ... é o padrão formal que **você** vai usar numa entrevista... é o padrão formal que **você** vai usar no documento ... falo demais isso 'para meus alunos do curso de farmácia... do curso de Ciências Econômicas... **você** será avaliado...**você** vai para entrevista de emprego a sua linguagem vai ser avaliada... isso vai estar na pauta... **você** tem que ter domínio disso né... então... **eu** acho que são muito os equívocos que **a gente** enfrenta e que **eu** não sei onde é que **nós vamos** parar com isso não ...**eu** não sei ... porque **hoje** criou-se esse equívoco que não precisa... e precisa... como é que chegou-se no ponto **você** não consegue nem fazer essa intervenção necessária... se **você** vai discutir uma ... uma formação de um verbo... Olha... esse verbo **aqui** ele é um verbo difícil... mas se **você** pegar por exemplo os verbos irregulares... Se **você** pegar o radical da última pessoa do pretérito perfeito todos os tempos difíceis são derivados deles...**você** não pode falar em pretérito perfeito... **você** não pode falar em morfema... **você** não pode falar em nada... porque a pessoa não tá sabendo de nada... é complicado né... é complicado...então **eu** acho o grande problema nosso é que precisa ser levado muito a sério é a formação e não não para formar gramatiquero... mas para poder fazer a intervenção na hora certa... (Excerto - Entrevista 6).

Fonte: Elaboração própria

Algumas características são comuns no discurso interativo, inicialmente tem-se a interação marcada pelos turnos de fala, bem como pela presença de frases interrogativas, e outras intervenções (O que eu considero essencial? Eu considero essencial o saber). O contexto das frases interrogativas, bem como as expressões “hum” e “certo” nos excertos das entrevistas 1 e 5 relacionam-se às exceções em que foi possível perceber interferência no diálogo, o que remete à interação verbal e ao caráter conjunto implicado do mundo discursivo criado.

Os verbos no presente do indicativo e a presença de advérbio (hoje) nos excertos das entrevistas 2 e 3, por exemplo, indicam a conjunção ao mundo ordinário da interação. Vale destacar que o discurso interativo é utilizado pelos professores para construir um mundo discursivo, cujas coordenadas gerais são conjuntas às coordenadas do mundo ordinário.

Outra característica para esse tipo de discurso refere-se aos tempos verbais no presente do indicativo (é, considero, podem, acho, tenho, vive, tem, trabalho, voltam, parte, chega, são, comento, perde, entendo, veem, entendem, sei, vamos, trato, penso, tento) e pelo pretérito perfeito do indicativo (vivenciei, assumi) com acréscimo da forma de futuro perifrástico (vai falar, vai pesquisar, vai ministrar).

Há implicação dos parâmetros físicos da ação da linguagem, ou seja, o enunciador do texto remete-se à situação de produção a partir das marcas linguísticas como dêiticos (pessoais, temporais, espaciais); como exemplo tem-se os dêiticos espaciais (aqui), dêiticos temporais (agora, hoje), pronomes pessoais (você, a gente, eu e nós).

A implicação do(a) professor(a), (minha, mim, meu) nos excertos das entrevistas 2 e 5, mostra que os(as) entrevistados(as) assumem suas posições acerca do tema mobilizado.

Essa análise do tipo de discurso permite que o docente compreenda como ele vê o seu próprio trabalho. No caso do excerto da entrevista 6, a professora entrevistada pôde mobilizar suas representações sobre o trabalho docente, tendo em vista que compreende o seu papel como docente na universidade, papel esse de ensinar o padrão formal da língua para os alunos. Num contexto geral, o professor, ao compreender e desenvolver o seu papel, pode instigar as representações sobre seu trabalho para evidenciar como ele mesmo, enquanto profissional, visualiza sua prática de trabalho.

Ao analisar os excertos do discurso interativo verifica-se a concepção de um raciocínio que vai se entrelaçando e formando as representações dos docentes. E foi visível na entrevista 6 a representação que a professora tem em ser transmissora do conhecimento da língua padrão. Essa mesma representação está no discurso da professora da entrevista 1, pois ela considera essencial o saber e o domínio do conteúdo por parte do docente, o que também vai ao encontro do proposto nos discursos das entrevistas 2, 3 e 5, quando, de uma forma generalizada, pontuam sobre a questão do conhecimento.

Os trechos do *córpus* apresentados no quadro 33 demonstram que o conteúdo do texto é colocado de forma conjunta ao momento de produção e expressam considerações, avaliações e posicionamentos acerca do agir do professor e dos temas

decorrentes desse agir. Observa-se nos fragmentos que os professores estão implicados na situação em curso (para mim, tenho) e a utilização do presente do indicativo marca seus posicionamentos pessoais (acho, considero, penso, tento) acerca do conteúdo que é tematizado nos segmentos, posto que as suas vozes emergem sobre algumas situações. É possível verificar, ainda, que o uso do futuro perifrástico - na primeira passagem apresentada anteriormente - ajuda a constituir uma situação de imprevisibilidade no que diz respeito à inserção do agir no trabalho dos professores e da própria capacidade de conduzir as tarefas dos docentes nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

Em alguns pontos das entrevistas as perguntas versam sobre a trajetória particular dos entrevistados, com indagações relacionadas, por exemplo, à formação desses profissionais e, conseqüentemente, aparecem relatos com essas questões. É, nesse momento, que sobressai o tipo de discurso relato interativo, em que é visível a presença de organizadores temporais que decompõem o narrar.

Conforme já exposto no capítulo 2, no relato interativo há ainda a presença de pronomes e adjetivos de primeira e segunda pessoas do singular e do plural que remetem diretamente aos protagonistas da interação verbal, além da presença dos tempos verbais pretérito perfeito e futuro do pretérito que, às vezes, estão associados às formas do mais-que-perfeito e do futuro simples.

O relato interativo, como apresentado no tópico 2.5.1.1 do Capítulo 2, pertence à ordem do narrar, de caráter disjunto-implicado. É utilizado pelos professores dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas para construir um mundo discursivo, cujas coordenadas gerais são disjuntas das coordenadas do mundo ordinário ao qual pertence o enunciador do texto e seus destinatários, ou seja, o conteúdo do texto é colocado de forma disjunta do momento de produção. As marcas linguísticas desse tipo de discurso indicam que os fatos narrados não acontecem no mesmo tempo do momento de produção e podem ser verificadas por meio do uso de tempos verbais no pretérito do indicativo. Entretanto, há implicação dos parâmetros físicos da ação de linguagem, pois o enunciador do texto remete-se à situação de produção a partir de marcas linguísticas, como os dêiticos (pessoais, temporais, espaciais). O quadro abaixo traz excertos da questão 8 da primeira etapa da entrevista, que versa sobre o que mais marcou a formação do docente, sendo, portanto, exemplos de relato

interativo.

Quadro 34: Exemplos de relato interativo

E1: O que mais marcou a minha formação? Ah... **eu** acho que mais marca minha formação **até hoje**... porque nunca **larguei** de estudar... nunca deixo de estudar... é... é a cada dia me apaixono mais pela língua... a cada dia **eu** conheço um pouco mais da língua... um pouco mais a linguística... sou apaixonada nisso (ruídos)... o que marca é quanto mais **eu** conheço mais **eu** quero conhecer a língua... é a minha paixão pela língua (ruídos)... (Excerto)

E2: O curso em si... **eu ia** ter que correr muito atrás porque a formação dos meus professores era... era ruim... não por culpa deles... mas... pelo fato da instituição... embora... oficialmente pública... porque é uma fundação municipal em ((citou o nome da instituição))... mas ela cobra mensalidade... **cobrava** mensalidade... então os cursos não **davam** lucro... como era o caso de Letras... como era pouco procurado... tinha pouco investimento... então os professores **tinha** só especialização... e assim mesmo especialização em didática do ensino superior... por exemplo... ou algo similar... então nenhum deles **tinham** digamos... a carreira acadêmica como foco... a maioria eram... eram professores... os melhores professores do ensino médio que iam dar aula na faculdade... então o que me **marcou** mesmo era sim... que **eu** tinha que... correr atrás... e a biblioteca da instituição na área de Letras era muito fraca... então **eu** tinha que correr muito atrás... o que **marcou** era... era isso... um... mas a parte de inglês por incrível que pareça... **foi** uma das áreas... que... que me **marcou** muito... que... que inclusive **minha** melhor formação **foi** na área de inglês... não sei... embora não seja minha área de atuação **agora**... foi linguística teórica... **minha** área de atuação... (Excerto)

E3: A **minha** formação faz muito tempo né... foi... **eu terminei** em noventa e dois... noventa e um e noventa e dois... a graduação é... a relação mesmo de dificuldade... é a dificuldade de conciliar a graduação com trabalho... o curso era noturno... de certa forma **eu trabalhava** em outro emprego... na verdade **trabalhava** em dois empregos na verdade... que **era**... **eu** era gerente de supermercado e também **era** garçom aos finais de semana... então **eu tinha** que conciliar tempo pra ler... e pra estudar... e isso **varava** as madrugadas... tudo mais... então... a marcação assim... enquanto processo... foi a questão mesmo de... poder... ter que trabalhar pra me sustentar e sustentar a **minha** família também... ao longo da minha graduação e claro... a relação... de aprendizado... isso foi importantíssimo... os laços que construí com a **minha** turma e com outros colegas universitários me abriu espaço social muito grande... claro... acho que são as duas questões... primeiro a questão financeira... individual e da **minha** família e consequência o espaço social que... foi extraordinário... (Excerto)

E4: Olha teve dois episódios muito marcante na **minha** formação... uma foi **minha** professora de literatura... é... a ((citou o nome da professora)) ... ah... **eu** tô tentando lembrar qual era a disciplina aqui... porque não é romantismo não... não acho que era romantismo portu... não romantismo português era outra... era dos cêndidos... gente qual era disciplina? Da... da ((citou o nome da professora)) **eu** não vou lembrar **agora**... mas enfim era uma literatura... e... e **era oito horas da manhã**... **sempre morei** longe da UNB... **eu** fiz UNB né... dentro da cidade de Brasília... e aí **sempre morei** longe da UNB... no entorno... é... de Brasília... então cinquenta quilômetros... então pra mim era difícil chegar nas aulas das oito horas da manhã... por conta de trânsito... de ônibus... enfim de horário... então a única disciplina que **eu**... no dia que precisou **eu** dormi na UNB pra no dia seguinte tá lá... **depois eu fui** morar na casa do estudante né... mas... tô falando nesse percurso que me **prendia** foi a disciplina da... da ((citou o nome da professora)) que todo dia **eu estava** rigorosamente as oito da manhã lá porque **eu** não **queria** perder um minuto da aula dela... e... a formação da ((citou o nome da professora)) me **marcou** muito... tanto que **eu fui** estudar os cêndi... **entrei** no grupo dela... dos cêndidos... e aí **comecei** a estudar literatura na época... **foi ali** que **eu comecei** a me descambar de vez

pro... pro lado da Letras e saindo da... da comunicação aos poucos... foi nessa época...e aí... **eu queria** lembrar qual era a literatura... não tô conseguindo lembrar... uma hora **eu venho**... (Excerto)

E5: Aí... aí... Pois é... né...o problema todo é que **eu fiz** o curso à distância... aí...cê já viu né...EAD...tudo é marcante... você tem que se dedicar bastante para você poder ter ((risos)) algumas expectativas boas né... mas a parte que **eu gostei** muito mesmo... foi de ter estudado... revisto né... a parte de gramática e isso me ajudou bastante... **gostei** bastante... e também assim ó... ter recebido aquele diploma para mim foi sensacional... porque **eu já tinha** um diploma... né... já era... já **tinha** uma graduação então... **agora** chegou o diploma que **eu sempre** quis na vida((hurum)) isso me **marcou** bastante... (Excerto)

E6: Ah... **eu** acho que tantas coisas **marcaram**... professores muito bons... é... Tenho sim Tenho muita saudade dos meus professores... inclusive tava pensando essa semana em localizar minha professora de literatura para **eu** mandar para ela... **quando** a minha defesa que **eu** acho que vai ser uma surpresa para ela...porque **eu não estava** entre aqueles que se voltava mais para literatura... aqueles estava assim num lugar se garantido... **eu sempre** me voltei mais para a linguística... mas assim ... é... **eu** acho que **eu** tenho até dificuldade ... mas **eu destacaria** é... um professor que **eu** tive... porque foi uma das coisas que mais me **marcaram** nessa... na condução e foi justo no primeiro período no momento que **eu estava** muito dividida... se **eu ficaria** lá ... tinha surgido alguns problemas em casa e havia possibilidade de voltar e nessa aula **eu** não me lembro nem qual que era o assunto... no dia **estava** muito angustiada e não me lembro qual que é o assunto do Professor Paulo... ele dava uma disciplina para **nós** chamada cultura ... cultura universitária... **eu** acho que era cultura universitária...Que tinha...e **hoje eu** vejo que o objetivo dela era propiciar esse conhecimento básico que a gente chega na universidade sem ele né... e num dado momento ele começou a falar das escolhas que a vida da gente é feita de escolhas que **nós estaríamos sempre** diante de dois caminhos que optar por um **implicaria sempre** abrir mão do outro e aquilo me **marcou** de uma forma tão profunda... que naquele momento eu **decidi** vou ficar... vou ficar ... não vou voltar para **minha** cidade...vou ficar porque cada.. não tem... como **sempre** vou ter que escolher alguma coisa... **sempre** haverá essas possibilidades...então assim o que mais **marcou** na minha formação que implicou a decisão de continuar no curso... foi essa intervenção do Professor ((citou o nome do professor))...que se chamava ((citou o nome do professor))... era um sociólogo carioca e assim... um grande homem... **foi** assim uma surpresa para mim... é... acho que **foi** a coisa mais me marcou...que **eu** nunca **tinha** visto de perto uma pessoa com tanto conhecimento... geral ...esse professor... (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Ressalte-se que, nos excertos elencados, há referência de um mundo disjunto à ordem do narrar implicado (Cf. BRONCKART, 2009), em que predomina o relato interativo. A utilização dos verbos no pretérito perfeito (marcou, terminei, larguei, foi, morei, fui, comecei, marcaram, entrei, decidi, fiz, gostei) e dos verbos no pretérito imperfeito (ia, tinha, era, prendia, estava, cobrava, varava, trabalhava, davam) revela fatos que remetem à realidade, porém aconteceram em determinado período. Há, além do mais, a presença de verbos no futuro do pretérito (queria, destacaria, ficaria, estaríamos, implicaria), que estão destacados em negrito nos excertos do quadro 34.

O relato interativo ainda se caracteriza pela presença de organizadores temporais que compõem o narrar (até hoje, depois, sempre, quando, agora) e de marcadores temporais (era oito horas da manhã, foi ali, terminei em noventa e um, dado momento, cinquenta quilômetros), também identificados no quadro acima.

Há, inclusive o uso de pronomes que remetem de forma direta aos protagonistas da interação verbal presentes no relato (nós, eu, minha). Outrossim, vale destacar que o expor implicado refere-se à compreensão de que os discursos fazem parte da realidade daqueles que protagonizam uma interação verbal.

Já o discurso teórico nas entrevistas é marcado por ausência de frases não declarativas e dominância das formas do tempo presente (Cf. BRONCKART, 2009) e é notado quando os entrevistados respondem à pergunta ‘o que é ser professor?’, conforme disposto a seguir.

Quadro 35: Exemplos de discurso teórico

E4: Ser professor é todo dia você entender que... que você tá aqui pra enfrentar um problema estrutural na nossa sociedade e que provavelmente a gente vai morrer sem resol... sem resolver... então é um problema de estrutura ... a maioria dos professores... eu fui pra... pra... eu sou uma profissional da educação por escolha... né... não sei se a maioria é... não vou dizer que a maioria seja ou não seja... porque nunca pesquisei pra dizer... eu sei né... o que os jornais dizem ou que as pessoas dizem de uma maneira geral não é científico... não há pesquisa... não é dado né...é senso comum... o que o senso comum diz é que a maioria dos professores... não escolhe ser professores... é... eu escolhi ser professora... então... quando você faz essa escolha... você... eu fui consciente de todas as dificuldades que eu iria enfrentar... inclusive salarial... é... né... e aí a gente vai tentando... com... complementar de outras maneiras... né... o professor de Língua Portuguesa de outras maneiras a necessidade salarial... mas o que não faz desistir... é pensar que... eu **posso mudar a cada semestre eu mudo a cabeça de... eu **planto** uma sementinha em três... quatro às vezes até mais (Excerto).**

E1: Ser professor é... ser professor é olhar para o outro... e que... é... eu sempre bato nessa tecla...que o professor é muito além de só ensinar conteúdo... ser professor é olhar para o outro e saber que tem um ser humano ali na sua frente né... que está ali... que quer apreender... que às vezes é... a escola... ou você é o único... é o único portal que possa se abrir pra ele ter uma vida melhor... condições melhores... expectativas melhores... (Excerto).

Fonte: Elaboração própria

Ao analisar o discurso teórico, percebe-se, como na entrevista 4, a presença de verbos relacionais no presente do indicativo “é” e a presença de organizadores lógico-argumentativos (mas, porque, então). Esse tipo de discurso nas entrevistas-*córpus* marca o distanciamento do enunciador, porém evidencia pontos que regem o trabalho do professor, nesse caso específico, o de Língua Portuguesa.

Ainda com relação aos tipos de discurso, foi identificado a presença da

narração.

Quadro 36: Exemplo de narração

E6: Eu sempre **comento** um episódio que **eu vivenciei** num curso de Letras quando **eu assumi** é... numa cidade **aqui** perto... que para **mim** é emblemático... **eu** estava dando... aí **agora** me fugiu o nome daqueles verbos...ah... esqueci... era um aspecto da pragmática que **eu** tava... me fugiu o nome do verbo... o nome que se dá isso em linguística... Aí **eu** falava com eles assim ... olha ... aqueles verbos...aqueles verbos... Quando **você** vai ... que o juiz fala assim ... os declaro marido e mulher... aí a ação se consolida né ... aí **eu** dizendo para os alunos... que olha gente... o verbo é assim ...que me fugiu **agora** ... ele só é assim no presente... experimenta jogar no pretérito perfeito para **vocês** observarem que ele **perde** esse valor... Aí os alunos naquele silêncio... gente... experimenta jogar no pretérito perfeito para **vocês** sentirem ... aí uma aluna mais corajosa que a outra...oitavo período...oitavo período... uma aluna mais corajosa que a outra levantou a mão e disse... **professora eu não entendo** muito esse negócio de verbo... **o que que é pretérito perfeito ? ((hum))** Então veja bem... quando ela falou isso... pipocou... nem **eu**... nem **eu**... nem **eu**...nem **eu** (Excerto).

E3: Eu terminei em noventa e dois... noventa e um e noventa e dois... a graduação é... a relação mesmo de dificuldade... é a dificuldade de conciliar a graduação com trabalho... o curso era noturno... de certa forma eu trabalhava em outro emprego... na verdade trabalhava em dois empregos na verdade... que era... eu era gerente de supermercado e também era garçom aos finais de semana... então eu tinha que conciliar tempo pra ler... e pra estudar... e isso varava as madrugadas...tudo mais... (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Quanto aos segmentos citados, considera-se que pertençam ao eixo do narrar porque há neles um tipo de discurso em que não se observa participantes implicados na interação, sendo que o acontecimento verbalizado é enfatizado no tempo e lugar separados, disjunto do momento e do lugar da interação. O narrar do mundo disjunto caracteriza-se pela implicação dos parâmetros da interação verbal.

Outro ponto de destaque na análise do nível organizacional relaciona-se aos mecanismos de coesão nominal em que é possível verificar os protagonistas centrais incorporados, bem como as unidades de informação postas e retomadas no texto.

A análise é, ademais, no sentido de identificar os actantes centrais postos em cena nos textos das entrevistas por meio das retomadas das anáforas nominais e sintagmas nominais, até porque são nos mecanismos de coesão nominal que são apresentados temas e personagens novos, retomados e substituídos no texto. Dessa forma, a verificação das unidades lexicais que compõem a coesão nominal possibilita identificar como são construídas as representações dos actantes professores, como é o caso da representação do docente de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

Destarte, por meio da observação dos sintagmas nominais e dos referentes,

resgata-se os actantes principais dispostos nas falas dos entrevistados. A seguir, alguns excertos com relativa significância acerca dessa questão; inicialmente a referência das respostas dadas à pergunta: Houve algum professor que marcou positiva ou negativamente a sua formação? Por quê?

Quadro 37: Referência aos professores

<p>E1: Houve uma professora minha de ensino médio de Língua Portuguesa... ela... (ruídos) marcou muito a minha... ela decidiu... (incompreensível)... minha decisão de ser professora porque é... as aulas dela é... era... era aulas muito boa... (ruídos) além de ser apaixonada pela Língua Portuguesa desde sempre... ainda as aulas eram muito boa... ela era muito carismática... muito educada... isso... isso colaborou que eu tinha ela como espelho (ruídos)... (Excerto)</p>
<p>E2: Bom... Positivamente teve... na área de inglês... por exemplo... trabalhava com fonética que era ((citou o nome do professor)) que ...e... e de inglês que era a ((citou o nome da professora)) que... fazia a gente trabalhar bastante... e negativamente era uma de literatura que... assim... a gente percebia que nitidamente não preparava aulas... ela chegava com cópias aleatórias... quase aleatórias... e a formação também era péssima...então...é isso... (Excerto)</p>
<p>E3: Positiva... positiva... eu tive é... uma professora da... da área da literatura... que chamava ((citou o nome da professora)) da parte de teatro... e por isso... engrenei na área de literatura por isso né... e a gente sempre trabalhava muito a parte de teatro... a parte de apresentação... toda parte dramática... digamos assim... dos romances... e de todos dos gêneros literários que tinha narrativas... outras formas...né... de linguagem... essa pessoa foi fantástica... aí a gente fez um trabalho de muita parceria... inclusive por meio desses trabalhos... que a gente tinha acesso as... as rádios... jornais da época... e tudo mais... então e outros professores também... como professor de linguística que eu tive também... muito... muito... afinado ali... muito... é muito tranquilo... dentro de um processo muito rígido e foi aí que consegui levar nesta perspectiva... assim também como tive a professora de inglês... que depois se tornou minha amiga... muito amiga também... embora não... eu não fui parar na Língua Inglesa... voltei para Língua Portuguesa... fantástico... então... são professores que de certa forma... e vários outros né... que tiveram comigo... mas a professora (citou o nome da professora) foi a que mais me destacou nessa perspectiva da literatura... (Excerto)</p>
<p>E4: É... essas duas marcaram positivamente... ((citou o nome da professora)) e... a... e a... ((citou o nome da professora)) né...a ((citou o nome da professora)) foi minha orientadora de mestrado também... ela foi minha orientadora de PIBIC... minha orientadora de... de mestrado... só não foi de doutorado porque eu fui fazer com a ((citou o nome da professora)) que foi orientadora... que foi orientanda de doutorado da ((citou o nome da professora)) ... então enfim... a mesma linha de pensamento assim... mas eu tive grandes professores na Letras né... a ((citou o nome da professora)) a minha orientadora de doutorado... que é um... uma grande pesquisadora... uma grande professora... um grande ser humano né... então... é... minhas colegas também né que... enfim aprendo... mas... na graduação é... a ((citou o nome da professora)) me marcou muito a... ((citou o nome da professora)) me marcou muito... mas eu tive um professor de literatura também que veio o ((citou o nome do professor)) ... da... de teatro... teatro e literatura que fazia... essa junção que me deu realismo...brasileiro que também maravilhoso... assim... o ((citou o nome do professor)) me marcou profundamente... e muitos dos meus professores se tornaram meus amigos depois né... o próprio ((citou o nome do professor)) que é um grande professor da... que... é da área de letramento no Brasil... pesquisador do INEP... foi meu professor de redação oficial... é... marcou muito também a... a forma como o ((citou o nome do professor)) né as aulas do ((citou o nome do professor)) e... e a forma como o ((citou o nome do professor)) pensa e age no mundo... então assim eu tive grandes professores assim... eu posso relatar um monte... agora teve uma professora que me marcou negativamente... que... não só a mim acho que uma geração que passou por ela na... na... no curso de Letras... que foi a ((citou o nome da professora)) porque... enfim tem várias... várias problemáticas em relacionado a ((citou o nome da professora)) mas na minha... na... eu lembro que eu... quando eu tava fazendo estágio supervisionado em bacharelado com ela... eu... eu fi... ela não aceitava a gente fazer a... a avaliação docente...dos... dos docentes né... ela não permitia que a secretaria fosse... e aí</p>

eu fui e fez... fiz uma rebelião... e levei todos os alunos até a secretaria pra que a gente pudesse fazer a avaliação da... da aula **dela**... e... enfim tem várias questões... é... relacionadas né... **ela** nunca chegava no horário...**ela** sempre chegava super tarde... **ela** faltava muitas aulas... é... **ela** passava um monte de trabalho... não corrigia... não dava feedback pra gente... e... enfim umas coisas meio sem nexo... e aí eu... o que eu escrevi na minha avaliação e eu lembro muito bem... é que na verdade eu agradeço a ((citou o nome da professora)) e a ((citou o nome da professora)) me deu todas as disciplinas de bacharelado né... mas **ela** era uma grande revisora... apesar do... toda problemática **dela** enquanto professora... é isso... né... **ela**... e aí... eu lembro que eu falei no... na... na avaliação que eu fiz... que eu agradeço muito ter passado por **ela**... porque eu entendi o tipo de **professora** que eu não gostaria de ser... então acho que é po... mesmo sendo negativa a... a... atuação **dela**... é importante pra gente contrapor né... e com todos... e com todas as questões negativas da atuação **dela** enquanto **professora**... mas enquanto revisora... eu... **ela**... **ela** sabia muito né... e... e... passava ... né...do jeito **dela**... mas passava...(Excerto)

E5: Curiosamente eu tive dois **professores**... Mas nenhum era do curso... do meu curso ... eu tive...nessa... numa pós que eu fiz em gramática... tinha uma **professora** né...eu fiz lá em Brasília no IESPLAN... não sei se você conhece aqui ... que era sensacional a **professora**...((citou o nome da professora)) assim muito humana...a forma de tratar com a gente... e isso... **essa professora** realmente me marcou bastante e teve um colega na época que eu estudava no estado que eu lecionava no estado que também era professor de português é ainda né... é até mestre agora e ele é apaixonadíssimo assim Clarice Lispector então era alguém com quem eu gostava muito de conversar... essas duas pessoas né curiosamente não são do meu curso... do curso que eu fiz mas são da área...(Excerto)

E6: Positivamente a formação... pelo conhecimento **dele**... pela disponibilidade **dele**... pelo clareamento que **ele** fazia para nós com as intervenções gerais... não só uma questão de uma disciplina que eu acho que eu fui escolhida a dedo para essa disciplina que **ele** ministrou para nós... (Excerto)

Fonte: Elaboração própria

Nota-se que os docentes entrevistados fazem referência, em sua grande maioria, ao substantivo “professor”, bem como aos substantivos “professora, professores e professoras”, seguidos de referências ao pronome pessoal de 3ª pessoa “ela”. Há o elemento de coesão nominal presente em grande parte dos excertos e, notadamente, o protagonista central é o pronome pessoal ela. O excerto da entrevista 4 é o que mais tem ocorrência desse pronome, pois a entrevistada faz retomadas sobre uma professora que foi citada de forma específica e que marcou negativamente, bem como faz retomadas ao substantivo professora.

Aparece com menor frequência o pronome pessoal “ele”, porque o substantivo professor é menos citado. No excerto da entrevista 3, o entrevistado utiliza o termo essa pessoa quando faz referência à professora, ou seja, utiliza o substantivo pessoa de forma em que há sinal de apagamento. O pronome indefinido “outros” também foi mencionado nesse mesmo excerto antecedendo o substantivo professores.

No fragmento da entrevista 5, é utilizado o pronome demonstrativo essa antecedendo o substantivo professora. Dele e dela são grupos preposicionais

formados pela preposição “de” e pelo pronome pessoal de 3ª pessoa “ele e ela”, recorrentes nesse excerto em que são realizadas retomadas pelos substantivos professor e professora.

Percebe-se que, para cada trecho mencionado, as cadeias anafóricas são constituídas de forma que o leitor retome-as visando entender o texto.

Com referência aos alunos, a análise da coesão nominal é focada nas respostas da questão 5 da segunda etapa das entrevistas, conforme disposto no quadro abaixo:

Quadro 38: Referência aos alunos

E1: Eu sempre penso de relacionar com a realidade que **eles** vão viver...como estava de dizendo eu penso como vou relacionar Língua Portuguesa com contabilidade né... aí eu pensei é... ensinar pra **eles** a... a escrita... peguei a ementa... e pensei como relacionar o conteúdo com o futuro **deles** é... atuando quanto contadores... escrever é... no sentido de documentos... no sentido de atendimento de clientes... qual linguajar... a adequação do linguajar... então eu quis relacionar o ensino da Língua Portuguesa com a atuação... com a atuação profissional **deles**... com a realidade que **eles** vão enfrentar... (Excerto).

E2: É... geralmente quando eu vou... vou pensar as aulas para os cursos... aí eu vou pensando... imaginando... a atuação profissional e a realidade profissional de cada um deles... então eu vou pensar bom... eu tô pensando para contador... CLARO... eu não sei o dia a dia exato dos contadores... não sei... mas... eu sei que no mínimo... durante a vida acadêmica... pelo menos... ou durante as coisas... vão ter que fazer relatórios... vão ter que fazer apresentação de trabalhos... ou no mínimo carta de apresentação e o que exige nas ementas dos cursos eu vou ministrar e... mas além disso pensando nas atuações que **eles** vão ter que fazer... relatórios... alguns gêneros acadêmicos... ou seja... tipo de texto que **eles** vão produzir... além na vida acadêmica... durante a vida profissional também... não aqueles textos...pelo menos que eu imagino que **eles** vão precisar produzir... tanto na universidade... quanto na vida acadêmica... e como já vai começar estagiar... não tem... tem né?... ah **eles** têm estágios... contábeis eu acho que tem estágio... então começando imaginar a vida profissional... alguns textos que provavelmente **eles** vão produzir durante a vida. (Excerto).

E3: Em dois momentos... a primeira... a conceituação teórica... ou seja... alguns tópicos que têm a ver com... alguns conceitos de linguagem... língua... código né... de instrumentalização e o segundo é... com a parte prática mesmo... então... como o **aluno** pode a usar alguns conceitos no seu dia a dia... por exemplo... por meio de um parecer...por meio é... de uma carta... por meio de uma crônica... por meio de um artigo de opinião... é então... ou seja... é deixar para esse **aluno** alguns gêneros que **ele** possa utilizar na sua formação e pós formação... (Excerto).

E6: Olha... é... a gente procura estabelecer um diálogo mais próximo na seleção de texto... eu sempre busco textos que sejam mais voltados para área **deles**... né... para poder assim... não ficar... e que não seja totalmente da área **deles** ... mas que seja em áreas que dialoguem né... que dialoguem ... que seja de interesse para **eles**... inclusive projeto nessa última turma que eu trabalhei metodologia com **eles**... é... eu fiz um diálogo com outros professores para gente já fazer projeto de pesquisa dentro da área **deles**... com a contribuição dos outros professores ... é claro ... é.. na na indicação para mim de referencial teórico para eu poder caminhar junto com **eles** nessa parte né... E... aí a gente faz esse diálogo assim... eu acho que agora na seleção... na interação... como eu disse a você Elisângela... eu sempre deixo essa abertura para **eles** fazerem intervenção naquilo que realmente interessa...então **eles** trazem muitos problemas... é... meu chefe disse isso... eu tive que fazer isso hoje... como é que eu faria isso aqui e tal... eu fiz assim... tá certo ou não tá...é... mais assim ... a relação deles com a língua é mais séria porque **eles** já estão () ((incompreensível)) eu sempre falo isso com **eles**... Olha... cuidado... cuidado... a gente precisa levar isso a sério... porque numa seleção de emprego... é... entre

um que escreve bem e um que não escreve ...não tenha dúvidas... o que escreve bem sai na frente ... não tenha dúvidas... isso é um cartão de visitas... não tenha dúvidas... então é uma turma séria... é... eu gosto de trabalhar com **eles**... agora .. é... nós estamos com problema aqui... não tivemos vestibular e acho que não vamos ter...né ((hurum)) então... é uma porta se fechando... (Excerto).

E5: Pois é ... na hora que eu recebi... é... as ementas do curso né quando eu fui... eu fiquei pensando... Será que eu vou seguir isso daqui? Ou eu preciso conversar primeiro com os **alunos** conhecer... verificar quais são as necessidades **deles** para eu poder me ajustar? E aí foi isso que eu fiz... né... como era uma turma só... então... deu tempo da gente conversar um pouquinho... verificar... o que que eu fiz? Pedi algum trabalho escrito né ...para verificar como que estava escrita **desses alunos** né ... E aí a gente foi trabalhando em cima disso... então eu planejei a minha aula mas com base naquilo que eu observei da nossa conversa ... da conversa que a gente teve ... até fugi um pouco da ementa do curso que a UEG tinha me passado né... para poder me adequar ... né... aquilo que eu te falei antes... infelizmente **eles** chegam... **Eles** não estão preparados para a escrita e no curso superior não tem jeito...você tem que escrever muito né...((é))...(Excerto).

Fonte: Elaboração própria

Percebe-se que, em grande parte das ocorrências citadas no quadro, a referência inicial é feita pelo substantivo alunos, em seguida há retomadas com o emprego dos pronomes pessoais “eles”.

A presença de grupos preposicionais formados pela preposição “de” e pelos pronomes pessoais de 3ª pessoa “ele, eles” foi destacada em alguns excertos, bem como a palavra “desses”, formada pela preposição “de” mais o pronome demonstrativo “esses”, fazendo referência aos alunos. Esses pontos asseguram a retomada do actante alunos no desenvolvimento do texto em que foi possível o uso das anáforas.

Os mecanismos de coesão verbal são outro ponto de análise do nível organizacional e se caracterizam pela “organização temporal das ações do texto, sendo formada por tempos verbais, advérbios ou expressões que têm significação temporal “(CRISTÓVÃO, 2008, p.118-119). Isso pode ser descrito pela hierarquia dos processos verbalizados no texto, posto que se realizam via tempos verbais.

O exemplo com destaque para a coesão verbal centra-se na questão 6 da etapa 1 das entrevistas, em que se pode elencar os verbos ou locuções verbais utilizadas, conforme pode ser visualizado no quadro abaixo.

Quadro 39: Verbo ou locução verbal x tempo verbal

Entrevistas	Verbo ou locução verbal	Tempo verbal
Entrevista 1	comecei pensam vão cursar	Pretérito Perfeito do indicativo Presente do indicativo Locução verbal – Presente do subjuntivo

	entrasse saísse pensava	Pretérito imperfeito do subjuntivo Pretérito imperfeito do subjuntivo Pretérito imperfeito do indicativo
Entrevista 2	Tinha entrei faria eram tinham teria	Pretérito imperfeito do indicativo Pretérito perfeito do indicativo Futuro do pretérito do indicativo Pretérito imperfeito do indicativo Pretérito imperfeito do indicativo Futuro do pretérito do indicativo
Entrevista 3	pudesse tive gostasse	Pretérito imperfeito do subjuntivo Pretérito perfeito do indicativo Pretérito imperfeito do subjuntivo
Entrevista 4	optei comecei falaram encontrei falei vou terminar opto falou vamos colocar fui tenho tinha fui	Pretérito imperfeito do subjuntivo Pretérito perfeito do indicativo Pretérito perfeito do indicativo Pretérito perfeito do indicativo Pretérito perfeito do indicativo Locução verbal – Presente do indicativo Presente do indicativo Pretérito perfeito do indicativo Locução verbal – presente do indicativo Pretérito perfeito do indicativo Presente do indicativo Pretérito imperfeito do indicativo Pretérito perfeito do indicativo
Entrevista 5	senti gosto precisa fazer cheguei fiz tinha ajudou estou	Pretérito perfeito do indicativo Presente do indicativo Presente do indicativo Locução verbal do indicativo Pretérito perfeito do indicativo Pretérito perfeito do indicativo Pretérito imperfeito do indicativo Pretérito perfeito do indicativo Presente do indicativo
Entrevista 6	fiz tinha clareou formei atuei fiquei disse estava estavam usávamos	Pretérito perfeito do indicativo Pretérito imperfeito do indicativo Pretérito perfeito do indicativo Pretérito imperfeito do indicativo Pretérito imperfeito do indicativo Pretérito imperfeito do indicativo

	trabalhava	Pretérito imperfeito do indicativo
	era	Pretérito imperfeito do indicativo
	posso	Presente do indicativo
	criei	Pretérito perfeito do indicativo
	dizia	Pretérito imperfeito do indicativo
	fiquei	Pretérito perfeito do indicativo
	criamos	Presente do indicativo
	estudávamos	Pretérito imperfeito do indicativo
	tive	Pretérito perfeito do indicativo
	falo	Presente do indicativo
	acho	Presente do indicativo
	precisa ter	Locução verbal – Presente do indicativo
	vejo	Presente do indicativo
	conto	Presente do indicativo
	faço	Presente do indicativo

Fonte: Elaboração própria.

A coesão verbal dos trechos em referência se mantém pelo uso constante do presente, pretérito perfeito e pretérito imperfeito do indicativo; ademais, nas respostas dos docentes há variedade de tempos verbais que foram utilizados para contextualização da resposta diante da pergunta.

Como exemplo, enfatiza-se que os verbos e locuções verbais utilizados no excerto da entrevista 1 totalizam sete ocorrências, dentre as quais uma ocorrência de pretérito perfeito, uma ocorrência do presente do indicativo, duas locuções verbais, uma ocorrência do pretérito imperfeito e duas ocorrências do pretérito imperfeito do subjuntivo, como mostrado a seguir:

Ah... quando eu **comecei** a cursar Letras... acho que a maioria das pessoas pensam que vão cursar Letras... pelo menos na minha época... talvez agora seja diferente... é... E na minha sala também a maioria **era** assim... quando **entrasse** no curso de Letras saísse de lá sabendo falar muito correto...você pensava em estudar a gramática normativa totalmente... o curso de Letras **era** o estudo da gramática normativa... né... essa **era** nossa expectativa inicial... contudo a gente nunca **teve** nem mesmo a aula de gramática... nunca... No curso de Letras não **existe** aula de gramática né... então a minha expectativa a priori **era**... aprender de cima a baixo a gramática normativa para falar muito bem... saber usar ela cotidianamente muito bem... (Excerto - Entrevista 1).

Os verbos e locuções verbais nas respostas dos entrevistados para essa questão variam; porém, uma parcela significativa centra-se nos pretéritos perfeito e imperfeito, com poucas ocorrências do presente do indicativo e futuro do pretérito, que

condizem com o objetivo pelo qual o texto é comunicado, qual seja, o de relatar as expectativas dos docentes entrevistados(as) em relação ao curso de Letras.

Por exemplo, há utilização do presente do indicativo quando a discussão na resposta do entrevistado se volta para algum ponto que ele vivenciou durante o avanço do curso de Letras, haja vista que o uso do presente do indicativo não é significativo, sendo, pois, minoria nessa parte das entrevistas. Já o uso do pretérito tem um quantitativo bem significativo de ocorrências face à própria forma de comunicar no texto, relacionando as expectativas com o curso e que, para muitos, passou a ser a formação que seguiu para o engajamento do trabalho docente.

3.2 Nível enunciativo das entrevistas

Direcionando o olhar para a análise realizada no nível organizacional, observou-se que há predominância do discurso interativo. Avançando para os mecanismos de responsabilização enunciativa que são estudados no nível enunciativo, o próximo quadro apresenta as ocorrências das diferentes manifestações do posicionamento enunciativo, bem como as ocorrências das modalizações (apreciativa, deôntica, lógica e pragmática) nas entrevistas.

Quadro 40: Posicionamento enunciativo e modalizações nas entrevistas

Entrevistados	Posicionamento enunciativo			Modalizações			
	Ocorrências			Ocorrências			
	Eu individual	Nós coletivo	Terceira pessoa do singular	Apreciativa	Deôntica	Lógica	Pragmática
E1	101	00	23	06	11	12	06
E2	122	05	02	05	19	09	03
E3	61	01	22	16	01	07	04
E4	218	17	106	08	11	28	0
E5	200	01	26	11	25	07	02
E6	323	33	75	13	18	79	01
TOTAL							

Total	1025	57	254	59	85	142	16
--------------	-------------	-----------	------------	-----------	-----------	------------	-----------

Fonte: Elaboração própria

A primeira pessoa do singular é predominantemente mais utilizada pelos docentes, em seguida, tem-se a terceira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural. O uso de primeira pessoa do singular marca a posição dos professores como protagonistas que assumem a responsabilidade pelo que é enunciado: inseguranças, razões e os desafios no percurso do trabalho docente.

Na análise das diferentes formas de manifestação da voz dos professores que enunciam o texto, observou-se maior ocorrência de **primeira pessoa do singular ‘eu’ (1025) seguido da terceira pessoa do singular (254)** e, por último, da **primeira pessoa do plural ‘nós’ (57)**, conforme se vê no gráfico abaixo:

Gráfico 1: Posicionamento enunciativo dos entrevistados



Fonte: Elaboração própria

O maior número de ocorrências do ‘Eu’ individual é perceptível na entrevista 6, sendo identificadas 323 ocorrências, seguido de 75 ocorrências da terceira pessoa do singular e 33 do ‘nós’ coletivo. O que foi observado é que 130 das ocorrências do ‘Eu’ individual centraram-se no conteúdo temático agir do professor de Língua Portuguesa em cursos de Ciências Sociais Aplicadas, o que demonstra que esse uso está intimamente ligado ao agir docente.

O segmento a seguir mostra o posicionamento sobre a motivação de ser docente dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

É a mesma motivação que eu tenho para os outros... Eu trabalho com a linguagem... eu trabalho com o ser humano... eu acho bacana disso tudo é porque é gente né... você conhecer pessoas novas com diferentes dificuldades... diferentes contribuições... diferentes formas de vida né...(excerto- entrevista 6)

Como dito, o 'Eu' individual em destaque está relacionado ao conteúdo temático agir do professor de Língua Portuguesa em cursos de Ciências Sociais Aplicadas e, além disso, marca a posição da professora entrevistada ao referenciar a sua responsabilidade frente ao desafio do labor docente tendo em vista as diferentes dificuldades que serão encontradas.

Para esta pesquisa, um dos aspectos da análise diz respeito às vozes que emergem nos enunciados produzidos pelos sujeitos envolvidos no estudo. Além do mais, é importante destacar as vozes implícitas e explícitas que se fazem presentes nessas entrevistas.

No contexto do nível enunciativo nota-se que os agentes-produtores dos textos trilham o mundo do expor e o mundo do narrar, uma vez que se alternam as vozes dos narradores (relato interativo) e as vozes dos expositores (discurso interativo), de forma que essas vozes passam a reger outras vozes dispostas nos textos.

As outras vozes que recorrem no texto, além das vozes dos professores e dos alunos, são as vozes da instituição, das autoridades governamentais e dos familiares.

Dentre as vozes encontradas nos textos, a mais significativa é a voz do professor, conforme exposto no excerto abaixo:

Quando eu fazia ensino médio tive uma professora de Língua Portuguesa que eu achava muito lindo o jeito que ela falava...eu gostava muito das aulas dela e isso me deu vontade de ser...me deu vontade de ser professora (excerto - entrevista 1, pergunta 1 da etapa 1).

Pode-se notar claramente a voz da professora cuja entrevistada 1 se espelhou para conquistar e iniciar sua carreira docente. Ela foi firme em se posicionar que se espelhou em sua professora de Língua Portuguesa para escolher e decidir sua profissão. Portanto, pode-se identificar como os professores se posicionam no desenvolvimento do trabalho, amparando-se e espelhando-se em outros docentes. É por meio de diferentes vozes dos docentes que se tem a tentativa de compreender os detalhes, ou seja, pontos minuciosos presentes no labor desses profissionais.

A voz dos alunos é uma voz que também aparece em alguns relatos e, de certa forma, influencia na responsabilidade do professor de Língua Portuguesa.

O professor de Português ele tem que... ele tem que preparar o aluno... principalmente acho que essa responsabilidade é muito grande do professor de Língua Portuguesa... **preparar o aluno pra além**... pra as situações do cotidiano que vão aparecer na vida dele... fora da escola... quando ele tiver é... em situações em que ele tenha que escolher... que ele saiba fazer isso... que ele saiba aceitar as situações... que ele saiba aceitar as articulações da vida dele... que ele saiba se posicionar... então acho que essa é uma grande responsabilidade do professor de Língua Portuguesa... **ensinar o aluno a atuar fora da escola**... (excerto – entrevista 1, pergunta 15 da etapa 1).

Este excerto reflete o papel social do professor de Língua Portuguesa configurado nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas, sendo, pois, visível quando a entrevistada menciona acerca da responsabilidade desse professor de ter que preparar o aluno para além das situações do cotidiano. Vale notar, então, que é uma responsabilidade exclusiva do exigido para esse tipo de profissional, ou seja, não é algo prescrito pela instituição de ensino, mas sim uma preocupação da professora entrevistada. É possível relacionar à representação textualizada pela professora em ter que munir o aluno de preparo para atuação fora do ambiente escolar, o que influencia fortemente o agir da docente.

Na mesma entrevista, em continuidade à mesma pergunta, a docente expressa o sentimento do que fazer para mudar a situação dos alunos que poderiam ser alvo de drogas e de prostituição na porta da escola:

Eu dou aula em escola no meio rural... quando eu cheguei lá... havia um grande problema porque os alunos que faziam o nono ano... vinham pra cidade para fazer o ensino médio... aí como eles tinham pouca convivência... quando eles chegavam aqui no ensino médio... é... é... **eles** são alvo muito fáceis na porta da escola... de... de drogas... até mesmo prostituição...então isso começou a me preocupar né... que tipo de professora eu estava sendo... mas eu estava acabando de chegar o que eu poderia estar fazendo pra mudar isso... porque... **os alunos** estavam sendo muito propício a... lá tudo bem porque uma comunidade pequena né... (ruídos) todo mundo conhece todo mundo... era fácil de manipular isso... de ficar observando... mas como eu poderia prepará-los para a vida na cidade... (ruídos) pra estudar nas escolas com **alunos** que não tinha convivência e pra eles terem o olhar diferente pra não serem usados na porta de escola né... (excerto – entrevista 1, pergunta 15 da etapa 1).

Nota-se que não são todos os professores que militam por desenvolver um

papel social frente a uma instituição de ensino, tendo em vista que esses profissionais buscam desempenhar o papel de ensinar. É o reflexo da voz explícita pela entrevistada que representa o agir do docente de Língua Portuguesa com vistas a desenvolver estratégias para mudar a situação dos alunos.

Outra voz notável é a da instituição, que aparece na figura do coordenador do curso, influenciando de forma direta a entrevistada 1 no tocante às dificuldades ao começar a trabalhar em um curso de Ciências Sociais Aplicadas, consoante descrito no excerto abaixo.

Eu trabalhei pouco tempo presencial por causa da pandemia né... mas eu não achei tantas dificuldades...o meu coordenador...eu achei mais dificuldades começar a carreira como professora do que na UEG... porque quando montar (incompreensível) a grade curricular... foi fácil montar as disciplinas...**meu coordenador sempre presente...tirando todas as dúvidas até vinte e duas horas da noite tirando dúvida minha...** (excerto – entrevista 1, pergunta 4 da etapa 2).

A professora ressalta a importância do papel da coordenação de um curso de Ciências Sociais Aplicadas da UEG em tirar todas as suas dúvidas e é louvável que a instituição, representada pelo coordenador de curso, possa estar presente em momentos essenciais do trabalho docente. A voz social, nesse excerto, apareceu de forma clara na pessoa do coordenador do curso, o que em muito contribuiu, ao mesmo tempo em que expressa a avaliação pessoal da professora com as dificuldades encontradas no início do trabalho em curso de Ciências Sociais Aplicadas, parte integrante do conteúdo temático ‘o agir do professor de Língua Portuguesa em cursos de Ciências Sociais Aplicadas’.

Nessa direção, a voz da instituição aparece também nessa mesma entrevista quando a entrevistada 1 menciona as dificuldades ao iniciar a carreira docente fora da UEG, enfatizando o papel da direção e coordenação.

Quando a gente encontrava vaga para trabalhar... pouco apoio... **pouco apoio no sentido assim oh... de coordenação... direção mesmo...** na maioria das vezes era os próprios professores que se apoiavam... **o coordenador não tinham esse cuidado de pensar que eu era uma docente que estava chegando** agora que precisava de certo... é... de certo é... de indicações... na primeira vez que preenchi um diário... eu preenchi o diário a CANETA... a caneta azul e eu coloquei os pontinhos... um vírgula zero... que os alunos foram tomando... no final do bimestre tive que refazer todos os diários... porque **a coordenadora jamais me passou uma**

indicação e OUTRA a faculdade nunca também tinha me ensinado a preencher um diário... então por isso que te falo que até a pergunta anterior... nem a faculdade deu suporte e nem **a coordenação da escola deu suporte pra mim docente que estava entrando na escola recentemente...** essa foi das grandes dificuldades que eu encontrei... é se vira... é cada um por si e Deus por todos... (excerto – entrevista 1, pergunta 11 da etapa 1).

Percebe-se a relação com o conteúdo tematizado ‘Agir do professor de Língua Portuguesa’, em que a docente expressa o sentimento de dificuldade na realização do trabalho, seja por ter tido pouco apoio e até mesmo por não ter tido suporte. Cabe destacar a representação da professora acerca das questões relacionadas à dificuldade no preenchimento do diário e a falta de apoio por parte da instituição.

Outra voz trazida em cena é a das autoridades governamentais, explicitada nos excertos da entrevista 5, representada por meio da palavra governo.

E o **governo** poderia melhorar a valorização? poderia sim... né... então é um caso que eu penso da desvalorização de professores... É como dizia o Darcy Ribeiro... é um projeto **governamental...** infelizmente infelizmente... mas não apenas professor de Letras né ... professor de Língua Portuguesa mas todos os professores... é óbvio né professor de Língua Portuguesa... (excerto – entrevista 5, pergunta 14 da etapa 1).

Esse exemplo mostra a voz do governo no contexto da valorização da profissão docente e do professor de Língua Portuguesa, com destaque em ser um projeto governamental e, nesse caso, a representação do docente permeia pela valorização do professor de forma geral.

O mesmo entrevistado continua a destacar a voz das autoridades governamentais em seu discurso.

Um **governo** que não liga a mínima para faculdades... para escolas em vez de incentivar faz é degradar o sistema de ensino do país... a gente faz isso porque a gente insiste... a gente é persistente e insistente... eu penso... mas eu gosto ((risos)) ((hukum)) ... (excerto – entrevista 5, pergunta 7 da etapa 2).

Nesse trecho, ele faz relação com a degradação do sistema de ensino do país, posicionando-se como insistente para se manter atuando. Um outro excerto que revela a voz das autoridades governamentais está na entrevista 4.

Por mais que nós aprendemos quando a gente tá revisando uma tese... tá revisando um texto qualquer... é... mas é um... muitas vezes não é o... o mais importante... pra aquele momento... pra aquele professor... e... e é tempo né... demanda muito tempo esse ti... esse tipo de trabalho...é... então acho muito grave... gravíssimo o problema né... ainda mais pensando agora nesse decreto que saiu quarta-feira passa... sem ser nessa na anterior né... dia vinte e oito dia do funcionalismo público... saiu o decreto que acaba com o piso salarial... com piso não... é com piso... não... com a base... não é o piso... é com a base salarial... né do professor... ou seja... agora **o governo** pode pagar o que ele quiser... como era antes... lá atrás... (excerto-entrevista 4, pergunta 13 da etapa 1).

Esse fragmento aponta o quanto o governo tem vez quando o assunto é base salarial, ainda mais quando se trata de uma categoria como a do trabalhador do ensino. A fragilidade com que é conduzido o descaso salarial é impressionante, embora saibasse que não é somente a profissão docente que se mostra desvalorizada. Nesse sentido, a professora entrevistada posiciona o professor em geral como um sujeito cognitivo repleto de representações. No entanto, a representação que se apresenta no contexto da voz do governo é válida para todo o coletivo de professores.

Outra voz trazida em cena é a voz dos familiares:

Sou de uma **família** de... de professores... mas não queria ser professora... mas... aí... é...**minha mãe** me falou... lá na época... é... que o curso de letras era um curso que poderia abranger várias áreas né, e... e aí eu tava fazendo reda... fazendo publicidade... e aí eu fiz esse... tive acesso a esse... hum... a... a esse lado da profissão né... de redator publicitário na... na... agência de publicidade da católica... (excerto - entrevista 4, pergunta 1 da etapa 1).

A voz dos familiares também aparece nessa mesma entrevista na resposta de uma outra pergunta:

Tem vários... (risos) eu sou de uma **família** de professores... então eu tenho minha tia... que é professora aposentada de português da secretaria de educação, e tem doutorado em literatura... deu aula muito tempo em universidades particulares da... do DF... foi diretora de uma escola...oh de uma escola não... de uma faculdade né... é... tenho uma prima que é professora de artes da... secretaria da educação... enfim... são... deixa eu ver quem mais... acho que... tenho um tio que atuou... mas depois parou de atuar um tempo também com o ensino de artes também... é... outro primo que é professor... acho que é... tem... tem algumas pessoas... tem pessoas que fizeram a licenciatura e acabaram indo para o funcionalismo público né... é... mas... sempre tive contato com pessoas do... do curso de... do... professores... tem primo do outro né... ai tô falando só do lado da minha mãe né... do lado do meu pai também... tem meu primo que é professor de matemática... é... na melhor escola... e é diretor de várias escolas lá em Pernambuco... lá em Recife... então... tem sim. (excerto-entrevista 4, pergunta 2 da etapa 1).

A resposta da entrevistada reflete os muitos familiares que trabalham na área da educação. Assim, a professora enfatiza a figura da tia que cursou doutorado e foi diretora de faculdade, além do primo que dirigiu escolas em um outro Estado e destaca que tanto por parte da mãe quanto do pai há destaques de familiares que trabalham com o ensino. A manifestação da voz dos familiares denota uma voz explícita e que em muito retrata no discurso dessa professora a representação de uma profissional que teve influência de familiares.

As avaliações, os julgamentos e os sentimentos presentes no texto das entrevistas a respeito de algum dos conteúdos temáticos são pertinentes e revelados por meio das diversas vozes nos textos que foram produzidos a partir das entrevistas realizadas com os docentes de Língua Portuguesa atuantes em Cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

Na análise das marcas de pessoa, ainda parte integrante do nível enunciativo, a proposta é, a partir dos pronomes pessoais que circulam no texto das entrevistas, identificar as atribuições realizadas aos pronomes que figuram no agir dos docentes.

De forma geral, foi possível observar a posição pessoal dos docentes entrevistados através do pronome pessoal eu. A predominância da primeira pessoa do singular no texto das entrevistas possibilita que sejam identificados os papéis sociais dos entrevistados.

A título de exemplificação, utilizou-se os excertos da primeira questão da etapa 2 das entrevistas, O docente participante é indagado sobre o que o levou a ser professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas. Na entrevista 1, verifica-se:

Eu comecei a dar aula na UEG nesse ano... (ruídos) sempre... sempre **eu** quis dar aula pra adultos como disse inicialmente... então me preparei muito... fiz muitas especializações... (ruídos) e ainda não fiz mestrado... ainda tô procurando... buscando ainda... o edital Poslli inclusive... e... **eu** fiz o processo seletivo... pra literatura infantil... então aí... abriu essa vaga (incompreensível) **eu** consegui passar pra dar aula de Língua Portuguesa... (incompreensível)...na área de pedagogia e surgiu uma vaga pra contabilidade... aí como a vaga é de Língua Portuguesa **eu** poderia atuar na área... nessa área... foi assim... (excerto-entrevista 1, pergunta 1 da etapa 2).

Percebe-se que a entrevistada menciona cinco vezes o dêitico de pessoa eu, expondo a marca linguística em seu discurso. E inclusive menciona o papel de futura

aluna de mestrado, quando faz menção à sua busca por uma pós-graduação stricto sensu.

O pronome **eu** pode aparecer de forma clara, bem como de forma subtendida, conforme pode ser visto a seguir.

Oportunidade... **eu acho** que foi no primeiro momento... segundo momento uma... perspectiva de comparação... não de comparação mas de... aprofundamento... digamos assim... na relação... porque são perfis completamente diferentes... são linguagens completamente diferentes... são objetivos completamente diferentes... e... **acho** que são... foi isso... oportunidade de poder... me aprofundar um pouco mais na minha formação mesmo... contínua... como **eu** tenho dito... e de poder... é... poder é... investigar um pouco mais essas possibilidades é... desses discursos ou (...)
(excerto-entrevista 3, pergunta 1 da etapa 2).

Nesse excerto, é nítida a presença do dêitico eu de forma explícita, acompanhado do verbo achar, em que o entrevistado permanece no seu papel de professor, pontuando sobre o aprofundamento de sua formação e o de poder investigar as possibilidades e os discursos nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas. Destaca-se a voz do professor na teia discursiva, em que é traduzida a sua opinião ao mencionar **eu acho**, refletindo assim o agir do docente atuante em um curso de Ciências Sociais Aplicadas e, do mesmo modo, a manifestação do seu posicionamento.

E, por último, abaixo, o dêitico eu também é o que prevalece no excerto da entrevista 2, seja de forma explícita ou implícita.

Não... é porque é... o meu foco... é linguística textual... e uma das partes de linguística textual... o que é minha área de formação... que eu tô terminando doutorado ainda... que se alonga muitos anos passou de horas já... é... o meu foco é a escrita... então a minha... a minha escolha... é porque o primeiro e segundo semestre... o início do curso... trabalha com a escrita... e uma das coisas... e uma das coisas que **gosto** muito é trabalhar com a escrita... porque o que **eu acredito** é... a escrita... principalmente a reescrita... inclusive e agora nessa pandemia... tá atrapalhando a minha metodologia... porque **eu** gosto de trabalhar a escrita e reescrita... como é que funciona? os alunos escrevem... me entregam... **eu** corrijo... ou pelo computador... porque **eu** gosto também né por e-mail né... devolvo... mas aí **eu** sento com ele e tento junto com eles reescrever... então a reescrita que para mim é importante... e até por isso em um curso de stricto sensu... para mim é importante porque nele... não sei como está sendo a... o seu contato com o orientador... o orientador senta com aluno e orienta... até mesmo... as questões... essa ideia não está boa fulano! Vamos colocar outra coisa... insere isso aqui... leia fulano de tal para te ajudar... a inserir ideias... o orientador vai orientando da escrita... às vezes até na própria forma... então... por isso que **escolhi**... porque os

primeiros períodos trabalharam com o básico da escrita... que **eu acho** que é muito importante...nesse nível de formação... por isso que **escolhi** ... (excerto-entrevista 2, pergunta 1 da etapa 2).

Mais uma vez a presença do dêitico **eu** é visível acompanhado pelos verbos acreditar e achar, conforme os destaques em negrito, bem como aparece de forma implícita. Percebe-se, de forma geral, que os professores entrevistados se colocam firmes em seu discurso, aproveitando as oportunidades rumo à atuação em cursos de Ciências Sociais Aplicadas, além de possibilidades de trabalhar com a escrita e reescrita em cursos diferentes da sua área de formação, inclusive sendo perceptível o papel desse profissional ao nível social, não ficando somente no quadrado da sala de aula do curso de Letras, mas desvelando outras oportunidades que a carreira oferece. Nesse sentido, é possível identificar a representação do docente constituída no trabalho de escrita e reescrita, sendo, pois, aspecto essencial no labor do Professor de Língua Portuguesa nos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

O quadro, a seguir, revela o número de ocorrências dos pronomes eu e a gente/nós que circulam nos textos das entrevistas, a partir dos destaques dos entrevistados; não foram consideradas as ocorrências da leitura das perguntas efetivadas pela entrevistadora.

Quadro 41: Pronomes eu e a gente/nós

Entrevistas	Formas de emprego	Número de ocorrências
Entrevista 1	Eu a gente nós	101 09 00
Entrevista 2	Eu a gente nós	122 28 05
Entrevista 3	Eu a gente nós	61 05 01
Entrevista 4	Eu a gente nós	218 29 17
Entrevista 5	Eu a gente nós	200 37 01
Entrevista 6	Eu	323

	a gente	106
	nós	33

Fonte: Dados da presente pesquisa

Como se pode perceber, o pronome pessoal **eu** aparece com mais ocorrências em todas as seis entrevistas, o que revela uma posição individual no discurso dos entrevistados, ou seja, posicionamentos pessoais frente ao agir dos docentes que participaram das entrevistas.

No quadro 41 foi identificada a presença de um discurso voltado para o lado da coletividade, de forma que a utilização dos pronomes **nós** e a **gente** foi perceptível, embora com número menor de ocorrências. Já o excerto a seguir, da entrevista 6, mostra os pronomes pessoais que circulam em seu discurso.

É um problema que eu ainda vejo hoje no Brasil... é difícil **a gente a gente** conseguir essa via de mão dupla... essa adesão ... é difícil ... e então depois de um certo tempo eu me voltei mais para alunos um pouquinho maiores adolescentes que eu acho que eu tenho um trânsito mais livre... eles compreendem melhor a minha abordagem democrática no relacionamento... no relacionamento... porque também é... ((risos)) na condução da disciplina e tudo eu sou meio linha-dura ... sou meio assim linha-dura ... ali no... meio no Preto no Branco... mas assim no relacionamento eu acho que **a gente** precisa ser pelo diálogo... né... precisa ... porque nós estamos... precisamos estar Unidos no mesmo ideal... **a gente** socializar o que **a gente** detém ... e o aluno buscar isso com **a gente** né ... eu sempre atuei em sala de aula assim... então isso me gera alguns problemas... gerou alguns problemas com alunos entenderem meio errado isso... achar que era tipo lecefer... na verdade não é né ... é... mas é isso... ((risos)) (excerto - entrevista 6)

Nesse excerto é possível associar a posição pessoal da entrevistada marcada pelo pronome **eu**, além da posição coletiva marcada pelo **a gente** ao representar a professora e demais colegas.

Abaixo, além da ideia de coletividade entre a entrevistada, outros colegas e a coordenação, há a ideia de uma característica destacada por Machado (2007), que diz respeito ao trabalho docente ser de cunho interpessoal no sentido do envolvimento da interação com vários outros indivíduos, presentes ou ausentes na situação do trabalho.

É... eu não decidi... (risos) **a gente** trabalha assim... é... os professores da área né... as disciplinas... o máximo que **a gente** pode às vezes é... é negociar uma turma ou outra... né... dá mais certo para mim essa ... é... não vejo problema também não... e percebo que os colegas aqui no campus... na

unidade de Itumbiara... ninguém tem assim essa rejeição não... **a gente** transita dum curso para o outro assim...é... tranquilamente... sabe... não tem assim... problema não... eu acho que aqui tanto no meu caso como outros professores... é... efetiva no campus... na unidade de ((citou a unidade))...a gente tem que se acostumar agora com essa questão de câmpus... não somos mais campus... na unidade ((citou a unidade))... efetiva na área estou só eu... mas assim ... temos outros colegas que atuam... mas assim... também ninguém se incomoda muito com isso não... **a gente** transita bem... é... e aí nas... nas reuniões de colegiado **a gente** faz os assim... coordenador vai pontuando com **a gente**... vou colocar mais isso ou aquilo... **a gente** faz um trabalho paralelo no enade tanto no enade... então... não vejo muito assim... não foi uma questão de escolha não ... e **a gente** vai assim para onde o seu mestre mandar ((risos)) digamos assim ((risos)) ... (excerto-entrevista 6, pergunta 3 da etapa 2).

De fato, pode-se relacionar o **a gente** com o trabalho docente marcado pela interpessoalidade e clarificar a presença do coletivo desvelado nas situações de trabalho.

A análise do quadro abaixo sintetiza o posicionamento enunciativo nas entrevistas deste estudo.

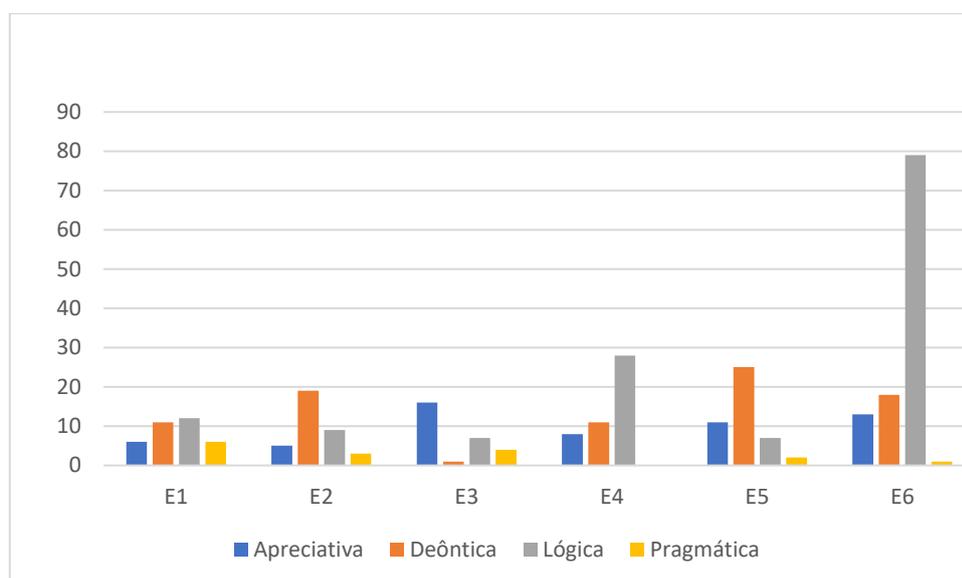
Quadro 42: Síntese do posicionamento enunciativo nas entrevistas

Cópus analisado	Marcas pessoa	Total de ocorrências
06 entrevistas	'eu' pessoal	1025
	'nós' coletivo	57
	3ª pessoa singular	254

Fonte: Elaboração própria

Prosseguindo no nível enunciativo, interessa examinar as modalizações identificadas nos relatos das entrevistas, tendo em vista que as modalizações promovem a interação do leitor no texto e, conforme pontua Bronckart (2009), são as avaliações formuladas sobre aspectos do conteúdo temático, além de fornecer informações para a interpretação desse conteúdo.

No que se refere às modalizações, identificou-se que foram empregadas modalizações lógicas (142), modalizações deônticas (85), modalizações apreciativas (53) e modalizações pragmáticas (16). Importante destacar que as modalizações lógicas representam 47% do total. O gráfico abaixo apresenta as modalizações em cada entrevista.

Gráfico 2: Modalizações nas entrevistas

Fonte: Elaboração própria

As modalizações lógicas, consoante pontua Bronckart (2009), apresentam elementos relacionados a condições de verdade, prováveis, improváveis, possíveis, eventuais, necessárias. As expressões talvez, necessariamente e é evidente marcam esse tipo de modalização.

No texto das entrevistas, as modalizações lógicas aparecem por meio das expressões talvez, eu sei, eu acredito, realmente, é claro. Elas podem, além de expressar veracidade, também expressar dúvida. O segmento abaixo reflete possibilidade, ou seja, um menor grau de certeza.

Talvez agora seja diferente... é.... E na minha sala também a maioria era assim... quando entrasse no curso de Letras saísse de lá sabendo falar muito correto...você pensava em estudar a gramática normativa totalmente... o curso de Letras era o estudo da gramática normativa... né... essa era nossa expectativa inicial... contudo a gente nunca teve nem mesmo a aula de gramática... (excerto- entrevista 1)

O modalizador **talvez** represente uma condição de possibilidade quando a entrevistada relaciona as expectativas em cursar Letras, referindo-se à maneira provável de que seja diferente cursar Letras na atualidade. O conteúdo temático 'Formação inicial do professor de Língua Portuguesa' foi observado nesse discurso,

além de elucidar a interpretação do agir da professora com menos certeza acerca do que é ensinado nos cursos de Letras.

Já o uso de **realmente** expressa a condição de certeza marcada por esse modalizador, em que o entrevistado ao responder à pergunta ‘O que o levou a cursar Letras?’ revela a sua opção por ser professor e expressa sua certeza.

e aí depois fiz a opção que eu queria ser **realmente** ser só professor... abandonei literalmente a outra área... embora ganhando... mais lá... ganhando menos na educação... mas foi um risco que eu... que eu optei... que não arrependi não (excerto- entrevista 3, pergunta 1 da etapa 1)

O modalizador **realmente** é também reflexo de elementos do conteúdo temático e, de forma específica nesse segmento, tem relação com o conteúdo temático formação inicial do professor de Língua Portuguesa, já que afirma em seu discurso que queria ser professor.

Na mesma direção, o excerto que consta a seguir expressa o sentido de possibilidade:

o processo de quanto mais a gente vai estudando vai vendo a quantidade de coisa que a gente não sabe... mas o amadurecimento é nítido né... o amadurecimento... **é claro** que assim... as pessoas se equivocam... às vezes achando que aquilo que você vai aprender no curso de pós stricto sensu você vai levar para a sala de aula... (excerto- entrevista 6, pergunta 13 da etapa 1)

O **é claro** expresso reflete a representação da docente sobre o equívoco de que o que é aprendido na pós-graduação stricto sensu pode ser levado para a sala de aula. A professora utilizou modalizador lógico, marcado pela expressão **é claro**, isto significa a opinião dela em relação à possibilidade de que quanto mais se estuda, mais se aprende.

Os excertos acerca das modalizações lógicas corroboram com os graus de certeza e de possibilidades discutidos nas entrevistas e em muito se revelam nos enunciados, ao passo que oportunizam contextualizar que os professores podem apresentar dúvidas em seu agir docente.

As modalizações deônticas apoiam-se nos valores, nas opiniões do mundo social e apresentam elementos da obrigação social e/ou em conformidade com as

normas em uso (Cf. Bronckart, 2009), expressando princípios de permissão e obrigação. Ou seja, elas avaliam o que é enunciado à luz dos valores sociais – necessário, desejável, proibido.

É possível identificar a modalização deôntica no excerto a seguir.

O que eu considero essencial? Eu considero essencial o saber... o saber do conteúdo... o domínio do conteúdo... é muito importante isso... entrar na sala e saber o que você vai falar para os seus alunos... isso é muito importante... porque você está com a sala de vinte alunos... trinta alunos... quarenta alunos... você **tem que** saber o que você tá falando para eles né... não é que está inventando... ou de repente eles podem até fazer pergunta que você não saiba... mas que depois você vai pesquisar... mas que quando você entra na sala... você entra com segurança do que vai ministrar pra eles... isso tem que ser prioridade... (excerto - entrevista 1, pergunta 12 da etapa 1)

A entrevistada expressa o que ela considera essencial na formação do professor de Língua Portuguesa, enfatizando a obrigação de saber o conteúdo para então repassá-lo aos alunos. Elencando esse ponto com a reflexão da representação do docente enquanto profissional, isso pode ser considerado uma questão cara ao trabalho do professor. A modalização deôntica tem sua marcação em **você tem que saber**, na qual a docente expressa sua posição com relação ao saber o conteúdo, o que mostra seu posicionamento do necessário para ser docente, que, neste estudo, tem relação com o conteúdo temático Agir do professor de Língua Portuguesa. É o valor social constitutivo da representação do professor de Língua Portuguesa para explicitar a construção do conhecimento.

As modalizações apreciativas se relacionam à avaliação de aspectos do conteúdo temático que procedem do mundo subjuntivo da voz que é fonte desse julgamento, apresentando-os como benéficos, infelizes, estranhos, do ponto de vista da entidade avaliadora. (BRONCKART, 2009, p.332).

Como exemplo, cita-se os modalizadores felizmente e infelizmente, identificados em relação ao conteúdo temático 'Agir do professor de Língua Portuguesa em cursos de Ciências Sociais Aplicadas', pois apontam juízo de valor, dando ideia de avaliação subjetiva por parte dos entrevistados:

Os nossos alunos ... **infelizmente** eles saem do ensino médio sem saber escrever... muita gente sai da universidade sem saber escrever... e não tô falando escrever bem não... escrever o básico...né... muita gente não

consegue escrever o básico... o razoável... para ficar nisso... então... essa que é a grande dificuldade... então o professor de Língua Portuguesa num curso desses...tem que puxar pro básico ainda... Cê acredita? Eu não posso chegar e passar coisas muito avançadas... Eu tenho que... ir resgatando o que eles aprenderam ou deviam ter aprendido no ensino médio... essa nossa atuação no curso de Ciências Aplicadas **infelizmente** ainda tem que tá voltada pra essa finalidade... (excerto- entrevista 5, pergunta 12 da etapa 2)

O modalizador infelizmente tem destaque nesse excerto, revelando que o docente se lamenta que os alunos saem do ensino médio com deficiências na escrita. O entrevistado pontua que a atuação do professor de Língua Portuguesa nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas se pauta no resgate de questões consideradas básicas para serem refletidas com os alunos ingressantes no ensino superior. É o olhar voltado para a conscientização do professor entrevistado sobre o seu agir docente.

Essa parte remete à ideia do trabalho prescrito e do trabalho realizado, defendida por Bronckart (2006) e Machado (2009); o primeiro se refere ao que o trabalhador deve fazer para a realização das suas tarefas definidas por meio de documentos e instruções, e o segundo refere-se àquele trabalho que é visível. Assim, é possível relacionar o trabalho do docente na realização da tarefa de preparar as aulas de Língua Portuguesa, focando nas especificidades de um curso de Ciências Sociais Aplicadas e, por conseguinte, o professor ter que realizar um trabalho de retomar pontos que os alunos deveriam ter aprendido no ensino médio e, de uma certa forma, não dando ênfase ao prescrito para o desempenho de suas atividades. Em outras palavras, o professor retoma questões importantes que deveriam ser aprendidas anteriormente para depois seguir com o andamento da disciplina.

É, nesse ponto, que se relaciona o real da atividade do professor, pois embora não seja descrito para o professor, trata-se de um trabalho real e assim, verifica-se o quão é viável e necessário o andamento das atividades no ensino superior, principalmente no tocante ao andamento da disciplina de Linguagem, tecnologia e produção textual.

Também pode contextualizar ao que Clot (2011) pontua quando faz relação das contra-atividades e das atividades improvisadas. Assim, na perspectiva da clínica da atividade, o trabalhador, nesse estudo, representado pelo professor, age em determinadas situações adaptando regras para dar andamento em suas atividades de forma a suprir a necessidade do seu trabalho.

Avançando a análise, o excerto seguinte comprova a presença de uma modalização apreciativa. O verbo achar demonstra uma opinião acerca do despreparo/preparo das aulas do professor de Língua Portuguesa, correlacionando ao princípio de análise e julgamento.

eu acho surreal um professor falar que não se preparou... eu me preparo todas as aulas pra ir... né... todas as aulas... se não me preparar eu me sinto uma fraude... então eu releio os textos... eu vou dar aula... então acho... é... a carga horária muitas vezes as pessoas não entendem... a carga horária de um professor universitário e... (excerto entrevista 4, pergunta 9 da etapa 2)

O descontentamento da entrevistada quanto à falta do preparo de aulas por parte de professor, seguido pelo cuidado que deve existir em preparar essas aulas foi muito bem pontuado pela docente. Essa questão assinala com o que Machado (2007) salienta no que diz respeito ao trabalho docente consistir na mobilização feita por ele nas diversas situações de planejamento, seja de aula ou de avaliação, com o intento de possibilitar caminhos abertos para a aprendizagem dos conteúdos da disciplina. Destaca-se a representação textualizada pela professora de como deve ser o trabalho do professor, apontando para a descrição de um trabalho prescrito identificado de forma explícita no seu discurso.

Outro excerto com destaque para o verbo achar, também reverbera para a opinião da entrevistada e pode ser notado a seguir.

Acho... acho muito importante sim... eu **acho** que essa... essa... a formação ...estudo... para mim deve ser permanente... até para começar do conhecimento de pessoas que para mim vem em primeiro lugar... para mim conhecer gente... pessoas diferentes vem em primeiro lugar porque isso é uma riqueza né... uma riqueza com outro nome e... mesmo que ali nem sempre você veja... se bem que pela stricto sensu sim... né... a lato sensu é que às vezes a gente nem sempre é... pega aquilo que vai contribuir muito com a gente... mas contribui... tudo contribui...mas às vezes nem tanto como uma stricto sensu vai contribuir...por que ali a gente tem o contato com o novo universo... né... a gente se depara com tantas coisas novas que a gente fica assim meio perplexo...Meu Deus quanta coisa que eu não sei né...((hurum)) (excerto- entrevista 6, pergunta 13 da etapa 1).

A formação voltada para o stricto sensu é, na opinião dessa professora, de importância tremenda. O foco está na modalização apreciativa expressando subjetividade, marcada pela expressão 'acho muito importante'.

Foi também identificada a modalização pragmática no presente estudo e, para

Bronckart (2009), esse tipo de mobilização visa contribuir para a explicitação de alguns aspectos da responsabilidade de uma entidade constitutiva do conteúdo temático.

Contudo, uma entrevistada, ao ser questionada acerca das expectativas de atuação profissional após a conclusão do curso, discorre sobre o temperamento democrático no relacionamento com os alunos na sala de aula. Ela utiliza uma modalização pragmática destacada pela expressão '**o aluno buscar**', em que revela a intenção da busca de conhecimento socializado pelo professor na sala de aula.

a gente precisa ser pelo diálogo... né... precisa ... porque nós estamos... precisamos estar Unidos no mesmo ideal... a gente socializar o que a gente detém ... e o **aluno buscar** isso com a gente né ... eu sempre atuei em sala de aula assim... então isso me gera alguns problemas... gerou alguns problemas com alunos entenderem meio errado isso... (excerto - entrevista 6, pergunta 7 da etapa 1)

Importante destacar o posicionamento enunciativo da professora de Língua Portuguesa atuante nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas a respeito de suas ações, de suas intenções. No excerto em destaque percebe-se a conduta desenvolvida por ela na sala de aula; e essa conduta pode ser visível na posição de intenção, ou seja, o querer fazer, o desejo de que o aluno busque conhecimento, o que demarca a representação do agir dessa professora.

No geral, a análise observou a presença dos quatro tipos de modalização, alguns mais frequentes e outros menos frequentes. O quadro abaixo mostra uma síntese.

Quadro 43: Síntese das modalizações nas entrevistas

Cópus analisado	Modalizações	Total de ocorrências
06 entrevistas	Apreciativas	59
	Deônticas	85
	Lógicas	142
	Pragmáticas	16

Fonte: Elaboração própria

Notou-se que a modalização mais utilizada foi a lógica, revelando o grau de certeza e de possibilidades extraído dos enunciados produzidos pelos professores de Língua Portuguesa. Em seguida, tem-se a modalização deôntica como a segunda mais utilizada, exprimindo, portanto, caráter de necessidade ao agir representado pelos entrevistados.

Em atenção às modalizações pragmáticas expressas no discurso dos docentes, estas se apresentam em menor ocorrência nas entrevistas. Após essa contextualização das modalizações, será analisado no próximo subitem, o nível semântico das entrevistas.

3.3 Nível semântico das entrevistas

Levando em consideração que os níveis de análise do ISD estão relacionados uns com os outros, além do que, as informações adquiridas acerca do agir representado nas entrevistas dos docentes de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas estão presentes no nível semântico, faz-se necessário correlacionar as informações obtidas nos níveis organizacional e enunciativo para responder a pergunta central desta pesquisa: Quais as representações que os professores de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas apresentam do trabalho docente?

Interessante lembrar que as interpretações nem sempre serão delineadas com a marca do elemento linguístico, tendo em vista a sua execução junto à análise dos níveis organizacional e enunciativo. Posto isso, é relevante a retomada, de forma sintetizada, das temáticas detectadas no nível organizacional, as marcas de pessoa e modalizações no nível enunciativo.

A análise foi importante para a compreensão da (re)configuração do agir representado materializado no texto das entrevistas. No momento inicial foi analisado o nível organizacional, o que permitiu identificar os conteúdos temáticos, temas subsequentes, actantes postos em cena nos textos e os tipos de discurso que predominaram nas entrevistas, de forma que as informações desse nível nortearam a análise do nível enunciativo.

Os conteúdos tematizados foram significativos por possibilitarem o encontro de informações sobre o agir dos docentes, dos elementos constitutivos e das dificuldades apresentadas no trabalho docente, além das representações que os professores sinalizaram nas entrevistas.

Observou-se o movimento de (re)configuração do trabalho docente tendo em vista as relações com o trabalho prescrito, com as representações acerca do ensino de Língua Portuguesa, a aprendizagem dos estudantes e dificuldades do trabalho docente. Apresentou-se na análise das entrevistas o discurso dos docentes enfatizando vários aspectos inerentes à atuação nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas e, nesse contexto, surgiram as revelações das inseguranças e dificuldades.

No tocante aos actantes postos em cena nos textos, os professores em geral, os professores de Língua Portuguesa, os Professores de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas, os alunos em geral e os alunos dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas estão sinalizados nas entrevistas; no entanto, convém destacar que o Eu- professor de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas se fez presente em todas as entrevistas.

Retomando o tópico 3.1, notou-se que nas marcas de pessoa a predominância foi o 'eu' individual, seguido da terceira pessoa do singular. Já no que diz respeito às modalizações, a que mais predominou foi a modalização lógica, com a percepção das possibilidades e certezas nos discursos dos professores de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

Identificaram-se implicitamente ou explicitamente nas entrevistas realizadas representações que foram textualizadas pelos professores acerca das prescrições (ementa e conteúdos programáticos), conhecimento do conteúdo a ser ministrado, das dificuldades em iniciar a carreira docente, além de questões que se relacionam à desvalorização docente.

Faz-se necessário discutir os conflitos identificados à luz do entendimento sobre o trabalho do ISD. No primeiro momento, as representações dos professores alternavam-se entre **motivos** de ordem interna e **determinantes externos** de origem social/coletiva.

Dentre os motivos de ordem interna, ou seja, os motivos do agir de uma determinada forma relacionam-se especificadamente, no labor dos professores, na

questão do conhecimento do conteúdo a ser repassado para os alunos e a vontade de ver o alunado escrevendo consideravelmente bem. É importante destacar que essa intencionalidade também envolve os alunos.

Essa intenção do professor está sinalizada a seguir:

a vontade de ver todos os profissionais escrevendo bem e... assim... sabendo que escrever não é bicho de sete cabeças né... porque eu fico até... até assim... achando ruim né... falando oh...ah detesto PORTUGUÊS... não gente... português essa é nossa língua... português é que nós falamos ... (excerto - entrevista 2, pergunta 6 da etapa 2).

De forma geral, a intencionalidade docente foi apontada nas entrevistas na perspectiva de que o professor de Língua Portuguesa tem que trabalhar com a linguagem, com questões que preparem os alunos não somente no âmbito acadêmico, mas ensinem a ler, escrever e/ou a pensar sobre vários aspectos, perspectivas em um contexto bem mais amplo.

No que tange aos recursos para o agir representado dos docentes, os instrumentos do labor docente, eles são exemplificados pela ementa e conteúdo programático prescrito. Todo esse contexto é para que o aluno possa lidar com questões relacionadas à Língua Portuguesa, porém com direcionamento para a área dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas. O exemplo abaixo reflete esse contexto.

Em dois momentos... a primeira... a conceituação teórica... ou seja... alguns tópicos que têm a ver com... alguns conceitos de linguagem... língua... código né... de instrumentalização e o segundo é... com a parte prática mesmo... então... como o aluno pode a **usar** alguns conceitos no seu dia a dia... por exemplo... por meio de um parecer...por meio é... de uma carta... por meio de uma crônica... por meio de um artigo de opinião... é então... ou seja... é deixar para esse aluno alguns gêneros que ele possa utilizar na sua formação e pós formação... (entrevista 3, pergunta 5 da etapa 2).

Esse segmento, além de referenciar a parte de instrumentos pontuada por Machado (2009), também sinaliza a relação de interação na fala do entrevistado ao se referir ao aluno.

Ainda com relação aos pontos característicos do trabalho docente, o caracterizado em ser pessoal é destacado pelo docente de Língua Portuguesa, como exemplo, foi percebido na entrevista 6, quando um dos entrevistados coloca a questão

da carga horária, o que o levou a ser professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas; já um outro entrevistado, o de número 2, ressalta a oportunidade de poder aprofundar mais um pouco na sua área de formação. Logo, com esses exemplos, percebe-se o tom de pessoalidade no labor desses trabalhadores. Prosseguindo com a caracterização do trabalho docente, tem-se o caráter impessoal, e nesse ponto, retoma-se a influência do outro nesse métier.

Avançando a discussão, no tocante à interpretação do agir nos textos, esta recai na identificação dos elementos constitutivos do agir; todavia, há nesse estudo os determinantes externos que levam o professor a agir.

a gente procura estabelecer um diálogo mais próximo na seleção de texto... eu sempre busco textos que sejam mais voltados para área deles... né... para poder assim... não ficar... e que não seja totalmente da área deles ... mas que seja em áreas que dialoguem né... que dialoguem ... que seja de interesse para eles... (excerto entrevista 6, pergunta 5 da etapa 2).

Verifica-se razões externas que levaram a professora em tela a agir de determinada forma para a realização do seu trabalho. Quando a professora menciona que busca textos voltados para a área dos alunos, ela busca em outro momento planejar essa parte do seu trabalho.

Outro ponto importante de destaque relaciona-se ao que os dados da análise revelam acerca do real da atividade, ou seja, a respeito da prática dos docentes de Língua Portuguesa nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

O real da atividade é também poder estreitar a relação com alguns pontos que os professores desejam fazer e até mesmo com o que não puderam fazer (Cf. CLOT, 2001). No caso desta pesquisa, os dados apresentam os sentimentos de desafio que são postos em cena nas entrevistas dos docentes, seja de forma clara ou subtendida, sendo, pois, aspectos que compõem o real da atividade, por exemplo cita-se o desejo de preparar o aluno para além das situações rotineiras, com o olhar voltado para fora do ambiente escolar/acadêmico e da abordagem democrática no relacionamento com os alunos.

Esses pontos relativos ao real da atividade refletem a complexidade do trabalho docente e relacionam-se com as lutas internas pelas quais perpassam os docentes para a realização de uma determinada tarefa.

Consoante, ao que propõe Bronckart (2006), a atividade do professor em sala de aula busca abarcar as características efetivamente realizadas pelos trabalhadores na situação de trabalho e por muitas vezes, nas situações complexas de trabalho em busca da realização de determinadas tarefas.

Nas entrevistas dos docentes ainda foram observadas representações textualizadas em referência à relação dos professores com os alunos, com sinalizações para o trabalho com a escrita e reescrita.

Um dos entrevistados ressaltou que os alunos escrevem, entregam a atividade, ele corrige, faz a devolutiva, depois se senta com o aluno e parte para o trabalho da reescrita. É o movimento de (re)construção do relacionamento do professor com o aluno na busca do conhecimento que perpassa pelo processo de construção. É também poder relacionar com a atividade na situação vivida, proposta na perspectiva da clínica da atividade por Clot (2006), como sendo uma atividade dirigida aos outros, não somente por meio do objeto da tarefa. Nesse sentido, o papel do docente no movimento de (re)construção é de fundamental importância.

Incluso nesse contexto, identificou-se representação textualizada decorrente da perspectiva de socialização, de busca do conhecimento, mas também de prescrição que é contumaz ao trabalho do professor. É uma perspectiva de ser linha dura na condução da disciplina, como a própria professora entrevistada pontuou, porém no discurso da professora transparece ser uma relação (re)construída na perspectiva do diálogo, em que o docente socializa o que detém e o aluno busca isso com ele.

Nesse sentido, o modo de pensar a relação entre professor e aluno e vice-versa, ao ser considerada a perspectiva do diálogo, é transitar na concepção exclusiva de aluno exercendo o papel não somente de agente e sim de ator. Em linhas gerais, acredita-se que o trabalho docente é representado como algo que não depende tão somente do conhecimento do professor, da instituição de ensino, mas inclusive do aluno. Essa construção se dá aula após aula, com turmas e mais turmas, semestre após semestre, sendo que o professor desempenha o papel de construir um ambiente propício à aprendizagem de certos conteúdos por parte dos alunos, principalmente os que se referem à produção textual e à solidez na escrita.

Observou-se na análise das entrevistas os aspectos em que os professores (re)configuram o seu agir docente. O diálogo com os alunos, as inseguranças, os desafios, as dificuldades são destaques na prática do docente de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas. Dessa forma, as representações textualizadas pelos professores sobre o agir docente e sobre os alunos são (re)construídas tendo em vista a necessidade de uma prática mais reflexiva.

O professor de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas tem a necessidade de (re)configurar seu agir na perspectiva de atuação como agente de repasse de conhecimento.

É, portanto, necessária a (re)configuração no trabalho docente, visto que o professor busca trabalhar com o alunado questões que foram ditas, mas que merecem atenção e não se trata somente dessas questões, mas também em muitas vezes o próprio agir desse trabalhador passa a ser (re)configurado.

O estudo analítico das entrevistas destaca alguns desafios que precisam ser superados, como os evidenciados na entrevista 3: O desafio de esclarecer a importância da comunicação para o profissional da área de Ciências Sociais Aplicadas, de chegar ao final do semestre e verificar que o aluno teve um outro comportamento em relação à Língua Portuguesa e ainda o de fazê-lo perceber que a Língua Portuguesa é importante. Na análise da entrevista 6, a professora ressalta o desafio enfrentado na docência, o de levá-la a sério para se impor no mercado consistente, não sendo uma profissional meia boca.

Cabe enfatizar que a representação do professor no contexto da busca do conhecimento denuncia a sua insegurança. Neste estudo, um dos docentes entrevistados relatou a insegurança acerca do conteúdo a ser ministrado, tendo ele que estudar muito para o preparo das aulas; embora seja natural a insegurança por parte de alguns trabalhadores, não obstante há a questão das dificuldades que podem ter relação com o objeto de ensino.

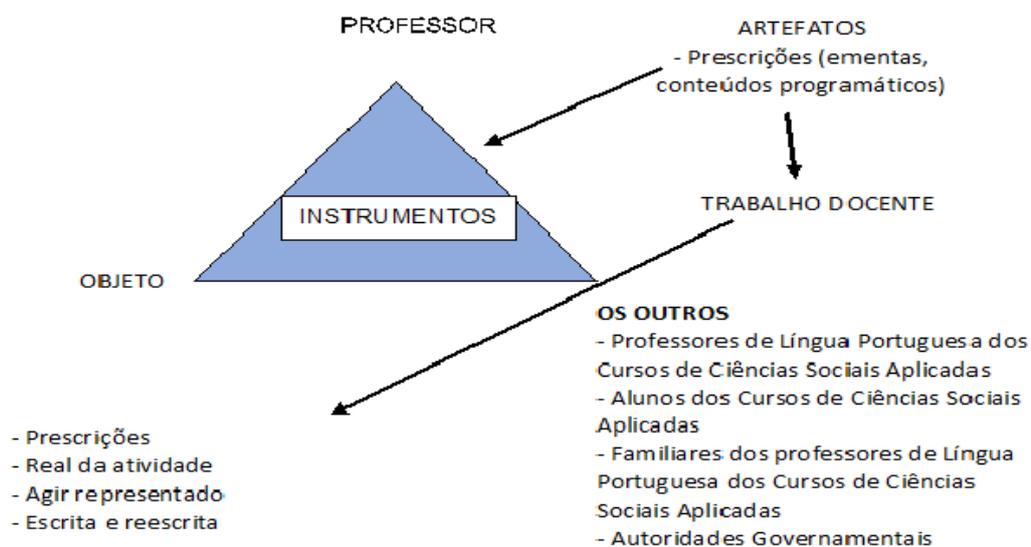
Alguns docentes não apontaram dificuldades em seus trabalhos, outros relacionaram as dificuldades como de ordem externa, no sentido de os alunos serem trabalhadores e chegarem à noite para a aula cansados, há também diversidade de formação dos alunos pelo fato de uns aparentarem ter boa formação e outros não.

Algumas dificuldades relacionam-se à adaptação ao perfil do curso, a compreender a perspectiva dos discentes, a se colocar no lugar deles e tentar dialogar com o que eles precisavam, quais gêneros, quais textos, de quais orientações, tendo em vista otimizar o espaço que ocupam naquele curso e naquela disciplina que faz parte da matriz curricular.

Em suma, essas foram as dificuldades expostas pelos entrevistados, além do que, nota-se que essas dificuldades se entrelaçam. Por exemplo, um entrevistado pontua que os alunos são trabalhadores e chegam à noite cansados, uma outra entrevistada percebe a diferença na clientela.

Diante o exposto, ressalta-se que os textos das entrevistas desta pesquisa sinalizam as representações relativas ao trabalho dos docentes e os elementos integrantes do agir representado dos professores de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas, que estão detalhados na Figura 11.

Figura 11: Representações referente ao Trabalho dos professores de Língua Portuguesa nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas



Fonte: Adaptado de Machado (2009)

Vê-se que, a partir da perspectiva do seu trabalho, o professor transita nas prescrições, no real da atividade, nas questões inerentes a escrita e reescrita

(re)configurando o seu agir representado na busca por transformações não somente sobre o objeto, mas sobre todas as outras pessoas que podem se envolver na atividade docente, além de ter na composição do seu labor artefatos, como as ementas e o conteúdo programático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi investigar, a partir dos pressupostos do Interacionismo Sociodiscursivo e da clínica e ergonomia da atividade, as representações que os professores de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Goiás apresentam do trabalho docente. Para atingir o objetivo proposto, a investigação perpassou pela análise dos níveis organizacional, enunciativo e semântico.

O estudo partiu da hipótese de que as representações sociais são construídas nos e sobre os textos. Destarte, sob a plêiade do ISD, a análise do contexto de produção e dos níveis organizacional, enunciativo e semântico de entrevistas realizadas com os professores de Língua Portuguesa que atuam nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas pode apresentar as representações que esses profissionais constroem no trabalho docente.

A opção por utilizar a abordagem metodológica qualitativa possibilitou descrever e analisar, nas entrevistas, as representações do trabalho construídas na linguagem. Nota-se que essa abordagem metodológica facilitou a identificação e a análise, de forma acurada, de dados de difícil mensuração, relativos a um problema específico de um grupo de professores de Língua Portuguesa. Esse problema, nesta pesquisa, está representado nas percepções do trabalho docente deixadas nas entrevistas pelos professores. Nesse sentido, a análise dessas percepções buscou mapear a imagem do professor de Língua Portuguesa que atua nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

Por ser caracterizada como uma pesquisa qualitativa, utilizou-se como procedimento de análise as abordagens interpretativas. Destarte, esta pesquisa valoriza a interpretação para compreender a partir de várias subjetividades e interpretações dos participantes, determinadas pelo contexto social, como na/pela linguagem a imagem docente é construída (Cf. MOITA LOPES, 1994).

Os resultados das análises dos dados, realizadas a partir de critérios propostos pelo ISD, apontaram que as representações do trabalho docente construídas pelos professores de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas da

Universidade Estadual de Goiás estão materializadas nos níveis organizacional, enunciativo e semântico das entrevistas.

A opção por utilizar o aporte teórico do Interacionismo Sociodiscursivo e da clínica e ergonomia da atividade possibilitou mapear as representações construídas no contexto na/pela linguagem que os professores de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas apresentam do trabalho docente.

A fim de mostrar que as representações do trabalho docente são construídas nos textos, cumpre mencionar que os resultados obtidos na presente pesquisa sinalizam que as representações dos professores estão marcadas nos conflitos estabelecidos: 1) na relação do professor com o trabalho prescrito; 2) na relação do professor com o real da atividade; 3) na relação do professor com os alunos; 4) na relação do professor com o seu agir; 5) na relação do professor com aspectos inerentes à atuação nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

Partindo de que as prescrições estabelecidas pelos cursos de Ciências Sociais Aplicadas e pela própria IES são constitutivas do agir docente, estas devem ser consideradas ao se pensar nas representações, tendo em vista que são inerentes à constituição do trabalho desses profissionais.

Convém, ainda, destacar, que os professores podem reelaborar as prescrições a partir do que é normatizado pela instituição, por exemplo, cita-se o conteúdo programático que é pautado com base no que é proposto pela ementa da disciplina.

Esse processo de (re)elaboração deve ser realizado de forma que se possa articular com a contextualização do curso, bem como com as problemáticas delineadas a partir do contexto social, local e profissional.

Aos professores são evidenciadas as razões, intenções e recursos internos ou externos ligados ao agir, isto é, suas representações. Esse agir é interpretado como atividade em que vários atores são envolvidos no processo e, nesta pesquisa, além dos professores tem-se a figura dos alunos.

Além do mais, a análise dos dados demonstrou que, nas entrevistas respondidas pelos docentes de Língua Portuguesa do ensino superior, os actantes principais trazidos em cena são os professores e os alunos. A análise também revelou vozes colocadas em cena no texto, a voz da instituição, das autoridades governamentais, do aluno e a do professor.

As vozes dos professores clarificam representações sobre conquista e início da carreira docente, amparando-se em outros professores e até mesmo no papel social desse profissional que tem a responsabilidade de preparar o aluno para além do âmbito escolar. Por sua vez, as vozes dos alunos revelam que eles são os outros que o professor lida, interage no ambiente de trabalho e carrega responsabilidade.

Os elementos constitutivos do agir ora tematizados nas entrevistas encontram evidência nos determinantes externos e internos. No que diz respeito aos determinantes externos, nessa pesquisa, cita-se as orientações a partir da ementa da disciplina, sendo, pois, vinculados à ordem institucional. Quanto as razões de ordem interna, nesse estudo, podem-se observar, por exemplo, a vontade de ver os alunos escrevendo bem, o que mostra a preocupação dos docentes com a assimilação e o entendimento do conteúdo programático da disciplina.

Ademais, o docente se coloca no seu discurso como professor de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas que, em alguns momentos, assume o papel de professor entrevistado, influenciando o texto. Corrobora com essa pesquisa o papel social de professor de Língua Portuguesa que atua em cursos diferentes de sua formação, visando levar conhecimento para os alunos para além da formação escolar/acadêmica. Os actantes postos em cena no texto das entrevistas são os professores de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas e alunos dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas. Ademais, neste estudo foi evidenciado de uma forma generalizada que o trabalho docente apresentado nas entrevistas possui características inerentes ao que propõe, é mediado por instrumentos, aqui representado pela ementa e pelo conteúdo programático da disciplina; é pessoal, por envolver dimensões do trabalhador, sejam elas físicas ou cognitivas; é interpessoal, pois existe a relação com o outro, no caso da presente pesquisa, a relação com os alunos; é ainda impessoal por ter influência do outro, por exemplo, outras instâncias influenciam o trabalho do docente de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

A análise dos dados demonstrou que os tipos de discurso presentes nos textos das entrevistas são discurso interativo, relato interativo, discurso teórico e narração, porém a maior parte centra-se no discurso interativo e relato interativo. Esses tipos

de discurso estão conectados às formas de ação do pensamento humano, articulados via mecanismos de textualização, tais como coesão verbal e nominal, bem como pelos mecanismos enunciativos. A predominância do discurso interativo é avaliada de forma positiva, pois evidencia a relação dos docentes com o agir representado. Além disso, o presente do indicativo utilizado marca o posicionamento dos docentes a respeito dos conteúdos tematizados de forma que foi observado a representação dos docentes sobre determinadas questões.

Por meio dos resultados obtidos faz-se necessário destacar que as prescrições constituem o agir docente e o trabalho do professor, sendo, pois, importantes nas (re)configurações do agir representado do Professor de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

Destaca-se que a pretensão, desta pesquisa, não foi apresentar soluções, tampouco concluir a discussão sobre o agir do professor e trabalho docente, mas descrever e analisar como as representações do trabalho docente são reveladas na linguagem utilizada pelo professor. Além disso, este estudo buscou, sob a égide do ISD e da clínica e ergonomia da atividade, fomentar uma discussão sobre as representações que os professores de Língua Portuguesa dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Goiás (UEG) apresentam do trabalho docente.

Em razão disso, espera-se que os resultados desta pesquisa possam: (1) possibilitar reflexões acerca da importância da disciplina relacionada à área de Língua Portuguesa nos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas; (2) apontar caminhos para (re)pensar a matriz curricular dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas; (3) fomentar a discussão sobre a prática pedagógica do professor de Língua Portuguesa em cursos distintos de sua área de formação.

Nesse sentido, resta concluir que a representação docente, em especial, do professor de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas, perpassa pelos distintos tipos de discurso, bem como por diferentes aspectos linguístico-discursivos. Trata-se, pois, de um assunto que merece atenção peculiar para que outras pesquisas possam ser abarcadas e assim a representação do trabalho docente

possa ser voltada para um melhor entendimento entre a comunidade acadêmica/científica.

Vale destacar que esta pesquisa apresenta limites e tais limites podem demandar a realização de novas pesquisas visando ampliar os dados alcançados nesta dissertação. Entre os limites, aponta-se a não participação de todos os professores de Língua Portuguesa dos cursos de Ciências Sociais Aplicadas seja por motivo de não aceitar participar da pesquisa, por não fazer parte do quadro de docentes da UEG, por incompatibilidade de agenda, enfim, a intenção foi abarcar a quantidade máxima de professores participantes, na forma de superar as limitações presentes neste trabalho.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. & GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

AMIGUES, René. **Trabalho do professor e trabalho de ensino**. In: MACHADO, Ana Rachel. *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: Eduel, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRONCKART, J.P. **Atividade de Linguagem, Discurso e Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Mercado de Letras, 2006.

_____. **Langage et représentations**. Une approche interactioniste sociale. In: *Psychoscope*, 1998, vol. 19, nº 6, pág. 16-18. <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:37318>

_____. **Interacionismo sociodiscursivo: uma entrevista com Jean Paul Bronckart**. Revista virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL, v. 4. N. 6, mar. 2006. Tradução de Cassiano Ricardo Haag e Gabriel de Ávila Othero.

_____. Sobre linguagem, ação-trabalho e formação: **as contribuições da démarche ISD**. Entrevista com Jean-Paul Bronckart. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, n. 47, p. 273-286, June, 2008. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982008000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso 25 Abril 2021.

_____. A atividade de linguagem frente à LÍNGUA: homenagem a Ferdinand de Saussure. In: GUIMARÃES, A.M.M.; MACHADO, A.R.; COUTINHO, A ((Orgs.). **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 19-42.

_____. Manifesto: **Reformatando as humanidades e as ciências sociais, uma perspectiva vygostkiana**. In: *Revista brasileira de Educação*, 1996, n ° 3, p.64-74. <https://archive-ouverte.unige.ch/unige:34080>. Acesso: 27 abril 2021.

_____. **O Agir nos Discursos das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. São Paulo: Mercado de Letras, 2008.

_____. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um Interacionismo Sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 2009.

BRONCKART, Jean- Paul, MACHADO, A. R. Procedimentos de análise de textos sobre o trabalho educacional. In: **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva**. Londrina: Eduel, 2004.p. 131-163.

BUENO, Luzia. **A construção de representações sobre o trabalho docente: o papel do estágio**. 2007. 205 f. Tese (doutorado em Linguística Aplicada) – Pontifícia Universidade de São Paulo: São Paulo, 2007.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Tradução de Adail Sobral. 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

_____. Entrevista: Yves Clot. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 9, n. 2, p. 99-107, 2006.

_____. **Clínica do trabalho, clínica real**. Le journal des psychologues, Paris, n. 185, 2001. Tradução livre de Kátia Santorun e Suyanna L. Barker. Disponível em [https://www3.fmb.unesp.br/sete/pluginfile.php/20540/mod_page/content/3/CLINICA DO TRABALHO CLINICA DO REAL.pdf](https://www3.fmb.unesp.br/sete/pluginfile.php/20540/mod_page/content/3/CLINICA_DO_TRABALHO_CLINICA_DO_REAL.pdf). Acesso: 24 out 2020.

_____. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. **Estudos da Linguagem à luz do interacionismo sociodiscursivo**. Londrina: UEL, 2008.

CRUZ, Luciano Barin; PEDROZO, Eugenio Avila. **Pesquisas de concepção como uma alternativa para o campo da estratégia**. RAM, Rev. Adm. Mackenzie, São Paulo , v. 9, n. 4, June 2008.

DERRIDA, Jacques. **Glossário de Derrida**. Supervisão de Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

FLÔRES, Onici. SILVA, Mozara Rosseto. **Da oralidade à escrita: uma busca da mediação multicultural e plurilinguística**. Canoas, RS: Ed. ULBRA, 2005

GAGO, Paulo Cortes. **Questões de transcrição em análise de conversa**. Vereda: estudos da linguagem, v. 6, n. 2, p.89-113, 2002.

GATTO, Vanessa Bianchi. **Representações do trabalho docente (des)construídas por um aluno de licenciatura**. 2015. 215 p. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Maria. RS.2015

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOOGLE. **Iniciar ou programar uma videochamada do Google Meet**. <https://support.google.com/meet/answer/9302870?hl=pt-BR&co=GENIE.Platform%3DDesktop>. Acesso: 21 out 2021.

GOOGLE. <https://apps.google.com/intl/pt-BR/meet/>. Acesso: 21 out 2021.

GOIÁS. **Universidade Estadual de Goiás**. Sobre a UEG. Disponível em. Acesso em: 21 jan 2021.

GOVERNO do Estado de Goiás. DECRETO N° 9.593, de 17 de janeiro de 2020. **Aprova o Estatuto da Universidade Estadual de Goiás - UEG**. Disponível em: https://legisla.casacivil.go.gov.br/pesquisa_legislacao/72508/decreto-9593. Acesso em: 23 de novembro de 2021.

GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos. O agir educacional nas representações de professores de língua materna. In: GUIMARAES, Ana Maria de Matos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antónia. (Org.). **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas: Mercado de Letras, p. 201-219, 2007.

JODELET, D. (2001). **Representações sociais: um domínio em expansão**. In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: UERJ.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. DE A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA. Manolita Correia Lima. **Monografia. A engenharia da produção acadêmica**. Saraiva, 2012. 2ª ed. (revista e atualizada).

LOUSADA, Eliana Gouvêa ; ABREU- TARDELLI, Lília Santos Abreu; MAZILLO, Tânia. O trabalho do professor: revelações possíveis pela análise do agir representado nos textos. In: GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; MACHADO, Anna Rachel; COUTINHO, Antónia. **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. Campinas: Mercado de Letras, p. 237-256, 2007.

MACHADO, Anna Rachel. GUIMARÃES, A.M., MACHADO, A.R. E COUTINHO, A.(orgs.), **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas**. São Paulo: Mercado de Letras, 2007.

MACHADO, Anna Rachel; ABREU-TARDELLI, Lília Santos; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (Orgs.). **Linguagem e educação: o trabalho do professor em uma nova perspectiva**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2009.

MACHADO, Anna Rachel; BRONCKART, Jean- Paul. (Re)configurações do trabalho do professor construídas nos e pelos textos: A perspectiva metodológica do grupo Alter-Lael. In MACHADO, Ana Rachel e colaboradores. **Linguagem e Educação. O trabalho do professor em uma nova perspectiva**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p.31-77.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; FERREIRA, Anise D'Orange (Org.). **O professor e seu trabalho: a linguagem revelando práticas docentes**. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

MARCUSCHI, L.A. **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

MEDRADO, Betânia Passos. **Compreensão da docência como trabalho: reflexões e pesquisas na/da Linguística Aplicada**. In: MEDRADO, B. P.; PÉREZ, M. (Orgs.). Leituras do agir docente: a atividade educacional à luz da perspectiva Interacionista Sociodiscursiva. Campinas: Pontes, 2011, p. 21-36.

MELO, Karoline Rodrigues de. **Trabalho docente: sua representação para o professor de graduação em direito**. 2015. 186 p. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Maria. RS.2015.

MOITA LOPES. L. P. **Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução**. DELTA, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

MUDERS, Bárbara. **Representações do trabalho docente a partir do uso do Livro Didático: o que dizem os professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental 2018**, 154 p. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Maria. RS.2018.

OLIVEIRA, M. K. de. Vygotsky: **Aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

_____. Vygotsky: **Aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. São Paulo. Scipione, 2000.

PAIVA, V. L. M. O. **Manual de Pesquisa em Estudos Linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo – RS, Associação Pró- Ensino Superior em Novo Hamburgo – ASPEUR. Universidade Feevale, 2013.

SAUJAT, Frédéric. **O trabalho do professor nas pesquisas em educação: um panorama.** In: MACHADO, Anna Rachel (Org.). O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004.

SILVA, C. O., & BARROS, M. E. B., & LOUZADA, A. P. F. (2011). **Clínica da atividade: Dos conceitos às apropriações no Brasil.** In P. F. Bendassolli, L. A. Soboll (Orgs.), Clínicas do trabalho: Novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade (p. 188-207). São Paulo: Atlas.

SOUZA; SILVA, Maria Cecília Pérez. **O ensino como trabalho.** In: MACHADO, Anna Rachel (Org.). O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva. Londrina: Eduel, 2004.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2010- 2019.** Anápolis, 2010

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS. **Resolução CsU nº 682/2014 de 07 de agosto de 2014.** Anápolis, 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A formação Social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Concrete human psychology.** Soviet Psychology. 1989, XXII, v. 2, p. 53-77.

_____. **Pensamento e Linguagem.** 2ed. São Paulo: Editora Martins Fontes. 1998

VOLOCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “O trabalho docente: sua representação para o professor de Língua Portuguesa nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas da UEG” . Meu nome é Antonia Elisângela Vaz Costa, sou mestranda, pesquisadora responsável por esta pesquisa. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubrique todas as páginas e assine ao final deste documento, utilizando o “docHub” . Esclareço que em caso de recusa para a participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail elisangelacostasobral@hotmail.com, endereço rua Mucuri, s/n área 03 setor Conde dos Arcos Aparecida de Goiânia - GO e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62)9 9137-9701. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Estadual de Goiás (CEP-UEG), localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, telefone: (62) 3328-1439, funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h, de segunda a sexta-feira. O contato também poderá ser feito pelo e-mail do CEP-UEG: cep@ueg.br. O Comitê de Ética em Pesquisa é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que, por sua vez, é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa com seres humanos, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

A pesquisadora que compõe essa equipe de pesquisa é Antonia Elisângela Vaz Costa.

A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente 20 minutos e a sua participação na pesquisa 1 hora e 40 minutos.

Justificativa, objetivos e procedimentos:

O motivo que me leva a propor esta pesquisa iniciou em 2015, após a minha nomeação enquanto professora efetiva da Universidade Estadual de Goiás, mais especificamente, em 2016, quando fui eleita coordenadora do Curso de Ciências Contábeis. Nessa função, foi possível perceber a dificuldade que os acadêmicos oriundos do ensino médio têm em relação à utilização da Língua Portuguesa, ou seja, as dificuldades em leitura e escrita, habilidades indispensáveis para o sucesso do acadêmico no curso. Irmanado a isso, observa-se que o trabalho do professor de Língua Portuguesa é um trabalho de muita relevância nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas.

O objetivo desta pesquisa é investigar as representações que os professores de Língua Portuguesa dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas apresentam no trabalho docente a partir da perspectiva interacionista sociodiscursiva.

Os procedimentos de coleta de dados serão a partir da realização das entrevistas com os professores de Língua Portuguesa dos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas. Os dados serão arrolados de forma virtual e utilizar-se-á o *Google Meet* como recurso para a gravação das entrevistas. Arrolados os dados, providenciar-se-ão a sua transcrição, seguindo os critérios do Nurc-SP. O participante deverá dispor de duas horas para responder às questões propostas, sendo que as entrevistas serão gravadas, assim, solicito que autorize o registro de som e/ou imagem, ressalte-se que é garantido toda confidencialidade e privacidade de imagem e/ou som do participante da pesquisa.

Oriento que marque com “X” dentro do parêntese a proposição escolhida:

Não permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

Permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

Em caso de permissão da gravação/obtenção da imagem/voz:

Permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

Não permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

Riscos e formas de minimizá-los:

A pesquisa não apresenta riscos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, uma vez que a identidade dos participantes será preservada e eles poderão desistir de participar a qualquer momento durante o andamento da pesquisa

Assistência:

Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa.

Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderá interromper a sua participação na pesquisa a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo.

Benefícios:

- Dados completos, bem como informações coletadas na pesquisa estarão à disposição, o que reflete na divulgação e acesso de outros pesquisadores.
- Contribuir com reflexões acerca da representação do trabalho docente do professor de Língua Portuguesa em uma área diferente de sua formação.
- Contribuir para o entendimento da temática Interação Sociodiscursiva de modo a compreender como a representação do docente de Língua Portuguesa nos Cursos de Ciências Sociais Aplicadas é construída no gênero textual entrevista.

Os benefícios emergirão na proporção que a pesquisa for publicada e assim for socializados os resultados, permitindo diálogos e novas pesquisas.

Sigilo, privacidade e guarda do material coletado:

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo digital sob minha guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será picotado e/ou reciclado e todas as mídias apagadas.

Indenização:

Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo. Em qualquer etapa do estudo você poderá entrar em contato comigo, pesquisadora responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

Os resultados da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, disponibilizarei o local profissional para recebê-los, o telefone e e-mail informado anteriormente para a disponibilização dos resultados.

Declaração do(a) Pesquisador(a) Responsável

Eu, pesquisadora responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.

Declaração do(a) Participante

Eu,, abaixo assinado, discuti com o pesquisador(a) Antonia Elisângela Vaz Costa sobre a minha decisão em participar como voluntário(a) do estudo "O TRABALHO DOCENTE: SUA REPRESENTAÇÃO PARA O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DA UEG". Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Cidade/Estado, dia de mês de ano.

Assinatura do(a) participante de pesquisa/Responsável legal

Data: ____/____/____

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Data: ____/____/____

APÊNDICE B

PERGUNTAS PARA ENTREVISTA

Etapa 1: Formação

- 1- O que levou você a cursar Letras?
- 2- Havia alguém na família que trabalhasse na área da educação?
- 3- No início do curso, você tinha objetivos traçados sobre qual carreira gostaria de seguir (professor de Língua Portuguesa, revisor, preparador de originais, tradutor, etc)?
- 4- Se sim, qual?
- 5- Se não, a escolha pela carreira ocorreu no decorrer do curso ou após a formação?
- 6- Quais eram as suas expectativas em relação ao curso de Letras?
- 7- Quais eram as suas expectativas de atuação profissional após a conclusão do curso?
- 8- O que mais marcou a sua formação?
- 9- Houve algum professor que marcou positiva ou negativamente a sua formação? Por quê?
- 10- Em relação ao curso, o que contribuiu para a sua prática/atuação profissional?
- 11- Houve alguma dificuldade ao iniciar a sua carreira como docente?
- 12- O que considera essencial na formação do professor de Língua Portuguesa?
- 13- Você considera importante a realização de Pós-Graduação *Stricto Sensu* pelo professor de Língua Portuguesa? Por quê?
- 14- Qual a sua posição em relação a desvalorização do professor de Língua Portuguesa?
- 15- O que é ser um professor de Língua Portuguesa?

Etapa 2: Docência

- 1- O que levou a ser professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?
- 2- O que mais chama sua atenção na atuação de um professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?
- 3- Quando decidiu que queria ser um docente de um curso de Ciências Sociais Aplicadas?
- 4- Quais as dificuldades você encontrou ao começar a trabalhar em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?
- 5- Como pensa as aulas para o Curso de Ciências Sociais Aplicadas?
- 6- O que motiva você a ser um professor de Língua Portuguesa em um Curso de Ciências Sociais Aplicadas?
- 7- O que tem a dizer sobre a desvalorização da profissão docente?
- 8- Como você define o professor de Língua Portuguesa para os Cursos de Ciências Sociais Aplicadas?
- 9- O que é ser professor?

APÊNDICE C

TRANSCRIÇÃO DOS DADOS

ENTREVISTA 1

Entrevistadora: Quando você disser que eu posso começar... né... a etapa um é... as perguntas de formação e a etapa dois é relacionada à docência... Tá bom...

Entrevistada: Tá bom... quando você quiser...

Entrevistadora: A primeira pergunta é... O que levou você a cursar Letras?

Entrevistada: Eu sempre fui muito apaixonada por línguas e... é... quando eu fazia ensino médio tive uma professora de Língua Portuguesa que eu achava muito lindo o jeito que ela falava... eu gostava muito das aulas dela e isso me deu vontade de ser... me deu vontade de ser professora e eu nunca pensei em fazer outra coisa... fui cada dia amando mais a área de línguas e... fiz vestibular só para Letras... passei... demorei passar... quando passei... nunca me vi em outra profissão... sou muito apaixonada pela área de línguas mesmo...

Entrevistadora: Que bom... A segunda pergunta professora... se havia alguém na família que trabalhasse na área da educação?

Entrevistada: Sim... havia uma tia... que foi a única... das únicas... a única filha da minha avó... a única da família que conseguiu cursar a faculdade que cursou pedagogia...

Entrevistadora: Certo... a próxima pergunta... se no início do curso... você tinha objetivos traçados sobre qual carreira gostaria de seguir (professor de Língua Portuguesa... revisor... preparador de originais... tradutor...etc...)?

Entrevistada: Sim...

Entrevistadora: Se sim... qual?

Entrevistada: Professora de Língua Portuguesa...

Entrevistadora: Então... pronto que aí... já é a quarta... Se não... a escolha pela carreira ocorreu no decorrer do curso ou após a formação? Você respondeu que desde o início aconteceu isso...

Entrevistadora: A sexta é... Quais eram as suas expectativas em relação ao curso de Letras?

Entrevistada: A minha expectativa? Eu sempre... Era dar aulas mesmo né... mas no sentido... Expectativa assim... em qual sentido você fala? (...)

Entrevistadora: Em relação ao curso em si... ao curso que você cursou... o curso de Letras...

Entrevistada: Ah... quando eu comecei a cursar Letras... acho que a maioria das pessoas pensam que vão cursar letras... pelo menos na minha época... talvez agora seja diferente... é... E na minha sala também a maioria era assim... quando entrasse no curso de Letras saísse de lá sabendo falar muito correto... você pensava em estudar a gramática normativa totalmente... o curso de letras era o estudo da gramática normativa... né... essa era nossa expectativa inicial... contudo a gente nunca teve nem mesmo a aula de gramática... nunca... No curso de Letras não existe aula de gramática né... então a minha expectativa a priori era... aprender de cima a baixo a gramática normativa para falar muito bem... saber usar ela cotidianamente muito bem...

Entrevistadora: Hurum...e aí a outra pergunta... quais eram as suas expectativas de atuação profissional após a conclusão do curso?

Entrevistada: A minha expectativa sempre foi dar aulas de Língua Portuguesa pra adultos né... então sempre quis terminar o curso de Letras (ruídos) pra mim continuar minha formação pra dar aulas a adultos... essa foi a minha expectativa (ruídos)...

Entrevistadora: E... o que mais marcou a sua formação?

Entrevistada: Só um minutinho... deixa eu ver se eu calo o cachorro...((Tá joia...)) pronto... vamos ver se silencia...

Entrevistadora: A próxima professora ... é... O que mais marcou sua formação?

Entrevistada: O que mais marcou a minha formação? Ah... eu acho que mais marca minha formação até hoje...porque nunca larguei de estudar... nunca deixo de estudar... é... é a cada dia me apaixono mais pela língua... a cada dia eu conheço um pouco mais da língua... um pouco mais a linguística... sou apaixonada nisso (ruídos)... o que marca é quanto mais eu conheço mais eu quero conhecer a língua... é a minha paixão pela língua (ruídos)...

Entrevistadora: Houve algum professor que marcou positiva ou negativamente a sua formação? Por quê?

Entrevistada: Houve uma professora minha de ensino médio de Língua Portuguesa... ela... (ruídos) marcou muito a minha... ela decidiu... (incompreensível)... minha decisão de ser professora porque é... as aulas dela é... era... era aulas muito boa... (ruídos) além de ser apaixonada pela Língua Portuguesa desde sempre... ainda as aulas era muito boa... ela era muito carismática... muito educada... isso... isso colaborou que eu tinha ela como espelho (ruídos)...

Entrevistadora: Hurum... e em relação ao curso o que contribuiu para a sua prática/atuação profissional?

Entrevistada: O meu curso foi muito rápido... era um curso noturno... não foi um curso de muito boa qualidade... tive que buscar muito fora... por exemplo... meu curso de línguas...letras mesmo... apesar de ser curso de Letras não teve a linguística em si... não teve a linguística... tive que buscar isso fora... então foi um curso muito a desejar... então... (...) repete a pergunta... me perdi...

Entrevistadora: É... Em relação ao curso o que contribuiu para a sua prática/atuação profissional?

Entrevistada: Então contribuiu assim... consegui aprender algumas metodologias... mas foi eu acho... achei a contribuição um pouco rasa... tive que buscar muito fora do curso... tive que buscar muito depois... não achei muito uma contribuição para falar assim que isso contribuiu definitivamente...NÃO... acho que o curso poderia ter oferecido muito mais...

Entrevistadora: Certo... e houve alguma dificuldade ao iniciar a sua carreira como docente?

Entrevistada: Houve... dificuldade no sentido de é... encontrar emprego porque... é difícil oferecer vagas quando não tem experiência e houve também é ... assim quando a gente encontrava vaga para trabalhar... pouco apoio... pouco apoio no sentido assim oh... de coordenação... direção mesmo... na maioria das vezes era os próprios professores que se apoiavam... o coordenador não tinha esse cuidado de pensar que eu era uma docente que estava chegando agora que precisava de certo... é... de certo é... de indicações... na primeira vez que preenchi um diário... eu preenchi o diário a CANETA... a caneta azul e eu coloquei os pontinhos... um vírgula zero... que os alunos foram tomando... no final do bimestre tive que refazer todos os diários... porque a coordenadora jamais me passou uma indicação e OUTRA a faculdade nunca também tinha me ensinado a preencher um diário... então por isso que te falo que até a pergunta anterior... nem a faculdade deu suporte e nem a coordenação da escola deu suporte pra mim docente que estava entrando na escola recentemente... essa foi das grandes dificuldades que eu encontrei... é se vira... é cada um por si e Deus por todos...

Entrevistadora: É... e o que considera essencial na formação do professor de Língua Portuguesa?

Entrevistada: O que eu considero essencial? Eu considero essencial o saber... o saber do conteúdo... o domínio do conteúdo... é muito importante isso... entrar na sala e saber o que vai falar para os seus alunos... isso é muito importante... porque você está com a sala de vinte alunos... trinta alunos... quarenta alunos... você tem que saber o que você tá falando para eles né... não é que está inventando... ou de repente eles podem até fazer pergunta que você não saiba... mas que depois você vai pesquisar...

mas que quando você entra na sala... você entra com segurança do que vai ministrar pra eles... isso tem que ser prioridade...

Entrevistadora: Certo... e você considera importante a realização de Pós-Graduação *Stricto Sensu* pelo professor de Língua Portuguesa? Por quê?

Entrevistada: Demais... Eu considero muito importante principalmente na minha trajetória... por exemplo... o curso não deu suporte eu tive que buscar nas formas de outros setores... quando saí do estágio... como eu disse... eu já era apaixonada na língua... mas eu não conhecia dentro do curso de Letras... eu não cheguei a conhecer a linguística... eu vim conhecer a linguística depois do curso de Letras... isso pra mim hoje que já tenho a maturidade profissional de conhecer a língua... né... isso para mim é um absurdo... como que o curso de Letras não fornece a linguística em si... né... e a minha grande paixão é a linguística... eu gosto de trabalhar dentro da linguística... como eu pude conhecer a linguística só depois que eu me formei em Letras? Só depois que passei pelo curso de Letras... que fui conhecer a linguística... então eu acho muito importante... porque o curso mesmo... o curso pode ser às vezes um curso breve que não ofereça tanto suporte... mas eu só posso falar de minha experiência que foi essa né... eu acredito que é muito importante buscar a formação continuada sim...

Entrevistadora: E... Qual a sua posição em relação à desvalorização do professor de Língua Portuguesa?

Entrevistada: É... é uma situação muito triste... e... porque... a Língua Portuguesa está vinculada a tantas outras disciplinas... a tantas outras situações... e sempre... os projetos... por exemplo... aqui na minha cidade eu trabalho com ensino fundamental... todos os projetos... TODOS... se vinculam a Língua Portuguesa... um se une a disciplina com a Língua Portuguesa... então eu não entendo como que pode ser essa desvalorização da língua portuguesa... eu me coloco em posição de achar isso muito... muito triste...

Entrevistadora: E... o que é ser um professor de Língua Portuguesa?

Entrevistada: Ser um professor de Língua Portuguesa? (sorriso) Eu acho... eu acredito ser professor de Língua Portuguesa é ser muito mais do que... ser um... um... um mediador de gramática... mediador de... de ensino de... é... estrutura textual... eu vejo o professor de gramática como aquele que prepara o aluno para além dos muros... pelo menos é assim que eu tento ser... para além dos muros da escola... o professor de português ele tem que... ele tem que preparar o aluno... principalmente acho que essa responsabilidade é muito grande do professor de Língua Portuguesa... preparar o aluno pra além... pra as situações do cotidiano que vão aparecer na vida dele... fora da escola... quando ele tiver é... em situações em que ele tenha que escolher... que ele saiba fazer isso... que ele saiba aceitar as situações... que ele saiba aceitar as articulações da vida dele... que ele saiba se posicionar... então acho que essa é uma grande responsabilidade do professor de Língua Portuguesa... ensinar o aluno a atuar fora da escola... porque só sentado na carteira por quatro horas... ensinar gramática...

ele responder as tarefas e pronto... mas e depois lá fora? Por exemplo... eu dou aula em escola no meio rural - - talvez estou estendendo demais a entrevista - - ((não tá não... pode ficar a vontade professora)) - - eu dou aula em escola no meio rural... quando eu cheguei lá... havia um grande problema porque os alunos que faziam o nono ano... vinham pra cidade para fazer o ensino médio... aí como eles tinham pouca convivência... quando eles chegavam aqui no ensino médio... é... é.. eles são alvo muito fáceis na porta da escola... de... de drogas... até mesmo prostituição...então isso começou a me preocupar né... que tipo de professora eu estava sendo... mas eu estava acabando de chegar o que eu poderia estar fazendo pra mudar isso... porque... os alunos estavam sendo muito propício a... lá tudo bem porque uma comunidade pequena né... (ruídos) todo mundo conhece todo mundo... era fácil de manipular isso... de ficar observando... mas como eu poderia prepará-los para a vida na cidade... (ruídos) pra estudar na escolas com alunos que não tinha convivência e pra eles terem o olhar diferente pra não serem usados na porta de escola né... então usei projetos a usar metodologias e isso reduziu muito... eu acho então que esse é ser o papel do professor de Língua Portuguesa... é preparar o aluno para situações fora da escola (ruídos)...

Entrevistadora: Ok... Agora professora nós vamos para a etapa dois que é do lado de docência e as perguntas são voltadas para os cursos de ciências sociais aplicadas... Primeira pergunta ... O que levou a ser professora de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Resposta: Repete... por favor... cortou (ruídos)...

Entrevistadora: O que levou a ser professora de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistada: Curso de Ciências Sociais?

Entrevistadora: Isso... Ciências Sociais Aplicadas...você num tá no de contábeis... não é? Lá de... de ((citou o nome da cidade))? ((Tô...)) porque ele tá dentro da grande área de Ciências Sociais Aplicadas...

Entrevistada: Tá... Eu comecei a dar aula na UEG nesse ano... (ruídos) sempre... sempre eu quis dar aula pra adultos como disse inicialmente... então me preparei muito... fiz muita especializações... (ruídos) e ainda não fiz mestrado... ainda tô procurando... buscando ainda... o edital poslli inclusive... e... eu fiz o processo seletivo... pra literatura infantil... então aí... abriu essa vaga (incompreensível) eu consegui passar pra dar aula de Língua Portuguesa... (incompreensível) ... na área de pedagogia e surgiu uma vaga pra contabilidade... aí como a vaga é de Língua Portuguesa eu poderia atuar na área... nessa área... foi assim...

Entrevistadora: Ok... e o que mais chama sua atenção na atuação de um professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistada: Quando eu pensei em dar aula no curso... eu pensei que o desinteresse ia ser muito grande... porque... e pensei que eles teriam rejeição... porque os alunos lá... de contabilidade... a maioria são da exatas né... mas ao contrário disso os alunos são muito interessados na aula... eles... gostam muito... por exemplo... quando tá trabalhando variação linguística eu coloco pra eles... situação que vão poder usar as normas padrão... a situação que vão escrever relatórios... é... ofícios... situações assim que trazem o cotidiano deles... eles é... se interessam muito... a aula acaba se estendendo mais do que se fosse na aula de pedagogia... eu vejo que eles se interessarem bastante... é muito produtivo... eu vejo como... eu vejo é... que eles acabam é... associando isso... os alunos conseguem associar a profissão de contabilidade... diferente do que eu pensei que ia ser quando eu comecei a dar aula lá...

Entrevistadora: Entendi... Aí a próxima... Quando decidiu que queria ser um docente de um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistada: Eu vou responder pra você que eu decidi ser docente do curso superior... sempre... quando fui cursar Letras... eu já... que eu caí no curso de... de contabilidade... de ciências sociais aplicadas como você está dizendo... porque havia vaga para Língua Portuguesa...certo? ((Certo))

Entrevistada: Só que eu sempre quis ser professora do ensino superior... porque eu tenho muita facilidade em dar aula pra adultos... eu gosto...eu gosto disso de dar aula pra adultos... a gente... eu me entendo bem com os adultos... com os maiores... (ruídos) então eu sempre quis me aperfeiçoar aplicar conhecimentos a dar aula pra adultos...então a resposta para você é sempre...

Entrevistadora: Ok... a próxima é ... Quais são as dificuldades que você encontrou ao começar a trabalhar em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistada: Esta resposta é difícil de te dar porque eu trabalhei pouco tempo presencial por causa da pandemia né... mas eu não achei tantas dificuldades... o meu coordenador... eu achei mais dificuldades começar a carreira como professora do que na UEG... porque quando montar (incompreensível) a grade curricular... foi fácil montar as disciplinas... meu coordenador sempre presente... tirando todas as dúvidas até vinte e duas horas da noite tirando dúvida minha... ontem mesmo acontecendo isso... então não encontrei dificuldades... ainda... como eu te disse ainda tô muito imatura no curso... principalmente porque além de começar agora a pandemia ainda não me deu a chance de tá amadurecendo dentro da sala de aula da UEG... mas é...o que estou vendo... mesmo que online... eu não encontrei dificuldade ainda... no curso de ciências sociais aplicadas...

Entrevistadora: Muito bom... E como você pensa as aulas para o Curso de Ciências Sociais Aplicadas? No caso seu... o de contábeis...

Entrevistada: Eu sempre penso de relacionar com a realidade que eles vão viver...como estava de dizendo eu penso como vou relacionar Língua Portuguesa com

contabilidade né... aí eu aí eu pensei é... ensinar pra eles a... a escrita... peguei a ementa... e pensei como relacionar o conteúdo com o futuro deles é... atuando quanto contadores... escrever é... no sentido de documentos... no sentido de atendimento de clientes... qual linguajar... a adequação do linguajar... então eu quis relacionar o ensino da Língua Portuguesa com a atuação... com a atuação profissional deles... com a realidade que eles vão enfrentar...e

Entrevistadora: E... o que motiva você a ser uma professora de Língua Portuguesa em um Curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistada: Eu gosto muito de dar aula de Língua Portuguesa né... e assim eu gosto de dar aula no ensino superior... enquanto tiver a oportunidade de dar aula de ensino superior e como eu disse pra você surgiu a vaga... é dentro da minha área e enquanto tiver a oportunidade eu vou continuar... enquanto tiver a vaga vou continuar dando a aula... porque eu gosto...

Entrevistadora: Pelo gostar... a grande motivação né... professora? Como você resumiu aí... tá nisso.

Entrevistada: Pelo gostar...

Entrevistadora: E o que tem a dizer sobre a desvalorização da profissão docente?

Entrevistada: É... no... o... nesse tempinho que tô na UEG... a gente já percebe muitas coisas... é... eu vejo nas reuniões os professores que já estão há muito tempo falando né... aprendo muito também nas reuniões... vejo como eles recebem isso... ordens que... ordens que vem de superiores... que não sabem o que estão acontecendo... o que tá acontecendo na sala de aula... é uma situação muito ruim... muito triste também esta situação porque... principalmente no sentido de... é de... vem ordens que ninguém sem sabe do que tá acontecendo aqui embaixo... vem ordem de cima... faça isso... faça aquilo e ninguém sabe do que tá acontecendo... uns saem mais prejudicados... porque querem prejudicar... quando pensa de cortar o salário... é do professor... é o primeiro que corta o salário... outro dia o nosso presidente disse que a gente não quer voltar pra sala de aula mais... a gente tá trabalhando cada vez mais... eu trabalho quatro vezes mais... três vezes mais...então assim... é muito triste perceber isso né...é muito triste... é uma situação complicada...

Entrevistadora: E... como você define o professor de Língua Portuguesa para os Cursos de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistada: É... Agora que já tenho essa pequeninha bagagem... eu acredito que é... é um professor... que faz a diferença... porque eu sei minha disciplina que faz a diferença... ele mesmo comenta o que faz a diferença que eu tô ensinando para eles no sentido de atuação... eu defino eles como importante... porque o que eles estão vendo agora...vai fazer diferença sim no atendimento...na postura... no olhar com o cliente... na forma como eles vão atuar é... enquanto profissionais e até no próprio conhecimento de documentos... de... de... é... nomenclatura... até de pronomes de

tratamento... até nisso eles chegaram a comentar comigo que não sabiam... que a gente trata às vezes até... é... conteúdos basiquíssimos.. que a gente pensa NÃO... NÃO isso eles já sabem... eles vêm tirar dúvidas sobre... então... eu acho de muito valia o curso de Língua Portuguesa no curso de contábeis...

Entrevistadora: E professora... agora nós temos a última pergunta para encerrar essa segunda etapa...O que é ser professor?

Entrevistada: Ser professor é... ser professor é olhar para o outro... e que... é... eu sempre bato nessa tecla...que o professor é muito além de só ensinar conteúdo... ser professor é olhar para o outro e saber que tem um ser humano ali na sua frente né... que está ali... que quer apreender... que às vezes é... a escola... ou você é o único... é o único portal que possa se abrir pra ele ter uma vida melhor... condições melhores... expectativas melhores...eu já vi muito isso... você ser o canal pro aluno... que às vezes que a vida dele não tem mais uso... não tem mais expectativa... na faculdade mesmo... os alunos vão para faculdade tão sofridos... querem mudar de vida... então eles olham pra você e naquela sala... e pensa... gente é... é ali que vou mudar... é ali que vai mudar minha vida... que vai mudar o sofrimento... de tanta... às vezes de pobreza mesmo... de sofrimento...de material né... então veio a pandemia mesmo a gente cansou de fazer cesta pra aluno... então eles vem para escola sofrido... eu acho que ser professor é ser um pouco de esperança para os alunos e permitir que isso aconteça mesmo sabe... eu acho muito triste quando o professor olha para o aluno e pensa que ele é só um transmissor... até mesmo só mediador de conteúdo... eu jamais quero que o aluno me olhe e pense que eu só uma transmissora ou uma mediadora de conteúdo de gramática ou de estrutura de texto... ou só que ensine eles a escreverem... eu quero que eles me veem como alguém que possa colaborar com futuros deles... como alguém que possa ter uma palavra pra eles... naqueles dias que eles estão para desistir... eu quero que eles me vejam como alguém que eles possam contar...

Entrevistadora: Professora ... eu só tenho a agradecer ... tá ... por você estar colaborando com ... com essa minha pesquisa...né... e aí a gente vai falando pelo whasthapp... mas assim... o meu sentimento é só de gratidão... tá bom...

Entrevistada: O meu também Antonia... Muito obrigada...E o que você precisar eu me coloco a disposição...

Entrevistadora:Tá bom...

Entrevistada: Você também... Depois você me deixa ver sua pesquisa... fiquei interessada...

Entrevistadora: Depois... o quê... repita... que eu não enten... cortou um pouquinho...

Entrevistada: Depois você me deixa ler sua pesquisa quando você terminar...

Entrevistadora: Tá bom... vou trabalhar em todos dados professora... e aí...vou acompanhar... fazer individual com todos os docentes... primeiro de contábeis e de administração... e aí organizar... e transcrever... e aí trabalhar nessa etapa toda... mas cê pode ficar tranquila...

Entrevistada: Tá bom...

Entrevistadora: Tá bom...

Entrevistadora: Muito obrigada... Aí vou só terminar a gravação e a gente conversa pelo zap. Tá bom... Obrigada... professora...

Entrevistada: Nada... Tchau...

Entrevistadora: Até logo...

Entrevistada: Até...

ENTREVISTA 2

Entrevistado: Lá atrás tá aparecendo só a bagunça do... não... tá aparecen... aparecendo só os livros...(risos) tem problema não... pode gravar se precisar... não tem problema não...

Entrevistadora: Aham... Aí... assim mas já passei pelo comitê de ética... já tá tudo tranquilo...né... aí vou lhe encaminhar... vou lhe encaminhar os... os vídeozinhos do dochub que é tão útil pra gente...depois...

Entrevistado: É... porque às vezes a gente... ainda mais agora que a gente quase não tá tendo contato... aliás não tá tendo contato físico com ninguém da UEG quando precisa de assinatura de documento ... isso pode ser útil...(isso)Eu prefiro que me encaminhe que aí depois eu faço para outras coisas que precisar... tá?

Entrevistadora: É muito útil... Professor... aí assim... minha pesquisa... só para contextualizar... você já leu lá no documento que eu lhe encaminhei né... O trabalho docente: sua representação para o professor de Língua Portuguesa nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas da UEG... aí eu tô fazendo com os professores de contábeis ... de administração... de direito... quem é da área das ciências sociais aplicadas... né... quem dá aula nesses cursos... aí assim na entrevista nós temos duas etapas... etapa um que é a etapa da formação...e a etapa dois... da docência... são algumas perguntinhas... mas é... é muito tranquilo...

Entrevistado: Fique à vontade... pode mandar brasa...

Entrevistadora: Tá bom...

Entrevistadora: Aí então vou começando... faço a leitura da primeira... você vai respondendo... aí terminando eu dou essa continuidade...

Entrevistado: Tá... tá audível aí a minha voz?

Entrevistadora: Tá... para mim tá tranquilo... eu creio que tá gravando... assim... bem... né.. Eu tô usando fone porque tem barulho de casa... né... mas... é tranquilo...

Entrevistado: Aqui também se você escutar eu gritando a meninada aqui... eu tenho três crianças de cinco anos... eu tenho trigêmeos... aí de vez em quando eles vão dar uns berros por aqui... mas se atrapalhar você me fala...

Entrevistadora: Mas é tranquilo professor...

Entrevistado: Tá bom...

Entrevistadora: E aí a primeira pergunta... O que levou você a cursar Letras?

Entrevistado: Eu desde o ensino médio... eu tive vontade de ser professor... eu... eu fiz outras coisas na vida... cheguei fazer dois anos de direito... fiz seminário católico... comecei teologia... essas coisas... mas sempre tive vontade de ser professor... então eu fiz Letras porque eu gostava de Língua Portuguesa... Língua Inglesa... mas Língua Portuguesa mesmo... português no sentido de gramática mesmo... e eu sempre tive vontade de ser professor foi isso... cheguei a fugir... de ser professor... fiz dois anos de direito... mas quis ser professor... fiz Letras para ser professor...

Entrevistadora: E professor... Havia alguém na família que trabalhasse na área da educação?

Entrevistado: Não... A minha mãe já tinha sido professora... é - - eu tô te ouvindo bem... não precisa colocar o fone mais próximo não...pode ficar tranquila... enquanto a isso...

Entrevistadora: Certo... tá bom...

Entrevistado: A minha mãe já tinha sido professora... aliás... minha mãe que alfabetizou a mim e minha irmã... embora minha mãe tivesse só a quarta série quando minha irmã e eu éramos crianças... (incompreensível) mas minha mãe tinha sido professora durante uns seis meses... nem isso eu acho... quando eu e minha irmã éramos criança... mas não teve influência de família não... eu não tinha professores na família... e porque eu... eu via professores e gostava sempre me imaginei ensinando...

Entrevistadora: Certo... A outra pergunta é no início do curso... você tinha objetivos traçados sobre qual carreira gostaria de seguir (professor de Língua Portuguesa... revisor... preparador de originais... tradutor etc)? Aí já é um gancho para a quarta... se sim... qual?

Entrevistado: Sim...

Entrevistadora: Se sim... qual?

Entrevistado: Eu... como eu falei comecei a fazer direito.... porque... embora eu tivesse feito segunda opção.... Eu fiz vestibular com segunda opção para letras... imaginando que não fosse passar para direito que era mais concorrido e era realmente o meu gosto... mas eu passei para direito e fiz dois anos... quando fui fazer... por que fiz direito? Porque achava que era melhor para prestar concurso... porque tinha salários melhores... e que letras e professor não teria salário suficiente para um... no ambiente machista... um arrimo de família...um pai de família... para sustentar família... porque sempre cresci em escola... sendo aluno de escola pública achando que salário de escola pública não daria para sustentar família... quando eu tava fazendo direito... eu fui trabalhar no Instituto Federal... na época era Escola Agrotécnica Federal de Rio Verde-Goiás... e como os professores... o curso e salários eram bem melhores do que escolas estaduais... eu vi que professores sim poderiam ter salários bons... embora não precisasse ser nem professores de cursinhos artistas digamos assim do ensino e nem professores universitários renomados... aí eu fui fazer letras... sempre com sonho

de - - tá dando um pouco de eco aqui tá - - é sempre com o sonho de fazer Letras e se possível seguir carreira é... acadêmica também... mestrado e doutorado... então quando eu entrei no curso de Letras depois de dois anos de direito eu tinha claro... eu estudar o máximo que eu conseguisse... embora trabalhasse o dia todo e fizesse o curso a noite... com intuito claro... estudar pra ser professor... um bom professor... de preferência em universidade e é... de preferência seguir a carreira fazendo mestrado e se conseguisse fazer doutorado pra ser professor universitário...

Entrevistadora: Ok... Se sim... Se não... a escolha pela carreira ocorreu no decorrer do curso ou após a formação?

Entrevistadora: Eu acho até que você até já respondeu né professor... essa...

Entrevistado: É... foi... Na verdade praticamente prévia ao curso... já entrei no curso... já...

Entrevistadora: É... Quais eram as suas expectativas em relação ao curso de Letras?

Entrevistado: Ah...eu não tinha grandes expectativas... porque...como eu entrei mais velho... tinha vinte e sete anos quando entrei no curso de Letras... eu já tinha passado em seminário... já tinha estudado filosofia... um pouco teologia... já tinha estudado dois anos de direito... já conhecia a universidade onde faria Letras... os meus colegas eram quase todos remanescentes de segunda opção de outros cursos... apenas três alunos tinham feito para primeira opção para Letras... então eu tinha expectativa de ser no curso... digamos assim abaixo da média de qualidade... então eu tinha expectativa de que eu teria que me vir... estudar muito por conta própria... então... minha expectativa era de que eu teria correr atrás por conta própria...

Entrevistadora: Hurum... e quais eram as suas expectativas de atuação profissional após a conclusão do curso?

Entrevistado: A minha expectativa era docência... eu não tinha muitas outras expectativas não.

Entrevistadora: Certo... E o que mais marcou a sua formação?

Entrevistado: Ah... hum... Não sei... Em que sentido assim?

Entrevistadora: O que que mais marcou sua formação né... assim... já que a escolha foi a questão do curso de Letras... teve alguma coisa que mais... ficou marcado... na sua formação?

Entrevistado: O curso em si... eu ia ter que correr muito atrás porque a formação dos meus professores era... era ruim... não por culpa deles... mas... pelo fato da instituição... embora... oficialmente pública... porque é uma fundação municipal em Rio Verde... ((citou o nome da instituição))... mas ela cobra mensalidade... cobrava mensalidade... então os cursos não davam lucro... como era o caso de Letras... como

era pouco procurado... tinha pouco investimento... então os professores tinha só especialização... e assim mesmo especialização em didática do ensino superior... por exemplo... ou algo similar... então nenhum deles tinham digamos... a carreira acadêmica como foco... a maioria eram... eram professores... os melhores professores do ensino médio que iam dar aula na faculdade... então o que me marcou mesmo era sim... que eu tinha que... correr atrás... e a biblioteca da instituição na área de Letras era muito fraca... então eu tinha que correr muito atrás... o que marcou era... era isso... um... mas a parte de inglês por incrível que pareça... foi uma das áreas... que... que me marcou muito... que... que inclusive minha melhor formação foi na área de inglês... não sei... embora não seja minha área de atuação agora... foi linguística teórica... minha área de atuação...

Entrevistadora: Hurum... Professor.... E houve algum professor que marcou positiva ou negativamente a sua formação? Por quê?

Entrevistado: Bom... Positivamente teve... na área de inglês... por exemplo... trabalhava com fonética que era ((citou o nome do professor)) ... que ... e... e de inglês que era a ((citou o nome da professora)) que... fazia a gente trabalhar bastante... e negativamente era uma de literatura que... assim... a gente percebia que nitidamente não preparava aulas... ela chegava com cópias aleatórias... quase aleatórias... e a formação também era péssima... então... é isso...

Entrevistadora: A outra questão é... Em relação ao curso o que contribuiu para a sua prática/atuação profissional?

Entrevistado: Ah... eu acho que é essa coisa de ser aquele professor... é... os professores que tinha marcado positivamente... aqueles professores que... que explicam... a... explicam vulgarizam a... a... os conteúdos para os alunos e tentando fazer os alunos entenderem melhor né... e não simplesmente deixa os alunos por conta própria... e lhe fornece material de pesquisa pros alunos... tive uma professora de literatura... outra que era bem jovem trabalhou só seis meses... pouco mais velha que eu na época... que veio de outra instituição... e que... essa pelo menos apresentou um programa claro e uma bibliografia... pelo menos adequada e que seguia uma bibliografia adequada... então assim... uma coisa que... que me ajudou a me moldar o meu jeito de ser...

Entrevistadora: Hurum... Aí contribuiu com sua prática posteriormente com a sua atuação profissional...

Entrevistado: É...

Entrevistadora: E houve alguma dificuldade ao iniciar a sua carreira como docente?

Entrevistado: Ah sim... diversas né... porque quando iniciei a carreira docente... eu também tinha formação... eu não tinha formação adequada... eu tinha só especialização... tava concluindo a especialização na verdade... então tinha todo o problema pessoal né... que é... a insegurança... natural... eu trabalhei... iniciei... eu

tinha graduação em filosofia por conta do seminário... então iniciei em introdução a filosofia... nem era na área de Letras... depois que fui para área de Letras... então... é... e depois fui para área de filosofia na disciplina que é dada no quarto ano... ou no... hoje em dia seria no sétimo e oitavo período né... então tinha que estudar MUITO... mas MUITO mesmo... então assim é... na dificuldade de ter que trabalhar durante o dia... porque eu trabalhava no banco... na época que eu comecei a trabalhar na UEG... eu era temporário na UEG... então tinha que estudar de madrugada... era inseguro... é... tinha que preparar aula num dia... para dar aula no outro... porque nem sempre dominava todos conteúdos... então tinha que preparar na véspera o conteúdo... então assim... muitas dificuldades... muitas mesmos... além da insegurança natural né...

Entrevistadora: Isso... E o que considera essencial na formação do professor de Língua Portuguesa?

Entrevistado: Bom... a primeira coisa... é o conhecimento mesmo... a formação no sentido de... obter o conhecimento... acho que qualquer área né... porque pra mim a profissão de professor é... transpor... transpor o conhecimento de uma forma mais... palatável pra quem tá aprendendo... porque o conhecimento científico... o conhecimento propriamente dito... ele é muito seco... é muito... obtido de maneira bastante árdua... anos e anos de pesquisa para chegar no conhecimento que às vezes... quando é tornado vulgar... é tornado senso comum... como a terra gira em torno do sol... isso para nós hoje é banal... qualquer criança aprende isso na escola... na quinta série... mas no século treze e quatorze isso era uma infâmia... então assim o conhecimento é obter conhecimento... obter conhecimento é a base de muito estudo... muita informação teórica... e quase ninguém gosta da teoria porque é muito difícil... então obter conhecimento teórico é muito difícil... e a formação teórica nossa... ainda mais no curso de licenciatura... aliás... qualquer um... acho que bacharelado também... não sei... qualquer área é muito ... é muito difícil e conciliar isso teoria e prática é muito difícil... a parte mais difícil é essa... conciliar o conhecimento teórico com a sua... com...casar a teoria com a prática...

Entrevistadora: E você considera importante a realização de Pós-Graduação *Stricto Sensu* pelo professor de Língua Portuguesa? Por quê?

Entrevistado: Essencial... é... porque... na verdade quando a gente faz a... a... a graduação mesmo a especialização... que eu fiz especialização também... embora não seja um pré-requisito para fazer pós-graduação *stricto sensu*... a... a pós-graduação... a graduação e... é o preâmbulo na verdade que a gente adquire conhecimentos básicos de uma determinada área... está entrando na área... na pós-graduação *stricto sensu* é que a gente começa a ter autonomia de pensamento... de entender... a gente começa a entender que o conhecimento é construído... ele não é dado naturalmente, na graduação a gente ainda acha que o conhecimento é algo como natural... a gente tem que simplesmente absorver... e na pós-graduação *stricto sensu*... mestrado... doutorado... a gente começa a descobrir que o conhecimento é construído... é feito por pesquisa... por obtenção de dados... análise de dados... olhar aqui... comparar ali... vê... analisar... não... não é assim é assado... tá no livro... não mas o livro está errado... o livro foi uma pessoa... essa obtenção de dados... de

análise... de síntese... de contradição entre dados... ah mas porque essa contradição? Essa comparação é o processo na verdade... é que é... o... o importante... o resultado nem é tão bom... mas o processo em si é formador... e esse processo é o *stricto sensu* que às vezes a gente consegue... às vezes na especialização... que é o *latu sensu*... às vezes até dependendo do nível de desenvolvimento... dependendo do processo propriamente dito... até vai... mas... então acho que é extremamente essencial por causa disso... não o TÍTULO em si... porque às vezes o trabalho é feito porcamente... mestrado... doutorado... mas o processo é importante...

Entrevistadora: Certo... E qual a sua posição em relação à desvalorização do professor de Língua Portuguesa?

Entrevistado: O problema da desvalorização do professor de Língua Portuguesa... eu... não diria de língua... mas o professor em geral... aquele que ensina... aquele que faz... essa desvalorização do processo... de aprendizagem... de aprender... de criar conhecimento... a desvalorização do conhecimento como tal... da reflexão... porque o problema maior é a reflexão né... então a gente reflete sobre verdade dadas e verdades construídas... eu acho que essa desvalorização da construção da realidade... porque a realidade... o autoritarismo ela dada como algo dado pronto... e quando você vê que a realidade... ela é discursivamente construída e na linguagem estuda isso... existe até uma disciplina especificamente que trabalha com essa linguagem... quer dar seu discurso... minha própria área que é a linguística textual... a... as coisas são discursivamente construídas... é aquela história... se eu falo muito bem de uma pessoa que você não conhece... e vou falando... falando e nós somos muito amigo, eu e você... e eu sou muito amigo de outra pessoa e a gente vai falando... por você ser minha amiga e eu sou muito amiga da outra pessoa... você já ganha simpatia da outra pessoa... que dizer... discursivamente vou construindo... vou falando... falando... quando você vê aquela outra pessoa... já tem simpatia por ela... quer dizer discursivamente nós construímos... assim também é a realidade... então quando desvaloriza o professor de Língua Portuguesa... ou seja de outra área qualquer... desvaloriza seu conhecimento... desvaloriza sua reflexão... desvaloriza seu questionamento da realidade... não questionamento de negar... mas de... pô será que é assim mesmo? Será que pode mudar? Será que? Então desvalorizar o professor é desvalorizar o conhecimento... desvalorizar a investigação... desvalorizar... a aprendizagem... desvalorizar... a possibilidade de pensar numa coisa que pode ser melhor... do que o que tá aí... e valorizar o dogmatismo... valorizar a estratificação... valorizar... o...o... a não liberdade de pensar... coisas novas... então o desvalorizo é isso... quando desvaloriza o professor...

Entrevistadora: E... O que é ser um professor de Língua Portuguesa?

Entrevistado: Bom... pra mim é trabalhar com uma das características mais marcantes do ser humano... que é a capacidade de lidar com símbolos... signos... quando a gente trabalha com a linguagem... a gente tá trabalhando com signos linguístico... com os signos... os signos é o que característica... é uma caracteristicamente humana... o homem é o único animal capaz de... trabalhar com signos... colocar uma coisa no lugar de outra... e pensar também por meio de signos... os animais até se comunica...

mas a comunicação deles é estática... a abelha se comunica... ela comunica a distância... que tem mel... a direção... e tudo... mas se tiver uma árvore no meio... ela não é capaz de contar para as outras abelhas que tem uma árvore no meio do caminho... por exemplo... o signo dela... o símbolo dela é único... o ser humano não... é infinito... então como linguagem é trabalhar com algumas característica que é tipicamente humana né... e é trabalhar com essa possibilidade de desvendar... isso que tô falando... a possibilidade de desvendar mensagens... essas que são expressas... e essas que não são expressas... inclusive a psicologia profundada da psicanálise... o Lacan... por exemplo... trabalhou... é... com a linguística já não foi à toa... porque a linguagem... especificamente a linguagem dos... do modo que coloca o estruturalismo... é... importantíssimo para desvendar o próprio inconsciente humano... então assim é... a linguagem é trabalhar com algo que é tipicamente humano... é algo que é tipicamente humana? É a linguagem... é uma... que pode distinguir...o dia que o macaco falar... então realmente o homem veio do macaco... o macaco fala... então pronto.

Entrevistadora: Hurum... professor agora na etapa dois é a etapa da docência... O que levou a ser professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: (risos) Oh na verdade... bom falando da verdade... verdade... vem da questão que... carga horária... não... na verdade foi uma escolha... porque tinha vários outros cursos aqui... é... é... é porque... a escolha desta disciplina nesse curso... porque tem várias disciplinas de Língua Portuguesa em outros cursos... inclusive Pedagogia... ah seu curso... eu li muito rápido... seu curso é pedagogia?

Entrevistadora: Não... é o ciências sociais... que é ciências sociais aplicadas... no caso... seu caso... ciências sociais... oh ciências contábeis... perdão... de Anápolis... né...

Entrevistado: Mas a sua formação?

Entrevistadora: A minha é ciências contábeis...

Entrevistado: Ah tá...

Entrevistado: Não... é porque é... o meu foco... é linguística textual... e uma das partes de linguística textual... o que é minha área de formação... que eu tô terminando doutorado ainda... que se alonga muito anos passou de horas já... é... o meu foco é a escrita... então a minha... a minha escolha... é porque o primeiro e segundo semestre... o início do curso... trabalha com a escrita... e uma das coisas... e uma das coisas que gosto muito é trabalhar com a escrita... porque o que eu acredito é... a escrita... principalmente a reescrita... inclusive e agora nessa pandemia... tá atrapalhando a minha metodologia... porque eu gosto de trabalhar a escrita e reescrita... como é que funciona? os alunos escrevem... me entregam... eu corrijo... ou pelo computador... porque eu gosto também né por e-mail né... devolvo... mas aí eu sento com ele e tento junto com eles reescrever... então a reescrita que para mim é importante... e até por

isso em um curso de stricto senso... para mim é importante porque nele... não sei como está sendo a... o seu contato com o orientador... o orientador senta com aluno e orienta... até mesmo... as questões...essa ideia não está boa fulano! Vamos colocar outra coisa... insere isso aqui... leia fulano de tal para te ajudar... a inserir ideias... o orientador vai orientando da escrita... às vezes até na própria forma... então... por isso que escolhi... porque os primeiros períodos trabalharam com o básico da escrita... que eu acho que é muito importante...nesse nível de formação... por isso que escolhi ...

Entrevistadora: É importante para todo tipo de profissão né... professor?

Entrevistado: Independentemente de qualquer coisa... vai fazer um relatório? precisa escrever... vai fazer um bilhete? Precisa escrever bem...vai fazer um aviso? Precisa escrever...vai fazer e-mail... uma carta de apresentação... uma série de coisas...

Entrevistadora: Outra questão é o que mais chama sua atenção na atuação de um professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: Uma coisa que me chamou atenção... positivamente... é porque eu não tinha trabalhado até dois anos atrás... é a receptividade... eu senti muita receptividade... de... a... a... a primeira coisa, é aquela coisa quando eu falo que eles vão escrever muito né... aí fala... NOSSA sou PÉSSIMA em português... aí eu até brinco... olha pessoal vocês sabem português? aí todo mundo... NÃO... NÃO... ah sinto muito... mas nossas aulas vão ser em português... nós vamos falar em português... escrever em português... aí vou brincando... vou mostrando pra eles que no fundo... no fundo a gente sabe... o que a gente não sabe é determinado NÍVEL... a que vai ser alcançado... vai ser melhorado...mas... e aí assim...vão ficando a disposição que fico admirado em aprender.

Entrevistadora: E... quando decidiu que queria ser um docente de um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: Quando eu fui... é... é... quando teve as mudanças de grade... essas coisas assim... que... as disciplinas foram especificando muitas cargas horária semestrais e que eu vi que tinha mais aula de produção de texto... e que alguns colegas trabalhavam... eu não lembro se aposentou... se...se saiu do câmpus... teve alguém que saiu não me lembro... ah é teve... teve... alguém saiu... foi isso mesmo... aí eu falei olha... com a qual eu gostaria de trabalhar... aí foi... aí... aí eu comecei a trabalhar... porque antes eu não tinha... nem tinha começado porque tinha uma colega temporária que trabalhava... então para não invadir o espaço da outra pessoa... mas é uma coisa na qual eu gosto de trabalhar... produção de texto...

Entrevistadora: E quais as dificuldades você encontrou ao começar a trabalhar em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: Não... a única dificuldade que às vezes a gente acha... é... é o fato de serem a maioria trabalhadores né... e chegam a noite cansados... então essa é minha maior dificuldade... mas tirando isso assim... ou às vezes também a questão da...

assim... é... é... é a diversidade muito grande né... tem uns que são... tem uns que são... parece que tiverem uma boa formação nessa área... outros nem tanto... outros fizeram em escola muito boas... outras nem tanto... então assim... uma heterogeneidade muito grande... mas tirando isso... em linhas gerais... eu gostei muito... gosto muito aliás...

Entrevistadora: E como pensa as aulas para o Curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: Ah... pensar em planejar?

Entrevistadora: Isso... como é que é que você pensa... né... no planejamento... se... se torna mais diferencial pros outros... né... se no sentido do... de tá ministrando as aulas no curso de ciências sociais aplicadas... no caso seu de ciências contábeis...

Entrevistado: É... geralmente quando eu vou... vou pensar as aulas para os cursos... aí eu vou pensando... imaginando... a atuação profissional e a realidade profissional de cada um deles... então eu vou pensar bom... eu tô pensando para contador... CLARO... eu não sei o dia a dia exato dos contadores... não sei... mas... eu sei que no mínimo... durante a vida acadêmica... pelo menos... ou durante as coisas... vão ter que fazer relatórios... vão ter que fazer apresentação de trabalhos... ou no mínimo carta de apresentação e o que exige nas ementas dos cursos eu vou ministrar e... mas além disso pensando nas atuações que eles vão ter que fazer... relatórios... alguns gêneros acadêmicos... ou seja... tipo de texto que eles vão produzir... além na vida acadêmica... durante a vida profissional também... não aqueles textos... pelo menos que eu imagino que eles vão precisar produzir... tanto na universidade... quanto na vida acadêmica... e como já vai começar estagiar... não tem... tem né?... ah eles têm estágios ... contábeis eu acho que tem estágio... então começando imaginar a vida profissional... alguns textos que provavelmente eles vão produzir durante a vida.

Entrevistadora: Ok professor... E o que motiva você a ser um professor de Língua Portuguesa em um Curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: Olha... a vontade de ver todos os profissionais escrevendo bem e... assim... sabendo que escrever não é bicho de sete cabeças né... porque eu fico até... até assim... achando ruim né... falando oh...ah detesto PORTUGUÊS... não gente... português essa é nossa língua... português é que nós falamos... nos vemos televisão... lê em jornal... lê internet... lê revista... lê tudo em português... ESCREVE... ainda mais agora... que todo mundo escreve o dia todo no whatsapp... é no instagram... é no facebook ... é em tudo... escreve o dia todo... e detesta português? NÃO... aí eu tento esclarecer... que esse “eu detesto português”... na verdade o que a gente detesta não é português... o que detesta é uma série de normas sem sentido que a gente é obrigado a decorar... e se a gente não tivesse que decorar essas normas sem sentido? Tivesse que apenas usar o que a gente precisa no dia a dia... e ter o sentido daquelas que a gente precisa decorar... e que a gente ACHA que não tem sentido... meu motivo é isso... tentar fazê-los entender que... não é TÃO ruim quanto parece... é isso...

Entrevistadora: E o que tem a dizer sobre a desvalorização da profissão docente?

Entrevistado: Bom... como falei mais cedo né... mas assim... a desvalorização docente é desvalorizar a... a aprendizagem... desvalorizar o conhecimento... desvalorizar... a... reflexão... sobre o mundo... sobre a realidade... desvalorizar o que a gente tem de mais humano... que... desvalorizar a própria reflexão... desvalorizar a própria... o próprio conhecimento... o conhecimento que move o mundo. ((hurum))

Entrevistadora: Como você define o professor de Língua Portuguesa para os Cursos de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: Bom... primeiramente tem que ser alguém que gosta muito do que faz... porque... tá mostrando ali para outros profissionais... a necessidade de um conhecimento que... às vezes aqueles alunos acham que não é importante para vida deles... mas é por aí... ah então é português... “ah porque vou precisar disso”... “vou fazer é... balanço”... é... “declaração de imposto renda”... “não sei mais o que”... sei lá... vai fazer outras coisas... mas pra eles entenderem... que a língua na verdade.. é nossa... vinte e quatro horas por dia... a gente SONHA falando... ouvindo... escrevendo... lendo... então a primeira coisa é isso... o profissional tem que... tem que conhecer bem aquilo de que está falando... não só gostar... mas conhecer bem... pra mostrar que aquilo não só é importante... mas também é interessante... então o mesmo quem não vai trabalhar com a língua... como é o profissional de outras áreas... contábeis... administração... é... sei lá... historiador... historiador também às vezes até trabalha com a língua... ainda tem outras disciplinas que precisam da língua para decifrar documentos... essas coisas... mas mesmo que eles não trabalham com a língua... vão achar interessante a língua... então acho que o profissional que trabalha com a língua nesses cursos tem que ser alguém que mostre que é alguma coisa interessante... se saber... assim como é interessante pra mim... saber como é que funciona o sistema bancário... quando eu vou depositar um cheque... eu tenho que saber... que se for... depositado no mesmo banco do qual é o cheque... ah o cheque vai amanhã está disponível o dinheiro... mas se for de outro banco... que é de outra praça... de outro estado... AH ele vai demorar uns dias... dois a três dias... dependendo do lugar... para o dinheiro estar disponível na minha conta... então eu posso ficar no vermelho... então é importante saber essas coisas... Não é? então na língua também é a mesma coisa...

Entrevistadora: Professor... agora a última pergunta... O que é ser professor?

Entrevistado: Hum... bom... pra mim... eu vou responder pra mim... porque pros outros eu não sei né... pra mim ser professor... é estar sempre aprendendo... mas isso não é uma conversa fiada que eu tô falando... porque pra mim é assim... quando eu vou aprender as coisas... eu aprendo imaginando que eu tô ensinando... quanto mais... isso for verdade... melhor eu aprendo... então pra mim ensinar... é a melhor forma de aprender... se eu for ensinar uma coisa... por exemplo... eu fui dar uma aula sobre... Descartes o filósofo que nasceu em mil seiscentos e cinquenta e seis... morreu em mil e setecentos e alguma coisa... eu estudei isso pra dar uma aula... te falei que comecei a dar aula de filosofia em dois mil... eu estudei isso... li a vida do Descartes... li a filosofia dele... para dar uma aula... e fui lendo... estudando... estudando... e fui aprendendo... então assim que funciona pra mim... por isso quando eu entrei na UEG...

às vezes... eu era temporário né... e temporário ... não sei se você foi ou é temporário na UEG?

Entrevistado: Fui...

Entrevistado: Então... pois é... a gente sofria todas as pressões possíveis... pra fazer o que a direção e os coordenadores queriam... então eu tinha que dar aula... nos dias e no outro... até de latim que... embora tivesse estudado na época do seminário... então... mas eu encarava como desafio porque eu gostava de aprender... e gosto até hoje... então pra mim... ser professor é estar sempre aprendendo para ensinar... então... aprender para ensinar... então ser professor é aprender... por isso que eu gosto... tanto é que... às vezes eu me canso de algumas disciplinas por causa disso... porque eu já estudei tanto... TANTO... TANTO... TANTO... que eu fico até com preguiça de ficar repetindo... ah eu... parece que fico querendo coisa nova... e esse querer coisa nova pra mim... é aprender algo novo... é isso... ser professor para mim é isso... aprender ensinando...

Entrevistadora: Professor... eu só tenho que lhe agradecer... tá... assim pela entrevista... pela aula... foi até uma aula também... né...

Entrevistado: Que é isso...

Entrevistadora: Pelos conhecimentos transmitidos... né...

Entrevistado: Bobagem que eu tô falando aqui... (risos)

Entrevistadora: Assim... é de muita valia... porque quando a gente vai trabalhar nessa parte... com pesquisa... que a gente vai aprofundar né... a gente precisa do outro pra isso... mas assim ... é...é... o que tenho que lhe dizer é gratidão... só gratidão pela contribuição...tá... o meu muito obrigada...

Entrevistado: De nada... Boa sorte na sua pesquisa. é... só uma curiosidade... eu não quis perguntar antes... pra não... não... sua pesquisa é em que área?

Entrevistadora: Eu tô fazendo essa ... O trabalho docente: sua representação para o professor de Língua Portuguesa nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas da UEG... vou analisar o gênero textual entrevista... com pressupostos teóricos do interacionismo sociodiscursivo...né... clínica da atividade... ergonomia do trabalho... pegando essa parte também... para poder para alinhar com a questão do trabalho do professor...

Entrevistado: É... Qual que é o programa de pós graduação?

Entrevistadora: É do Poslli...é do Poslli da UEG... lá de Goiás...

Entrevistado: Ah... tá ... lá de Goiás... eu li mesmo... de Goiás... Quem tá de orientando?

Entrevistadora: Professor Eleone...

Entrevistado: Ah... Não conheço não...

Entrevistadora: É o professor Eleone... ele é do programa... lá do Poslli...

Entrevistado: Ah... Boa sorte...sucesso aí... então... espero que minha entrevista seja aproveitada para seu trabalho...

Entrevistadora: Vai ser sim professor... Muito obrigada... eu lhe encaminho o e-mail... Tá bom?

Entrevistado: Tá bom... aí me manda o e-mail para eu fazer lá as coisas lá... e qualquer coisa se precisar você só me avisa... tá?

Entrevistadora: Tá joia professor... muito obrigada tá... Até logo...

Entrevistado: Obrigada você... Boa noite... Até mais...

Entrevistadora: Boa noite... obrigada...

ENTREVISTA 3

Entrevistadora: É assim... então... nós temos duas etapas da entrevista... a primeira etapa é sobre a formação... e a segunda é sobre a docência... mas assim todas as perguntas voltadas né... para essa questão do professor em si ... só que na etapa dois é voltada para o professor no curso de Ciências Sociais Aplicadas... né... eu tô fazendo com o pessoal da administração... contábeis... economia e direito né... a gente ia iniciar com a primeira parte... mas aí... tem que fazer com tudo... aí eu já tô organizando... então nós vamos começar na primeira etapa com algumas questões professor... a primeira delas é o que levou você a cursar Letras?

Entrevistado: Ah... Eu venho da formação... meu ensino médio... foi... eu sou técnico contábil no ensino médio... na época é... né... então eu...eu trabalho na área mercantil... podemos chamar assim... desde... oitenta e sete... oitenta e seis ... um pouco antes disso também de forma informalmente... aí quando veio Letras... eu... pra mim era outra perspectiva profissional... era uma outra visão mas mas voltado para arte mesmo e pra linguagem... eu gostava e gosto na época de escrever muito nesse sentido... e foi que me levou a ser da área da Letras... e conseqüentemente ser um professor... e aí eu participei mais ou menos uns quinze anos... um pouco... em torno disso sendo professor e sendo trabalhador... é... da área do comércio... e aí depois fiz a opção que eu queria ser realmente ser só professor... abandonei literalmente a outra área... embora ganhado... mais lá... ganhando menos na educação... mas foi um risco que eu... que eu optei... que não arrependi não((hurum))...

Entrevistadora: E havia alguém na família que trabalhasse na área da educação?

Entrevistado: Não... sou o primeiro... ah me desculpe... desculpe...perdão... há um tio muito distante... na verdade uma tia que trabalhava... mas não aqui no Goiás... em outro estado né... é... lá na Paraíba... mas eu não havia contato...só soube disso depois... só depois que eu tinha formado já... que eu soube... mas de fato eu não tinha ninguém na área de educação não ((hurum))...

Entrevistadora: E no início do curso você tinha objetivos traçados sobre qual carreira gostaria de seguir (professor de Língua Portuguesa... revisor... preparador de originais... tradutor...etc)? E essa pergunta já puxa o gancho para a quarta... que é se tinha esses objetivos qual seria?

Entrevistado: Sim...

Entrevistadora: Se sim... qual?

Entrevistado: Professor de Língua Portuguesa... porque eu sou gago... eu era muito mais gago e aí durante o curso descobri por meio da linguística... que teria como eu fazer a... o processo de respiração... de domínio da linguagem... da fala... do processo de escrita... e isso foi amadurecendo meu processo de formação pessoal... de formação intelectual e de formação biológica... que é a respiração... e o processo mesmo de educação... de respiração e tudo mais... então e conseqüentemente isso

me levou para área da linguística... então meu objetivo era... claro... né... ter uma profissão que eu pudesse desempenhar aquilo que eu gostava né... não apenas no comecinho foi a literatura e depois voltou que é meu mestrado na área de linguística... então...análise de discurso...meu objetivo era me qualificar cada vez melhor... ou cada vez mais né...dentro da perspectiva da linguística...

Entrevistadora: Se não... a escolha pela carreira ocorreu no decorrer do curso ou após a formação?

Entrevistado: Aconteceu durante o curso... dentro da área... da área de linguagens né... e eu trabalhei durante o curso ainda como monitor na área de literatura... durante muitos anos, mas a minha especialização foi sempre voltada para área de linguagem... para linguística ((certo)) ...

Entrevistadora: E quais eram as suas expectativas em relação ao curso de Letras?

Entrevistado: Em relação a formação... que eu pudesse contribuir para outras pessoas... assim como tive contribuição de bons professores da área de língua... Língua Portuguesa... é... e como profissional que eu pudesse fazer algo que eu gostasse... que se sentisse realizado... e isso ocorre... né ((hurum))... e de forma intelectual buscar algo que eu pudesse estar sempre fazendo a minha formação continuada... e isso ocorre de forma com muita... com muita... é... frequência... na verdade a gente acaba estudando... sendo formado continuamente...

Entrevistadora: E quais eram as suas expectativas de atuação profissional após a conclusão do curso?

Entrevistado: Era atuar é... como docente... né... no ensino básico é claro... né... como eu disse... e por ser uma pessoa muito retraída... tímida... ainda mais ter a questão da dicção... da voz em si... eu queria pelo menos ter a oportunidade de domínio de uma sala de aula... mas... antes mesmo de terminar o curso de Letras eu já assumi uma turma como monitor do próprio curso de Letras... então... a minha formação... ela foi... é... continua... né... terminei a formação... já iniciei no ano seguinte como professor... é... é... embora seja ainda na época graduado.. é... permitido na própria UEG... eu sou formado na UEG... mas antes de ser UEG... e na sequência... no mesmo ano já iniciei também uma especialização lato sensu que me deu também essa perspectiva como especialista na área da docência... então a minha expectativa era essa... de atuar como docente...

Entrevistadora: E o que mais marcou a sua formação?

Entrevistado: A minha formação faz muito tempo né... foi... eu terminei em noventa e dois... noventa e um e noventa e dois... a graduação é... a relação mesmo de dificuldade... é a dificuldade de conciliar a graduação com trabalho... o curso era noturno... de certa forma eu trabalhava em outro emprego... na verdade trabalhava em dois empregos na verdade... que era... eu era gerente de supermercado e também era garçom aos finais de semana... então eu tinha que conciliar tempo pra ler... e pra

estudar... e isso varava as madrugadas...tudo mais... então... a marcação assim... enquanto processo... foi a questão mesmo de... poder... ter que trabalhar pra me sustentar e sustentar a minha família também... ao longo da minha graduação e claro... a relação... de aprendizado... isso foi importantíssimo... os laços que construí com a minha turma e com outros colegas universitários me abriu espaço social muito grande... claro... acho que são as duas questões... primeiro a questão financeira... individual e da minha família e consequência o espaço social que... foi extraordinário...

Entrevistadora: E houve algum professor que marcou positiva ou negativamente a sua formação? Por quê?

Entrevistado: Positiva... positiva... eu tive é... uma professora da... da área da literatura... que chamava ((citou o nome da professora)) da parte de teatro... e por isso... engrenei na área de literatura por isso né... e a gente sempre trabalhava muito a parte de teatro... a parte de apresentação... toda parte dramática... digamos assim... dos romances... e de todos dos gêneros literários que tinha narrativas... outras formas...né... de linguagem... essa pessoa foi fantástica... aí a gente fez um trabalho de muita parceria... inclusive por meio desses trabalhos... que a gente tinha acesso as... as rádios... jornais da época... e tudo mais... então e outros professores também... como professor de linguística que eu tive também... muito... muito... afinado ali... muito... é muito tranquilo... dentro de um processo muito rígido e foi aí que consegui levar nesta perspectiva... assim também como tive a professora de inglês... que depois se tornou minha amiga... muito amiga também... embora não... eu não fui parar na Língua Inglesa... voltei para Língua Portuguesa... fantástico... então... são professores que de certa forma..., e vários outros né... que tiveram comigo... mas a professora ((citou o nome da professora)) foi a que mais me destacou nessa perspectiva da literatura...

Entrevistadora: Hurum... Em relação ao curso o que contribuiu para a sua prática/atuação profissional?

Entrevistado: A Formação... formação... teórica... a formação técnica... eu acho que o curso me deu essa bagagem teórica e a bagagem instrumental de me tornar professor...

Entrevistadora: Hurum... Houve alguma dificuldade ao iniciar a sua carreira como docente?

Entrevistado: Sim claro... (risos)... é... a formação é um estágio...a formação você tem uma perspectiva... mas quando você trabalha... você vai para o mercado de trabalho... você tem outra perspectiva e aí... a dificuldade foi estabelecer... o ritmo... estabelecer... né... uma abordagem própria... a questão do domínio de determinadas áreas... e saber... então... essa transição... muito rápida... é... não foi fácil...

Entrevistadora: E... o que considera essencial na formação do professor de Língua Portuguesa?

Entrevistado: Eu... hoje... como sempre tenho... é o respeito ao meu aluno... conhecimento desse meu aluno... é conhecimento do contexto que ele vive... é conhecimento dos limites que ele tem e do tempo que ele tem... então... eu acho essencial o como professor... não apenas de Língua Portuguesa... mas professor de literatura na época... com o tempo... é... o respeito com os alunos...e hoje... eu... eu trabalho com estágio hoje... formando professores né... isso tem sempre tratado essas questões... por respeito... por respeito... aquilo que o... aluno ou o que... o formando espera de nós professores...

Entrevistadora: Você considera importante a realização de Pós-Graduação *Stricto Sensu* pelo professor de Língua Portuguesa? Por quê?

Entrevistado: Muito... muito... muito porque abre muitas... muitas portas... abre muita a perspectiva é... de leitura do profissional... isso não quer dizer que alguém que não tenha o *stricto sensu* não possa ser professor... né ... mas o *stricto sensu*... ele possibilita uma leitura muito mais ampla... e muito mais profunda sobre várias questões...

Entrevistadora: Qual a sua posição em relação à desvalorização do professor de Língua Portuguesa?

Entrevistado: TristEZA... de certa forma... não só de Língua Portuguesa... mas de professor de modo geral... é... eu acredito que com a... ampliação de conceito de professor... o meu mestrado foi nessa área... do trabalho de professor... então hoje... você tem... professor...você tem docente... você tem profissional da educação...você tem mediador... você tem facilitador... você tem... ou seja... a identidade docente hoje...ela ficou muito segmentada... e qualquer pessoa de qualquer área... nem... nem tendo licenciatura é chamado de professor... diferentemente de outras categorias profissionais... então eu acredito que a questão da... da identidade e falta de organização talvez... nesse aspecto né... é... coloca o professor como... em muita desvantagem em relação a outros profissionais... conseqüentemente... a remuneração... o reconhecimento social...lembrando que hoje é dia quinze de outubro... dia do professor...

Entrevistadora: É isso mesmo (risos)...

Entrevistadora: O que é ser um professor de Língua Portuguesa?

Entrevistado: Alguns dizem que é ser professor de tudo... mas eu digo que é ser professor de gente... de gente... a ideia é ensinar as pessoas não a ler... não a escrever... mas ensinar as pessoas a ler e a escrever ou a pensar sobre vários aspectos... ou sobre vários espaços... ou sobre várias maneiras... sem ter preconceitos e também sem ter aquela rigidez... é absoluto...do absoluto... é isso... eu acho que é a partir do momento que você consegue a fazer essa relação com o outro... você consegue também estabelecer essa sensibilidade de leitura... de fatos... de textos... e de possibilidades... acho que ser professor é isso... é poder fazer... ter essa... esse espaço de poder contribuir com essas possibilidades imensas...

Entrevistadora: Agora nós vamos para a etapa dois que refere à docência e as perguntas são bem voltadas para os cursos de Ciências Sociais Aplicadas... é... O que levou a ser professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: Oportunidade... eu acho que foi no primeiro momento... segundo momento uma... perspectiva de comparação... não de comparação mas de... aprofundamento... digamos assim... na relação... porque são perfis completamente diferentes... são linguagens completamente diferentes... são objetivos completamente diferentes... e... acho que são... foi isso... oportunidade de poder... me aprofundar um pouco mais na minha formação mesmo... contínua... como eu tenho dito... e de poder... é... poder é... investigar um pouco mais essas possibilidades é... desses discursos ou (...)

Entrevistadora: Eu acho que travou aqui né?

Entrevistado: Caiu a internet... TÁ...

Entrevistadora: Pois é... a nossa dependência da internet (risos)...

Entrevistado: Mas eu tava falando sobre... é... porque que eu fui trabalhar no curso de Ciências Sociais Aplicadas... mas é isso mesmo que eu tinha dito... tá... a minha resposta já tinha terminado...

Entrevistadora: Tá...

Entrevistadora: Aí a próxima pergunta ...é o que mais chama sua atenção na atuação de um professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: O desafio... de poder... demonstrar de alguma forma a importância da comunicação para um profissional dessa área... seja o administrador... seja um contador... seja o economista... ou seja... tentar mostrar a importância do discurso que as pessoas podem apresentar... é... a partir da sua formação... ou a oportunidade que essa pessoa tem... de... fazer a partir é... da Língua Portuguesa... o seu elo com seu cliente... com o seu público ou com outra pessoa... esse é o desafio...

Entrevistadora: E... Quando decidiu que queria ser um docente de um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: Fazem uns três a quatro anos atrás... então... surgiu a oportunidade e eu estou... estou lá desde então...

Entrevistadora: E... Quais as dificuldades você encontrou ao começar a trabalhar em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: Adaptação ao perfil... mesmo já conhecendo... o perfil... o projeto pedagógico do curso... mesmo conhecendo as demandas... né... de certa forma do curso... de certa forma... não de forma por dentro... mas como participante de... no grupo de docente... foi compreender a perspectiva do discente... ou seja... me colocar no lugar do discente e tentar dialogar com ele o que eles precisavam... de quais gêneros... de quais textos... de quais orientações... pra otimizar o espaço deles naquele curso... naquela disciplina que faz parte da matriz do curso...

Entrevistadora: Hurum... então essas foram as dificuldades que perguntei...

Entrevistado: É...

Entrevistadora: E... Como pensa as aulas para o Curso de Ciência Sociais Aplicadas?

Entrevistado: Em dois momentos... a primeira... a conceituação teórica... ou seja... alguns tópicos que têm a ver com... alguns conceitos de linguagem... língua... código né... de instrumentalização e o segundo é... com a parte prática mesmo... então... como o aluno pode usar alguns conceitos no seu dia a dia... por exemplo... por meio de um parecer... por meio é... de uma carta... por meio de uma crônica... por meio de um artigo de opinião... é então... ou seja... é deixar para esse aluno alguns gêneros que ele possa utilizar na sua formação e pós formação...

Entrevistadora: Hurum... e o que motiva você a ser um professor de Língua Portuguesa em um Curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: O desafio de vencer e de... é... chegar ao final do semestre e verificar que o aluno teve um outro comportamento em relação à Língua Portuguesa... MESMO dentro de um curso de ciências sociais aplicadas... ou seja... que o aluno perceba a Língua Portuguesa... não como uma matéria a mais que tenha a trazer para o curso deles... mas que é uma matéria que é essencial para que ele possa se comunicar com o outro...

Entrevistadora: Agora... antepenúltima pergunta... O que tem a dizer sobre a desvalorização da profissão docente? Que a outra foi voltada mais para o de Língua Portuguesa... e aqui mais num contexto geral...

Entrevistado: Eu vejo que a desvalorização... a valorização... elas são muito vinculadas ao que as políticas públicas estabelecem para a gente de forma mais ampla né... então eu acredito que essa desvalorização ela é muito ruim pra que outros profissionais da área de licenciatura ou mesmo das áreas... das áreas sociais aplicadas possa se formar... e... possa ter um stricto sensu... uma pós-graduação e vir para sala de aula... o que eu percebo é que... a maioria dos professores das ciências sociais aplicadas... de forma geral... são profissionais liberais ou são... ou tem um emprego... um emprego digamos... chamado emprego base... emprego número um e acaba que o professor... acaba sendo uma segunda função... uma segunda né... uma segunda proposta... mas não é algo de carreira... e isso acaba de certa forma... é colocando também em... em certos momentos essa dificuldade de compreensão como docente na verdade né...

é... e aí... é eu vejo que esse processo também... se por exemplo... se... é... a pessoa não é um pesquisador da área... se a pessoa não é exclusivo... dedicado à docência... ele tem algumas dificuldades... dependendo do que defendemos em sala de aula... de compreender o que é a profissão docente... então... na verdade ele é um profissional...ou ele é um contador que dá aula... ele é um economista que dá aula... ele é um administrador que dá aula... ele é um empresário que tenha talvez o curso na área de ciências sociais aplicadas que dá aula... ou é um profissional liberal que dar aula... mas ele vai ter na verdade a sua perspectiva... diferente ali de um docente que é..., que tem uma licenciatura... que tem um processo diferenciado... e isso acaba trazendo é... alguns... algumas boas discussões... né... aí não sabemos se isso implica em processo de valorização ou de desvalorização... mas são realidade que acontece que precisa ser investigado mais profundamente... mas é claro que tudo isso... a partir de uma política de reconhecimento da valorização do docente... porque com certeza se como professor eu tivesse o reconhecimento que ele tem... como o outro profissional... com certeza estaria sendo professor também em sala de aula, então talvez eu reconheço que é a ausência da valorização... o que que eu chamo disso? Pode ser a parte de estrutura... a parte salarial... a parte das condições... a parte da qualificação... ou do reconhecimento da qualificação... a questão do plano de cargos e salários... ou seja... são várias condições que isso acaba implicando ou não na valorização ou na desvalorização do docente...

Entrevistadora: Hurum... e como você define o professor de Língua Portuguesa para os Cursos de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: Como professor... ah... que quer contribuir com o processo de formação daquele profissional... não diferente dos demais... eu acredito que... eu defino o professor de Língua Portuguesa como professor do curso de ciências aplicadas... embora... né... que muitos colegiados... em muitos cursos não o vê dessa forma... né... então... ele é professor que faz parte do colegiado... mas que talvez não tenha o mesmo reconhecimento... talvez dos professores da área específicas...

Entrevistadora: Hurum... e a última pergunta da nossa entrevista... O que é ser professor?

Entrevistado: Ser professor é poder contribuir para o amanhã... diferente... é poder com base no ontem... refletir né... com base nas condições que estamos tendo atual... juntamente com o nosso aluno... apontar as possibilidades de leituras... e em prol da construção do amanhã... então ser professor de forma geral... é poder contribuir com o amanhã...

Entrevistadora: Então... nossa entrevista terminou e eu só tenho que agradecer pela ... por você ter me atendido...né... a gente sabe que pesquisa não é fácil... você já passou pelo *stricto sensu* e sabe que não é fácil... mas assim... é só um sentimento de gratidão pela contribuição... e eu tenho certeza que vai ser de muita valia... certeza absoluta...

Entrevistado: Eu que agradeço pela oportunidade né... de poder conversar com você e me coloco a disposição para outros momentos... caso queira tá... e desejar sucesso aí na sua qualificação...

Entrevistadora: Tá bom então... muito obrigada... aí então a gente conversa lá no WhatsApp...

Entrevistado: Ok...

Entrevistadora: Obrigada

Entrevistado: Tchau...tchau...

Entrevistadora: Tchau...tchau...

ENTREVISTA 4

Entrevistadora: Aí professora... a ... a entrevista são duas etapas... tá...(hum) nós temos a etapa um que é sobre formação e a etapa dois ... docência... deixe eu só falar o tema do meu projeto...né... da minha pesquisa... não sei se você viu aí no termo... é... O Trabalho Docente: Sua representação para o professor de Língua Portuguesa nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas da UEG... né...no caso eu tô fazendo com os professores de Língua Portuguesa que atuam no curso de administração, de contábeis... de direito... né que é uma área distinta da formação do curso de Letras... profissional do curso de Letras... aí a primeira etapa é mais relacionada a formação mesmo e a segunda etapa e as perguntas vão bem ao encontro da docência nesses cursos de ciências sociais aplicadas... tá... (hurum)...

Entrevistadora: Quando você disser que a gente pode começar ... aí eu inicio...

Entrevistada: Pode começar...

Entrevistadora: Pode começar? É... a primeira pergunta... professora ... é o que levou você a cursar Letras?

Entrevistada: Aí (risos) complexa... é uma pergunta complexa... é... na verdade... eu fui... eu fazia comunicação social... e aí... é... com habilitação em...publicidade... e eu... no meu primeiro semestre de... de publicidade eu tive acesso a questão da redação... publicitária e... bom eu tenho uma tia formada em Letras né... que tem... que é doutora em literatura enfim... tem... tem... na... sou de uma família de... de professores... mas não queria ser professora... mas... aí... é... minha mãe me falou... lá na época... é... que o curso de Letras era um curso que poderia abranger várias áreas né... e... e aí eu tava fazendo reda... fazendo publicidade... e aí eu fiz esse... tive acesso a esse... hum... a... a esse lado da profissão né... de redator publicitário na... na... agência de publicidade da católica... Universidade Católica de Brasília... e aí eu resolvi fazer o vestibular de Letras da UNB... e aí foi assim que entrei no curso de Letras (risos)... aí entrei no curso de Letras... porque eu queria ser redatora publicitária... mas depois eu resolvi ser professora... foi uma opção (risos) o curso de Letras me conquistou...

Entrevistadora: Conquistou para esse outro lado né... Havia alguém na família que trabalhasse na área da educação?

Entrevistada: Tem vários... (risos) eu sou de uma família de professores... então eu tenho minha tia... que é professora aposentada de português da secretaria de educação, e tem doutorado em literatura... deu aula muito tempo em universidades particulares da... do DF... foi diretora de uma escola...oh de uma escola não... de uma faculdade né... é... tenho uma prima que é professora de artes da... secretaria da educação... enfim... são... deixa eu ver quem mais... acho que... tenho um tio que atuou... mas depois parou de atuar um tempo também com o ensino de artes também... é... outro primo que é professor... acho que é... tem... tem algumas pessoas... tem pessoas que fizeram a licenciatura e acabaram indo para o funcionalismo público né...

é... mas... sempre tive contato com pessoas do... do curso de... do... professores... tem primo do outro né... aí tô falando só do lado da minha mãe né... do lado do meu pai também... tem meu primo que é professor de matemática... é... na melhor escola... e é diretor de várias escolas lá em Pernambuco... lá em Recife... então... tem sim.

Entrevistadora: Na família tem muita gente né...

Entrevistadora: No início do curso... você tinha objetivos traçados sobre qual carreira gostaria de seguir (professor de Língua Portuguesa... revisor... preparador de originais... tradutor etc)?

Entrevistada: Não... eu ia ser redatora publicitária (risos)... eu ia trabalhar com redação... mas acabou que assim... eu não fiz licenciatura primeiro né... primeiro eu fiz bacharel... por conta disso... e aí... durante a minha... do meu bacharelado eu comecei a fazer PIBIC... e foi aí que me interessei pra licenciatura... fui dar aula pra uma amiga... enfim... eu já tinha dado aula... mas não tinha gostado... a primeira vez que dei aula... mas aí da segunda vez eu me apaixonei... no PIBIC eu me apaixonei mais ainda por dar aula... porque eu comecei a investigar é... no ensino especial... no projeto da minha... orientadora na época... e aí eu fui... fui indo pro lado da licenciatura... mas no... aí eu dei aula de... de espanhol... de português ...mas antes... mas depois eu fui pro lado da revisão... de texto...

Entrevistadora: Hurum... que aí já respondeu a pergunta quatro... se sim... qual? Você já... já explicou... da questão de revisor né...

Entrevistadora: Se não... a escolha pela carreira ocorreu no decorrer do curso ou após a formação?

Entrevistada: Durante o curso.

Entrevistadora: Quais eram as suas expectativas em relação ao curso de Letras?

Entrevistada: É essa pra mim é uma pergunta bem complexa... porque como eu não... eu não tinha expectativas em relação ao curso de Letras... eu tinha expectativa em relação ao curso de comunicação... então eu não tinha nenhuma expectativa em relação ao curso de Letras... e acabou que no final dos meus dois cursos eu optei por finalizar Letras... e... e não finalizar comunicação na época porque... é na verdade... eu comecei a perceber que todo conhecimento que... que eu tinha tido nele... e professores meus falaram isso na verdade... tinha uma professora da comunicação... que no... que encontrei ela numa banca de doutorado... aí ela falou... o que que foi que você... sumiu da comunicação? Falei ah professora vou terminar Letras e vou... tudo o que preciso de comunicação eu já tenho da parte técnica né... fotografia... e se eu quiser virar redatora com curso de Letras eu ... eu opto aí... aí ela falou é ótimo porque... tem uma questão teórica que o curso de Letras tem que o curso de comunicação durante um tempo deixou a mercê... vamos colocar assim né... mas isso mudou e acabou que anos depois eu fui dar aula na comunicação... mesmo eu não tendo... tendo terminado o curso... eu fui dar aula na faculdade de comunicação...

então realmente... mas assim a minha resposta é... eu não tenho... eu não tinha expectativa em relação ao curso de Letras... porque eu fui fazer o curso de Letras pensando... numa complementação da minha profissão... e depois se tornou a minha principal ganho de vida... assim... né...

Entrevistadora: Quais eram as suas expectativas de atuação profissional após a conclusão do curso?

Entrevistada: É então... eu... tinha muita pretensão... de trabalhar com redação... e com... com redação como redatora e com revisão... e aí acabou que... eu... é... como falei... eu fui dando... eu fui me apaixonando... pela sala de aula durante o PIBIC... dei aula um ano antes deu me... deu me formar numa escola lá em Águas Lindas que minha amiga já era concursada... aí ela na sexta-feira... ela me dava... me pagava as horas aulas pra ir no lugar dela porque ela tava fazendo uma pós-graduação... e aí comecei a enxergar com o PIBIC... o que que a sala de aula faz pras comunidades... assim então... o que que a língua... o que que o texto né... porque a gente fala em Língua Portuguesa... mas na verdade... a gente tá falando em Língua Portuguesa... porque nós falamos... estamos num país que oficialmente é de Língua Portuguesa... mas nosso trabalho não é Língua Portuguesa... nosso trabalho é... eu sou linguista né... então nosso trabalho é línguas de maneira geral... então... e na verdade minha na área de pesquisa é o texto... é o discurso né... que é materializado por meio do texto... então o que que o texto podia fazer por essas comunidades... e aí eu... continuei dando aula... é... em dois mil... continuei dando aula depois... aqui na cidade que eu fui criada... que eu tô agora na pandemia na Cidade Ocidental comecei a dar aula... mas o salário era muito baixo né... muito... muito... muito... muito...baixo mesmo assim... tipo ainda é... mas naquela época era assim impressionante... e aí eu... fui receber o... na verdade eu mandei meu currículo... e aí passei na prova... fui trabalhar com revisão de texto... na época no CESPE... que o salário era muito melhor... e a... fiquei no... mas... mesmo assim não fiquei fora de aula né... aí eu fui... fazer pós-graduação... ir pro ensino superior... já que o ensino básico pagava tão mal... eu fui procurar outras maneiras de me manter em sala de aula né... e a revisão como meio de... de... de ter uma vida mais confortável né... porque a vida de professor não nos... não nos deixa ter uma vida confortável... vamos colocar assim...

Entrevistadora: É mesmo... é verdade...

Entrevistadora: O que mais marcou a sua formação?

Entrevistada: Na Letras?

Entrevistadora: Hurum (risos)...

Entrevistada: Olha teve dois episódios muito marcante na minha formação... uma foi minha professora de literatura... é... a ((citou o nome da professora)) ... ah... eu tô tentando lembrar qual era a disciplina aqui... porque não é romantismo não... não acho que era romantismo portu... não romantismo português era outra... era dos cândidos... gente qual era disciplina? Da... ((citou o nome da professora))... eu não vou lembrar

agora... mas enfim era uma literatura... e... e era oito horas da manhã... sempre morei longe da UNB... eu fiz UNB né... dentro da cidade de Brasília... e aí sempre morei longe da UNB... no entorno... é... de Brasília... então cinquenta quilômetros... então pra mim era difícil chegar nas aulas das oito horas da manhã.. por conta de trânsito... de ônibus... enfim de horário... então a única disciplina que eu... no dia que precisou eu dormi na UNB pra no dia seguinte tá lá... depois eu fui morar na casa do estudante né... mas... tô falando nesse percurso que me prendia foi a disciplina da... da ((citou o nome da professora)) que todo dia eu estava rigorosamente as oito da manhã lá porque eu não queria perder um minuto da aula dela... e... a formação da ((citou o nome da professora)) me marcou muito... tanto que eu fui estudar os cãndi... entrei no grupo dela... dos cãndidos... e aí comecei a estudar literatura na época... foi ali que eu comecei a me descambar de vez pro... pro lado da Letras e saindo da... da comunicação aos poucos... foi nessa época...e aí... eu queria lembrar qual era a literatura... não tô conseguindo lembrar... uma hora eu venho...

Entrevistadora: Hurum.

Entrevistada: E aí... é... e aí eu fui... fui e comecei a fazer o grupo de estudo com a ((citou o nome da professora))... então... e... e comecei a fazer meu projeto... que era meu projeto de final de curso da... da comunicação... ia ser da Letras também... que era um projeto é... voltado pra fotografia literatura né... juntar as duas áreas... então ((citou o nome da professora)) me marcou muito mesmo... eu lembro de aulas inteiras da... da ((citou o nome da professora))... assim né... e aí só que no semestre seguinte... eu tive aulas com ((citou o nome da professora))... que foi... que é introdução a análise do discurso... e aí ((citou o nome da professora))... conquistou meu coraçãozinho de vez... e eu fui fazer PIBIC com ela... monitoria com ela... PIBIC... e aí saí da literatura e fui pra linguística... que não era esse o plano... o plano era ficar na literatura e acabou que eu me descambei... então assim a... aí a análise do discurso crítica eu me encontrei né...((hurum))... Foi quando me encontrei... foi... nas aulas da ((citou o nome da professora))... e... e aí segui... aí foi carreira né... seguir carreira (risos)... porque aí eu fiz a disciplina... depois eu virei monitora da disciplina... fui monitora da disciplina em vários anos... não só com a ((citou o nome da professora))... a ((citou o nome da professora))... aposentou eu continuei monitora da disciplina... com outros professores... com a ((citou o nome da professora))... e... e outras vezes... fiz PIBIC com a ((citou o nome da professora))... e... e... e fui me apaixonando... e aí também foi quando eu entrei na coisa da... da educação especial... comecei a ver a educação... ainda mais forte né... na minha vida e quando eu decidi que... que era aquilo mesmo...era o curso de Letras que eu queria pra minha vida...

Entrevistadora: E a outra pergunta professora... Houve algum professor que marcou positiva ou negativamente a sua formação? Por quê?

Entrevistada: É... essas duas marcaram positivamente... ((citou o nome da professora)) e... a... e a... ((citou o nome da professora)) né...a ((citou o nome da professora)) foi minha orientadora de mestrado também... ela foi minha orientadora de PIBIC... minha orientadora de... de mestrado... só não foi de doutorado porque eu fui fazer com a ((citou o nome da professora)) que foi orientadora... que foi orientanda

de doutorado da ((citou o nome da professora)) então enfim... a mesma linha de pensamento assim... mas eu tive grandes professores na Letras né... a ((citou o nome da professora)) a minha orientadora de doutorado... que é um... uma grande pesquisadora... uma grande professora... um grande ser humano né... então... é minhas colegas também né que... enfim aprendo... mas... na graduação é... a ((citou o nome da professora)) me marcou muito a... ((citou o nome da professora)) me marcou muito... mas eu tive um professor de literatura também que veio o ((citou o nome do professor)) da... de teatro... teatro e literatura que fazia... essa junção que me deu realismo... brasileiro que também maravilhoso... assim... o ((citou o nome do professor)) me marcou profundamente... e muitos dos meus professores se tornaram meus amigos depois né... o próprio ((citou o nome do professor)) que é um grande professor da... que... é da área de letramento no Brasil... pesquisador do INEP... foi meu professor de redação oficial... é... marcou muito também a... a forma como o ((citou o nome do professor)) ... né as aulas do ((citou o nome do professor))... e... e a forma como o ((citou o nome do professor)) pensa e age no mundo... então assim eu tive grandes professores assim... eu posso relatar um monte... agora teve uma professora que me marcou negativamente... que... não só a mim acho que uma geração que passou por ela na... na... no curso de Letras... que foi a ((citou o nome da professora)) ... porque... enfim tem várias... várias problemáticas em relacionado a ((citou o nome da professora)) mas na minha... na... eu lembro que eu... quando eu tava fazendo estágio supervisionado em bacharelado com ela... eu... eu fi... ela não aceitava a gente fazer a... a avaliação docente... dos... dos docentes né... ela não permitia que a secretaria fosse... e aí eu fui e fiz... fiz uma rebelião... e levei todos os alunos até a secretaria pra que a gente pudesse fazer a avaliação da... da aula dela... e... enfim tem várias questões... é... relacionadas né... ela nunca chegava no horário... ela sempre chegava super tarde... ela faltava muitas aulas... é... ela passava um monte de trabalho... não corrigia... não dava feedback pra gente... e... enfim umas coisas meio sem nexos... e aí eu... o que eu escrevi na minha avaliação e eu lembro muito bem... é que na verdade eu agradeço a ((citou o nome da professora))... e a ((citou o nome da professora))... me deu todas as disciplinas de bacharelado né... mas ela era uma grande revisora... apesar do... toda problemática dela enquanto professora... é isso... né... ela... e aí... eu lembro que eu falei no... na... na avaliação que eu fiz... que eu agradeço muito ter passado por ela... porque eu entendi o tipo de professora que eu não gostaria de ser... então acho que é po... mesmo sendo negativa a... a... atuação dela... é importante pra gente contrapor né... e com todos... e com todas as questões negativas da atuação dela enquanto professora... mas enquanto revisora... eu... ela... ela sabia muito né... e... e... passava ... né... do jeito dela... mas passava...

Entrevistadora: Ok...professora...Outra pergunta: Em relação ao curso o que contribuiu para a sua prática/atuação profissional?

Entrevistada: Não sei se eu entendi a pergunta... como assim o que contribuiu?

Entrevistadora: Em relação ao curso o que o curso contribuiu pra a sua prática... pra sua atuação profissional?

Entrevistada: O curso de graduação?

Entrevistadora: Isso.

Entrevistada: É eu acho assim o curso de graduação ele é o pontapé inicial né...pra qualquer formação... então assim... é... é muito... quando a gente chega ao final do curso você começa a entender o curso... eu sempre falo isso pra meus alunos... na verdade é uma frase que eu comecei a falar lá trás... quando estava terminando o curso...((hurum)) Você começa a entender o curso... então pra minha formação...assim... como eu te falei eu tive grandes professores...eu tive uma excelente formação né... eu estudei numa grande universidade... então... enfim... eu acabei de falar da ((citou o nome da professora))... mas um lado positivo da ((citou o nome da professora)) que contribuiu profundamente pra minha formação e pra minha atuação profissional na revisão de texto e mesmo pra sala de aula... porque uma coisa tá... acaba estando interligada uma com a outra em pesquisa... era o laboratório de... de Língua Portuguesa... não lembro...não era exatamente esse o nome... mas que tinha...que a gente ficava... que nós tirávamos dúvidas de português... então eu ficava no laboratório lá estagiando e pessoas ligava pra gente pra tirar dúvidas de português... aí tinham livros né... tinham... tinham várias é... sobre revisão... então... eu lembro de uma vez ter atendido um jornalista do banco central que...que ligou tirando uma dúvida é... de português... atendido advogado do... do... do... do TCU... então assim... tinha... tinha o funcionalismo público ligava pra gente né... a ((citou o nome da professora)) fazia parte na época... uma aula... uma... uma... dava... fazia um programa de... de... de rádio e... e aí nesse programa ela divulgava esse laboratório... é... então é... nós tínhamos também um...um... uma sala de leitura... essa sala de leitura na UNB... própria... SOMENTE pros alunos de Letras... do curso de Letras... isso foi muito importante pra minha formação porque... antes de ser professor... antes de ser qualquer profissão... você tem que ser um leitor... né... então nós tínhamos uma sala de leitura... é uma cultura que foi se criando... que você tinha que tá lá... pelo menos uma hora por dia... ali lendo né... então... é um hábito... criar-se o hábito da leitura... é... bom... meu... minhas atividades no movimento estudantil foram muito importantes com meu colegas... movimento estudantil do curso de Letras... a organização do ENEL de dois mil e dezesseis... que nós organizamos em Brasília... dois mil e seis... que nós organizamos em Brasília que deu um público na época de três mil pessoas... sendo que tinha anos que não se fazia encontro nacional de estudante de Letras.... e foi assim... a gente trabalhou com cultura... trabalhou... então era... eu fazia parte da... eu era... é coordenadora da parte de cultura... mas tinha coordenação da parte... é... dos seminários... da... da acadêmica né... que a gente chamava... ou tinham várias coordenações que nos ajudaram e que... e essas pessoas que eram... que... que... que são meus contemporâneos todos foram pra... todos são da Letras... todos foram cada um prum ramo... né... umas virou revisor... o outro é... foi pro banco... mas continuou trabalhando com a... então acho que... a forma também como se dá o conteúdo né... como se dá a matriz... vamos colocar assim... como se dá o currículo na Universidade de Brasília... traz essa... essa formação... ampliada porque nós temos um... nós temos as opta... as obrigatórias que a gente tem que cumprir... mas nós temos as optativas... os módulos livres...a gente pode fazer disciplina onde a gente quiser... e... e... e ..é tudo aberto... e tem muitos laboratórios... e tem os laboratórios

de pesquisa... o núcleo de linguagem e sociedade... que eu... que eu... que foi fundado pela minha... orientadora de mestrado... que eu já citei ela aqui... que é a ((citou o nome da professora)) é... mas que eu... faço parte... hoje sou membro... sou membro desde a minha graduação... então são... é uma estrutura institucional... vou colocar assim... que dá a cara de quem é formado pro mercado né... eu lembro minha leitura (ruídos)...o decano falar isso né... é... a linhagem que se... que... que a gente passa na UNB pra gente se formar... pra se formar melhor...pra entrar no mercado de trabalho... que não hoje...nós não chamamos mais de mercado de trabalho... nós falamos do mundo de trabalho... e poderemos atuar de maneira efetiva né... nesse mundo do trabalho...

Entrevistadora: Ok...professora... E Houve alguma dificuldade ao iniciar a sua carreira como docente?

Entrevistada: Sim... com certeza... ainda tem né... várias... mas... principal já falei... o salário né...era irrisório... era... irrisório mesmo... eu ganhava o quê? Quatro reais a hora... era muito pouco...

Entrevistadora: Hurum...E... O que considera essencial na formação do professor de Língua Portuguesa?

Entrevistada: Leitura...né... precisa complexificar muito não... leitura a partir da leitura... tem todo um mundo.

Entrevistadora: E... Você considera importante a realização de Pós-Graduação *Stricto Sensu* pelo professor de Língua Portuguesa? Por quê?

Entrevistada: (pensativa) é... importante talvez... necessário não...né... eu acho que...que é importante sim... é... se a pessoa tiver perfil... é...há um...há um problema muito sério de... de se criar expectativa em relação o que é fazer um mestrado e um doutorado no Brasil... é... e as pessoas não percebem que muitas vezes precisa se ter um perfil... não é simplesmente fazer um mestrado e um doutorado... porque muita gente faz um mestrado e um doutorado e não consegue assimilar... é... o que isso significa... né... é... a maioria que passa pelo mestrado e não tem perfil... mas traga um filtro... que... muitas pessoas não conseguem chegar no doutorado... e quando chegam acabam desistindo... por isso que existe uma evasão tão grande...mas existe uma procura muito alta né... nos cursos de lingui... no curso de linguística da UNB mesmo... eu lembro que o... o que eu passei... era cento e vinte e cinco candidatos... pra onze vagas...se eu não me engano... era é... uma coisa assim...né... então são... é sempre muito... muita gente procurando o curso... é...e não é difícil passar na verdade numa seleção de mestrado... de doutorado... mas a gente percebe que há uma defasagem muito grande... na construção da... no aprendizado de construção de projetos de pesquisa no... na graduação... e isso dificulta a entrada... né... a... a Estella Maris Bortoni que é da linguística, mas hoje tá na educação... ela tem um livro sobre... é... professor... pesquisador... e ela faz... e eu acho muito interessante essa perspectiva... que é a perspectiva de se pensar o professor como pesquisador... outro dia veio... vieram me perguntar... ah uma pessoa que colocou um pesquisador numa

live... pode? Mesmo sem ter mestrado e doutorado? Falei pode... na verdade quando você tem o mestrado e doutorado... tá embutido ali... você troca... você é pesquisador né...você num... você... você virou pesquisador então... você tá... você ser mestre... você ser doutor... principalmente o doutor... né... você virar doutor...significa que você é um pesquisador... Agora você pode colocar que você é pesquisador só tendo a graduação? Pode né... se você pesquisa... porque não?, é... a questão do mestrado e do doutorado... é... é... é muito relacionado mais... a questão de bolsas... a acessos a determinados projetos... a feitura de projetos... então se você... se é um PROFESSOR que já tem essa... um professor... um revisor de texto... qualquer revisores de texto... por exemplo...né... num... a maioria não vai pra fazer mestrado e doutorado... não vai... mas os professores de Língua Portuguesa que é a sua pergunta... é que vão atrás disso... eu acho que tem que ter uma reflexão muito forte primeiro sobre seu próprio perfil... um autoconhecimento...então é assim... é... é... vai muito da pessoa... isso não significa que ele vai ganhar mais... é isso tem que acabar com esse mito... ah não ser que você vai virar professor universitário... mas quantos professores universitários das federais... quantas vagas tem? Quantos doutores estão no Brasil sem emprego? Entendeu? Até porque você chega num nível... eu conheço gente que esconde o doutorado pra conseguir dar aula em faculdade particular... só o mestrado... ou às vezes coloca só uma especialização que fez... esconde os títulos... tem gente que esconde os títulos pra conseguir emprego é uma realidade...que existe e que as pessoas não percebe... e se tornar mestre...ou se tornar doutor...é uma coisa que como um... um mestre meu da comunicação falava que era linguista...né... que na verdade vinha do curso de Letras... fez mestrado... doutorado e depois foi dar aula na comunicação...como muitos falavam... na verdade é você simples... você... se tornar doutor não é você se complexificar as coisas... é simplificar as coisas... pegar o que é difícil e simplificar pras pessoas né... então... eu acho que é uma reflexão... na verda... eu não sei se tenho uma resposta... CABÍVEL pra você...assim certa porquê.. é importante? É importante para quem tem perfil... agora fazer por fazer... ou só pra pessoa se frustrar... eu conheço uma professora excelente da secretaria de educação do Distrito Federal que ela... ela é excelente... coordenadora... eu gosto de ver as lives dela... ela é ótima como professora de português... ela nunca... ela fez algumas disciplinas como aluna especial na UNB... foi quando a conheci... pra tentar não sei se um mestrado... não sei se um doutorado... acho que o mestrado mesmo... e ela nunca conseguiu passar na seleção...e aí eu... teve algum momento que... eu falei com ela de... de determinada forma é isso... será que... que você tem perfil? Porque muitas vezes se sabota... né... então ela tem muito mais perfil de gestora e... e aí... gestora e professora de Língua Portuguesa... e outra coisa quando a gente vai pro mestrado... pro doutorado... você começa a ver a Língua Portuguesa em outro aspecto... então trato ação no ensino básico... eu não sei se é necessário... sabe? A não ser como eu falei se a pessoa for... se tiver perfil... se não ela vai ficar... ela vai ser frustrada... ela vai perdendo a motivação... essa minha colega que eu acabei de citar... ela tirou um tempo sem remuneração... de licença da... secretaria ela tava se sentindo incapaz porque ela não conseguia passar no mestrado... ela achava que não era uma professora completa... eu falei pra ela não tem nada a ver isso... você é uma excelente professora de português... você tem um curso de... de... de graduação... e é importante ter esse curso de graduação... você passou no concurso da secretaria... então qual é a dúvida? Né... em relação a isso...então acho que tem um status

correlacionado ao que é ser mestre e ser doutor... que se... se esquece de outros status relacionados ao que é ser professor... né... e a importância do professor de ensino básico... então... eu não sei nem se respondi sua pergunta... que nem sei se consigo respondê-la...

Entrevistadora: Respondeu professora... E... a outra pergunta...Qual a sua posição em relação a desvalorização do professor de Língua Portuguesa? Lá na frente eu tenho essa pergunta... mas só relacionada... só ao professor de maneira em geral... mas aqui focada ao professor de Língua Portuguesa...

Entrevistada: É muito seria né... porque na verdade o professor de Língua Portuguesa ele acaba por transpor... fazendo a gente pensar no ensino básico... mas na universidade também... em todos... em todos os níveis né... é... é... qualquer profissão você precisa lidar com texto... e se você sai do ensino básico ... com... com... com esse problema vai ser muito difícil... e é difícil recuperar depois... então a... é muito grave o problema da desvalorização do professor de Língua Portuguesa, é muito grave o problema da desvalorização do curso de Letras... né... é... de maneira geral...do fechamento dos cursos de Letras pelo país que foram se fechando... da atuação de outros profissionais... como professora de português... como advogados e jornalistas que acabam indo e dando aula de Língua Portuguesa... e isso acaba desvalorizando o profissional das Letras... o mesmo do revisor ser muito... muita as vezes preferirem chamar um jornalista... do que um...um... um professor de Letras... é... e a perspectiva é... é essa perspectiva de desvalo... de desvalorização do professor acaba influenciando diretamente na formação desse professor de Língua Portuguesa e até mesmo na sua motivação de reciclagem... então assim... fica difícil você pagar um curso pra você... é... se aprimorar... entendeu? Você fica... nós temos que comprar livros... gramáticas... sempre tá renovando as gramáticas... é caro... é não é... não é... não é barato a manutenção da... disso...é... enfim... nós trabalhamos com textos... temos que tá o tempo inteiro... é renovando nosso repertório... né... de... entendendo que que é novo... no... nesse universo... de... de... de Língua Portuguesa... de normatização... de... de...de acordo ortográfico... e o tempo né... porque acaba que o professor... ele... é isso que eu te falei... eu sou professora... mas se você... todo professor de Língua Portuguesa que eu conheço... assim... que já trabalhou com revisão de texto... ele revisa de vez em quando pra ganhar pra... pra... pra... conseguir complementar o orçamento... isso é um tempo que... que o professor de Língua Portuguesa se ele fosse bem remunerado... e fosse valorizado... poderia tá gastando com outras coisas... e é aquele tempo ali de leitura... por mais que nós aprendemos quando a gente tá revisando uma tese... tá revisando um texto qualquer... é... mas é um... muitas vezes não é o... o mais importante... pra aquele momento... pra aquele professor... e... e é tempo né... demanda muito tempo esse ti... esse tipo de trabalho...é... então acho muito grave... gravíssimo o problema né... ainda mais pensando agora nesse decreto que saiu quarta-feira passa... sem ser nessa na anterior né... dia vinte e oito dia do funcionalismo público... saiu o decreto que acaba com o piso salarial... com piso não... é com piso... não... com a base... não é o piso... é com a base salarial... né do professor... ou seja...agora o governo pode pagar o que ele quiser... como era antes... lá atrás...

Entrevistadora: É muito sério né... E a última pergunta dessa primeira etapa professora... é... O que é ser um professor de Língua Portuguesa?

Entrevistada: Bom ser um professor de Língua Portuguesa é conseguir... ah eu posso responder com um poema?

Entrevistadora: Pode (risos) fica à vontade na sua resposta professora.

Entrevistada: Bom eu vou responder com Drummond... aula de português... é um poema dele chamado da aula de português “A linguagem na ponta da língua... tão fácil de falar e de entender. A linguagem na superfície estrelada de Letras... sabe lá o que ela quer dizer? Professor Carlos Góis... ele é quem sabe... e vai desmatando o amazonas de minha ignorância. Figuras de gramática... esquipáticas... atropelam-me... aturdem-me... sequestram-me... Já esqueci a língua em que comia... em que pedia para ir lá fora... em que levava e dava pontapé... a língua... breve língua entrecortada do namoro com a prima. O português são dois; o outro... mistério.” É isso o professor de português é desmatar o Amazonas né... da ignorância... é trazer figuras da gramática... da linguagem... do texto... é levar pra outro universo... universo da fantasia... da literatura... da arte... é trabalhar a auto estima porque o texto... diretamente tem relação com a auto estima né... se escreve mal aí você fica com vergonha... tinha gente que tem vergonha de... descobrir recentemente de amigo de infância... que tem vergonha de me inscrever no facebook... porque tem vergonha de cometer algum erro de português... aí eu falo GENTE... eu sou linguista né... primeiro que tem... tem que me pagar minha hora... minha hora de revisão não é barata não... então não vou ficar fazendo revisão de graça... é... é isso... e ser professor de Língua Portuguesa é tá todo dia estudando...

Entrevistadora: A outra etapa professora... é a etapa sobre docência... aí nós temos nove perguntinhas ... A primeira delas é... O que levou a ser professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistada: Ah... na verdade foi onde tinha lugar (risos) na verdade... eu fui dar... eu passei... eu passei no processo seletivo pra dar aula na... de linguagem e tecnologias era pro... na verdade o... do núcleo geral e aí... é... a vaga era pra ((citou o nome da cidade))... e chegou lá... só que o cursos de Letras em ((citou o nome da cidade)) não existe mais... e... e aí eu fui dar as aulas de relacionados a Língua Portuguesa pra história... projeto de pesquisa né... que é textos... e de... aquisições e desenvolvimento da linguagem... enfim... processos e conteúdos de Língua Portuguesa... as disciplinas voltada pra Língua Portuguesa... na área de... de História... e de... Pedagogia... então... assim na verdade foi uma questão mais institucional não foi uma escolha né...

Entrevistadora: E... O que mais chama sua atenção na atuação de um professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistada: AH que a gente é super respeitado... acho muito legal isso (risos)... sou diferente né... do meio da galera... e aí... enfim... ah esse receio de que tá escrevendo

errado... todo mundo me manda os negócios pra revisar... todo mundo escreve bem... mas acha que não escreve perto da gente... na verdade é um fenômeno bem interessante... de... de valorização... vamos colocar assim... até porque eles leem muito... então há um... há um fenômeno de valorização em relação ao diferente...

Entrevistadora: Hurum... E quando decidiu que queria ser um docente de um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistada: Nunca decidi foi... (risos) foi muito que...

Entrevistadora: Foi acontecendo né professora (risos).

Entrevistadora: É... a outra pergunta...Quais as dificuldades você encontrou ao começar a trabalhar em um curso de Ciências Sociais Aplicadas? Teve alguma dificuldade?

Entrevistada: É... é muita questão teórica... estudo bastante... porque como eu dando projeto de pesquisa pra história... então acho que estudar... porque a teoria é muito distante da... da minha teoria né... não tão distante assim... porque apesar de trabalhar com análise de curso crítica... mas enfim... é outro viés... outras epistemologias né... que devem ser levadas em conse... consideração do texto... então... é isso... é o estudo mesmo do... das teorias... dos autores... de que aquela... às vezes eu me pego numas das minhas orientandas na história mesmo... me mandou um... que eu assim na minha leitura... eu falei... não é possível que pode isso... mas eu não tenho certeza... porque às vezes na... na história pode falar daquele jeito... e aí eu mando pro... peço ajuda pros meus colegas historiadores... né... falo e aí isso aqui pode? É... então...tem várias dificuldades... em relação... porque é... são searas diferentes... perspectivas diferentes do conhecimento...

Entrevistadora: Hurum... E como você pensa as aulas para o Curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistada: Bom pra pedagogia... que não sei se tá dentro disso... né... acho que não... eu agora vou dar aula na administração... de projeto de pesquisa também na administração... então vai ser um novo desafio.

Entrevistadora: Isso... que tá mais voltado... professora... da ideia das Ciências Sociais Aplicadas.

Entrevistada: Tá mais voltado ainda... é o que eu pensei agora... que eu tô construindo... que eu tô lendo... eu vou aplicar muito das coisas obviamente que é estrutura de projeto não muda né... muda assim... de poucas coisas de um departamento pra outro... mas a estrutura geral de um projeto é toda pra qualquer projeto... então nesse... nesse aspecto... eu... é... reflito muito sobre uma questão como pesquisadora né... eu... eu dou aula... é... de maneira a... a... a refletir meu lado como pesquisadora nesses cursos... pro curso de administração... eu já baixei um livro sobre... é... estratégias administra... estratégias... estratégias de planejamento na

verdade... e... projeto... eu tenho uns livros aqui sobre pro... é... acho que projeto de pesquisa... projeto de pesquisa? Não como é? Gestão de projetos... ((hurum)) E aí eu vou... como... como eu te falei... eu trabalhei muitos anos em... na... no CESPE... como revisora de texto em uma empresa... então trabalhar com gestão... com... propriamente dita... e aí eu vou aplicar esses meus conhecimentos relacionados a... a... gestão de projetos... a pensar um projeto numa perspectiva mais de execução do que acadêmica pra dar aula pra o curso de administração... por exemplo... né pro curso de história eu fui ler o Peter Punk... eu fui ler... é... autores relacionados pra entender como é que o... a própria escrita da história... pra entender como é que se escreve na história né... é... e se eu fosse dar aula... por exemplo... no curso de sociologia... que é mais próximo da... minha... inclusive da minha tese de... de doutorado... que eu tive uma coorientação na sociologia... aí eu iria aplicar propriamente a questão da... de pensar a sociedade... então sempre refletindo sobre a epistemologia do saber... cada vez que vou dar texto... eu reflito sobre como é... que... que é formado aquela linhagem de pensamento que eu tô adentrando... com o ensino daquele texto...

Entrevistadora: Certo... E... O que motiva você a ser uma professora de Língua Portuguesa em um Curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistada: Hum... não sei se tem resposta pra essa pergunta... na verdade não é motivação... é formação... o que que vou fazer no curso de ciências sociais aplicadas se não dar Língua Portuguesa ou textos? (risos)... eu não sei... eu não... não usaria a palavra motivação (risos)...

Entrevistadora: Você colocaria para formação né?

Entrevistada: É... não eu falaria que tem a ver na verdade... a motivação é a minha formação então né...

Entrevistadora: Hurum.

Entrevistada: É isso.

Entrevistadora: E... nós temos só mais três perguntas professora... O que tem a dizer sobre a desvalorização da profissão docente?

Entrevistada: É... acho que a resposta é praticamente a mesma da anterior... percebendo que o... que há ainda... eu vejo... e não dei na minha resposta anterior... que o professor de Língua Portuguesa de maneira geral é... ou na verdade o professor especialista... vou colocar assim... que seja de Língua Portuguesa... História né... os professores especialistas... eles tem um... uma forma é... de lidar com a desvalorização... de enfrentamento... e... eu tô dando aula agora no curso de pedagogia... aí eu percebo que... no curso de pedagogia... há um... uma desvalorização social ainda maior no curso... do professor... dessa... pedagogo... é... porque ele não é especialista e... as críticas em cima desse professor é muito maior... como se a formação dele fosse menor do que a dos demais né... então... acho que de

maneira geral... acho que tem um problema muito grave relacionado a questão da auto estima do professor... e por... pensando nisso inclusive até adquirir um livro que eu tirei daqui... do... Voli.... um livro escrito mil novecentos e noventa e sete... eu não sei onde ele tá... eu tirei ele daqui... que é... que se chama a auto estima do professor... então acho que a desvalorização de maneira geral na sociedade... do professor é... vai muito da questão da... da própria auto estima e isso dificulta a motivação... e aí sim... acho que dificulta a motivação de... de reciclagem... de continuar os estudos... né... ou mesmo de inovação no meio acadêmico... no meio... enfim do professorado né... porque você... quando você se depara que... se você virar vendedor de alguma coisa... você vai ganhar mesma coisa que você ganha dando aula...

Entrevistadora: É... e como você define o professor de Língua Portuguesa para os Cursos de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistada: Essenciais... né... qualquer profissão... como você vai ser um bom administrador... se você não sabe fazer um relatório... se você não faz um projeto de pesquisa... se você não faz uma... é... sei lá de diversos gêneros da administração né... que você precisa... uma ata... que você precisa fazer um... um... um memorando... né... enfim... são vários os gêneros que vai precisar... seja na administração... seja na sociologia... seja na história... seja no direito... né... eu fui muito tempo revisora da... da... da área jurídica dentro do campo que eu trabalhava... da revisão na empresa que eu trabalhava e assim... profissionais super... super capacitados que escrevem super mal... escreve mal mesmo... cê entendeu? E a gente sabe que tem um problema sério no juridiquês... que não é um problema como eles querem colocar de... de erudição... sabe? não é erudição... é muito pelo contrário... é falta de conhecimento de língua... falta de... de... de saber escrever... então acaba dificultando... deixando um pouco o objetivo... MESMO... mesmo considerando jargões e o estilo da... da língua jurídica... tem uns textos que você lê... e você fala... não o cara tá embromando... ele não sabe o que ele tá dizendo... mas ele tá embromando e aí quem é leigo... porque... tem aquele... vocabulário muito específico da área fica parecendo que há algo bonito que não é... né... então é essencial... é essencial... não há bom profissional... não há bom profissional... é... valorizado que não saiba escrever um bom texto... a não ser nos cargos de confiança que é um problema sério de corrupção... que a gente tem no país... eu falo que é corrupção... porque é corrupção... se você coloca uma pessoa que não tem formação... que não tem... é... condições de executar aquela função simplesmente porque é seu colega... seu amigo por conta de favor é corrupção...

Entrevistadora: Professora... agora é a última pergunta da nossa entrevista... é... O que é ser professor?

Entrevistada: Bom... ser professor é todo dia você entender que... que você tá aqui pra enfrentar um problema estrutural na nossa sociedade e que provavelmente a gente vai morrer sem resol... sem resolver... então é um problema de estrutura ... a maioria dos professores... eu fui pra... pra... eu sou uma profissional da educação por escolha... né... não sei se a maioria é... não vou dizer que a maioria seja ou não seja... porque nunca pesquisei pra dizer... eu sei né... o que os jornais dizem ou que as

pessoas dizem de uma maneira geral não é científico... não há pesquisa... não é dado né...é senso comum... o que o senso comum diz é que a maioria dos professores... não escolhe ser professores... é... eu escolhi ser professora... então... quando você faz essa escolha... você... eu fui consciente de todas as dificuldades que eu iria enfrentar... inclusive salarial... é... né... e aí a gente vai tentando... com... complementar de outras maneiras... né... o professor de Língua Portuguesa de outras maneiras a necessidade salarial... mas o que não faz desistir... é pensar que... eu posso mudar a cada semestre eu mudo a cabeça de... eu planto uma sementinha em três... quatro às vezes até mais e que isso se torna depois... né... então essa é a minha reflexão... mas aquelas pessoas que não escolheram... que não fazem com amor... e que toda profissão tem isso... e que foram se deixar levar... deve ser muito mais difícil... é... ter essa consciência e... e ser professor deve ser muito mais difícil... porque a gente precisa de uma disciplina diária... de estudo né... eu acho o fim (risos) eu acho surreal um professor falar que não se preparou... eu me preparo todas as aulas pra ir... né... todas as aulas... se não me preparar eu me sinto uma fraude... então eu releio os textos... eu vou dar aula... então acho... é... a carga horária muitas vezes as pessoas não entendem... a carga horária de um professor universitário e... e... e já é muito maior do que deveria ser no sentido de estudo mesmo... imagina de um professor de ensino básico que dar aula noventa horas por semana entendeu? Qual tempo que esse professor tem pra sentar e ler e reler... mesmo que seja noventa horas... pra... da mesma disciplina... mas são turmas diferentes vou dar... se vou dar Língua Portuguesa pro sétimo ano... pro oitavo ano... pro primeiro ano... pro terceiro ano... muda... entendeu? A perspectiva muda... você precisa de tempo pra refletir... pra... pra pesquisar e... e é isso... ser professor é ser... ser estudioso... antes de tudo... ser estudiosa... antes de tudo... mas aí fala né... minhas amigas médicas é... que todas que ficaram ricas antes dos trinta anos... porque enquanto sair ganhando quatro reais... quatro reais a hora aula... elas saíram ganhando... sei lá... cinquenta... setenta reais a hora de trabalho... né... ganha oitocentos reais num plantão... que dá... e aí... é... ah porque... porque se valoriza... porque salva vidas... não... na verdade um médico ele... ele vai te aplicar tecnicamente remédios... ou técnicas pra... é... ele trata doença... ele não trata a vida... né... o médico ele trata a doença especificamente... e pra isso... ele precisa estudar a doença... por isso que muitas vezes tem o problema do diagnóstico e nós... se nós pararmos pensar a educação deveria ser tratada da mesma maneira... porque a gente tá indo tratar... entre aspas... uma doença... que é a questão relacionada ao ensino... ao texto... a Língua Portuguesa... você precisa de tempo para pesquisar... pra ver... pra ver se é aquilo mesmo... se mudou... se não mudou... então o professor de maneira geral... né... eu falei agora de Língua Portuguesa... mas de maneira geral acho que é isso né... é ser... tem que ser.. deve ser pra mim... e é um grande... estudioso... uma grande estudiosa...

Entrevistadora: Então tá bom professora... professora muito obrigada tá... pelo seu apoio... por participar da pesquisa... a gente sabe que a pesquisa é algo árduo... você já tem experiência com mestrado e com doutorado...sabe... e às vezes a gente tá... a gente encontra incógnita como pesquisadora... fica insistindo... mas assim é mais nessa perspectiva mesmo né... dessa contribuição que eu tenho certeza que é de grande valia... tá... a sua... a sua participação na minha pesquisa... tá bom professora?

Só tenho que agradecer... aí depois eu aguardo você me encaminhar o termo com... com a assinatura... tá bom?

Entrevistada: Tá... eu... vou começar a orientar agora duas horas... que eu marquei orientação de tc hoje... mas assim que eu conseguir sair... que terminar eu imprimo e... já tô devendo outra coisa também... aí eu digitalizo a assino ainda hoje...

Entrevistadora: Tá joia... obrigada...

Entrevistada: Antonia... é Elisângela né?

Entrevistadora: É Antonia Elisângela...pode ser professora...

Entrevistada: E parabéns pela pesquisa... pela iniciativa... a gente precisa disso... mesmo sabe... inclusive na perspectiva da valorização... docente... eu não sei qual é sua formação...

Entrevistadora: Eu sou de uma área distinta... eu sou formada em contábeis... eu sou da UEG... sou efetiva da UEG... e aí meu orientador é meu grande incentivador... professora... ele... faz o concurso que vai dar certo... aí fiz concurso... aí tenta o mestrado... você tem perfil de pesquisadora... você tem esse tino pra área... você não escreve mal... faz... tentei Mielit não deu certo... e aí tentei em Goiás fiquei no primeiro lugar na prova escrita... eu digo... pronto... tem que ser isso... aí ele tá me ajudando e tamo seguindo nesse ritmo de pesquisa... é o professor Eleone... não sei se você conhece...

Entrevistada: Não... mas que bom que alguém das contábeis....

Entrevistadora: (...) e assim... eu tenho feito esses contatos e eu tô trabalhando nessa pesquisa... acho que vai dar certo... com a contribuição de vocês... mestres... doutores na área que tão participando da pesquisa... vai dar certo...

Entrevistada: É muito bom alguém de contábeis vir aqui fazer nossa... nossa pesquisa... é uma outra perspectiva...

Entrevistadora: Até porque quem dar aula no curso Ciências Sociais Aplicada né... por isso oh... já é esse outro olhar... é diferente né... como foi colocado né...você dar aula no curso de Letras é uma coisa... e partir pra área que é distinta da sua já tem essa diferenciação né?

Entrevistada: É se eu soubesse... enfim... se a gente tivesse conversando antes... eu tinha te convidado pra participar... na verdade eu também não sabia que ela ia falar disso... ((citou o nome da pessoa)) que minha amiga de muitos anos... a gente fez mestrado e doutorado juntas... ela... foi fazer minha aula de encerramento da UEG... de aquisição e desenvolvimento da linguagem... e ela falou uma coisa... quando... na metade... na metade não... numa parte da palestra... que ela...eu tinha falado... mas acho que ela esqueceu... ela falou... ah porque aqui é o curso de Letras... aí eu falei...

não ((citou o nome da pessoa))... aqui é pedagogia... aí na hora... Elisângela... ela mudou a perspectiva... ela falou...ah é pedagogia... foi muito interessante... porque eu senti assim na hora... não que mudou a palestra obviamente... mas mudou a perspectiva do olhar... na hora ela virou a chavinha e foi para outro olhar... e ela é professora do IF né... do IFB... inclusive coordenadora do ensino médio técnico de administração... atualmente do IF... do IFB do São Sebastião... então tá na área que você tá pesquisando...

Entrevistadora: Isso.

Entrevistada: E aí você falando isso... é como naturalmente pra gente... a gente vai perceber outra perspectiva... ela tava muito no campo aqui... da terminologia das palavras... de falar... do vocabulário... muito voltado... aí quando falei... não Pilar... ela falou... porque aqui é um curso de Letras... falei não é o curso de Letras... é curso de pedagogia e tem gente da história também... e na hora... mudou a chavinha e foi... então falou da educação... vamos falar da questão da gestão... e aí foi mudando a perspectiva... que isso também a leitura pode trazer né pra gente essa... isso...

Entrevistadora: É... verdade... professora eu tô a disposição também... eu sou do câmpus metropolitano tá... da contábeis daqui... se precisar de mim... algum outro detalhe... eu tenho que me colocar também a disposição... tá bom...

Entrevistada: Obrigada... obrigada... quem sabe a gente pensa um projeto né... colocando ((citou o nome da unidade universitária)) e pensando nessa perspectiva aí... administrar... agora que tô indo pra administração mesmo eu po... eu vou te procurar sim (risos)...

Entrevistadora: Pois então tá joia professora... Obrigada tá...

Entrevistada: Obrigada... tchau... tchau.

ENTREVISTA 5

Entrevistadora: Aí eu posso começar ? Quando você disser que eu posso começar...

Entrevistado: Pode...

Entrevistadora: Aí já inicio a primeira pergunta da etapa um é ...O que levou você a cursar Letras ?

Entrevistado: Beleza... é... você tá me ouvindo bem, né?

Entrevistadora: tô ouvindo bem sim...

Entrevistado: Tá legal ... na verdade assim... eu sou escritor ou poeta ((que bom)) conhecido aí na verdade letras era o curso que eu quis na vida, desde que eu me lembro que queria fazer uma faculdade... era Letras da minha opção ... só que na época você vai se lembrar quando a gente era mais jovem...eu por exemplo na década de noventa se eu não tivesse um dinheiro para pagar uma faculdade dificilmente você entrava numa... aí eu moro... eu morava aqui em Luziânia já... e então a faculdade que tinha gratuita era a UNB difícil a gente ter acesso aquilo lá... se a gente não tivesse o dia inteiro livre... alguém para nos bancar... impossível então eu até demorei um pouco mais para me informar...eu não me formei na época que eu devia... na época certa e aí o que aconteceu eu posterguei a minha formação em Letras eu me informei primeiro em administração que aí já era gratuita... que já tinha aqui na UEG... já era gratuita e tal aí me formei primeiro aqui em administração e depois... vários anos depois foi que eu entrei na Faculdade de Letras... mas foi sempre a minha primeira opção de curso de... de formação para a vida... mas assim era para lecionar ? Também... mas a ideia mesmo era para melhorar a minha escrita sempre foi esse o meu sonho assim...

Entrevistadora:Ok professor ...Aí a segunda pergunta é ... Havia alguém na família que trabalhasse na área de educação ?

Entrevistado: Não...Na minha família não houve ninguém... até hoje meus irmãos não se interessam pela área de docência...Ninguém...

Entrevistadora: Ok... E a terceira pergunta é... No início do curso você tinha objetivo passado sobre qual carreira gostaria de seguir ? Se professor de Língua Portuguesa ... revisor... preparador de originais ...tradutor etc ?

Entrevistado: Pensei em um monte de possibilidades né? que aí como quando eu queria entrar no curso de Letras quando era mais jovem... a ideia era lecionar mesmo né... E também melhorar a minha própria escrita, visto que eu sou escritor... E aí o que aconteceu ... esse sonho teve que ser adiado devido a falta de recursos eu fiz administração e aí depois quando eu tive oportunidade falei agora sim ...vou fazer Letras que é um curso que eu sempre quis... qual era a minha ideia ... é...Eu sempre

pensei em trabalhar em redação de jornal que é uma coisa que também me atrai e esse curso... nosso curso de Letras ele nos leva para esse caminho né se houver essa possibilidade só que ... eu sou servidor concursado aqui no município então assim ... é qual que era a minha próxima opção? Lecionar... aí cheguei a lecionar no estado... cheguei a lecionar numa faculdade particular ...a Faculdade ((informou o nome da faculdade)) Só que nunca Letras... sempre mais voltado para área de administração eu lecionava é... nas faculdades gestão pública ((hurum)) então assim ... aí depois finalzinho do ano passado é... teve esse essa seleção da UEG e eu... eu... aí resolvi fazer e como eu já tinha concluído acabou que deu certo aí eu fui escolhido pra ... tanto para administração quando para pedagogia ((Ok)) mas a ideia era... era... lecionar é ... que respondendo a sua pergunta ((hurum)) e redação de jornal que sempre me atraiu...

Entrevistadora: Que aí já consequentemente responde a quarta...a quarta questão né? Se sim... qual? Aí ... Cê respondeu que é era de professor e a parte ((isso)) do jornal também...

Entrevistado: Na verdade a docência eu sempre gostei... ((Aham)) independente do que fosse...eu queria lecionar ((a docência chama muito alto né ? Assim... fala mais alto para muitos que já tem isso na veia mesmo)) exatamente...

Entrevistadora: E aí a próxima ... se não a escolha pela carreira ocorreu no decorrer do curso ou após a formação ? Você respondeu que sempre quis ser professor... mas isso aconteceu no decorrer do curso de Letras ou após a formação?

Entrevistado: Não... não... Na verdade a docência... como te falei desde muito tempo eu sempre tive vontade o que eu queria na minha vida ... lecionar ... ir para a sala de aula e lecionar só que eu acabei sendo levado para outros caminhos e aí eu passei no concurso aqui no município vim trabalhar ... aqui não... eu não sou professor no município ... trabalho é na área administrativa gosto muito também tem muito a ver com o curso de administração que eu fiz depois me engrandeceu muito nessa área... fiz pós graduação nessa área... só que assim... desde sempre lecionar era uma opção para mim ...só que acabou que fui levado para outros caminhos... e aí... assim... quando é que eu voltei entrei na sala de aula... em dois mil e seis que eu fui trabalhar no estado aí fiquei três anos... como... não como professor concursado né mas como contratos né... Na época tinha aqueles contratos... não sei se ainda tem... acho que tem... E aí dois mil e onze eu fui lecionar nas Faculdades ((citou o nome da faculdade)) ... dois mil e treze aliás que até dois mil e catorze metade do ano né... um ano e meio lá e agora tô aqui na UEG...

Entrevistadora: Professor... E quais eram as suas expectativas em relação ao curso de Letras?

Entrevistado: Então né... é... sabe uma coisa que eu senti falta...Literatura... aprofundar mais literatura porque essa é a área que eu gosto... e na verdade assim... o curso de Letras ele é um pouco generalista.. né... para você ter um aprofundamento você precisa fazer uma pós-graduação...não tem como ...então assim ele vai te dar

uma base para você entrar na sala de aula...mas especificamente do ensino médio... se você quer uma coisa assim mais ampla para tentar uma carreira numa universidade... Obrigatoriamente você precisa fazer uma pós-graduação... Até cheguei a fazer... eu fiz uma pós em gramática...((hurum)) antes de eu fazer o curso de Letras eu já tinha feito essa pós ...eu fiz uma pós em gramática... me ajudou muito... e atualmente eu tô estou fazendo uma outra ((hurum))...

Entrevistadora: E quais eram as suas expectativas de atuação profissional após a conclusão do curso ?

Entrevistado: Então... porque eu sempre trabalhei né? desde muito jovem...então... e como eu te disse sou concursado aqui desde noventa e dois ((hurum)) então o que eu queria com o curso de Letras... Primeiro dá uma melhorada na minha própria escrita né... Não que ela fosse ruim... não era né... mas eu queria saber mais... é por isso que eu tô te falando que faltou no curso de Letras... mais literatura porque é parte que eu mais queria absorver... até me inscrevi numa pós-graduação na UFG agora que é exatamente literatura... é uma parte assim que eu adoro... então ...a minha vontade mesmo é atuar no ensino de literatura... essa é a minha grande vontade ... isso que eu senti falta no curso... mas... você pode repetir a pergunta por favor... ((Quais eram as suas expectativas de atuação profissional após a conclusão do curso ?)) Então...é... assim...eu não cheguei a fazer esse curso pensando exatamente em colocação no mercado ... porque isso eu já tinha né...até para lecionar eu já tinha feito administração... já tinha feito mais de uma pós... eu já tinha feito especialização em gestão de pessoas né e depois eu fiz a especialização em gramática que eu te falei... depois eu fiz uma outra especialização em Direito Administrativo... Então tudo isso já me ajudava né... a entrar no mercado de docência tanto é que eu fui né... pra... trabalhar na faculdade ((citou o nome da faculdade)) sem ter o curso de Letras... aí o curso de Letras eu fiz mais assim... como uma complementação de um sonho meu que eu tinha mesmo de fazer ((hurum))...

Entrevistadora: E o que mais marcou a sua formação ?

Entrevistado: Em Letras ? ((risos))

Entrevistadora: Em Letras... vamos relacionar aqui a Letras professor... ((risos))

Entrevistado: Aí... aí... Pois é... né... o problema todo é que eu fiz o curso à distância... aí...cê já viu né...EAD... tudo é marcante... você tem que se dedicar bastante para você poder ter ((risos)) algumas expectativas boas né... mas a parte que eu gostei muito mesmo... foi de ter estudado... revisto né... a parte de gramática e isso me ajudou bastante... gostei bastante... e também assim ó... tem recebido aquele diploma para mim foi sensacional... porque eu já tinha um diploma... né... já era... já tinha uma graduação então... agora chegou o diploma que eu sempre quis na vida ((hurum)) isso me marcou bastante...

Entrevistadora: E houve algum professor que marcou positiva ou negativamente a sua formação ? E porquê?

Entrevistado: Curiosamente eu tive dois professores... Mas nenhum era do curso... do meu curso ... eu tive...nessa... numa pós que eu fiz em gramática... tinha uma professora né...eu fiz lá em Brasília no IESPLAN... não sei se você conhece aqui ... que era sensacional a professora...(citou o nome da professora) ... assim muito humana...a forma de tratar com a gente... e isso... essa professora realmente me marcou bastante e teve um colega na época que eu estudava no estado que eu lecionava no estado que também era professor de português é ainda né... é até mestre agora e ele é apaixonadíssimo assim Clarice Lispector então era alguém com quem eu gostava muito de conversar... essas duas pessoas né curiosamente não são do meu curso... do curso que eu fiz mas são da área...

Entrevistadora: E no curso teve alguém professor? No curso específico de Letras... embora a distância como você mencionou teve algum ou não?

Entrevistado: Não...a interação é muito mais complicada né... ((é)) né nem nem essa a gente tá tendo... às vezes você só vê o professor assim ...no vídeo... sem vídeo ... mesmo você envia trabalho é pouco mais difícil ((isso))...

Entrevistadora: E em relação ao curso o que contribuiu para sua prática para sua atuação profissional?

Entrevistado: Então ...aqui no meu trabalho... eu lido com... eu trabalho com licitações né ... aqui eu lido com legislação ((risos)) trabalho com interpretação de texto diariamente... e ...na UEG também né... apesar de nesse momento não está trabalhando com turma de ensino de português ... mas não quer dizer que isso não entre né...((hurum)) inclusive tô até orientando alguns alunos e isso me ajuda bastante... então... assim... o curso é bastante positivo me ajuda muito mesmo é uma somatória na minha na minha carreira que é importantíssima ((certo))...

Entrevistadora: E houve alguma dificuldade ao iniciar a sua carreira como docente ?

Entrevistado: Pois é né... Foi bem complicado na época que eu lecionava para o estado mas não assim pela carreira em si... mas eu falo assim ... pelo deslocamento... então morava aqui em Luziânia... ia trabalhar aqui no Sol Nascente que um bairro é próximo ... o bairro né próximo... Na época eu ia de ônibus ...o transporte é muito escasso nessa região então... muitas vezes fiquei lá na esperando transporte até altas horas da noite correndo risco e tal... mas nunca me aconteceu nada... então essa foi uma dificuldade que eu encontrei né... assim no primeiro momento... num segundo momento quando eu fui trabalhar na faculdade ((citou o nome da faculdade))...aí sim... já era ensino superior ... e...mesmo naquela época dois mil e treze... dois mil e catorze a gente já observava... assim... uma... certa falta de interesse dos alunos... inclusive porque eles estavam pagando... E aí ... é... eu tive uma dificuldade com a minha diretora... porque... eu pensava da seguinte maneira ... até hoje é ensino superior... pessoa tá pagando... ela não quer assistir à aula... o que é que eu posso fazer? não sei se cê pensa desse jeito né ... mas é o que eu penso ... ensino superior aqui na UEG... por exemplo... é... os alunos eles gostam muito ... tanto é que mesmo à distância assim as aulas... as turmas estão cheias ... aí eu tenho quarenta alunos ...

trinta alunos e sempre falta dois... três... assim é pouco ... mas no ensino que eu que eu trabalhei lá na faculdade ((citou o nome da faculdade)) tinha muita falta... né... até porque tinha... era apenas uma mediação tutorial né ... ((hurum)) E aí eles tinha esse probleminha... tanto é que eu fui demitido de lá... aí eu fiquei em dúvida na época que fui demitido ... eu queria saber...né... porque que eu fui demitido... eu nunca faltei ... fiquei um ano e meio ... cê acredita (hurum)) e nem por motivo de doença... nem por nada... nunca cheguei atrasado...sempre estava lá presente e aí simplesmente fui demitido... depois eu fiquei sabendo... que é porque a ((citou o nome da faculdade)) ela se juntou com a ((citou o nome da empresa)) ... a ((citou o nome da empresa)) é a empresa que mantém o grupo ((citou o nome do grupo vinculado a faculdade)) ... sei nem se você vai poder citar isso aí... ((hurum)) ((risos)) no seu trabalho... hein... mas foi o que aconteceu... aí o que que o que que houve com essa junção eles ... todos os professores tinham mais de um ano foram demitidos... mas isso eu achei estranho porque não me comunicou né... não perguntou se eu aceitava uma redução de salário nem nada ... simplesmente foi exonerado... foi isso assim ... Na UEG não tive dificuldade não ... a turma aqui é muito boa... aí eu encontrei logo ... ((citou o nome do professor))... ((citou o nome do professor)) né... que são espetaculares me apoiaram desde o princípio né ... o ((citou o nome do professor)) também... e pessoal da Coordenação ...né.. aí na UEG foi assim ...né entrei no começo do ano passado né... com aquela expectativa né... tive uma aula presencial... menina... ((risos)) aí logo veio a uma pandemia... ((depois passou para o remoto.. né professor e a gente tá vivendo)) no começo foi realmente um pouco difícil né... para me adaptar com essa tecnologia e tal mas logo foi tranquilo ((tranquilo né))...

Entrevistadora: E a nossa próxima pergunta é ... o que você considera essencial na formação do professor de Língua Portuguesa ?

Entrevistado: Olha só ... é... Aquela velha história né ... Você pode ser o melhor profissional do mundo ... mas você tem que ser primeiro humano ao tratar com outros humanos né ... não adianta ... a minha formação ela não me engrandece mais do que a ninguém... então... eu trato com os meus alunos ...tem até uma frasezinha né ... seja o professor que você gostaria de ter tido... E é isso que eu penso ... eu tento levar isso para mim... assim ...o professor que eu queria ... é isso que eu tento ser para os meus alunos... então assim eu tento conversar com eles... tenho que ser humano com eles né... E é isso que eu penso ...que tem que ter... não apenas o de Língua Portuguesa... o de Língua Portuguesa é lógico ele tem que ter um conhecimento voltado né ... para o conteúdo que ele vai administrar ...mas sim ...ele precisa ter essa interação mais humana né... Para a gente... para poder saber como lidar com os alunos ((certo))...

Entrevistadora: E Você considera importante a realização de Pós-Graduação *Stricto Sensu* pelo professor de Língua Portuguesa? Por quê?

Entrevistado: Considero... até já te falei né...é... não... não adianta... eu vejo a graduação hoje... no nosso momento em que a gente está vivendo... ela acaba sendo uma forma de você ter um...um certificado... ((risos)) Não sei se você concorda comigo... mas eu vejo assim hoje... é...então ...Além de que a gente tá no momento

em que tudo é muito volátil ... a informação ela... é sucedida com muita rapidez .. então tudo aquilo que a gente sabe... ou que acha que sabe... passa um mês já não sabe mais... por isso que sim... você tenha necessidade sim de obter conhecimento Extra através de uma pós-graduação... eu não sei se Lato Sensu ou Stricto Sensu né ...Eu por exemplo... teve um mestrado aqui na UEG... eu resolvi não fazer porque essa pós-graduação que eu vi lá na ... lá na UFG... ela... ela é uma especialização... Mas ela me interessa mais do que o mestrado que tem aqui na UEG ...entendeu... para o que eu quero para mim... porque ela é literatura aqui não ... aqui é só ... é o mais amplo né então assim Stricto Sensu... Lato Sensu eu não sei acredito que a pessoa é que vai ter que tomar essa decisão... mas uma especialização pelo menos a pessoa tem que ter ((hurum)) eu já fiz duas... e ainda tá pouco ((risos)) eu quero... mas eu tenho vontade de fazer mais na área de... na área de literatura mesmo ((é... na linha de literatura né... que ...pode ser dividido né...))...

Entrevistadora: E qual a sua posição em relação a desvalorização do professor de Língua Portuguesa?

Entrevistado: Pois é né ...esse assunto((risos)) eu não acredito que seja só no referente ao professor de Língua Portuguesa... mas do professor ((mas lá adiante tem uma pergunta só do professor ... professor)) o negócio é assim ... essa desvalorização ... ela acaba que é do professor em geral ... né ...Mas isso não é culpa minha ... nem sua... a gente tá tentando... buscando informação exatamente para que a gente possa ser valorizado... por que é aquela Velha História né ... que eu falo até para os meus alunos ... quando eu vou procurar emprego... eu não falo assim... qual o salário que você quer receber... eu não sei ...mas quanto mais me paga... mais feliz eu trabalho né... é a mesma coisa trabalhando aqui na UEG... eu uso a minha internet... Uso meu computador... uso a minha luz ...tudo meu e recebo o mesmo salário que eu receberia se estivesse trabalhando na sala de aula entendeu... então ...assim ... por que que a gente faz isso? É amor mesmo a profissão... não tem outro nome não... né... e o governo poderia melhorar a valorização? poderia sim... né... então é um caso que eu penso da desvalorização de professores... É como dizia o Darcy Ribeiro ... é um projeto governamental... infelizmente infelizmente... mas não apenas professor de Letras né ... professor de Língua Portuguesa mas todos os professores ... é óbvio né professor de Língua Portuguesa... É porque tem uma coisa que eu observo assim... com relação ao professor de Língua Portuguesa...que Letras ...nem sempre é uma disciplina ...um curso... que atrai homens... que atrai o sexo masculino... você pode ver que o grosso de professor de língua... é mulher ... assim como pedagogia né... a gente tá tentando furar essas barreiras... Mas é... e aí... talvez por ser o sexo que mais busca essa formação acaba que a valorização seja ainda menor né... pelos motivos que a gente já conhece ... que a mulher ...o governo ...o governo só... não né ... o mercado tem a tendência de pagar menos para mulher ((hurum)) eu não sei se isso é uma verdade... mas acredito que possa contribuir ((hurum))...

Entrevistadora:E o que é ser um professor de Língua Portuguesa?

Entrevistado: Pois é... né... essa pergunta achei muito difícil ...((risos)) aí... aí... olha curiosamente assim ... o que eu acredito que um professor de língua tem que fazer... melhor mesmo é se comunicar...é... eu penso que ele tem que ser um comunicador... precisa ter essa abertura né para poder receber bem aquelas pessoas que vem procurar ... que são os alunos... e sem autoritarismo ... porque não vai adiantar ... né a gente não é o dono da língua... a língua ela é um mecanismo que todos podem aprender bem ... e a gente tem que fazer exatamente esse intermédio aí... então...o que eu preciso ser primeiro... um bom comunicador né ... Para poder trabalhar isso de forma aceitável né pelos meus alunos.. porque... a gente mora no Brasil ... a gente fala português desde que nasce... é a nossa primeira palavra costuma ser mamãe ou papai ...((risos)) então é a nossa língua ...mas a gente não fala ela bem ...ou pelo menos não escreve bem ...não aprende bem ... e aí quando eu chego na sala de aula ...eu me coloco lá como o senhor que sabe tudo da língua ... o aluno vai me rejeitar ... ele vai ... em vez de ele querer aprender a língua ... ele vai falar não... não é isso que eu quero ... então primeiro eu preciso ser um comunicador ... ((Ok professor)) Jtô prolixo nas respostas ? ((não ... tá muito bom professor... pode ficar a vontade... tá muito bom))...

Entrevistadora: Agora vamos para a segunda etapa... que é etapa da docência ((é... etapa das perguntas difíceis)) nessa etapa...assim... algumas perguntas são mais ligadas assim aos cursos de ciências sociais aplicadas... aí você pensa no curso de administração da sua atuação ((certo))...

Entrevistadora: O que levou a ser professor de Língua Portuguesa de Ciências Sociais Aplicadas ?

Entrevistado: Então... é... primeiro sou formado em administração...((hurum)) já sou da área... segundo ... eu tenho especialização em três áreas que são voltadas para o curso Ciências Sociais né.. que é gestão pública... eu fiz especialização em gestão pública... fiz uma especialização também em ... é... Direito Administrativo né... que tem tudo a ver ali ...e fiz uma pós-graduação na parte de licitações e contratos né... que eu trabalho com isso meu dia a dia ... e... como eu te falei Trabalhei na faculdade ((citou o nome da faculdade))... né... o curso lá era realmente Gestão Pública que era aqueles tecnólogos né... ((hurum)) então era para essa galera que eu estudava... que eu lecionava... agora o que me levou para a UEG... foi primeiro ter tido oportunidade de participar daquele processo seletivo né... foi no finalzinho de dois mil e dezenove ... E aí quando eu cheguei na UEG como eu tinha os dois diplomas... né... ((hurum) aí na hora de... é... direcionar as disciplinas para mim... o professor ((citou o nome do coordenador)) que é o nosso coordenador... verificou né que podia ... e me colocou... foi isso que me levou ... assim tá ... não foi uma escolha minha... de forma direta não...

Entrevistadora: E o que mais chama sua atenção na atuação de um professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: Então... Menina ...é... por incrível que pareça...né.. não sei se você considera incrível... mas eu tô falando assim... por incrível que pareça... os nossos

alunos ... infelizmente eles saem do ensino médio sem saber escrever... muita gente sai da universidade sem saber escrever... e não tô falando escrever bem não... escrever o básico...né.. muita gente não consegue escrever o básico... o razoável... para ficar nisso... então... essa que é a grande dificuldade... então o professor de Língua Portuguesa num curso desses...tem que puxar pro básico ainda... Você acredita? Eu não posso chegar e passar coisas muito avançadas... Eu tenho que... ir resgatando o que eles aprenderam ou deviam ter aprendido no ensino médio... essa nossa atuação no curso de Ciências Aplicadas infelizmente ainda tem que tá voltada pra essa finalidade ... resgatar esses ((uma coisa que lhe chamou atenção... né..professor... nesse sentido)) é.. ((é...a próxima pergunta)) Você concorda comigo? Você já solicitou isso ((é... a tem...a gente ouviu... disso mesmo...muitas vezes pelo preparo do ensino médio para chegar na faculdade...é esse seu pensamento...eu já ouvi também professor...)) ((risos)) ...

Entrevistadora: E quando decidiu que queria ser um docente de um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: É... então...eu sempre quis trabalhar em uma universidade né... desde que eu saí da UEG que eu me formei lá... eu ficava pensando em um dia voltar né... como docente... isso foi lá em dois mil e dez...é... eu já pensava em retornar para esta unidade inclusive como professor só que aí eu sabia né que eu tinha que estudar mais ...o curso que eu tinha feito ele já me dava alguma base ...Mas eu precisava ter pelo menos uma especialização... E aí foi assim né que eu fui cuidando de ir fazer isso... o meu orientador que é o ((citou o nome do professor))... a gente conversava muito sobre a docência né... ((hurum)) docência na universidade e aqui na minha região ... é... próximo à Brasília então o que acontece ... as pessoas que vem trabalhar aqui elas vem para passar uma temporada... pegar experiência e vai para lá...Você sabia disso ? Acontece demais aqui com pessoal de pedagogia ...então eles formam aqui na UEG ...entram aqui no município... né... Pegam uma experiência aqui e vai trabalhar em Brasília porque lá a valorização remuneratória é maior... aí aqui... aí a gente tem esse dilema ... aqui tá sempre fazendo algum concurso para área de docência no município por conta disso ...que as pessoas vem para cá e vão ...e agora também assim aumentou muito a quantidade de universidades aqui na região né... mas pública mesmo só tem a UEG e o IFG ... aí o que é que eu queria... Então desde dois mil e dez quando eu tava... dois mil e dez eu formei ... dois mil e nove eu tava preparando a minha... o meu TCC e tal... e ficava conversando com esse meu professor... na época né ...Aí isso foi me levando ... me levando... e foi assim que eu decidi que eu queria ((hurum))...

Entrevistadora: E quais as dificuldades você encontrou ao começar a trabalhar em ((barulho)) Curso de Ciências Sociais Aplicadas ?

Entrevistado: Então ... aqui na UEG a principal dificuldade que eu encontrei... foi ...não ir para sala de aula... mas ir quase que direto para aula remota... né... que eu entrei... dois mil e vinte... a gente teve... eu entrei em março de dois mil e vinte... as aulas já haviam começado né ... Aí como eu te disse ... tive uma aula presencial ... e o resto já foi direto com ... direto com... direto... através do Google meet ...do Google

class e esse contato com os alunos eu não tive... que é uma coisa que eu adoro... eu gosto de conhecer pessoas... conversar com eles... ficar no meio deles... tal ...isso a gente não teve até hoje... Essa foi a grande dificuldade que eu notei entendeu?((hurum)) Até porque eu já tinha trabalhado em outras faculdades né ... ou em outra faculdade pelo menos né ...((hurum)) Apesar de que os alunos eram muito vadios assim por dizer ((hurum)) mas a gente tinha contato... aí aqui foi isso...

Entrevistadora: E como pensa as aulas do curso de Ciências Sociais Aplicadas ?

Entrevistado: Pois é ... na hora que eu recebi... é... as ementas do curso né quando eu fui... eu fiquei pensando... Será que eu vou seguir isso daqui? Ou eu preciso conversar primeiro com os alunos conhecer... verificar quais são as necessidades deles para eu poder me ajustar? E aí foi isso que eu fiz... né... como era uma turma só... então... deu tempo da gente conversar um pouquinho... verificar... o que que eu fiz? Pedi algum trabalho escrito né ...para verificar como que estava escrita desses alunos né ... E aí a gente foi trabalhando em cima disso... então eu planejei a minha aula mas com base naquilo que eu observei da nossa conversa ... da conversa que a gente teve ... até fugi um pouco da ementa do curso que a UEG tinha me passado né... para poder me adequar ... né... aquilo que eu te falei antes... infelizmente eles chegam... Eles não estão preparados para a escrita e no curso superior não tem jeito... você tem que escrever muito né... ((é))...

Entrevistadora: E o que motiva você a ser um professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas ?

Entrevistado: Então... Língua Portuguesa para mim é uma coisa fundamental na vida né ... na nossa vida ... eu falante preciso conhecer bem a minha língua né... considero até como um patriotismo... você sabe escrever bem a sua língua... entender o que tá escrito né por outros autores... acho que isso é muito importante... então... para mim é esse o grande motivo né... Quanto mais eu souber da minha língua para mim é melhor... a minha expressão fica melhor... minha escrita fica melhor né... eu posso passar isso para outras pessoas com mais tranquilidade...

Entrevistadora: E... o que tem a dizer sobre a desvalorização da profissão docente ?

Entrevistado: ((risos)) Vamos resgatar né... o que nós já conversamos...((risos)) então... infelizmente voltamos naquele assunto né... não é... é uma questão de projeto... como falava Darci Ribeiro... infelizmente... parece que é um projeto né... você percebe... você olha um ministro da Educação que... tá pouco se lixando na verdade ... um governo que não liga a mínima para faculdades... para escolas em vez de incentivar faz é degradar o sistema de ensino do país... a gente faz isso porque a gente insiste... a gente é persistente e insistente... eu penso... mas eu gosto ((risos)) ((hurum))...

Entrevistadora: E... Como você define o professor de Língua Portuguesa para os Cursos de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistado: Como eu defino? ((hurum)) É até o que já te falei né... primeiro ele tem que ser um bom comunicador... tem que saber conversar ... primeiro... e... que é uma coisa que eu acho que todo professor sabe fazer ... mas... o de língua tem que saber fazer isso bem... não adianta chegar lá como o mestre... tentar impor uma coisa que os alunos tecnicamente sabem né... ou deveriam saber... e... empurrar isso né... goela abaixo das pessoas que não vai dar certo...né... as pessoas já tem aquela trava com a Língua Portuguesa né... quando falam Língua Portuguesa... ah... eu não gosto não... e é porque falam isso desde pequenininho né... então a gente precisa saber se comunicar primeiro né.. e depois ... é... ter um traquejo ali para poder fazer a pessoa gostar de estudar a língua... ela realmente é bem difícil ((risos))...

Entrevistadora: Professor... agora é a nossa última pergunta da nossa entrevista é... o que é ser professor ?

Entrevistado: Olha... eu tinha pensado nessa pergunta... fiquei pensando... não sei se você se lembra... teve uma ... uma... já tem muito tempo... era uma propaganda né de uma menina ... assim uma menina negra...e pobre né... que tinha para fazer o curso de medicina... Então ela falava isso para mim é uma missão na vida... é...eu considero como se eu fosse uma profetisa e tal ... eu considero isso da minha parte né... é uma missão que a gente tem pra tentar melhorar o mundo... é uma forma que a gente tem de melhorar o mundo né ...da minha parte é assim que eu penso... é... o meu... o meu ...como vou dizer aqui... que a palavra me fugiu... essa missão que o pastor tem ... que o padre tem... é o meu... esqueci realmente a palavra para designar ... mas é como se fosse isso né ...é uma missão que...ela é superior às demais missões ... não é uma missão de ganhar dinheiro... não é missão de nada... é uma missão assim de transformar o mundo social né ... transformação mesmo...

Entrevistadora: Professor... eu só tenho a lhe agradecer ...

Entrevistado: Peraí só um pouquinho... deixa eu só atender o telefone aqui rapidinho... Alguém tá me chamando ...

Entrevistadora: Tá jóia...

Entrevistado: Voltei ((risos))...

Entrevistadora: Pois é professor... Como eu tava falando... só assim para lhe agradecer né... pela... por ter me atendido... né... pela entrevista que em muito vai contribuir com minha pesquisa...e aí eu fico só no aguardo cê me encaminhar o ... o documento... né... o termo.. o TCLE... né... e dizer que estou a disposição... se precisar de alguma coisa da minha parte aqui... né... enquanto da UEG...também... ((eu agradeço)) ((risos)) estou aqui a disposição...

Entrevistado: Tá bem... eu vou... eu vou assinar já já e te mando em seguida...

Entrevistadora: Tá joia professor...

Entrevistado: Não sei se consegui contribuir... com o seu...com a sua pesquisa...

Entrevistadora: Conseguiu contribuir sim... aí depois eu vou transcrever aqui para poder ... partir para minha outra etapa aí...((risos)) para terminar esse mestrado...

Entrevistado: Que essa parte de transcrever é complicado né...((é)) é mais difícil... ((é a mais difícil.. dá muito trabalho... mas)) você fica falando...uai... o que será que a pessoa quis dizer... como é que vou tirar... a informação daqui... acontece

Entrevistadora: Dá mais trabalho... mais... mais vai dar certo...eu creio que vai dar certo sim

Entrevistado: Tá bem então

Entrevistadora: Tá bom

Entrevistadora: Pois então tá bom professor... Obrigada... tá...

Entrevistado: Nada... obrigado você... Até mais

Entrevistadora: Tchau... tchau

Entrevistado: Tchau

ENTREVISTA 6

Entrevistadora: A minha pesquisa é... sobre o trabalho docente né... sua representação para o professor de Língua Portuguesa nos cursos de Ciências Sociais aplicadas da UEG ... aí eu tô fazendo a entrevista com os professores do curso de administração...de contábeis... de direito... de economia... né... que entram dentro desse âmbito das Ciências Sociais Aplicadas da UEG... aí assim professora ... no ... no... meu roteiro aqui das perguntas da entrevista eu tenho duas etapas... a primeira etapa é sobre a formação... tá... e a segunda etapa é sobre a docência... né... eu tenho algumas perguntas né... que vai ser bem ...bem relacionadas a sua formação ... aí depois dessa parte da segunda etapa na docência tá mais voltada né... para a atuação né... do professor de Língua Portuguesa nos cursos de Ciências Sociais Aplicadas né... Aí a gente pode começar? Quando você disser que eu posso começar? Aí eu já começo...

Entrevistada: Podemos começar... Deixa eu só trabalhar um ventilador aqui... porque o calor...

Entrevistadora: Tá joia...

Entrevistada: Ok... e já foi ... podemos ir... podemos começar...

Entrevistadora: Então vamos lá ... Na primeira pergunta... O que levou você a cursar Letras ?

Entrevistada: Ah... meu Deus...(risos) eu sempre tive paixão por linguagem... Como é que é o seu nome ? ((Elisângela... Antonia Elisângela)) Elisângela... Eu sempre tive paixão por linguagem...é... na verdade ...é... assim.. é uma bela história... porque é... eu sempre gostei muito de linguagem... gostei muito de ler... mas eu pretendia fazer psicologia e... foi um sonho que eu tive que adiar porque isso há muitos anos as coisas não eram democráticas assim... eu estava... fui fazer isso em Uberaba e o curso de psicologia lá em Uberaba era diurno né... Eu sempre fui uma aluna de curso noturno... então eu tive que abrir mão disso e na época... essa história é muito engraçada... eu sempre gostei muito de escrever e eu estava pretendendo escrever um romance e entendi que o curso de Letras me daria mais mobilidade nessa escrita... na verdade acabou que não ...eu sempre brinco que meu personagem saiu de casa... bateu a porta e não voltou até hoje((risos))... mas eu...assim continuo escrevendo... mas escrevendo mesmo... gosto mais de contos... crônicas ... essas coisas ... e romance ficou por isso mesmo... mas eu sempre associo isso porque eu não pretendia... não pretendia dar aulas ... era mesmo a paixão de linguagem e na verdade o curso me levou a isso... o curso me levou a docência ...eu não pensava inicialmente jamais pensei em atuar na docência ... mas o curso ... é...eu fiz o meu curso em Uberaba... um curso assim bem apaixonante e... foi isso... a docência foi consequência ((Aham))...

Entrevistadora: Aí a outra pergunta professora... havia alguém na família que trabalhasse na área de educação ?

Entrevistada: Não Elisângela... não ... é...eu sou também de uma geração em que o ensino superior não era tão democrático assim né...é... na minha família eu sou a única concurso superior... a única com pós-graduação e serei a primeira com doutorado...né... Então... é...as coisas se democratizaram no país não faz muito tempo né ...Se a gente for olhar às vezes as pessoas que estão aí na faixa etária de trinta e poucos para baixo não tem muita noção disso... de como é que era nessas coisas né... então tem uma irmã que ele pretendia atuar... mas depois teve contratempo no início... coisas mal feitas em estágio... acabou que ela morreu... Então sou eu a única...

Entrevistadora: Tudo bem professora... Nossa outra pergunta é ... No início do curso, você tinha objetivos traçados sobre qual carreira gostaria de seguir (se professor de Língua Portuguesa.. revisor... preparador de originais... tradutor etc)?

Entrevistada: Como eu te disse...na verdade eu fui me voltar para a docência muito ao final do curso...O objetivo meu pelo curso de Letras a princípio era só mesmo essa paixão com linguagem ...com a literatura mas assim eu sempre tive muito claro que essa questão também de... de revisão ... de tradução... eu sou meio cética com isso... eu acho que isso é para muito poucos ... acho que o aluno de Letras não deve chegar no curso com essa... com essa acepção... a gente acaba usando muito esse discurso que eu até acho que é uma ... é um excesso de... de ... como é que eu diria... de viralatismo nosso... a gente acaba tentando é... cativar o aluno para o curso de Letras com esse discurso... olha... você não precisa só dar aula não... a gente mesmo acaba negando a docência... como sendo uma coisa ruim ...Olha... você pode fazer Letras... você pode ser isso... ser aquilo... não... acho é muito difícil a gente viver de revisão... eu atuo como revisora... mas é ...é assim ninguém mantém uma família não... sendo revisor... a não ser uns pouquíssimos... a gente não mantém uma família com isso ... tradução também... acho que não se mantém uma família com isso... e... é a docência mesmo... o curso de Letras eu acho que ele dá... ele dá... casa comida e educação para os filhos... como eu sempre brinco com os meus alunos...((aham)) exija da sua profissão que ela lhe dê isso ... casa... comida e educação para os seus filhos.. é sala de aula... não tem outro caminho... os outros eu acho que são bicos... e ninguém... ninguém sobrevive de bicos... eu acho que não...((hurum))eu vejo isso no curso de Letras é a docência... agora a minha entrada no curso de Letras...como eu já lhe disse... eu sempre atuava ... eu atuava... na minha geração também não era proibido trabalhar né ...então eu trabalhava desde os treze anos de idade que eu atuava... eu sempre atuei... quando eu fui para o curso de Letras eu atuava em Comércio ... eu era analista de crédito... então eu tinha uma carreira realmente consolidada na área de comércio ...((hurum)) não pensava em dar aulas... eu fazia mesmo por prazer mesmo de fazer... então dar aulas foi uma consequência...

Entrevistadora: Aí... a escolha pela carreira ocorreu no decorrer do curso ou após a formação... professora?

Entrevistada: Foi mais no finalzinho... no final ... no final do curso eu já fiz... é... no penúltimo semestre eu já fui monitora na faculdade... e... já fui vendo que aquilo era uma coisa legal... mas foi mais no final... até então eu não pensava muito em dar aula

não... mas aí mais no penúltimo ... no último semestre que eu fui vendo que aquilo poderia acontecer e acontecer bem... porque há uma proximidade entre a minha profissão anterior e a profissão de docência que é o contato com o público ((hurum)) Então as duas profissões elas exigem essa liga né ... que eu acho que é uma coisa que você tinha que ser muito levado em conta para quem procurar a docência ... investigar a si mesmo... você gosta de gente? Você gosta do contato com o ser humano? Né... porque eu acho que cinquenta por cento da nossa atuação é esse contato... se a gente tem essa paixão ... porque o legal da nossa profissão é isso né... O que eu acho mais legal é isso... é conhecer uma caminhãozada de gente a cada semestre (risos) a gente vai ficando mais enriquecida a cada semestre...eu acho isso... eu gosto muito...

Entrevistadora: É verdade ... Professora...E quais eram as suas expectativas em relação ao curso de Letras ? Logo lá na sua formação...

Entrevistada: Olha ... eu fiz um curso de Letras... sem nenhuma modéstia... brilhante... É... na verdade eu nem tinha muito acesso a isso... mas a minha orientadora agora do doutorado é que me clareou também um pouco à vista a isso ...que eu não tinha muita visão para isso... ela disse assim ...sua formação é muito clássica... porque eu fiz a... Eu me formei em oitenta e dois e sempre atuei na área de linguística... tô na minha pós graduação... especialização...mestrado é na área de linguística e decidi fazer a seleção para crítica literária e a minha ... todo meu estudo dessa teoria literária era da graduação... e eu fiquei em primeiro lugar na prova escrita... então a minha orientadora mesmo assim...pontuou isso porque eu disse isso a ela ...porque eu estava bastante distanciada... fui muito à procura de referencial teórico mais atualizado... tive a surpresa de perceber que muito do referencial teórico as pessoas estavam usando aqui eram coisa que nós usávamos lá em Uberaba... Então eu acho que eu fui privilegiada e fiz um curso muito bem feito... apesar de ter um curso noturno...é... eu trabalhava durante o dia como lhe disse... eu era analista numa empresa ... mas posso dizer que criei um ... criei um programa de estudo muito muito forte... é... um grupo de estudo muito forte... ((aham)) que devo isso ao meu professor de português e linguística ...Ele dizia assim... Quantas horas de estudo você faz por dia ? Uma hora ... isso é nada ...você será péssimo profissional... duas horas... isso não é nada ...você será péssimo profissional e aí eu fiquei louca com isso e como eu não tinha muito tempo Nós criamos um programa de estudos ...nós estudávamos todos os dias no mínimo duas horas por dia ... que ia das onze e pouco até uma e pouco ... duas da manhã ... todos os dias... todos... nas férias até às dez da noite e sábados e domingos o dia todo... então eu tive esse privilégio de ter um grupo muito consolidado... sempre falo isso com meus alunos ... o grupo de estudo ... grupo de sala precisa ser escolhido a dedo ... né... a gente precisa se unir com pessoas bastante sérias... né ... e então eu acho que eu tive esse privilégio de desde o primeiro período uma equipe consolidada... a gente tinha a mesma visão de uma formação né ...porque na área de Letras você não consegue uma formação sólida sem estudo... não consegue ... a sala de aula não dá conta disso...o contato não dá... a carga horária não dá conta disso ... tem que ser uma via de mão dupla... porque a gente precisa ter esse compromisso e esse é um dos grandes desafios que a gente enfrenta hoje na docência ... eu acho ... esse ... esse levar a sério né... para se impor

no mercado de maneira consistente ... não ser um profissional meia boca que eu acho que é muito triste profissional se conformar com esse papel de ser meia boca né... eu vejo isso com muita seriedade e conto muito para meus alunos... se dá certo eu não sei... mas eu faço a minha parte ...

Entrevistadora: Aham... Professora... E quais eram as suas expectativas de atuação profissional após a conclusão do curso ?

Entrevistada: Olha... é... eu gostava... tinha... gostava esperava e vim fazendo isso né... Trabalhando de maneira séria com a linguagem visando essa.. esse conhecimento mais aprofundado da língua... o grande... o grande desafio que eu vejo que sempre foi um problema para mim dado ao meu temperamento democrático... é a atuação em sala de aula sobretudo com crianças pequenas... eu acho que no Brasil a gente ainda tem muito em vigor em sala de aula... um comportamento meio autoritário ...muitos colegas nossos ainda se garantem com tipo do cala a boca ... não te perguntei isso e tal ... e quando você age com muita democracia ...os alunos habituados com aquele tratamento às vezes acha que você é meio banana... então eu sempre sofri muito com essa parte... mas tenho grandes amigos também desde que dão certo conforto... eu penso... bom então não errei tanto ... que meninos do primeiro ... meu primeiro ano de sala de aula... eu voltei para ((citou o nome da cidade)) quando me formei fui atuar na principal escola particular daqui ...paralalamente a isso na escola fúnega ((incompreensível)) em sempre trabalhei nas duas frentes e... tenho amigos... os alunos são meus amigos... são adultos hoje e tal ...e tenho amigos... mas eu sofria muito porque isso ofende a gente né... Essa indisciplina ofende a gente... então o que.. que foi problema para mim é só isso ...agora o contato...é... com a sala... a receptividade dos alunos ao conteúdo ...Sempre achei que isso foi bem tranquilo... tenho grandes amigos... sempre mesclei muito a literatura ... sobretudo a parte da lírica... a parte poesia não levar aquela coisa de exigir do aluno... mas sempre eu gostava de declamar... então dava um colorido especial... os alunos hoje adultos dizem aí que saudade de seus poemas e tal ... criei esse lado... mas esse outro aspecto de disciplina em sala de aula é um problema... é um problema que eu ainda vejo hoje no Brasil... é difícil a gente a gente conseguir essa essa via de mão dupla... essa adesão ... é difícil ... e então depois de um certo tempo eu me voltei mais para alunos um pouquinho maiores adolescentes que eu acho que eu tenho um trânsito mais livre...eles compreendem melhor a minha abordagem democrática no relacionamento... no relacionamento... porque também é... ((risos)) na condução da disciplina e tudo eu sou meio linha-dura ... sou meio assim linha-dura ... ali no .. meio no Preto no Branco... mas assim no relacionamento eu acho que a gente precisa ser pelo diálogo... né... precisa ... porque nós estamos... precisamos estar Unidos no mesmo ideal... a gente socializar o que a gente detém ... e o aluno buscar isso com a gente né ... eu sempre atuei em sala de aula assim... então isso me gera alguns problemas... gerou alguns problemas com alunos entenderem meio errado isso... achar que era tipo lecefer... na verdade não é né ... é... mas é isso... ((risos))

Entrevistadora: Ok professora ((risos))

Entrevistada: Tô com dó de você transcrever isso depois ... que eu tô falando aqui a torta e a direita...

Entrevistadora: E o que mais marcou a sua formação ? Essa aqui é a oitava pergunta depois eu vou lhe perguntar se teve algum professor que marcou também né... mas é a pergunta seguinte...

Entrevistada: Tá... o que mais me marcou a minha atuação?

Entrevistadora: O que mais marcou sua formação...

Entrevistada: Ah... eu acho que tantas coisas marcaram... professores muito bons... é... Tenho sim Tenho muita saudade dos meus professores ... inclusive tava pensando essa semana em localizar minha professora de literatura para eu mandar para ela... quando a minha defesa que eu acho que vai ser uma surpresa para ela ... porque eu não estava entre aqueles que se voltava mais para literatura... aqueles estava assim num lugar se garantido... eu sempre me voltei mais para a linguística... mas assim ... é... eu acho que eu tenho até dificuldade ... mas eu destacaria é... um professor que eu tive... porque foi uma das coisas que mais me marcaram nessa... na condução e foi justo no primeiro período no momento que eu estava muito dividida... se eu ficaria lá ... tinha surgido alguns problemas em casa e havia possibilidade de voltar e nessa aula eu não me lembro nem qual que era o assunto... no dia estava muito angustiada e não me lembro qual que é o assunto do Professor ((citou o nome do professor))... ele dava uma disciplina para nós chamada cultura ... cultura Universitária... eu acho que era cultura Universitária... Que tinha.. e hoje eu vejo que o objetivo dela era propiciar esse conhecimento básico que a gente chega na universidade sem ele né... e num dado momento ele começou a falar das escolhas que a vida da gente é feita de escolhas que nós estaríamos sempre diante de dois caminhos que optar por um implicaria sempre abrir mão do outro e aquilo me marcou de uma forma tão profunda... que naquele momento eu decidi Vou ficar... Vou ficar ... não vou voltar para minha cidade ...vou ficar porque cada... não tem... como sempre vou ter que escolher alguma coisa... sempre haverá essas possibilidades ... então assim o que mais marcou na minha formação que implicou a decisão de continuar no curso... foi essa intervenção do Professor ((citou o nome do professor)) que se chamava ((citou o nome do professor)) era um sociólogo carioca e assim ... um grande homem... foi assim uma surpresa para mim... é... acho que foi a coisa mais me marcou ... que eu nunca tinha visto de perto uma pessoa com tanto conhecimento... geral ... esse professor ...

Entrevistadora: Aí no caso, esse professor marcou positivamente né a sua sua formação?

Entrevistada: Positivamente a formação...pelo conhecimento dele... pela disponibilidade dele... pelo clareamento que ele fazia para nós com as intervenções gerAIS... não só uma questão de uma disciplina que eu acho que eu fui escolhida a dedo para essa disciplina que ele ministrou para nós...

Entrevistadora: E teve algum que marcou... algum professor que marcou a sua formação negativamente...professora?

Entrevistada: Negativamente não ... a gente não gostava de didática... mas eu acho que ninguém gostava daquilo ((risos)) a gente achava horrível as aulas de didática nós até fizemos... tínhamos feito um combinado... tinha uma maldita pasta que nós tínhamos que fazer... nós tínhamos combinado de fazer uma epígrafe no meio do caminho tinha uma pedra... tinha uma pedra no meio do caminho... mas aí eu tive medo de fazer .. de colocar essa epígrafe na minha pasta ... a gente não gostava daquilo não... mas assim ... nada pessoal ... a gente achava só massante aquilo ... e eu também... mas como eu te disse ...eu tive o privilégio... eu acho que o nosso curso de Letras em Uberaba... era um curso muito bom... eu acho que também éramos nós .. eu falo nós... o meu grupo ... Que com certeza haveria... havia ali entre nós alunos que odiavam né... mas não... marcar negativamente não... nenhum ...positivamente... sim... todos... em especial o professor de Língua Portuguesa e era assim um exemplo humano de ética...

Entrevistadora: Hurum... professora... e em relação ao curso o que contribuiu para sua prática/ atuação profissional ?

Entrevistada: O curso ...eu acho que foi ... a...como eu disse agora mesmo... eu acho que o professor Meia Boca desculpe a expressão... mas é porque é o jeito mais curto de falar aquele professor com uma formação limitada... a gente tem muito isso hoje nos cursos... inclusive atuei muito tempo nos cursos de Letras... a gente vê muita falta de empenho ... falta de seriedade em muitos alunos e sem esse empenho a gente não tem como desempenhar bem profissionalmente e se você não desempenha bem o seu papel ...se você não tem aquela segurança se você não revela aquela profundidade... Acho muito difícil a gente ser respeitado... acho que o respeito do profissional passa pela formação sólida e consistente... o aluno tem que sentir isso em você... eu tenho isso comigo... eu sofro muito...é.. dando disciplinas que não são da minha área ... porque eu quase morro de estudar ... Hoje eu estou vivenciando isso... porque eu me transferi para ((citou o nome da cidade)) ... o curso de... é... aqui em ((citou o nome da cidade)) não não temos Letras né ... então eu sofro muito com isso porque atuando em outros cursos às vezes eu me deparo com disciplinas que não são propriamente da minha área... então sofro muito com isso porque eu estudo pra morrer... porque acho que um professor não pode simular... não pode disfarçar... a gente tem que ser capaz de manter um diálogo com o aluno dentro daquele assunto ...contribuir de alguma forma né ...acho imprescindível para mim ... o imprescindível no professor é a sua formação sólida...

Entrevistadora: E houve alguma dificuldade ao iniciar a sua carreira como docente?

Entrevistada: Sim... no relacionamento que te falo... né... questão de ...eu atuei... atuei... essa escola como eu te falei onde eu trabalhei aqui ...ela era uma escola muito grande... então a gente pegava... professor fechava a carga horária com uma turma só... então a gente tinha lá assim ... cinco quinta séries.... cinco sexta séries então você fechava aquilo e eu durante acho que três anos fiquei atuando em quinta séries

e no noturno com segundo grau... então o sofrimento era isso... esse tumulto ... né... porque eu sempre... eu sempre quis dialogar muito com alunos e não era essa aquela prática... Então quando você abre por uma democracia no momento em que a maior parte dos professores não tem essa visão tão democrática de ouvir o aluno e tal ... a gente sofre muito... eu pelo menos sofro muito com isso... isso me ofende... em disciplina de aluno... me ofende... humilha... eu acho muito ruim mesmo... muito ruim ... por outro lado eu acho que a gente foi construindo... construindo um caminho que foi neutralizando isso e foi um caminho pela literatura... o teatro... desde o início da minha carreira eu sempre fui convidando muitos alunos para fazer trabalho paralelo ... então a gente tem assim alunos hoje de quarenta anos que a gente é muito amigo e que retornam a isso.. porque eu acho que foi uma forma de eles perceberem que não ... que não precisava daquela gritaria ... não precisava de tanto autoritarismo né ... Mas sofri muito ... tive pesadelos... meu primeiro ano... eu fiquei doente o ano inteiro... a ponto de um aluno da quinta série ... é... levar a chás...levar remedinho... sugestão.. porque ele se preocupava comigo...né... então sofri muito fiquei um ano doente... primeiro porque eu voltei para minha cidade e eu gostava muito de Uberaba... gostava muito... Então esse foi um ponto...um ponto assim que me fez sofrer demais... eu vim de uma empresa muito aberta... muito democrática... que até formar eu permaneci na empresa como analista de crédito e era assim... uma grande empresa... eu amava trabalhar lá ... então foram vários problemas que me levaram a esse sofrimento... eu sofri muito nesse primeiro ano... mas daí a gente foi consolidado... foi também no segundo ano já fui para a escola pública sempre promovendo esse diálogo entre as duas redes... e fui aí traçando o meu caminho ... tô até hoje ... trinta e seis anos em sala de aula...

Entrevistadora: Muito bom professora... e o que você considera essencial na formação do professor de Língua Portuguesa?

Entrevistada: Eu acho que tem que conhecer a língua... tem que conhecer a língua profundamente por mais que... por mais... é uma preocupação que eu tenho ... que os cursos de Letras hoje se voltam muito para... para outras... abre um pouco mais... acho que o curso de Letras se equivoca de um modo geral e já se equivocava lá atrás na minha formação... menos um pouco... porque ele parte do princípio que o aluno chega no ensino superior conhecendo profundamente a língua... isso é um equívoco... isso é um equívoco... a maior parte dos alunos de Letras são incapazes de escrever um parágrafo corretamente ... é um equívoco ... eu sempre comento um episódio que eu vivenciei num curso de Letras quando eu assumi é.. numa cidade aqui perto... que para mim é emblemático... eu estava dando... aí agora me fugiu o nome daqueles verbos...ah... esqueci... era um aspecto da pragmática que eu tava... me fugiu o nome do verbo... o nome que se dá isso em linguística... Aí eu falava com eles assim ... olha ... aqueles verbos...aqueles verbos... Quando você vai ... que o juiz fala assim ... os declaro marido e mulher... aí a ação se consolida né ... Aí eu dizendo para os alunos... que olha gente... o verbo é assim ...que me fugiu agora ... ele só é assim no presente... experimenta jogar no pretérito perfeito para vocês observarem que ele perde esse valor... Aí os alunos naquele silêncio... gente experimenta joga no pretérito perfeito para vocês sentirem ... aí uma aluna mais corajosa que a outra...oitavo período...oitavo período... uma aluna mais corajosa que

a outra levantou a mão e disse.. professora eu não entendo muito esse negócio de verbo... o que que é pretérito perfeito ? ((hum)) Então veja bem... quando ela falou isso... pipocou... nem eu... nem eu... nem eu ...nem eu nem eu ... quer dizer... os alunos formando... então eu acho assim você não precisa torturar o aluno com a gramática...mas você tem que conhecer profundamente ...você tem que conhecer profundamente a língua ... você tem que conhecer profundamente... a sociolinguística é uma outra coisa que anda sendo mal vista atualmente... que as pessoas entendem... vêm a sociolinguística só pela ótica da variação... entendem que você tem que respeitar a variação ...Ok ... tem que respeitar a variação no sentido de não fazer piada ...no sentido de não... não ridicularizar aquilo ... mas você como professor tem que dar ele o padrão formal... porque o padrão formal é exigido na sociedade ... é o padrão formal que você vai usar numa entrevista... é o padrão formal que você vai usar no documento ... falo demais isso ´para meus alunos do curso de farmácia... do curso de Ciências Econômicas... você será avaliado... você vai para entrevista de emprego a sua linguagem vai ser avaliada... isso vai estar na pauta... você tem que ter domínio disso né... então... eu acho que são muito os equívocos que a gente enfrenta e que eu não sei onde é que nós vamos parar com isso não ...eu não sei ... porque hoje criou-se esse equívoco que não precisa... e precisa... como é que chegou-se no ponto você não consegue nem fazer essa essa intervenção necessária... se você vai discutir uma ... uma formação de um verbo... Olha... esse verbo aqui ele é um verbo difícil... mas se você pegar por exemplo os verbos irregulares... Se você pegar o radical da última pessoa do pretérito perfeito todos os tempos difíceis são derivados deles... você não pode falar em pretérito perfeito... você não pode falar em morfema... você não pode falar em nada... porque a pessoa não tá sabendo de nada... é complicado né... é complicado ...então eu acho o grande problema nosso é que precisa ser levado muito a sério é a formação e não não para formar gramatqueiro ...mas para poder fazer a intervenção na hora certa...

Entrevistadora: Ok professora... E você considera importante a realização de pós-graduação *Stricto sensu* pelo professor de Língua Portuguesa?

Entrevistada: Acho... acho muito importante sim... eu acho que essa... essa... a formação ...estudo... para mim deve ser permanente... até para começar do conhecimento de pessoas que para mim vem em primeiro lugar... para mim conhecer gente... pessoas diferentes vem em primeiro lugar porque isso é uma riqueza né... uma riqueza com outro nome e... mesmo que ali nem sempre você veja... se bem que pela *stricto sensu* sim... né.. a *lato sensu* é que às vezes a gente nem sempre é... pega aquilo que vai contribuir muito com a gente... mas contribui... tudo contribui...mas às vezes nem tanto como uma *stricto sensu* vai contribuir...por que ali a gente tem o contato com o novo universo... né.. a gente se depara com tantas coisas novas que a gente fica assim meio perplexo...Meu Deus quanta coisa que eu não sei né...((hurum)) e vai continuar assim... ((risos)) o processo de quanto mais a gente vai estudando vai vendo a quantidade de coisa que a gente não sabe... mas o amadurecimento é nítido né... o amadurecimento... é claro que assim... as pessoas se equivocam... às vezes achando que aquilo que você vai aprender no curso de pós *stricto sensu* você vai levar para a sala de aula... o que eu fiz por exemplo... assim da minha dissertação mesmo... da minha pesquisa mesmo... eu levo muito pouco...

só que a ideia da pesquisa em si né... é.. esse estudo complementar eu acho que amplia o olhar da gente... amplia o olhar e... qualquer coisa que contribui com esse aspecto está contribuindo para nossa formação né ... acho muito relevante... é imprescindível ...Sem falar na outra parte que essa ascensão ... é... você tem uma ascensão em termos de preservação de Face... de ser mais respeitado pelos seus pares que eu acho fundamental... né... é... respeitado pelos alunos ... os alunos têm orgulho de professores né... que estão sempre estudando e a parte respeitado profissionalmente... que você pode ter uma ascensão... hoje no Estado de Goiás nós estamos congelados... né... eu possivelmente não vou receber pela ... assim pela minha titularidade ... mas assim vocês estão mais novos vão receber ... que é uma parte que a gente não pode estressar... a gente tem que fazer uma pós sim... para ganhar mais sim... porque é o único caminho que a gente tem para ter uma ... uma remuneração mais justa menos... menos discriminatória... menos humilhante que nem a nossa renda né a gente precisa fazer que o caminho para a gente melhorar um bocadinho né... ((hurum))...

Entrevistadora: E aí a outra pergunta e já pega o gancho até dessa né... Qual é a sua posição em relação a desvalorização do professor Língua Portuguesa? Aqui tá bem focada com de Língua Portuguesa... mais lá na frente eu vou fazer uma bem mais abrangente parecida com essa... mais abrangente...

Entrevistada: É... bom... Vamos pensar então em várias etapas...o profissional de Língua Portuguesa é... no ensino fundamental e médio... na verdade eu não vejo assim... eu não vejo com tanta... acho que a desvalorização que professor tem é mesma de todos os outros... não vejo como a gente sendo desvalorizado assim como professor de Língua Portuguesa não... eu acho às vezes a gente meio serciado que a gente enfrenta tanta dificuldade ...o buraco é tão grande que a gente não dá conta de tampar... a gente não dá conta de fazer uma intervenção ali... mas assim eu percebo que o aluno gosta... quando a gente pode contribuir com ele... o aluno gosta... e eu falo isso assim convivendo ... eu convivo com alunos... E hoje aqui em ((citou o nome da cidade))... todos os meus cursos eu entro como uma disciplina de núcleo comum... então a minha atuação se fosse por essa questão de ser desvalorizada... a minha atuação ... por exemplo no curso de farmácia.. é... seria assim ... porque eu trabalho... trabalhei esse semestre com com Língua Portuguesa e não é ... é no ensino fundamental e médio também eu nunca... nunca senti assim... como sendo desvalorizado... não ... Sabe... às vezes a gente... pode ter algum aluno ou outro aluno voltado mais para... para alguns cursos e que ele vê que a linguagem não é tão assim... não é tão importante... mas isso é um raciocínio equivocado... equivocado... a gente vê ... por exemplo aquele aluno que tem uma formação mais sólida é... que nós recebemos muitos assim na na UEG... que ele tem uma igual conhecimento sólido em Língua Portuguesa também... agora essa desvalorização que nós passamos é... eu acho que a que o professor de português tem é a mesma que o outro tem... eu nunca tinha pensado nisso não ... talvez... faz algum tempo já que eu não trabalho com ensino fundamental ... eu deixei minha última turma de Ensino Médio... eu deixei em dois mil e dois... o ensino fundamental já tinha deixado acho que em dois mil ...Então... vejo que já faz muito tempo né... Eu não sei como é que está isso hoje não ... meus amigos... eu tenho um amigo pesquisador que a gente a

tua muito junto ele atua em Ensino Fundamental e ensino médio pelas colocações dele e de outros amigos ... eu também não sinto muito isso não ... às vezes a gente pode estar diante de uma... de um excesso que eu acho que é decorrente aquela outra coisa... desse equívoco que as pessoas têm .. Ah... no tempo da gramática... no tempo da gramática... que eu acho que nós ficamos meio perdidos ... vamos fazer o quê ... vamos fazer o quê ... né... então às vezes fica... dá um texto... dá outro... dá um texto ... dá outro... mas também não faz uma intervenção sólida ali... não tem como interagir com aquilo e o aluno acaba achando que aquilo é uma bobagem e que também acaba sendo ... que você não tem... quem não sabe aonde vai não vai a lugar nenhum né... a gente tem que saber onde é que a gente vai eu acho que você não precisa focar ali naquela gramática cega como era lá atrás né... você enchia caderno de menino com separação de sílabas... eu acho que no Brasil as coisas se equivocam muito... hoje as pessoas insistem... não tem que dar gramática... mas não tem que dar gramática para um menino de primário ... de ensino fundamental I... não tem que dar para ele ... não tem que dar para um aluno de quinta série... mas depois os meninos já precisam conhecer a estrutura da língua... assim como conhecem inglês... porque que professor manda o filho dele para estudar inglês... encher caderno e mais caderno com gramática ... encher caderno e mais caderno com gramática de espanhol... e a gramática da Língua Portuguesa ele não quer conhecer né... eu vejo que não tem como ter conhecimento sólido de língua se você não tem esse conhecimento... agora é claro que você não precisa ali trucidar o aluno ... né... você vai dar... vai trabalhar por exemplo algum trabalho ... às vezes verbos irregulares com os alunos... olha gente ... isso aqui é assim ... porque assim assim... assim... mas não precisa sofrer com isso com isso não... poucas pessoas dominam... se você errar não se constranja... siga em frente... mas é bom saber que é assim ... né... e isso faz o professor ser respeitado ... quando professor revela conhecimento... isso faz com que ele seja mais respeitado... eu acho o conhecimento fundamental... fundamental...

Entrevistadora: Ok... E aí agora a última pergunta da primeira etapa professora ...é... o que é ser um professor de Língua Portuguesa?

Entrevistada: Uai... eu... num... não sei de nada... (risos) eu gosto muito... eu gosto ... eu acho que essa... essa... essa afirmação foi uma aluna minha do curso de Direito numa faculdade que trabalhei dez anos que disse... professora você nasceu para dar aula... a gente ver que você tem um prazer imenso nisso ... e... e gosto... eu acho que ser um professor de português é estar aberto para linguagem ... é respeitar as...as variações linguísticas que ocorrem na interação oral ... não é ser aquele fiscal da língua... não é ridicularizar os erros ... coisa que eu acho horrível... é... já fui avaliadora de Vestibular... Já tive que fechar a boca muitas vezes...uma colega que chegava e assim ...como é que estão as pérolas aí... isso para mim não é não é visão de um professor de português... é... tripudiar em cima de... de equívoco das pessoas... porque todos nós temos equívocos em todas as áreas... somos analfabetos em todas as áreas... é... acho que a postura de um professor de português é conhecer profundamente a língua ... porque o conhecimento profundo da língua vai dar a ele a compreensão das analogias que grande parte dos equívocos que ocorrem são frutos de analogia ... que as pessoas se baseiam em outras

construções e no momento ADEQUADO... no momento DE sala de aula ele tocar nessas questões... mas jamais em história de sala de aula ... jamais ridicularizar o seu próximo por essas questões... eu acho que ... o conhecimento da língua vai dar essa visão a ele... o próprio conhecimento... ele vai saber que todo mundo não sabe nada ...né... nalgum ponto... todos nós estamos lutando para adquirir conhecimento... correndo sem saber nada... né... ((risos)) () ((incompreensível)) como diz Machado de Assis... a nossa última versão revisada.. né... sem saber nada... ((é))...

Entrevistadora: Professora... agora a segunda etapa... a etapa dois... sobre a docência...O que levou a ser professora de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais aplicadas ?

Entrevistada: Na verdade... não foi uma escolha... né... na verdade... é... o próprio mercado de trabalho nos leva isso... porque ((tossiu)) ... ah... desculpe... aqui em ((citou o nome da cidade)) enquanto eu não era professora da UEG e enquanto eu não era dedicação exclusiva na UEG ... essa a minha dedicação exclusiva veio em dois mil e catorze... eu entrei na UEG em dois mil e doze ... antes disso eu atuava em outras escolas... em outras universidades aqui da cidade e lá não tinha... trabalhei no curso de Letras algum tempo ... mas depois também foi... foi enfraquecendo ... então sempre atuei no curso de Letras e em outros cursos e.. não é assim ...falando de outras escolas... de outras faculdades para depois chegar na UEG... em outras universidades é ...todos os cursos tem Língua Portuguesa... então o corpo dessa área na... na faculdade atende é isso né... Então as Universidades têm uma ementa mais ou menos é... específica que procura... que atenda um pouco a essa diversidade né... Sem focar... focando mais na área textual colocando o conhecimento de gramática mais nessa parte... mas necessária ao texto e aí o professor faz essa.. esse equilíbrio... agora falando bem então quando eu tava na faculdade particulares não tem muita escolha... não é porque aqui a gente tem... a gente tem administração ... tem cursos ligados à saúde ... agora na UEG depois... antes de pegar... não... mas... mas antes de pegar dedicação exclusiva eu estava só no curso de Letras... depois que eu voltei para ((citou o nome da cidade)) é que eu caí nos outros cursos né... porque aqui em ((citou o nome da cidade)) nós não temos o curso de Letras...Né... Então eu fui atuar no curso de Ciências Econômicas... no curso de farmácia... no curso de enfermagem... então é que a gente é meio Poli né... não dá para ficar e... estamos passando por problemas sérios.. os cursos de Letras minguando no Brasil ... minguando na UEG né... então... a situação vai ficando bem complicada e a UEG tenta trabalhar assim como as faculdades que eu trabalhava em ((citou o nome da cidade)) tentando fazer esse diálogo né... Tirando esse peso aí da ementa trabalhando mais a parte digamos assim dessa linguística aplicada né... tentando fazer essa mediação e dentro dessa... dessa ementa básica a gente faz essa transição aí nos cursos... E aí a gente negocia com os alunos... eu gosto muito de negociar também aquilo que eles... gosta de deixá-los bem à vontade para eles fazerem intervenção na aula se quiser... (tem um ventilador me incomodando aqui) fazer as intervenções...ficarem bem à vontade ... Trazer aquilo que realmente eles querem né ... porque às vezes eles estão sofrendo ali com alguma coisa e sem saber muito a quem recorrer... então eu sempre deixo dessa abertura para eles fazerem

essa intervenção na hora que quiserem no assunto que quiserem... depois de dar a a programação para eles né... e a gente sempre constrói assim... dentro dessas necessidades deles... é tudo muito negociado... o que eles querem ver... assim um pouco da área assim ... de composição a gramática incorporada ao texto... né... assim ...faço devolutivas com esse texto... acho que dá pra gente contribuir um pouco assim.. né... as minhas turmas últimas... aliás... assim ...para falar... eu nunca peguei turma assim... arredia... fechada ... ruim... não ... não temos ... a gente tem uma certa sorte aqui na UEG... pegar alunos assim... bem... aqueles que não querem não quer mesmo... tchau ... um abraço... vão embora né... o curso de Economia é um curso que ... que às vezes surpreende ...a gente tem muitos casos de alunos que entram sem saber... sem saber bem o que é... depois às vezes o curso não corresponde ao que ele quera gente tem muita... desistência... às vezes... mas é isso... não vejo muito problema não...

Entrevistadora: Professora... e o que mais chama atenção na atuação do professor de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais aplicadas ?

Entrevistada: Ah... Eu acho que seria isso né... procurar adequar o conteúdo as reais possibilidades de contribuição... Acho que essas reais possibilidades.... selecionar dentro da linguagem dos estudos teóricos da língua aquilo que de fato contribui.... Aquilo que de fato vai contribuir que... eu acho que há aí uma gama de coisas da linguagem que de fato todo mundo precisa usar né... e ... procurar focar também esse conhecimento... fazer um feedback permanente dentro dos textos deles para a gente perceber... Onde está... Onde estão as principais deficiências e procurar contribuir e fazer a intervenções... pontuar... o que é também uma coisa muito difícil né... porque nem sempre o professor dá conta de fazer essa... isso com uma certa permanência né ... porque se você trabalha numa turma de trinta e cinco... quarenta alunos e você pega uma bateria... um bloco de texto com trinta e cinco textos para você ler e fazer as intervenções ... isso te toma no mínimo três dias né ... então a gente faz isso mas não com a... com a frequência como precisaria e às vezes eu uso outros recursos com várias turmas assim ... é pego... peço... peço autorização a eles de pegar fragmentos jogar aquilo para a sala toda... discutir... apontar ali coisas que são comuns... pegado o texto... o que acho dá muita dificuldade no texto é avaliar... atribuir a nota ...se você faz assim... eu costumo trabalhar muito com eles assim ... reserva ali um ponto... dois para a produção textual e vou mapeando... então a minha devolutiva é só mesmo nos comentários... sem atribuir nota... a nota eu vou fechando aquilo ali... fez... vou compondo um mapa para ele ... depois ao final eu avalio.. ele fez todo... ele tem aquele ponto... né...perdeu... perdeu... também... nisso aqui não é retomado para trás não...perdeu... perdeu... porque ele já tá ganhando pelo fato de não ter prejuízo na nota mesmo que tenha muitos problemas na linguagem ... essa é uma forma que eu acho que tem contribuído... os alunos gostam... é... eu faço devolutiva pontuando... anotando né ((hurum))...discutindo em sala e não dá para a gente fazer muito também não... como a gente queria que fosse não...não dá não... porque isso consome um tempo imenso... mas eu acho que é uma forma...

Entrevistadora: É verdade... E quando decidiu que queria ser um docente... uma docente de um curso de Ciências Sociais Aplicadas?

Entrevistada: É... eu não decidi... (risos) a gente trabalha assim... é... os professores da área né... as disciplinas... o máximo que a gente pode às vezes é... é negociar uma turma ou outra... né... dá mais certo para mim essa ... é... não vejo problema também não... e percebo que os colegas aqui no campus... na unidade de ((citou o nome da unidade))... ninguém tem assim essa rejeição não... a gente transita dum curso para o outro assim...é... tranquilamente... sabe... não tem assim... problema não... eu acho que aqui tanto no meu caso como outros professores... é... efetiva no campus... na unidade de ((citou o nome da unidade))... a gente tem que se acostumar agora com essa questão de campus....não somos mais campus... na unidade de ((citou o nome da unidade))... efetiva na área estou só eu... mas assim ... temos outros colegas que atuam... mas assim... também ninguém se incomoda muito com isso não... a gente transita bem.. é... e aí nas... nas reuniões de colegiado a gente faz os assim... coordenador vai pontuando com a gente... vou colocar mais isso ou aquilo... a gente faz um trabalho paralelo no enade tanto no enade... então... não vejo muito assim... não foi uma questão de escolha não ... e a gente vai assim para onde o seu mestre mandar ((risos)) digamos assim((risos))...

Entrevistadora: Professora... e quais as dificuldades você encontrou ao começar a trabalhar em um curso de Ciências Sociais aplicadas ?

Entrevistada: Não... eu não vejo dificuldade... nenhuma... eu vejo diferença na clientela... que por sinal eu acho bacana... porque... é... quando você trabalha num curso de ... vamos fazer uma comparação com as minhas turmas aqui... se estou trabalhando com uma turma de educação física... uma turma de Farmácia... o olhar deles é diferente ... porque o aluno de educação física eu acho que ele custa tolerar aquilo mesmo ((risos)) ... ele quer é... ele quer é bater bola... tocar a vida trabalhando o corpo... o aluno de farmácia é tranquilo... tem esse... tá com esse fogo para ir... para a rua como o de educação física tem mais ... mas todos trabalham com seriedade... agora o aluno da... de economia que é o que tá nas ciências sociais é um aluno que trabalha...é um aluno que trabalha e esse aluno que trabalha... quase todos assim... primeiro período a gente tem assim algumas exceções... mas a nossa clientela aqui em ((citou o nome da cidade)) de um modo geral... pelo menos cinquenta por cento está no mercado de trabalho... e esse menino que tem ... menino ou homem ou a senhora já adulta... que a gente tem aluno de todo... de toda a faixa etária ...ele... pela própria estrutura de vida dele ele já tem um olhar diferenciado uma coisa é você falar com uma adolescente de farmácia que a linguagem é interessante e tal... e ter essa seriedade e outra é falar com aquele que tá numa empresa que já tem que fazer um ofício... que já tem que escrever... que já esbarrou em dificuldades né... e... isso é um diferencial que eu vejo... agora em termos de postura... é... em termos de seriedade na sala... normal... Não vejo diferença não.... Essa... a última turma que eu trabalhei... eu trabalhei dois semestres com eles e tenho muita saudade... foi a minha turma maior... essa turma tinha características singulares... era uma turma muito grande e predominantemente masculina... foi a primeira vez na minha carreira que eu tive uma turma assim... nós tínhamos cinco meninas só na sala... cinco meninas... numa turma de quarenta e poucos... então era homem... mas era homem assim ... pra... e vindo de diferentes empresas... diferentes lugares ...de diferentes

idades... né... então uma turma bem singular... Então deu para a gente ter uma experiência bastante interessante nessa sala... foi a primeira vez na na minha carreira... já tive turmas assim ... bem... é... os dois lado... né ... bastante cheia... mas assim... como essa marcadamente masculina foi a primeira vez ((hurum)) mas assim... em termos de desempenho... de envolvimento... é... não vejo diferença nenhuma ... a diferença que eu percebo é o fato de eles estar no mercado trabalho ((hurum))... o mercado de trabalho dá um outro olhar a ele...

Entrevistadora: Professora... E como você pensa as aulas para o curso de Ciências Sociais Aplicadas ?

Entrevistada: Olha... é... a gente procura estabelecer um diálogo mais próximo na seleção de texto... eu sempre busco textos que sejam mais voltados para área deles... né... para poder assim... não ficar... e que não seja totalmente da área deles ... mas que seja em áreas que dialoguem né... que dialoguem ... que seja de interesse para eles... inclusive projeto nessa última turma que eu trabalhei metodologia com eles... é... eu fiz um diálogo com outros professores para gente já fazer projeto de pesquisa dentro da área deles... com a contribuição dos outros professores ... é claro ... é.. na na indicação para mim de referencial teórico para eu poder caminhar junto com eles nessa parte né... E... aí a gente faz esse diálogo assim... eu acho que agora na seleção... na interação... como eu disse a você Elisângela... eu sempre deixo essa abertura para eles fazerem intervenção naquilo que realmente interessa...então eles trazem muitos problemas... é... meu chefe disse isso... eu tive que fazer isso hoje... como é que eu faria isso aqui e tal... eu fiz assim... tá certo ou não tá...é.. mais assim ... a relação deles com a língua é mais séria porque eles já estão () ((incompreensível)) eu sempre falo isso com eles... Olha... cuidado... cuidado... a gente precisa levar isso a sério... porque numa seleção de emprego... é... entre um que escreve bem e um que não escreve ...não tenha dúvidas... o que escreve bem saí na frente ... não tenha dúvidas... isso é um cartão de visitas... não tenha dúvidas... então é uma turma séria... é... eu gosto de trabalhar com eles... agora .. é... nós estamos com problema aqui... não tivemos vestibular e acho que não vamos ter...né ((hurum)) então... é uma porta se fechando...

Entrevistadora: É... E o que motiva você a ser professora de Língua Portuguesa em um curso de Ciências Sociais Aplicadas ?

Entrevistada: É a mesma motivação que eu tenho para os outros... Eu trabalho com a linguagem... eu trabalho com o ser humano.. eu acho bacana disso tudo é porque é gente né... você conhecer pessoas novas com diferentes dificuldades... diferentes contribuições... diferentes formas de vida né... eu não... Tem uns versos de uma música que norteiam minha vida... Não sei se você conhece Taiguara... conhece? ((eu já ouvi falar)) eu vou escrever uns versos do Taiguara aqui... porque esses versos do Taiguara direcionam minha vida como docente... só que ele fala aqui.. só desconsidero esse advérbio temporal que para mim não faz diferença... eu sempre direciono minha vida por esses versos que eu acho maravilhosos... É isso aí acho que responde... hoje a minha pele já não tem cor... vivo minha vida seja onde for... eu acho que pela sala de aula isso também é ... procura essa música depois...eu não

sei como é que ela chama... ((tá... vou procurar)) é linda... linda... linda ... tem um verso que ele diz assim ... quem não soube a sombra... não sabe a luz... é lindo... as músicas do Taiguara são maravilhosas... eu acho que é isso... o professor também é o mesmo em qualquer sala de aula...né... em qualquer sala de aula... na minha última turma eu tive uma experiência tão interessante... tão interessante... que eu não canso de repetir essa história... é ... nós tínhamos saído recentemente... ai gente... foi na época do... do Conje ((hurum)) do conje... aquele lance do Moro com o conje ((hurum)) ... e as pessoas falando aquele conje e tal e isso virou piada... aí.. eu cheguei numa sala de economia e disse... olha... Vou pegar a última fala que tá aí nas redes que é a fala do Moro com o conje e as pessoas estão rindo e não estão pegando um outro dado da fala do Moro que fala assim ... se você dirige a sua conje... aí ele mencionou isso ... a sua cônjuge... aí eu vou partir de um exemplo... porque se eu for tentar teorizar aqui aonde é que está o erro do Moro que ninguém viu... vocês também não vão perceber ... então eu vou começar uma situação prática... e essa fala vai ser com os homens... não... falei dos dois lados ... Tem alguma menina casada aqui na sala? Aí uma moça levantou a mão ... Aí eu falei assim... como é que é o nome do seu marido... ela disse... fulano... falei agora repita essa frase ao invés de você falar marido... você fale cônjuge... ela falou... meu cônjuge se chama fulano de tal... eu falei... ótimo... Aí o outro rapaz levantou a mão... tinha levantado a mão... aí a hora que ele levantou a mão... essa história eu acho maravilhosa era o segundo dia de aula ... hora que ele levantou a mão ... eu falei ok... como é que é o nome da sua esposa ? E falou não é esposa não professora... é homem... eu sou casado com homem... eu achei isso duma grandEZA ... sabe... da naturalidade... eu falei... não... então você não serve... porque o seu caso vai cair no mesmo da menina ... porque o seu exemplo vai ser igual ao dela... porque o cônjuge seu é homem... então vai ser o mesmo exemplo dela... eu quero então... um rapaz que seja casado com uma mulher... aí o outro rapaz levantou a mão ... falei como é que chama a sua mulher ? Ele falou fulana... falei ... então agora repita como a menina fez ... repita essa frase mas ao invés de falar mulher... esposa... você fale cônjuge... ele falou minha cônjuge se chama fulano de tal ... falei... aí é que está... cônjuge é sobrecomum... ele não é comum de dois como Moro falou ... e como você está falando... então não é minha cônjuge... é meu cônjuge... mesmo estando se referindo a uma mulher... né ... e porque ninguém ... inclusive a imprensa ... ninguém tocou nesse ponto ... nesse erro que Moro teve... porque falou minha cônjuge... E o substantivo cônjuge... ele é sobrecomum... assim como testemunha... como vítima... é o cônjuge ... você esteja se referindo a homem ou mulher... enfim... né... Mas é uma turma assim... então...era uma turma maravilhosa e já ficou imposto desde o segundo dia... porque aceitar um rapaz dizendo isso sem nenhum risinho... sem nenhum comentário né... porque foi a primeira vez que eu ouvi isso de um aluno ... é homem professora... eu sou casado com homem ((hurum)) ... então você não vai servir aqui... mas assim eu acho... voltando a pergunta.... não vejo assim essa diferença... até esqueci a pergunta.... É a preparação ((É da motivação... o que que motiva ser professor né...)) é a mesma coisa... eu acho que é a mesma coisa... são pessoas... pessoas diferentes... pessoas... a minha contribuição ali vai ser... é... trazer alguma contribuição em termos de linguagem ... e é isso... mais que isso eu não vejo outras coisas não... A motivação que eu sempre tenho é essa... eu vou conhecer uma nova turma... que são pessoas com diferentes histórias... com diferentes é... desejos... com diferentes sonhos...

diferentes aspirações... diferentes programações de vida... vou me colocar a disposição... vou mostrar o que que a Universidade propõe como ementa e o que que gente pode construir juntos aí... é isso... se eu dou conta do recado... se eu consigo atender meu objetivo... não sei... mas meu objetivo é esse ((aham))...

Entrevistadora: E... o que tem a dizer sobre a desvalorização da profissão docente?

Entrevistada: Este é um assunto que me desagrada um pouco... eu acho que nós mesmos prejudicamos muito é... quando danamos a... a nos colocar como... como vítima... eu não gosto... não gosto que as pessoas é.. me chamem de coitadinho... o professor... acho que o professor... reitero... Tá certo... com isso aí... não tô dizendo que estamos numa situação ótima não... de jeito nenhum... é... acho que inclusive na UEG estamos com problemas sério... tudo congelado... né... sem licença pra... pra... enfim... né... uma série de problemas aí... mas acho que o vitimismo... não... não gosto dessa palavra vitimismo... porque isso aí as pessoas estão usando muito em um sentido pejorativo... eu acho que essa reclamação a torta e a direita nos prejudica... acho que as pessoas passaram a nos ver como coitadinhos ... pronto... nos bateram o carimbo coitadinho ... viramos coitadinhos e não fazem nada para melhorar... acho que a gente precisa ter uma certa altivez... é.. exigir respeito... exigir que nos paguem o que nós merecemos... exigir o nosso lugar na sociedade... mas não deixar que nos carimbem como coitadinhos... é... acho que precisamos lembrar quem vem com esse discurso para nós de coitadinhos... ah... professor é o mais desvalorizado... não.... tem muita gente junto com a gente... temos muito... temos enfermeiros... psicólogos... temos sociólogos ...temos assistentes sociais... temos fisioterapeutas... estão como nós... né... só que... é... eles não aceitam muito essa peixa de coitadinho como nós e nos acomodamos nesse lugar... nós nos acomodamos... eu acho que a gente precisa resgatar um pouco de altivez... é... ser um pouco mais incisivo na nossa profissão... sabe? E claro... continuar lutando por dias melhores né... continuar lutando não aceitar alguns arreios... é isso ...

Entrevistadora: E... como você define o professor de Língua Portuguesa para os cursos de Ciências Sociais Aplicadas ?

Entrevistada: Eu acho que é um profissional de linguagem...é... que tem a sua contribuição a dar... é um agente de conhecimento né... como os demais... eu acho que pode haver aí uma interação com os demais ... Eu sempre busco no início do semestre... a pegar com os professores textos da área de diversas disciplinas para a gente trabalhar o que ele vai trabalhar a partir daquilo ... que eu acho que é uma forma também né... mas fora disso acho que a atuação é a mesma ... não tem esse... o resgate é direcionar para a área né... mas com o mesmo compromisso...

Entrevistadora: Professora... agora a última pergunta da nossa entrevista... o que é ser professor?

Entrevistada: Aí... eu... eu acho que hoje... professor é... é... a minha identidade né ... sobretudo acho que quando eu deixar de atuar eu vou sentir até uma certa dificuldade né... meus filhos é que brincam assim ... às vezes vem uma pessoa conversar

comigo... eu falo... foi meu aluno... foi meu aluno... meus filhos falam assim... mãe... quem é que não foi seu aluno aqui nessa cidade (risos) ... porque eu já estou há muitos anos aí... e gosto né ... a gente vai fazendo assim essa... essa interação... é... gosto muito de... de interagir... acho que assim isso tá andando na minha vida... vou sentir falta um pouco quando eu deixar ... estou sempre inventando moda... hoje mesmo... daqui a pouco caiu uma moda que nós estamos inventando... tô num projeto interessante é... de extensão e nós estamos trabalhando com podcasts levando poesia nos podcasts... agora mesmo meio dia... Entra... vou até te mandar...((Tá)) dessa aluna...essa semana tem uma aluna minha de medicina... levando... eu tô com você no meu grupo de WhatsApp né...((hurum)) Na hora que cair... eu vou te mandar... meio-dia é... a gente entra no ar... tô com uma parceria com uma escola... então... é... então... vou sentir falta desse dinamismo...por isso que eu te disse... é a minha vida é essa atuação né... porque há esse intercâmbio com alunos e a gente faz... é... a gente faz atividades diversas... acho que é... é uma forma de a gente estar vivo... para mim hoje a minha... por isso que eu não gosto dessa posição de coitadinho que alguns professores colocam... porque acho que... a gente precisa impor um pouco de dignidade e se valorizar dentro disso também... e... e... tá assim muito fundida a minha... a minha subjetividade como pessoa tá muito ligada a minha de professora hoje... eu fico pensando como é que vai ser... quando eu deixar... mas já tô com alguns programas... alguns projetos... ((risos))com eles aí... porque possivelmente daqui a uns dois anos eu me desligue da UEG... possivelmente... a gente tá ficando meio cerciado aqui... principalmente aqui na cidade que tá voltando mais para saúde né... vamos ver... o que que vai ser... mas eu tenho que jogar novos projetos de pesquisa aí... porque eu acho que eu vou sentir falta((risos))...

Entrevistadora: Professora... muito obrigada pela sua contribuição...

Entrevistada: Eu que agradeço... foi bem divertido nossa conversa ((risos))

Entrevistadora: Eu tenho certeza que vai ser de grande valia... quando eu transcrever para poder colocar isso na minha pesquisa... assim... são contribuições fantástica né...cada profissional que estou entrevistando... a gente tem essa percepção e a gente... tem essa... essa dimensão né... do quanto isso é valioso ... o quanto a pesquisa ela é... a gente começa a navegar e às vezes não quer nem sair mais né... desse universo...

Entrevistada: Exatamente...Como eu te falei... a gente vai conhecendo pessoas... e é vida... né... e uma pessoa é um poço de novas portas né... eu gosto muito disso também Elisângela... e a gente vai... vai mantendo esse contato...eu vou te mandar o podcast agora mesmo... ele sai meio-dia ...

Entrevistadora: Tá joia professora... e a gente vai mantendo contato e vou lhe mandar o e-mail também... e a gente vai conversando ...

Entrevistada: Tá... Talvez eu demore até amanhã... eu moro meio distante do centro... estou sobrecarregada hoje... eu não tenho scanner aqui... eu tenho que ir lá no centro para imprimir... assinar e te devolver ...

Entrevistadora: Tá.... Você sabe mexer com o dochub professora?

Entrevistada: Sei não... sei não...tecnologia não é muito a minha praia não...

Entrevistadora: Tá... tá bom.... tem problema não

Entrevistada: Eu vou... eu tenho que ir lá mesmo ao centro fazer alguns documentos... aí eu imprimo... assino e te mando...

Entrevistadora: Tá joia professora... muito obrigada tá...

Entrevistada: Nada Elisângela... disponha... foi um prazer conversar com você também...

Entrevistadora: O prazer foi todo meu professora... tchau... tchau

Entrevistada: Tchau